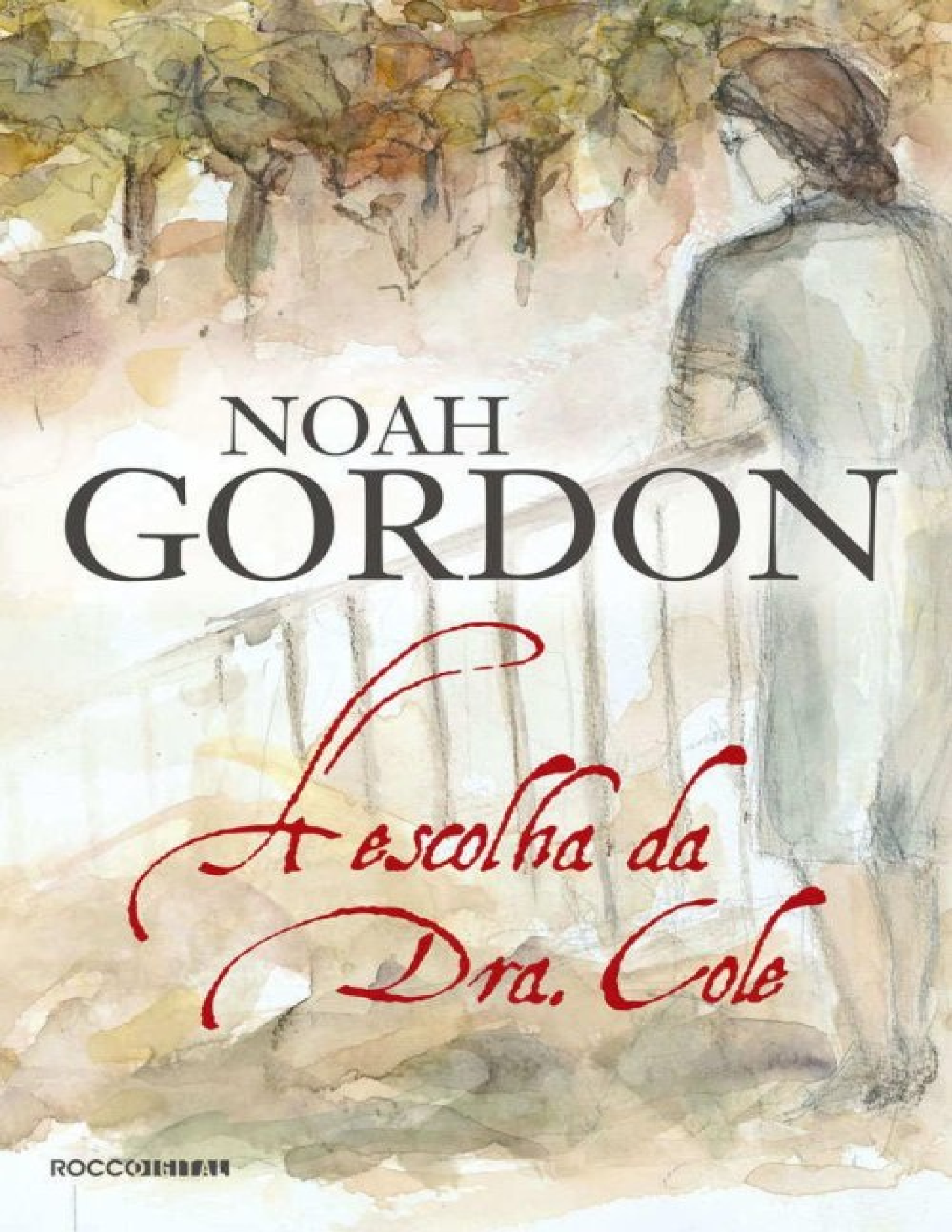




NOAH
GORDON

*A escolha da
Dra. Cole*



NOAH GORDON

Tradução de Aulyde Soares Rodrigues

Este livro é para Lorraine, meu amor.
E para nossos filhos –
Michael Gordon, Lise Gordon e Roger Weiss;
e Jamie Beth Gordon, que teve imaginação e calor
humano para ver magia nas pedras de coração.

NOTAS E AGRADECIMENTOS

Enquanto trabalhei neste livro, vários médicos compartilharam comigo seu tempo tão limitado, responderam a minhas perguntas e me emprestaram livros e material. Entre eles estão os médicos particulares – Richard Warner, de Buckland, Massachusetts; Barry Poret e Nancy Bershof, ambos de Greenfield, Massachusetts; Christopher French, de Shelburne Falls, Massachusetts e Wolfgang G. Gilliar, de San Francisco, Califórnia.

Tive também a ajuda de acadêmicos e médicos de hospitais. Entre eles, Louis R. Caplan, presidente do Departamento de Neurologia da Tufts University e neurologista-chefe do Centro Médico de New England, em Boston; Charles A. Vacanti, professor de anestesiologia no Centro Médico da Universidade de Massachusetts em Worcester, e William F. Doyle, chefe do Departamento de Patologia do Centro Médico Franklin, Greenfield, Massachusetts.

Tive também a ajuda de Esther W. Purinton, enfermeira e diretora de controle da qualidade do Centro Médico Franklin e da parteira Liza Ramlow. Susan Newsome, da Liga de Planejamento Familiar de Massachusetts, conversou comigo sobre aborto, bem como Virginia A. Talbot, enfermeira, da Hampden Gynecological Associates e do Centro Médico de Bay State, Springfield, Massachusetts, e Kathleen A. Mellen, enfermeira. Polly Weiss, de West Palm Beach, Flórida, colaborou com informações sobre o movimento antiaborto.

Como sempre, encontrei ajuda na minha cidade. Margaret Keith forneceu dados antropológicos sobre ossos; Don Buckloh, do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, e o agricultor Ted Bobetsky, sobre agricultura; Suzanne Corbett falou sobre cavalos; Philip Lucier e Roberta Evans refrescaram minha memória sobre um serviço de ambulância nas montanhas e Denise Jane Buckloh, a ex-irmã Miriam da Eucaristia, me falou sobre catolicismo e sociologia. O advogado Stewart Eisenberg e o ex-chefe de polícia Gary Sibia me aconselharam sobre aplicação de sentenças e Russell Fessenden me deu informações sobre seu falecido avô, o Dr. George Russell Fessenden, um antigo médico rural.

Roger L. West, veterinário, me falou sobre obstetrícia bovina e o criador de gado David Thibault de Conway, Massachusetts, deixou-me assistir ao nascimento de um bezerro.

Julie Reilly, restauradora do Museu Winterthur, em Winterthur, Delaware,

forneceu detalhes sobre como determinar a data de cerâmicas antigas e recebi ajuda de Susan McGowan da Pocumtuck Valley Memorial Association, Old Deerfield, Massachusetts. Sou grato também às Bibliotecas do Memorial em Deerfield e às equipes da Biblioteca do Memorial Belding em Ashfield e às bibliotecas da Universidade de Massachusetts, em Amherst.

Agradeço ao meu agente literário Eugene H. Winick da McIntosh & Otis, Inc., por sua amizade e apoio.

Para terminar, agradeço à minha família. Lorraine Gordon sabe como desempenhar papéis múltiplos – esposa, agente e orientadora. Lise Gordon é minha valiosa editora de textos bem como minha filha. Roger Weiss, mago do computador e meu genro, manteve minha tecnologia atualizada e em funcionamento. Minha filha Jamie Beth Gordon generosamente me permitiu partilhar com meus personagens e leitores sua paixão criativa pelas pedras coração (a expressão Pedras coração^{MR} é legalmente protegida por ela e só pode ser usada com sua permissão). Michael Gordon, meu filho, colaborou com valiosos conselhos em vários níveis e, quando uma cirurgia de urgência me impediu de receber pessoalmente o prêmio James Fenimore Cooper, ele compareceu à cerimônia em Nova York e transmitiu minhas palavras.

Este livro é deles, com meu amor.

A escolha da dra. Cole é o terceiro livro de uma trilogia sobre os médicos da família Cole. Os dois primeiros da série, *O físico* e *Xamã*, ganharam prêmios literários e são bestsellers internacionais. Dediquei treze anos da minha vida à trilogia, que me trouxe do século XI ao presente, uma viagem fascinante. Sou grato por ter feito essa viagem.

Ashfield, Massachusetts
Fevereiro, 1995

A dificuldade da vida está na escolha.

GEORGE MOORE

The Bending of the Bough

Jamais ganhei dinheiro clinicando, seria impossível para mim. Mas atender as pessoas a qualquer tempo e em quaisquer condições, entrar em contato com a intimidade de suas vidas, quando nascem, quando estão morrendo, vendo-as morrer, vendo-as melhorar quando ficam doentes, foi sempre algo que me absorveu por inteiro.

WILLIAM CARLOS WILLIAMS

Autobiography

O toque do médico muito próximo, tranquilizador e repleto de calor humano, o conforto e o interesse, as conversas longas e descontraídas... tudo isso está desaparecendo da prática da medicina e pode vir a ser uma perda muito grande... Se eu fosse estudante de medicina ou interno, preparando-me para começar, estaria mais preocupado com esse aspecto do meu futuro do que com qualquer outra coisa. Teria medo de que meu verdadeiro trabalho, cuidar de doentes, me fosse negado, deixando-me com a ocupação muito diferente de cuidar de máquinas. Eu estaria tentando imaginar meios para evitar que isso acontecesse.

LEWIS THOMAS

The Youngest Science: Notes of a Medicine Watcher

Sumário

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

Parte I - O Retrocesso

A PROPOSTA
A CASA DE BRATTLE STREET
BETTS
O MOMENTO DA DECISÃO
A PROVOCAÇÃO
A COMPETIÇÃO
VOZES
UM JÚRI DE IGUAIS
WOODFIELD
VIZINHOS
O CHAMADO
ESCARAMUÇAS COM A LEI
O CAMINHO DIFERENTE
A ÚLTIMA COWGIRL

Parte II - A casa da Beira

METAMORFOSE
HORÁRIO DE TRABALHO
DAVID MARKUS
UMA INTIMIDADE FELINA
A CASA DA BEIRA
INSTANTÂNEOS
ENCONTRANDO O CAMINHO
OS CANTORES
UM DOM PARA SER USADO
NOVOS AMIGOS
INSTALANDO-SE
ACIMA DA LINHA DA NEVE
A ESTAÇÃO DO FRIO
NOVA SEIVA

Parte III - As pedras de coração

O PEDIDO DE SARAH
UMA PEQUENA VIAGEM

[A DESCIDA DA MONTANHA](#)
[O ESCUDO DE GELO](#)
[HERANÇAS](#)
[NOITES DE INVERNO](#)
[SIGNIFICADOS OCULTOS](#)
[NA TRILHA](#)
[MAIS UMA PONTE PARA ATRAVESSAR](#)
[O REENCONTRO](#)
[O BATISMO](#)
[O QUE AGUNAH TEMIA](#)
[ALMAS IRMÃS](#)
[O EX-MAJOR](#)
[A PICAPE VERMELHA](#)
[CONCERTO MATINAL](#)

[Parte IV - A médica rural](#)

[A HISTÓRIA NO CAFÉ DA MANHÃ](#)
[KIDRON](#)
[CRIANDO RAÍZES](#)
[O FÓSSIL](#)
[CONVITES](#)
[AS TRÊS](#)
[A RESPOSTA A UMA PERGUNTA](#)
[O CARTÃO DE VISITA](#)
[SOL E SOMBRAS](#)
[O PLANTIO](#)
[A CHEGADA DA NEVE](#)
[DESCOBERTAS](#)

[Créditos](#)

[O Autor](#)

I O RETROCESSO

1

A PROPOSTA

R. J. acordou.

Por todo o resto da sua vida ela iria abrir os olhos no meio da noite e procurar no escuro a certeza de que ainda era uma médica residente, sobrecarregada de trabalho no Hospital Lemuel Grace, em Boston, tirando um cochilo num quarto vazio, no meio do seu turno de trinta e seis horas.

Ela bocejou enquanto voltava para o presente e então, com grande alívio, lembrou-se de que a fase de residência tinha ficado muitos anos para trás. Mas fechou a mente para a realidade porque os ponteiros luminosos do relógio lhe diziam que tinha ainda duas horas e uma das lições que aprendera na residência era de que deveria aproveitar cada minuto de sono.

Acordou outra vez para a luz cinzenta, sem pânico, duas horas depois, estendeu o braço e desligou o despertador. Invariavelmente ela acordava antes de ele tocar, mas sempre o ligava antes de dormir, para o caso disso não acontecer. A água do chuveiro batendo com força na sua cabeça era tão revigorante quanto uma hora de sono. O sabonete deslizava sobre o corpo mais pesado do que seria de desejar e ela pensou que gostaria de ter tempo para correr de manhã, mas não tinha.

Usando o secador no cabelo curto e negro, ainda espesso e forte, ela examinou o rosto no espelho. A pele era clara e limpa, o nariz estreito e ligeiramente longo, a boca larga, os lábios cheios. Sensual? Larga, de lábios cheios e não beijada há muito tempo. Tinha bolsas sob os olhos.

“Afinal, o que você quer, R. J.?”, perguntou asperamente para a mulher no espelho.

Não mais Tom Kendricks, pensou. Disso tinha certeza.

A roupa separada na véspera, antes de dormir, estava ao lado do closet, blusa e calça esporte, sapatos vistosos mas confortáveis. Do corredor ela viu pela porta aberta do quarto de Tom o terno que ele havia usado na véspera, ainda no chão. Tom tinha levantado mais cedo e saído há muito tempo, porque precisava estar pronto para uma cirurgia às 6:45.

Abriu a geladeira, encheu um copo com suco de laranja e se obrigou a tomar devagar. Depois vestiu o casaco, apanhou a pasta e atravessou a cozinha, que nunca era usada, a caminho da garagem. O pequeno BMW vermelho era o luxo que se permitia, assim como a casa grande e antiga era o luxo de Tom. Ela sentia prazer com o ronronar do motor, o fácil manejo da direção.

Negara durante a noite mas as turmas de conservação de estradas, de Cambridge, haviam removido a neve com muita eficiência e ela não teve problemas depois que passou pela Harvard Square e pelo JFK Boulevard. Ligou o rádio para ouvir Mozart enquanto seguia o tráfego a caminho da Memorial Drive, depois seguiu pela ponte da Boston University, atravessando o rio Charles para o lado de Boston.

Era cedo mas o estacionamento dos funcionários do hospital estava quase cheio. Ela estacionou o BMW numa vaga estreita perto da parede, para reduzir a possibilidade de um arranhão na pintura feito por uma porta aberta com descuido, e caminhou rapidamente para o prédio.

O guarda de segurança a cumprimentou com uma leve inclinação de cabeça.

– Bom-dia, dra. Cole.

– Oi, Louie.

No elevador ela cumprimentou várias pessoas. Desceu no terceiro andar e sempre com passo apressado foi para a sala 308. Sempre chegava ao trabalho, de manhã, morrendo de fome. Ela e Tom raramente almoçavam ou jantavam em casa e nunca tomavam o café da manhã. A geladeira só tinha suco de laranja, cerveja e refrigerantes. Durante quatro anos R. J. tomou o café da manhã na lanchonete sempre cheia, mas depois Tessa Martula passou a ser sua secretária e insistia em fazer para ela o que certamente não concordaria em fazer para um homem.

– Eu vou até lá apanhar o meu café, portanto não faz sentido não trazer o seu também – insistiu Tessa. Assim, R. J. vestiu um jaleco branco limpo e começou a rever os históricos dos pacientes que estavam sobre sua mesa, e sete minutos mais tarde Tessa apareceu trazendo a bandeja com um bagel torrado, requeijão e café puro e forte.

Enquanto R. J. comia rapidamente, Tessa voltou e juntas estudaram a agenda do dia.

– O dr. Ringgold telefonou. Quer ver você antes que comece seu dia.

O escritório do médico-chefe ficava no fim do corredor, no quarto andar.

– Pode entrar, o dr. Ringgold a espera – disse a secretária.

Assim que ela entrou, o dr. Ringgold a cumprimentou com uma breve inclinação da cabeça, apontou para uma cadeira e fechou a porta.

– Max Roseman teve um derrame ontem na reunião sobre doenças contagiosas na Universidade de Colúmbia. Está internado no Hospital de Nova York.

– Oh, Sidney! Pobre Max. Como ele está?

Ele deu de ombros.

– Sobrevivendo, mas podia estar melhor. Paralisia profunda e comprometimento sensório contralateral da face, do braço e da perna, para começar. Veremos o que as próximas horas vão mostrar. Recebi um telefonema de cortesia de Jim Jeffers de Nova York. Disse que vai me manter informado, mas que só daqui a muito tempo Max poderá voltar ao trabalho. Para ser franco, devido à idade dele, duvido que volte.

R. J. balançou a cabeça concordando, agora atenta. Max Roseman era assistente do departamento médico do hospital.

– Alguém como você, uma boa clínica geral e com seus conhecimentos de direito, traria uma nova dimensão ao departamento como sucessora de Max.

R. J. não queria ser assistente do departamento médico, um cargo com muita responsabilidade e autoridade limitada.

Era como se Sidney Ringgold pudesse ler sua mente.

– Muito breve vou fazer 65 anos, a idade da aposentadoria compulsória. O assistente do departamento médico terá uma vantagem enorme sobre os outros candidatos ao meu lugar.

– Sidney, está me oferecendo o cargo?

– Não, não estou, R. J. Na verdade, vou falar com várias pessoas sobre o cargo. Mas você seria uma forte candidata.

R. J. assentiu com um gesto.

– É justo. Obrigada por me informar.

Mas o olhar dele a impediu de se levantar.

– Uma outra coisa – ele disse. – Há muito tempo venho pensando que devíamos ter um comitê de publicações para encorajar a equipe médica a escrever e publicar mais. Gostaria que você o organizasse e dirigisse.

Ela balançou a cabeça.

– Eu simplesmente não posso – R. J. disse em tom definitivo. – Já estou fazendo o impossível para cumprir meu programa de trabalho.

Era verdade e ele devia saber, ela pensou, ressentida. Segundas, terças, quartas e sextas, ela atendia pacientes no seu consultório no hospital. Nas manhãs de terça-feira, ela atravessava a rua para dar uma aula de duas horas na Escola de Medicina e Cirurgia sobre a prevenção de doenças iatrogênicas,

doenças ou danos causados por um médico ou um hospital. Nas tardes de quarta-feira, ela dava aula na escola de medicina sobre como evitar e como sobreviver a processos por erros médicos. Às quintas-feiras, ela realizava os abortos em pacientes com três meses de gravidez na clínica do Centro de Planejamento Familiar de Jamaica Plains. Sexta-feira à tarde, ela trabalhava na clínica de SPM que, como o curso de doenças iatrogênicas, tinha sido fundada graças à sua insistência e vencendo a objeção de alguns dos médicos mais conservadores do hospital.

Tanto R. J. quanto Sidney Ringgold sabiam o quanto ela devia a ele. O médico-chefe tinha patrocinado seus projetos e promoções, a despeito da oposição política. A princípio ele a via com certa desconfiança – uma advogada que virou médica, uma especialista em doenças causadas por erros dos médicos e dos hospitais, uma pessoa que analisava o trabalho dos seus pares e julgava os médicos seus colegas, geralmente obrigando-os a gastar dinheiro. No começo, alguns dos médicos a chamavam de “dra. Informante”, um apelido do qual ela se orgulhava. O médico-chefe acompanhou o processo de resistência e avanço da dra. Informante para se tornar a dra. Cole, aceita porque era honesta e justa. Agora tanto suas aulas quanto sua prática clínica eram politicamente corretas, qualidades tão valiosas que Sidney Ringgold muitas vezes recebia o crédito por elas.

– Talvez você possa reduzir alguma outra atividade?

Os dois sabiam que ele estava falando das quintas-feiras no Centro de Planejamento Familiar.

Ele se inclinou para a frente.

– R. J., eu gostaria que você fizesse isso.

– Vou pensar seriamente no assunto, Sidney.

Dessa vez ela conseguiu levantar da cadeira. Saiu da sala aborrecida consigo mesma, tendo de admitir que já estava tentando adivinhar os outros nomes da lista.

A CASA DE BRATTLE STREET

Antes mesmo do casamento, Tom havia tentado convencer R. J. de que ela devia capitalizar a combinação de direito com medicina para produzir uma renda anual ótima. Quando, a despeito do conselho, ela abandonou a prática do direito e se concentrou na medicina, ele insistiu para que ela comesse uma clínica particular num dos bairros residenciais mais afluentes. Quando estavam comprando a casa, ele reclamava do seu salário no hospital, quase 25 por cento menor do que poderia ganhar numa clínica particular.

A lua de mel foi de uma semana numa pequena ilha perto de St. Thomas, nas ilhas Virgens. Dois dias depois que voltaram da viagem começaram a procurar uma casa e no quinto dia uma corretora os levou para ver uma casa imponente, mas precisando de muitos reparos, na Brattle Street, em Cambridge.

R. J. não se interessou. Era grande demais, muito cara, precisava de uma grande reforma e havia muito movimento de carros na frente.

– Seria uma loucura.

– Não, não, não – ele murmurou. R. J. lembrava o quanto ele estava atraente naquele dia, o cabelo cor de palha com um corte moderno e vestindo um terno muito elegante. – Não vai ser nenhuma loucura.

Tom Kendricks via uma bela casa estilo georgiano numa rua nobre, residencial, com calçadas de tijolos vermelhos por onde haviam passado poetas e filósofos, homens sobre os quais lemos nos livros de colégio. Oitocentos metros adiante ficava a mansão onde Henry Wadsworth tinha morado. Logo depois, ficava a Escola de Teologia. Tom já era mais Boston do que Boston, com a pronúncia perfeita dos bostonianos, e roupas feitas sob medida na Brooks Brothers. Mas na verdade ele era da zona rural do Meio-Oeste, tinha estudado na Bowling Green University e na Ohio State e a ideia de ser vizinho de Harvard – quase parte de Harvard – o fascinava.

E a casa o conquistou – o exterior de tijolos vermelhos com ornatos de mármore de Vermont, as belas colunas esguias nos lados da entrada, os pequenos vitrais de cada lado e acima da porta, o muro de tijolos vermelhos em volta do terreno.

R. J. pensou que ele estivesse brincando. Quando ficou evidente que falava

sério, ela tentou dissuadi-lo da ideia.

– Vai sair caro. A casa e o muro precisam de reforço de cimento entre os tijolos, o telhado e as fundações precisam ser consertados. A descrição da corretora diz claramente que precisa de uma nova fornalha. Não faz sentido, Tom.

– Sentido é exatamente o que faz. Esta é uma casa adequada para um casal de médicos bem-sucedidos. Uma prova de confiança.

Nenhum dos dois tinha muitas economias. Com seu diploma de direito, R. J. conseguiu ganhar algum dinheiro para fazer o curso de medicina e a residência, sem incorrer numa dívida muito grande. Mas a dívida de Tom era assustadora. Mesmo assim ele insistiu longa e obstinadamente na ideia de comprar a casa. Lembrou que já estava ganhando bem como cirurgião geral e que, somando o que ela ganhava, daria para pagar a casa. Tom repetiu isso vezes sem fim.

Isso foi no começo do casamento e R. J. ainda estava apaixonada. Não sabia ainda que Tom era melhor como amante do que como pessoa, por isso ouvia as palavras dele com seriedade e respeito. Por fim, um tanto confusa, ela concordou.

Gastaram muito dinheiro em móveis, incluindo peças antigas e quase antigas. Por insistência de Tom compraram um piano de cauda, mais porque “parecia perfeito” na sala de música do que pelos dotes musicais de R. J. Mais ou menos uma vez por mês, o pai dela tomava um táxi para Brattle Street e com uma boa gorjeta convencia o motorista a levar também sua viola da gamba. Ele estava feliz por ver a filha casada e eles tocavam duetos longos e tediosos. A música cobria uma porção de cicatrizes muito antigas e fazia com que a casa enorme parecesse menos vazia.

Ela e Tom quase sempre comiam fora e não tinham empregada fixa.

Uma negra taciturna chamada Beatriz Johnson fazia a limpeza nas segundas e quintas, raramente quebrando alguma coisa. O jardim era tratado por uma empresa de serviços de jardinagem. Raramente recebiam visitas. Nenhuma tabuleta encorajava os pacientes a procurá-los em casa. A única identificação ficava por conta de duas pequenas placas de cobre que Tom havia pregado na madeira no lado direito da porta de entrada:

Thomas Allen Kendricks, médico-cirurgião

e

Roberta J. Cole, clínica geral

Naquele tempo ela o chamava de Tommy.

*

R. J. saiu da sala do dr. Ringgold e foi fazer sua ronda da manhã.

Infelizmente nunca tinha mais de um ou dois pacientes na enfermaria. Ela era clínica geral, interessada em clínica familiar, num hospital que não tinha um departamento de clínica familiar. Isso fazia com que fosse uma espécie de pau para toda obra, um curinga sem classificação definida. Seu trabalho para o hospital e para a escola de medicina ficava na fronteira entre os vários departamentos. R. J. atendia mulheres grávidas, mas outra pessoa na obstetrícia fazia os partos. Quase sempre ela enviava seus pacientes para o cirurgião, um especialista em gastroenterologia, ou qualquer outro das dezenas de especialistas. A maioria das vezes R. J. nunca mais via o paciente, porque o acompanhamento do tratamento era feito pelo médico especialista ou pelo médico da família. Geralmente, os pacientes que chegavam ao hospital tinham problemas que exigiam uma tecnologia avançada.

Houve um tempo em que a oposição política e a certeza de estar abrindo novos caminhos davam um colorido especial ao seu trabalho no Lemuel Grace, mas há muito tempo R. J. havia perdido a sensação de prazer na prática da medicina. Passava grande parte do tempo assinando e fazendo revisões nos contratos de seguro-saúde – um formulário especial se o paciente precisava de oxigênio, um formulário longo e especial para isto, um formulário curto e especial para aquilo, em duas cópias, em três cópias, cada empresa de seguro-saúde com formulários diferentes.

Seu atendimento no consultório era sempre impessoal e breve. Especialistas em eficiência das empresas de seguro-saúde, que ela não conhecia, haviam determinado quanto tempo e quantas visitas ela podia reservar para cada paciente, que era logo enviado para o laboratório de análises, para a radiografia, para a tomografia, ressonância magnética – os procedimentos que faziam a maior parte do diagnóstico real e a protegiam dos processos por erro médico.

Muitas vezes ela imaginava quem eram aqueles pacientes que procuravam sua ajuda. Quais os aspectos de suas vidas, não visíveis para ela num primeiro exame, que contribuíam para sua doença. O que ia acontecer com eles? R. J. não tinha tempo nem oportunidade para se relacionar com eles como pessoas, para ser realmente uma médica.

Naquela noite ela encontrou Gwen Gabler no ginásio do Alex, um clube muito exclusivo na Kenmore Square. Gwen fora colega de R. J. na escola de medicina e era sua melhor amiga, uma ginecologista do Centro de Planejamento

Familiar, cuja atitude despreocupada e língua ferina disfarçavam o fato de que estava lutando bravamente para sobreviver. Tinha dois filhos, marido, um corretor de imóveis que passava por uma fase profissional difícil, uma agenda intensiva de trabalho, ideais desfeitos e uma grande depressão. Ela e R. J. iam duas vezes ao Alex's para uma autopunição em longas aulas de aeróbica, para deixar na sauna, com o suor, os desejos tolos, afogar remorsos inúteis nos banhos quentes, tomar um copo de vinho na lanchonete, fofocar e falar sobre medicina durante boa parte da noite.

A brincadeira favorita das duas consistia em estudar os homens do clube e julgar o grau de atração apenas pela aparência. R. J. descobriu que exigia uma sugestão de atividade cerebral no rosto dos homens, um sinal de introspecção. Gwen gostava mais das qualidades animais. Ela admirava o dono do clube, um grego dourado chamado Alexander Manakos. Era fácil para Gwen sonhar com um romance cheio de músculos e de emoção e depois ir para casa, para seu Phil, e ler revistas médicas até o sono chegar.

Superficialmente, R. J. e Tom levavam a vida do sonho americano, dois profissionais muito ocupados, uma bela casa na Brattle Street, uma casa de campo em Berkshire Hills, que raramente era usada nos fins de semana e nas férias. Mas do casamento só restavam cinzas. R. J. pensava que teria sido diferente se tivessem um filho. Por ironia do destino, a médica que frequentemente tratava casos de esterilidade há anos era estéril. Tom havia feito análise do sêmen e ela fez uma bateria de testes. Mas não foi descoberta a causa da esterilidade e ela e Tom rapidamente se deixaram absorver pelas responsabilidades das suas personas médicas. Eram tantas e tão pesadas para os dois que aos poucos foram se separando. Se o casamento fosse mais substancial, ela teria considerado a inseminação *in vitro*, ou talvez a adoção. Mas agora nenhum dos dois estava interessado.

Há muito tempo R. J. sabia de duas coisas: Que tinha casado com um homem superficial e que ele estava saindo com outras mulheres.

3

BETTS

R. J. sabia que para Tom foi uma surpresa a volta de Elizabeth Sullivan à sua vida. Ele e Betts viveram juntos durante dois anos, em Columbus, Ohio, quando eram jovens. Naquela época ela era Elizabeth Bosshard. Pelo que ouvia e via quando Tom falava sobre ela, R. J. estava certa de que Betts tinha significado muito para ele, mas o abandonou quando conheceu Brian Sullivan.

Betts casou com Sullivan e foi morar na Holanda, em Haia, onde ele trabalhava como diretor de marketing da IBM. Alguns anos depois, ele foi transferido para Paris e menos de nove anos após o casamento ele sofreu um colapso e morreu. A essa altura, Elizabeth Sullivan havia publicado dois livros de mistério e tinha um grande número de leitores. Seu personagem era um programador de computador que vivia viajando para uma empresa e cada livro se passava num país diferente. Betts viajava para onde quer que seus livros a levavam, geralmente passando um ou dois anos no país em que se passava a história.

Tom viu a notícia da morte de Brian Sullivan no *New York Times*, escreveu uma carta de condolências para Betts e recebeu uma carta como resposta. Antes disso ele jamais havia recebido sequer um cartão-postal de Betts e há anos não pensava muito nela, até o dia em que ela telefonou para dizer que estava com câncer.

– Consultei médicos na Espanha e na Alemanha e sei que a doença está em fase avançada. Resolvi voltar e ficar doente em casa. O médico de Berlim sugeriu alguém na Sloan-Kettering, em Nova York, mas eu sabia que você estava em Boston, por isso vim para cá.

Tom sabia o que ela estava querendo dizer. Elizabeth e Brian também não tiveram filhos. Ela perdeu o pai num acidente quando tinha 8 anos e a mãe morreu quatro anos depois, do mesmo tipo de câncer que Betts tinha agora. Ela fora muito bem-criada pela única irmã do pai, agora inválida e internada numa clínica em Cleveland. Tom Kendricks era a única pessoa para quem ela podia se voltar.

- Sinto-me péssimo com isso – Tom disse para R. J.
- É claro.

O problema estava muito além da capacidade de um cirurgião geral. Tom e R. J. discutiram o assunto, considerando tudo que sabiam sobre o caso de Betts. Era a primeira vez em muito tempo que tinham um interesse comum. Então ele conseguiu uma consulta para Elizabeth no Instituto de Oncologia Dana-Farber e falou com Howard Fisher sobre o caso, depois dos exames e dos testes.

– O carcinoma está bastante disseminado – disse Fisher. – Já vi pacientes em pior estado que sua amiga cujo câncer regrediu, mas quero que compreenda que não tenho muitas esperanças.

– Eu compreendo – disse Tom, e o oncologista determinou o tratamento que combinava radiação e quimioterapia.

R. J. gostou de Elizabeth assim que a conheceu, uma mulher encorpada, de rosto redondo, que se vestia sensatamente como uma europeia e que permitiu à meia-idade acrescentar ao seu corpo alguns quilos a mais do que a moda exigia. Elizabeth não estava preparada para desistir, era uma guerreira. R. J. a ajudou a encontrar um apartamento de um quarto no condomínio da Massachusetts Avenue e ela e Tom a visitavam sempre que possível, como amigos, não como médicos.

R. J. a levou ao Balé de Boston para ver *A bela adormecida* e ao primeiro concerto de outono da Sinfônica. R. J. sentou no alto, no balcão, e cedeu seu lugar no centro da sétima fila para Betts.

– Você tem só uma entrada para a temporada?

– Tom não vai. Temos interesses diferentes. Ele gosta de assistir aos jogos de hóquei e eu não gosto – R. J. disse. Elizabeth assentiu pensativamente e disse que ela gostava de ver Seiji Ozawa dirigindo a orquestra.

– Você vai gostar dos Boston Pops, no próximo verão. As pessoas sentam em volta de pequenas mesas, tomando champanhe ou limonada enquanto ouvem a música mais leve. Muito *gemütlich*.

– Oh, precisamos ir – disse Betts.

Os Boston Pops não estavam nas cartas para ela. O inverno mal tinha começado quando a doença entrou em ação. Betts morou apenas sete semanas no apartamento. No Hospital Middlesex Memorial ela ficou num quarto particular, no andar VIP, e o tratamento por radiação foi intensificado. Logo ela perdeu o cabelo e começou a perder peso.

Betts era tão sensata, tão calma.

– Daria um livro bem interessante, sabia? – ela disse para R. J. – Só que eu

não tenho a energia suficiente para escrever.

A amizade que nasceu entre as duas era cheia de calor humano mas certa noite, bem tarde, quando estavam os três no quarto do hospital, foi para Tom que ela disse:

– Quero que me prometa uma coisa. Quero que jure que não vai me deixar sofrer nem viver artificialmente.

– Eu prometo – ele disse, quase como um voto nupcial.

Elizabeth quis rever seu testamento e acrescentar o fato de que não queria que sua vida fosse prolongada artificialmente por meio de drogas ou tecnologia. Pediu a R. J. para recomendar um advogado e ela telefonou para Suzanna Lorentz, na firma Wigoder, Grant & Berlow, onde ela havia trabalhado.

Algumas noites depois, o carro de Tom já estava na garagem quando R. J. chegou do hospital. Sentado à mesa da cozinha, Tom tomava cerveja e assistia à televisão.

– Oi. Aquela advogada Lorentz telefonou para você? – Ele desligou a televisão.

– Oi. Suzanna? Não, não tive notícias dela.

– Ela me telefonou. Quer que eu seja o representante legal de Betts junto à assistência de saúde. Mas eu não posso. Faço parte da equipe de médicos que a está tratando e isso criaria um conflito de interesses, certo?

– Sim, criaria.

– Então, você aceita? Quero dizer, ser a representante legal de saúde?

Tom estava engordando e ao que parecia não estava dormindo quanto devia. Sua camisa estava cheia de migalhas de biscoito. R. J. pensou com tristeza que uma parte importante da vida dele estava morrendo.

– Sim, tudo bem.

– Obrigado.

– Não tem de quê – ela disse e foi para o quarto e para a cama.

Max Roseman previa uma longa convalescença e resolveu se aposentar. R. J. não soube da notícia por Sidney Ringgold. Na verdade, o dr. Ringgold não fez nenhuma comunicação oficial. Mas Tessa entrou no consultório de R. J. com a novidade e um largo sorriso. Não quis revelar a fonte, mas R. J. era capaz de apostar que era Bess Harrison, a secretária de Max Roseman.

– Ouvi dizer que você está entre os candidatos seriamente considerados como possíveis substitutos do dr. Roseman – disse Tessa. – Uau! Acho que você tem uma boa chance. Para você o cargo de assistente do departamento médico será o primeiro degrau numa escada muito, muito alta. O que você preferia, ser

diretora da escola de medicina ou do hospital? E seja lá onde quer que chegue, vai me levar com você?

– Esqueça, não vou conseguir esse cargo. Mas sempre a levarei comigo. Você está sempre a par de tantas novidades e traz meu café todas as manhãs, sua boba.

Era agora um dos muitos rumores que flutuavam pelo hospital. Uma vez ou outra alguém dava uma indireta, com a mensagem de que o mundo todo sabia do seu nome numa lista. R. J. não estava ansiosa. Não sabia se queria o cargo o bastante para aceitá-lo se fosse oferecido.

Logo Elizabeth perdeu tanto peso que por um curto espaço de tempo R. J. pôde imaginar como ela era quando jovem. A jovem que Tom tinha amado. Os olhos pareciam maiores, a pele ficava cada vez mais transparente. R. J. sabia que ela estava oscilando na margem da emaciação.

Havia entre elas uma intimidade curiosa, uma comunicação total, mais intensa do que entre irmãs. Em parte isso se devia ao fato de que partilhavam lembranças do mesmo homem. R. J. não permitia à sua mente imaginar Elizabeth e Tom fazendo amor. Os hábitos dele nesse particular seriam os mesmos? Será que ele acariciara as nádegas de Elizabeth com as duas mãos, será que beijara o umbigo dela quando estava satisfeito e cansado? Elizabeth devia pensar a mesma coisa quando olhava para ela, pensou R. J. Mas não havia nenhum ciúme, isso as unia mais. Mesmo extremamente doente, Elizabeth continuava sensível e perspicaz.

– Você e Tom vão se separar? – ela perguntou, uma noite quando R. J. foi visitá-la antes de ir para casa.

– Sim, acho que muito em breve.

Elizabeth fez um gesto afirmativo.

– Eu sinto muito – ela murmurou, encontrando forças para consolar, mas estava claro que a confirmação não foi surpresa para ela. R. J. gostaria de ter conhecido Elizabeth há muitos anos.

Teriam sido grandes amigas.

O MOMENTO DA DECISÃO

Quintas-feiras.

Quando era mais jovem, R. J. fazia questão de demonstrar constantemente sua posição política. Agora tinha a impressão de que só lhe restavam as quintas-feiras.

Ela dava valor especial às crianças e não gostava da ideia de evitar que nascessem. O aborto era uma coisa feia e suja. Às vezes interferia em suas outras atividades profissionais, porque alguns dos seus colegas não aprovavam e, por motivos de relações públicas, Tom sempre temeu e detestou seu envolvimento na questão do aborto.

Mas estava havendo uma guerra antiaborto na América. Muitos médicos se afastavam das clínicas, intimidados pelas ameaças nada dissimuladas do movimento antiaborto. R. J. achava que era um direito da mulher decidir o que fazer com o próprio corpo, assim, todas as quintas-feiras de manhã ela ia de carro até Jamaica Plains e entrava discretamente na Clínica do Centro de Planejamento Familiar, evitando os grupos que faziam manifestações na frente do prédio, as faixas sacudidas sobre sua cabeça, os crucifixos apontados para ela, o sangue atirado, os vidros com fetos quase encostados no seu rosto e os palavrões.

Na última quinta-feira de fevereiro ela parou nos fundos da casa de Ralph Aiello, um vizinho pago pela clínica de aborto. A neve no quintal de Aiello estava alta e recente mas, justificando o pagamento, ele abriu uma pequena trilha do portão até a porta dos fundos. O quintal da clínica ficava no outro lado do portão, onde outra trilha aberta na neve levava à porta dos fundos do prédio.

R. J. sempre saía do carro e caminhava rapidamente, temendo que os manifestantes resolvessem ir para os fundos, sempre envergonhada por entrar desse modo pouco digno para uma médica.

Naquela quinta-feira não se ouviam nenhum ruído na frente do prédio, nenhum grito, nenhum palavrão, mas R. J. estava preocupada com outra coisa. A caminho para o trabalho, ela parou no hospital para ver Elizabeth Sullivan.

Elizabeth já havia passado da fase da última esperança e entrado no reino da dor insuportável. O botão que ela podia apertar para a automedicação era

inadequado quase desde o começo. Sempre que ela recobrava a consciência sofria terrivelmente e Howard Fisher tinha começado a aplicar grandes doses de morfina.

Ela dormia imóvel.

– Oi, Betts – R. J. disse, em voz bem alta.

Encostou os dedos no pescoço quente de Elizabeth, sentindo a pulsação fraca. Então, quase contra a vontade, ela segurou as mãos de Betts entre as suas. De algum lugar do fundo da mente de Elizabeth Sullivan a informação fluíu para R. J. e chegou ao seu consciente. Ela sentiu o pequeno reservatório de vida esvaziando gradativamente em quantidades crescentes, com infinita lentidão. Oh, Elizabeth, eu sinto tanto, disse ela, em silêncio. Eu sinto tanto, querida.

Os lábios de Elizabeth se moveram. R. J. inclinou-se, tentando ouvir.

– ... A verde. Apanhe a verde.

R. J. mencionou o incidente para uma das enfermeiras, Beverly Martin.

– Deus a tenha – disse a enfermeira. – Geralmente ela nunca acorda o bastante para dizer alguma coisa.

Naquela semana foi como se todos os instrumentos de tortura tivessem sido acionados para levar R. J. à beira do estresse. Uma clínica de aborto no estado de Nova York foi incendiada naquela noite e a mesma paixão doentia parecia dominar Boston. Manifestantes protestaram selvagem e fanaticamente atacando duas clínicas de Brookline dirigidas pelo Centro de Planejamento Familiar e o Preterm. Provocaram desordem nos serviços da clínica, uma severa reação da polícia e prisões em massa e esperava-se que o Centro de Planejamento Familiar em Jamaica Plains fosse o próximo.

Na sala do pessoal, Gwen Gabler tomava café, estranhamente quieta.

– Alguma coisa errada?

Gwen pôs a xícara na mesa e apanhou a bolsa. A folha de papel estava dobrada duas vezes. Quando R. J. a abriu, viu um cartaz de procurado, do tipo que afixam nos correios. Trazia o nome, o endereço e a fotografia de Gwen, seu horário de trabalho, o fato de que ela tinha deixado uma clínica de ginástica para grávidas, muito lucrativa, “para ficar rica fazendo abortos”, e o crime pelo qual era procurada: assassinato de bebês.

– Não *diz* viva ou morta – Gwen disse, com amargura.

– Fizeram um cartaz para Les, também?

Leszek Ustinovich, depois de vinte e seis anos como ginecologista, em Newton, passou a trabalhar na clínica. Ele e Gwen eram os médicos de tempo integral do Centro de Planejamento Familiar.

– Não, aparentemente eu fui escolhida como bode expiatório. O que não compreendo é por que Walter Hearst, do Hospital Deaconess, mereceu a mesma honra.

– O que você vai fazer?

Gwen rasgou o cartaz em dois pedaços, em mais dois e jogou na cesta de lixo. Então beijou as pontas dos dedos e as encostou gentilmente no rosto de R. J.

– Não podem nos fazer sair daqui se não permitirmos.

R. J. terminou de tomar seu café pensativamente. Há dois anos ela estava fazendo abortos em mulheres grávidas de três meses, na clínica. Tinha feito treinamento de pós-residência em ginecologia e aprendeu o processo com Les Ustinovich, um professor magnífico. O aborto no primeiro trimestre da gravidez era absolutamente seguro quando feito com cuidado e da forma correta e ela tomava grande cuidado para ser correta. Mesmo assim, nas manhãs de quinta-feira, sempre ficava tensa como se fosse passar o dia fazendo cirurgia de cérebro.

R. J. suspirou, jogou o copo de plástico na cesta, levantou e foi trabalhar.

Na manhã seguinte no hospital, Tessa entrou com o café, um bagel e um olhar solene.

– Estão chegando à decisão final. Coisa séria. O que sabemos é que o dr. Ringgold está estudando agora quatro nomes, e o seu é um deles.

R. J. comeu um pedaço do bagel.

– Quais são os outros três? – perguntou, sem conter a curiosidade.

– Eu ainda não sei. Só ouvi dizer que são todos da pesada. – Tessa olhou para ela de soslaio. – Sabe que uma mulher nunca ocupou esse cargo?

R. J. sorriu sem alegria. O fato de vir da sua secretária não diminuía a intensidade de pressão.

– Isso não é surpresa, é?

– Não, não é – disse Tessa.

Naquela tarde, quando voltava da clínica de SPM, R. J. encontrou Sidney na frente do prédio do consultório.

– Oi, tudo bem? – disse ele.

– Tudo bem.

– Já resolveu alguma coisa sobre aquele meu pedido?

Ela hesitou. A verdade era que tinha evitado pensar no assunto. Mas não era justo para Sidney.

- Não, não resolvi. Mas vou resolver logo.
- Ele balançou a cabeça afirmativamente.
- Sabe o que fazem todos os hospitais-escola nesta cidade? Quando precisam de alguém para um cargo de liderança, procuram um candidato que já se tornou conhecido por seu trabalho em pesquisa científica. Querem alguém que tenha publicado muitos trabalhos.
- Como o jovem Sidney Ringgold, com seus artigos sobre a relação entre a redução do peso e a pressão arterial e o começo da doença.
- Sim, como aquele jovem e promissor Ringgold de muito tempo atrás. Foi a pesquisa que me deu este cargo – concordou. – Não tem mais lógica do que o fato de que os comitês encarregados de procurar um reitor de universidade sempre escolhem alguém que se distinguiu como professor. Mas é assim que acontece.
- Mas falando de você. Você publicou alguns trabalhos e provocou alguns debates, mas é uma médica, não uma cientista de laboratório. Pessoalmente, acho que este é um bom momento para ter um clínico como assistente do departamento médico, mas eu preciso indicar alguém que tenha o consenso de aprovação da equipe do hospital e da comunidade médica. Assim, se alguém que não é cientista de laboratório vai ser indicado para assistente precisará do maior grau de liderança profissional no seu currículo.
- R. J. sorriu, sabendo que ele era um amigo.
- Eu compreendo, Sidney. E logo voltarei com a minha decisão sobre a organização do comitê de publicações.
- Muito obrigado, dra. Cole. Aproveite seu fim de semana, R. J.
- Você também, dr. Ringgold.

Uma tempestade estranhamente quente veio do mar, castigando Boston e Cambridge com chuva pesada e derretendo a neve do fim do inverno. Lá fora só havia poças d'água e a água corria pelas sarjetas.

Deitada na cama, naquela manhã de sábado, R. J. ouvia a chuva e pensava. Não gostava do seu estado de espírito. Estava ficando cada vez mais desanimada e sabia que, se não reagisse, isso poderia afetar suas decisões.

Não a entusiasmava a ideia de ser a sucessora de Max Roseman. Mas também não sentia entusiasmo por sua atividade médica no momento e começou a pensar na confiança que Sidney Ringgold depositava nela e nas oportunidades que outros homens lhe teriam negado.

E via mentalmente a expressão de Tessa quando disse que nenhuma mulher havia ocupado aquele cargo antes.

No meio da manhã, ela levantou, vestiu o seu mais velho conjunto de jogging, uma jaqueta de couro, o sapato de correr mais usado e um boné dos Red Sox enfiado até as orelhas. Lá fora, chapinhando na água, seus pés ficaram encharcados antes de chegar a vinte metros da casa. Apesar do degelo, era inverno em Massachusetts e ela estava molhada e tremendo de frio, mas à medida que corria, o sangue começou a cantar e a aqueceu rapidamente. Sua intenção era ir só até a Memorial Drive e voltar, mas o exercício estava tão bom que ela seguiu ao longo do rio Charles congelado, vendo a chuva cair sobre o gelo, até começar a sentir cansaço. Na volta, foi duas vezes atingida pela água dos carros que passavam, mas não se importou, estava molhada como uma nadadora. Entrou pela porta dos fundos, deixou a roupa encharcada no chão de ladrilho da cozinha e se enxugou com um pano de prato para não molhar o tapete a caminho do chuveiro. Ficou um longo tempo debaixo da água quente e o espelho estava completamente embaçado quando saiu e começou a se enxugar.

Estava começando a se vestir quando resolveu aceitar a função de presidir o comitê de Sidney. Mas sem cortar nem reduzir nada na sua agenda. As quintas-feiras continuariam a ser quintas-feiras, dr. Ringgold.

Só de calcinha e uma camiseta da Tufts University, ela apanhou o telefone sem fio e ligou para a casa dele.

– É R. J. – ela disse, quando ele atendeu. – Eu não sabia se vocês estavam em casa ou não.

Os Ringgold tinham uma casa de praia em Martha's Vineyard e Gloria Ringgold insistia em passar o maior número possível de fins de semana na ilha.

– Bem, com esse tempo infame – disse o dr. Ringgold. – Estamos presos aqui neste fim de semana. Só um completo idiota sai de casa num dia como este.

R. J. fechou a tampa do vaso, sentou e riu.

– Está absolutamente certo, Sidney – ela disse.

A PROVOCAÇÃO

Na terça-feira R. J. deu uma aula na escola de medicina sobre doenças iatrogênicas que lhe fora extremamente prazerosa, porque foram duas horas de debate acirrado. Alguns poucos alunos compareciam à residência médica com a vã esperança de se tornarem deuses da cura, mestres da infalibilidade. Relutavam em admitir que o médico, na tentativa de curar, poderia causar danos aos pacientes. Porém a maioria deles estava consciente do seu próprio lugar no tempo e na sociedade, cientes do fato de que a escalada da tecnologia não obliterava a capacidade humana de cometer erros. Para eles era importante estar perfeitamente a par das situações que podiam levá-los a prejudicar os pacientes ou até causar sua morte, além de obrigá-los a gastar em acordos legais o dinheiro arduamente ganho.

Uma boa aula. R. J. voltou para o hospital satisfeita, pelo menos naquele momento, com sua participação no avanço da medicina.

Logo depois que chegou ao consultório, Tessa avisou que Tom estava no telefone.

– R. J.? Elizabeth se foi esta manhã.

– Ah, Tom.

– Sim. Bem, o sofrimento acabou.

– Eu sei. Isso é bom, Tom.

Mas não tinha acabado para *ele*, e R. J. surpreendeu-se ao ver que estava solidária a ele. O que sentia por ele não era mais uma chama ardente, mas uma fagulha de sentimento restava ainda. Talvez ele precisasse de companhia.

– Escute. Quer se encontrar comigo em algum lugar para jantar? – ela disse, impulsivamente. – Talvez em North End?

– Oh, não... eu... – Ele parecia embaraçado. – Na verdade, tenho um compromisso que não posso desmarcar esta noite.

Ia se consolar com outra pessoa, ela pensou com tristeza e não sem saudades. Agradeceu por ele ter lhe comunicado a morte de Elizabeth e voltou ao trabalho.

No fim da tarde, uma das mulheres do consultório dele telefonou.

– Dra. Cole? Sou Cindy Wolper. O dr. Kendricks pediu para avisar que vai

passar a noite fora. Tem uma consulta em Worcester.

– Obrigada por avisar – disse R. J.

Porém no sábado Tom a surpreendeu, convidando-a para almoçar em Harvard Square. Aos sábados ele sempre fazia sua ronda matinal no Hospital Middlesex Memorial, onde trabalhava como cirurgião visitante, depois jogava tênis e almoçava no clube.

Passando manteiga cuidadosamente numa fatia de pão de centeio, ele disse:

– Foi feita uma queixa de erro médico contra mim, no Middlesex.

– Por quem?

– Uma enfermeira que estava no andar de Betts. Beverly Martin.

– Sim. Lembro-me dela. Mas, por quê...?

– Ela alega que administrei “inadequadamente” grandes doses de morfina em Elizabeth, provocando sua morte.

– ... Oh, Tom.

Ele balançou a cabeça afirmativamente.

– O que vai acontecer agora?

– O relatório dela vai ser discutido numa reunião do comitê de erros médicos do hospital.

A garçonne passou por eles e Tom pediu mais café.

– Não é grande coisa, tenho certeza. Mas eu quis contar, antes que você ouvisse de outra pessoa.

Na segunda-feira, Elizabeth Sullivan foi cremada, de acordo com as instruções do seu testamento. Tom, R. J. e Suzanna Lorentz foram à casa funerária onde Suzanna, como advogada inventariante, recebeu uma caixa quadrada de papelão com as cinzas.

Foram almoçar no Ritz e Suzanna leu trechos do testamento de Betts enquanto comiam a salada. Betts tinha deixado o que Suzanne qualificava de um “patrimônio considerável” para pagar as custas da assistência médica à sua tia, a sra. Sally Frances Bosshard, paciente do Lutheran Home para idosos e enfermos, em Cleveland Heights, Ohio.

Com a morte da sra. Bosshard, o restante do dinheiro, se houvesse, iria para a Sociedade Americana do Câncer. Ao seu amado amigo dr. Thomas A. Kendricks, Elizabeth Sullivan deixava o que para ela eram boas lembranças e uma gravação de Elizabeth Bosshard e Tom Kendricks cantando “Strawberry Fields”. Para sua nova e especial amiga dra. Roberta J. Cole, Elizabeth Sullivan

deixava um aparelho de café de prata, com seis peças, desenho francês, do século XVIII, feito por artesão desconhecido. O aparelho de café e a fita com a gravação estavam guardados na Antuérpia, junto com outros itens, a maior parte móveis que deviam ser vendidos e o dinheiro acrescentado ao legado de Sally Frances Bosshard.

Elizabeth Sullivan pedia um último favor à dra. Cole. Queria que suas cinzas fossem entregues à dra. Cole para serem devolvidas à terra, “sem cerimônia ou serviço fúnebre, num belo lugar que deixava à escolha da dra. Cole”.

R. J. ficou atônita, tanto com o pedido quanto pela responsabilidade inesperada. Os olhos de Tom brilharam. Ele pediu uma garrafa de champanhe e eles fizeram um brinde a Betts.

No estacionamento, Suzanna tirou a pequena caixa do seu carro e a entregou para R. J., que não sabia o que fazer com ela. Deixou-a no banco do passageiro do seu BMW e voltou para o Lemuel Grace.

Na quarta-feira, ela foi acordada às 5:20 da manhã pelo som estridente da campainha anunciando que havia alguém na sua porta.

Levantou e vestiu o robe. Não conseguiu encontrar os chinelos e seguiu descalça pelo corredor gelado.

Desceu e espiou pelo vidro ao lado da porta. Estava escuro ainda, mas ela conseguiu ver dois vultos.

– O que vocês querem? – R. J. perguntou, sem nenhuma intenção de abrir a porta.

– Polícia estadual.

R. J. acendeu a luz de fora e olhou outra vez. Sim, era verdade. R. J. abriu a porta de repente cheia de medo.

– Aconteceu alguma coisa com meu pai?

– Oh, não, senhora. Não, senhora. Só queríamos dar uma palavrinha com o dr. Kendricks – disse a policial uniformizada, com divisa de cabo. O homem era um policial gorducho, à paisana, chapéu negro, sapatos negros, capa de chuva, calça esporte cinzenta. Compunham um quadro de severa competência.

– O que é, R. J.? – perguntou Tom, no alto da escada com calça rosa-clara com listras de giz, camiseta e meias, sem sapatos.

– Dr. Kendricks?

– Sim. O que é?

– Eu sou o cabo Flora McKinnon, senhor – ela disse. – Este é o patrulheiro Robert Travers. Somos membros da Unidade de Prevenção e Controle do Crime,

ligada ao gabinete de Edward W. Wilhoit, o promotor do condado de Middlesex. O sr. Wilhoit gostaria de falar com o senhor.

– Quando?

– Bem, agora, senhor. Ele gostaria que nos acompanhasse ao seu gabinete.

– Jesus Cristo, quer dizer que ele está trabalhando às cinco e meia da manhã?

– Sim, senhor – disse a mulher.

– Têm um mandado de prisão?

– Não, senhor, não temos.

– Muito bem, digam ao sr. Wilhoit que recuso esse tipo de convite. Dentro de uma hora vou operar uma vesícula no Middlesex Memorial, um paciente que depende de mim. Diga ao doutor Wilhoit que posso estar no seu gabinete à uma e meia da tarde. Se ele concordar, pode avisar minha secretária. Se não, podemos combinar outro horário que seja conveniente para nós dois. Entendeu?

– Sim, senhor. Nós entendemos – disse o cabo de cabelos vermelhos e os dois se despediram com uma inclinação de cabeça e desapareceram na noite.

Tom ficou parado no alto da escada e R. J. no fim do corredor, olhando para cima, temendo por ele.

– Meu Deus, Tom. O que está acontecendo?

– Talvez seja melhor você ir comigo, R. J.

– Eu nunca tratei desse tipo de caso. Eu vou. Mas acho melhor você arranjar mais alguém – ela disse.

R. J. cancelou a aula de quarta-feira e passou três horas no telefone falando com advogados conhecidos que respeitariam o sigilo da consulta e podiam dar conselhos valiosos. Todos repetiram o mesmo nome: Nat Rourke. Estava na profissão há muito tempo. Não era sensacionalista, mas muito inteligente e altamente respeitado. R. J. não o conhecia. Ele não atendeu o telefone, mas ligou para ela uma hora depois.

Nat Rourke quase não falou enquanto ela expunha os fatos.

– Não, não, não – ele disse gentilmente. – Você e seu marido não vão falar com Wilhoit à uma e meia. Virão ao *meu* escritório à uma e meia. Preciso falar rapidamente com alguém, aqui, às três horas. Iremos ao gabinete do promotor às quatro e quarenta e cinco. Minha secretária se encarregará de avisar Wilhoit.

O escritório de Nat Rourke ficava num prédio antigo e sólido atrás da Assembleia Legislativa, confortável, mas nada elegante. Quando o viu, R. J.

lembrou de Irving Berlin, como aparecia nos filmes, um homem pequeno, rosto pálido de traços fortes, elegantemente vestido com terno escuro, camisa muito branca, gravata universitária cujo símbolo ela não reconheceu. Mais tarde ela descobriu que era da Penn.

Rourke pediu a Tom para contar todas as circunstâncias que levaram à morte de Elizabeth Sullivan. Durante todo o tempo observou Tom atentamente, ouviu sem interromper, acompanhando a narrativa até o fim. Então balançou a cabeça afirmativamente, franziu os lábios e recostou na cadeira com as mãos cruzadas sobre o colete e a chave da fraternidade Phi Beta Kappa.

– Você a matou, dr. Kendricks?

– Não foi preciso matá-la. O câncer se encarregou disso. Ela teria parado de respirar sem nenhuma ajuda. Era uma questão de horas ou de dias. Jamais recobriria a consciência, nunca mais seria Betts, sem agonia. Prometi a ela que não a deixaria sofrer. Ela já estava recebendo altas doses de morfina. Aumentei as doses para ter certeza de que ela não sentiria dor. Se isso apressou sua morte, tudo bem para mim.

– Suponho que os 30 miligramas que a sra. Sullivan tomava por via oral duas vezes por dia eram uma forma de morfina de ação lenta? – perguntou Rourke.

– Sim.

– E os 40 miligramas que você injetou eram uma morfina de ação rápida, uma quantidade que podia inibir a respiração?

– Sim.

– E inibindo a respiração, causaria a morte?

– Sim.

– Estava tendo um caso com a sra. Sullivan?

– Não.

Falaram sobre o antigo relacionamento de Tom com Elizabeth e o advogado aparentemente ficou satisfeito.

– A morte de Elizabeth Sullivan o beneficiou de algum modo?

– Não. – Tom explicou os termos do testamento de Betts. – Wilhoit vai se aproveitar disso?

– É possível. Ele é um político ambicioso, interessado em subir na vida, chegar a vice-governador. Um julgamento sensacional seria um bom trampolim. Se ele conseguir condená-lo por homicídio em primeiro grau, com pena de prisão perpétua sem condicional, com grandes manchetes, pancadinhas nas costas, muita sensação, estará feito. Mas não é um caso de homicídio em primeiro grau. E o Wilhoit é um político astuto demais para levar o caso ao grande júri a não ser que tenha uma boa chance de conseguir a condenação. Ele

vai esperar a orientação do comitê de erros médicos.

– Qual é a pior coisa que pode me acontecer neste caso?

– O cenário mais sombrio?

– Sim. O pior.

– É claro que não posso garantir. Mas acredito que o pior seria condenação por homicídio simples ou culposo. A sentença seria prisão. Neste tipo de caso é provável que o juiz conceda o que chamamos de “sentença Concord”. Ele determinaria que fosse recolhido à Instituição Correcional de Massachusetts, em Concord, por vinte anos, desse modo preservando sua reputação de juiz severo no julgamento de um crime. Mas com isso estaria facilitando as coisas para você porque em Concord você conseguiria a condicional depois de vinte e quatro meses de detenção. Assim poderia aproveitar o tempo para escrever um livro, ficar famoso e ganhar rios de dinheiro.

– Eu perderia minha licença para praticar a medicina – disse Tom com voz firme e R. J. quase esqueceu que há muito tempo deixara de amá-lo.

– Não esqueça de que estamos falando do pior cenário. O melhor seria o caso não ir ao grande júri. Sou bem pago para conseguir o melhor cenário – disse Rourke.

Foi fácil passar ao assunto dos honorários.

– Num caso como este, qualquer coisa pode acontecer, ou pode não acontecer coisa alguma. Geralmente, quando o acusado não é uma pessoa terrivelmente respeitável, peço um depósito adiantado de vinte mil. Mas... você é um profissional de boa reputação e bom caráter. Acho que o melhor para você será me contratar por tempo de trabalho. Duzentos e vinte e cinco por hora.

Tom balançou a cabeça concordando.

– Parece uma pechincha – ele disse, e Rourke sorriu.

Eles chegaram ao prédio alto do tribunal às cinco para as cinco, dez minutos depois da hora marcada por Rourke. Era o fim do dia de trabalho e uma verdadeira multidão saía do prédio com a energia feliz de crianças saindo da escola.

– Não se apressem, temos tempo – Rourke disse. – Vai fazer bem a ele nos receber na hora determinada por nós. Aquele negócio de mandar policiais apanhá-lo em casa de madrugada é pura intimidação barata, dr. Kendricks. Uma provocação, podemos dizer.

Ele estava dizendo, R. J. compreendeu com um arrepio, que o promotor se dera ao trabalho de verificar o horário de Tom, uma coisa que ele não faria para um caso de rotina.

Assinaram o livro de entrada com o guarda, no balcão da portaria, e depois o elevador os levou rapidamente ao décimo quinto andar.

Wilhoit era magro e bronzeado, um homem de nariz comprido que sorriu para eles com a cordialidade de um velho amigo. R. J. tinha feito sua pesquisa. Graduação em direito em Harvard, 1975; assistente do promotor, 1975-1978; deputado estadual, 1978, até ser eleito promotor público em 1988.

– Como vai, dr. Rourke? É um prazer vê-lo outra vez. É um prazer conhecê-los, dr. Kendricks, dra. Cole. Sim, sentem-se, sentem-se.

Depois foi direto ao assunto, com olhos frios e perguntas em voz baixa. Tom já havia respondido à maioria delas para Rourke naquela tarde.

Eles haviam conseguido e estudado a ficha médica de Elizabeth Sullivan, disse Wilhoit.

– A ficha diz que, por ordem do dr. Howard Fisher, a paciente do quarto 208 do Hospital Middlesex Memorial estava tomando por via oral duas doses de 30 gramas de morfina por dia, sob a forma do medicamento conhecido como Contin.

– ... Vejamos agora... Às 2:10 da madrugada em questão, o dr. Thomas A. Kendricks anotou na papeleta da paciente uma ordem escrita para a aplicação, por via endovenosa, de 40 miligramas de sulfato de morfina. De acordo com a enfermeira encarregada da medicação, a srta. Beverly Martin, o médico disse que ele mesmo aplicaria a injeção. Martin diz que meia hora depois, quando ela entrou no quarto 208 para tirar a temperatura e a pressão da paciente, a sra. Sullivan estava morta. O dr. Kendricks estava sentado ao lado da cama, segurando a mão dela. – Ele olhou para Tom. – Esses fatos estão essencialmente corretos do modo que eu os apresentei, dr. Kendricks?

– Sim, eu diria que estão corretos, sr. Wilhoit.

– O senhor matou Elizabeth Sullivan, dr. Kendricks?

Tom olhou para Rourke. A expressão de Rourke era cautelosa, mas ele fez um gesto afirmativo, significando que Tom devia responder.

– Não, senhor. O câncer matou Elizabeth Sullivan – disse Tom.

Foi a vez de Wilhoit balançar a cabeça afirmativamente. Ele agradeceu cortesmente o comparecimento dos três, indicando que a entrevista estava terminada.

A COMPETIÇÃO

Não tiveram mais notícias do promotor, não saiu nenhuma reportagem nos jornais. R. J. sabia que o silêncio podia ser um mau presságio. O pessoal de Wilhoit estava trabalhando, entrevistando enfermeiras e médicos no Middlesex, verificando se tinham ou não um caso, se a tentativa de arrasar com o dr. Thomas A. Kendricks seria vantajosa ou desastrosa para a carreira do promotor.

R. J. procurou se concentrar no trabalho. Afixou avisos no hospital e na escola de medicina anunciando a formação do comitê de publicações. Na noite de terça-feira, com a neve caindo, foi realizada a primeira reunião com quatorze pessoas presentes. R. J. esperava que o comitê fosse atrair os médicos jovens e residentes, os ainda não publicados. Mas vários médicos mais velhos compareceram também. Ela conhecia pelo menos um deles que chegara a diretor de uma escola de medicina e não sabia nem redigir decentemente em sua própria língua.

Ela organizou um programa de um mês com palestras de editores de revistas de medicina e vários médicos se ofereceram para ler, na próxima reunião, os trabalhos que tinham em andamento para serem avaliados. R. J. tinha de admitir que Sidney Ringgold havia antecipado algo realmente necessário.

Boris Lattimore, um médico idoso da equipe de visitantes do hospital, levou R. J. para um canto da lanchonete, dizendo que tinha novidades para ela. Sidney tinha dito a ele que o próximo assistente do departamento médico do hospital seria R. J. ou Allen Greenstein. Greenstein era um pesquisador famoso, criador de um programa muito comentado na literatura médica para a avaliação genética do recém-nascido. R. J. esperava que Lattimore estivesse enganado. Greenstein era um concorrente de alta classe.

A responsabilidade do novo comitê não era difícil. Acrescentava mais algumas horas à sua agenda e roubava parte do seu precioso tempo livre, mas nem por um minuto ela pensou em sacrificar suas quintas-feiras. R. J. tinha certeza de que sem clínicas modernas e bem aparelhadas para interromper a gravidez, muitas mulheres morreriam tentando praticar elas mesmas o aborto. As

mais pobres, sem seguro-saúde, sem dinheiro e sem conhecimento de onde podiam encontrar ajuda, ainda tentavam o aborto por conta própria. Tomavam terebintina, amoníaco, detergente, enfiavam objetos no útero – cabides, agulhas de tricô, utensílios de cozinha, qualquer instrumento com possibilidade de provocar um aborto. R. J. trabalhava no Centro de Planejamento Familiar porque achava essencial para a mulher ter acesso a serviços adequados quando precisasse deles. Mas estava ficando cada vez mais difícil para os médicos do Centro. Voltando para casa, depois de uma quarta-feira de muito trabalho no hospital, R. J. ouviu no rádio do carro que uma bomba tinha explodido numa clínica de aborto, em Bridgeport, Connecticut, derrubando uma boa parte do prédio, cegando um guarda e ferindo uma secretária e duas pacientes.

Na manhã seguinte, na clínica, Gwen Gabler disse a R. J. que iria pedir demissão e sair da cidade.

– *Não pode* fazer isso – disse R. J.

Ela, Gwen e Samantha Potter eram amigas desde a escola de medicina. Samantha fazia parte do corpo docente da escola de medicina da Universidade de Massachusetts, em Worcester, seus cursos de anatomia eram famosos, mas R. J. não a via com a frequência que desejava. Mas ela e Gwen há dezoito anos estavam juntas.

Foi graças a Gwen que ela conseguiu continuar seu trabalho no Centro de Planejamento Familiar. Gwen a motivava quando as coisas ficavam difíceis. R. J. não era corajosa. Gwen era a sua coragem.

Gwen sorriu tristemente.

– Vou sentir uma falta danada de você.

– Pois então não vá embora.

– Tenho de ir. Phil e os meninos vêm em primeiro lugar. – As hipotecas subiram tanto e o mercado de imóveis estava em baixa. Aquele ano fora desastroso para Phil Gabler e eles iam para o Oeste, para Moscow, em Idaho. Phil ia lecionar corretagem de imóveis na universidade e Gwen estava negociando um cargo de ginecologista obstetra numa organização de assistência à saúde. – Phil gosta de lecionar. E as organizações de saúde estão em alta. Temos de fazer alguma coisa para mudar o sistema, R. J. Daqui a pouco estaremos todos trabalhando para as organizações de saúde. – Ela já havia concluído as conversações iniciais com a organização por telefone.

Apertaram as mãos demoradamente e R. J. imaginava o que ia fazer sem ela.

Depois das grandes rondas na manhã de sexta-feira, Sidney Ringgold afastou-se do grupo de jalecos brancos, atravessou o saguão do hospital e aproximou-se de R. J., que esperava o elevador.

– Eu queria que você soubesse. Tenho ouvido muito comentários sobre o comitê de publicações – ele disse.

R. J. ficou desconfiada. Sidney Ringgold não costumava sair do seu caminho para dar pancadinhas nas costas de alguém.

– Como vai Tom? – ele perguntou, casualmente. – Ouvi alguma coisa sobre uma queixa ao comitê de erros médicos no Middlesex. Vai criar algum problema sério para ele?

Sidney havia levantado muito dinheiro para o hospital e tinha pavor de publicidade negativa, mesmo quando era por tabela.

Durante toda sua vida R. J. detestou o papel de candidata a um cargo. Não cedeu à tentação de dizer a ele que pegasse o cargo e enfiasse onde quisesse.

– Não, nada grave, Sidney. Tom diz que não passa de um pequeno inconveniente, nada com que se preocupar.

Sidney se inclinou para ela.

– Acho que você também não tem com que se preocupar. Não estou prometendo nada, mas as chances parecem muito boas. Muito boas mesmo.

O otimismo encorajador de Sidney teve como efeito uma tristeza inexplicável.

– Quer saber o que eu queria, Sidney? – R. J. disse, impulsivamente. – Eu gostaria que você e eu estivéssemos trabalhando para criar uma residência e uma clínica para a medicina da família no Hospital Lemuel Grace. Assim as pessoas de Boston sem seguro-saúde poderiam ter um atendimento médico de primeira.

– Os não segurados já têm aonde ir. Temos um ambulatório que atende um grande número de pessoas. – Era evidente o aborrecimento de Sidney. Ele não gostava de falar sobre as deficiências do seu serviço médico.

– As pessoas só vêm ao ambulatório quando é absolutamente necessário. Cada vez são atendidas por um médico diferente, portanto não há continuidade no tratamento. São tratadas as doenças ou lesões do momento, sem nenhuma medicina preventiva. Sidney, podíamos começar alguma coisa se nos tornássemos médicos de família. Estes são os médicos realmente necessários.

Com um sorriso forçado, ele disse:

– Nenhum hospital de Boston tem residência para a prática de medicina da família.

– Não é uma razão maravilhosa para começar uma?

Ele balançou a cabeça.

– Estou cansado. Acho que fiz um bom trabalho como chefe do hospital e

faltam menos de três anos para me aposentar. Não estou interessado em liderar o tipo de luta que será necessária para instalar um programa como esse. Não pode contar comigo para outras cruzadas, R. J. Se quer fazer mudanças no sistema, o melhor modo é conquistar um lugar na estrutura do poder. Depois, pode travar suas batalhas.

Nessa quinta-feira, sua entrada secreta pelo quintal do prédio da clínica do Centro de Planejamento Familiar não estava protegida. Os policiais encarregados de manter os manifestantes afastados da clínica estavam atrasados. R. J. estacionou o carro no quintal de Ralph Aiello e estava passando pelo portão quando viu os manifestantes caminhando para os dois lados do prédio da clínica.

Uma porção de gente carregando faixas, gritando e apontando para ela.

Oh. Não. R. J. ficou sem saber o que fazer.

Sabia que ia haver violência, o que ela temia há muito tempo. Reuniu todas as forças para passar no meio deles em silêncio, sem nenhum tremor visível. Resistência passiva. *Pense em Gandhi*, disse para si mesma, mas só pensava nos médicos que tinham sido atacados, no pessoal da clínica que tinha sido morto ou ferido. Gente louca.

Alguns passaram correndo por ela e entraram no quintal de Aiello.

Uma dignidade ativa. *Pense na paz. Pense em Martin Luther King. Caminhe no meio deles. Caminhe no meio deles.*

Olhou para trás e viu que estavam tirando fotos do BMW vermelho, amontoados em volta do carro. Oh, iam arranhar a pintura. Deu meia-volta e voltou para o portão. Alguém deu um soco nas suas costas.

– Toque nesse carro que eu quebro seu braço! – ela gritou.

O homem com a câmera voltou-se e aproximou a máquina do rosto dela. O flash piscou uma, outra e mais uma vez, a luz penetrando seus olhos como pregos, gritos como farpas nos seus ouvidos, uma espécie de crucificação.

VOZES

R. J. telefonou imediatamente para Nat Rourke e contou sobre o confronto na clínica.

– Achei que você devia saber, para o caso de usarem minhas atividades contra Tom.

– Sim. Muito obrigado, dra. Cole – disse ele.

Rourke era sempre extremamente cortês. R. J. não podia saber o que ele estava pensando.

Naquela noite, Tom voltou cedo para a casa na rua Brattle Street. R. J. estava trabalhando em alguns papéis, na mesa da cozinha. Ele entrou e apanhou uma cerveja na geladeira.

– Quer uma?

– Não, obrigada.

Tom sentou à mesa, de frente para ela. R. J. teve vontade de estender a mão e tocá-lo. Ele parecia cansado e nos velhos tempos ela teria levantado para massagear seu pescoço. Houve um tempo em que eles estavam sempre se tocando. Tom sempre fazia massagem nela para aliviar a tensão. Ultimamente a tendência era só ver defeitos um no outro, mas ela não podia negar que Tom tinha muitas características adoráveis.

– Rourke me telefonou – ele disse. – E contou o que aconteceu em Jamaica Plains.

– Sim?

– Sim. Ele, bem... perguntou sobre o nosso casamento. E respondi com toda a franqueza.

R. J. ergueu os olhos e sorriu. Antigamente era antigamente, ela pensou, isto era agora.

– Sempre o melhor modo de responder.

– Sim. Rourke disse que se vamos nos divorciar devemos entrar com o pedido imediatamente, para que seu trabalho no Centro de Planejamento Familiar não prejudique minha defesa.

R. J. balançou a cabeça afirmativamente.

– Acho que faz sentido. Nosso casamento acabou há muito tempo, Tom.

- Sim. Sim, acabou – ele sorriu. – Agora, quer uma cerveja?
- Não, obrigada. – R. J. voltou aos seus papéis.

Tom levou alguns objetos e mudou-se imediatamente, com tanta facilidade que R. J. teve certeza de que já tinha para onde ir.

A princípio ela não notou nenhuma mudança na casa de Brattle Street porque estava acostumada a ficar sozinha. Voltava todas as noites para a mesma casa vazia, mas agora havia uma sensação de paz, a ausência dos sinais da presença dele que a aborreciam e agrediam. Uma expansão agradável do seu espaço pessoal.

Porém, oito noites depois da saída de Tom, R. J. começou a receber telefonemas.

Eram vozes diferentes e telefonavam durante a noite toda, em horas diferentes, provavelmente se revezando.

- Você mata bebês, sua vaca – murmurava uma voz de homem.
- Você corta nossas crianças. Você mata seres humanos com um aspirador, como se fossem lixo.

Uma mulher muito penalizada informou R. J. que ela estava possuída por um demônio.

- Você vai arder no fogo do inferno por toda a eternidade – disse outra com uma voz rouca, murmurante e educada.

R. J. mudou o número do seu telefone para outro que não constava da lista. Umas duas noites depois, quando chegou do trabalho, encontrou um cartaz preso com pregos na porta recentemente restaurada da sua mansão georgiana. O cartaz dizia PROCURADA

PRECISAMOS DA SUA AJUDA PARA DETER A
DRA. ROBERTA J. COLE

A foto mostrava R. J. olhando furiosa para a câmera, com a boca deselegantemente aberta. O texto, sob a foto, dizia: *A dra. Roberta J. Cole, residente em Cambridge, passa a maior parte da semana fingindo ser uma médica e professora respeitável no Hospital Lemuel Grace e na Escola de Medicina e Cirurgia de Massachusetts.*

Mas ela pratica o aborto. Todas as quintas-feiras ela mata de 10 a 13 bebês.

Por favor, junte-se a nós para:

1. *Prece e jejum – Deus não permitirá que ninguém pereça. Oremos pela*

salvação da dra. Cole.

2. *Escrevam e telefonem para ela e citem os evangelhos e demonstrem sua vontade de ajudá-la a abandonar a profissão.*
3. *Peçam a ela para PARAR DE FAZER ABORTOS! “Não tendes cumplicidade nas obras infrutíferas das trevas; ao contrário, deveis condená-las abertamente”. Efésios 5: 11.*

O preço médio de um aborto é 250 dólares. A maioria dos médicos na posição da dra. Cole ganha 50 por cento desse preço em cada aborto. Isso significa que no ano passado a doutora Cole ganhou cerca de 87.500 dólares para matar quase 700 crianças.

O cartaz trazia uma lista de como a dra. Cole podia ser encontrada, detalhando sua agenda diária e os endereços e telefones do hospital, da escola de medicina, da clínica de SPM e da clínica do Centro de Planejamento Familiar. Na parte de baixo do cartaz estava escrito: RECOMPENSA: VIDAS SERÃO SALVAS SE PUDERMOS DETÊ-LA!!!

Seguiu-se uma semana de silêncio ameaçador. Uma manhã, o *Boston Globe* publicou uma reportagem, citando ativistas políticos locais, sobre o fato de o promotor público Edward W. Wilhoit estar experimentando a direção dos ventos para se candidatar a vice-governador. No domingo, uma carta do cardeal condenando o aborto como pecado mortal foi lida em todas as igrejas da arquidiocese de Boston. Dois dias depois, apareceu na mídia nacional a história de outro suicídio com ajuda médica cometido em Michigan pelo dr. Jack Kevorkian. Naquela noite, quando R. J. ligou a televisão no jornal das 11, assistiu a um trecho do discurso de Wilhoit na convenção de cidadãos aposentados. Ele prometeu “fazer justiça rápida contra o anticristo que está entre nós, que por meio do feticídio, do suicídio e do homicídio procura usurpar os poderes da Santíssima Trindade”.

– Eu gostaria que agíssemos como pessoas civilizadas, sem rancor e sem brigas, dividindo tudo meio a meio, bens e dívidas. Meio a meio – disse Tom.

Ela concordou. Tinha certeza de que ele estaria esperneando e gritando se houvesse dinheiro suficiente para espernear e gritar, mas a maior parte do que ambos haviam ganho fora gasto na casa e para pagar a dívida de Tom com o curso de medicina.

Embaraçado, Tom contou que estava morando com Cindy Wolper, a chefe do seu escritório – loura, exuberante, quase 30 anos.

– Vamos nos casar – ele disse, extremamente aliviado por ter finalmente passado de marido traidor a noivo prometido.

Pobre criança, ela pensou, zangada.

Apesar das declaradas boas intenções, Tom estava acompanhado de um advogado, Jerry Saltus, quando se encontraram para a partilha dos bens.

– Você pretende conservar a casa de Brattle Street? – ele perguntou.

R. J. olhou para ele perplexa. Tinham comprado a casa por insistência dele, apesar das objeções dela. Por causa da sua obsessão tinham gasto muito dinheiro nela.

– Você não quer a casa?

– Cindy e eu resolvemos morar num condomínio.

– Muito bem, eu também não quero sua casa pretensiosa. Eu nunca quis. – Percebeu que estava alterando a voz e que parecia irritada, mas não se importou.

– E a casa de campo?

– ... Suponho que devesse ser vendida também – ela disse.

– Se você se encarregar da venda da casa de campo, eu me encarrego de vender esta. Está bem?

– Tudo bem.

Tom disse que fazia questão de ficar com o aparador de cerejeira, o sofá, as duas bergères e a televisão maior. Ela queria o aparador, mas ele concordou que ela ficasse com o piano e um tapete persa, um Heriz de cem anos de que ela gostava. Os outros móveis eles dividiram revezando-se na escolha. O acordo foi rápido e incruento, e o advogado fugiu antes que eles mudassem de ideia e as coisas ficassem feias.

No domingo à noite, R. J. foi ao ginásio do Alex com Gwen, que ia para Idaho dentro de algumas semanas. Antes da aula de aeróbica, R.J. estava falando sobre Tom e a futura mulher quando Alexander Manakos chegou com um técnico e foi para o outro lado da sala, falando sobre um dos aparelhos de ginástica que estava quebrado.

– Ele está olhando para cá – disse Gwen.

– Quem?

– Manakos. Para você. Já olhou uma porção de vezes para você.

– Gwen, não seja boba.

Mas o dono do clube bateu amistosamente no ombro do técnico e aproximou-se delas.

– Volto já – disse Gwen. – Preciso telefonar para o consultório. – E desapareceu.

Toda a roupa de Manakos era feita sob medida, como a de Tom, mas não na Brooks Brothers. Os ternos eram mais informais, *au courant*. Ele era um homem extremamente belo.

– Dra. Cole.

– Sim.

– Eu sou Alex Manakos. – Apertou a mão dela quase impessoalmente. – Tudo está satisfatório, aqui no meu clube?

– Sim, eu gosto muito do clube.

– Bem, fico contente por ouvir isso. Alguma reclamação que eu posso remediar?

– Não. Como sabe meu nome?

– Perguntei a uma pessoa. Eu a mostrei para ela. Eu queria dizer alô. Você parece uma ótima pessoa.

– Obrigada. – R. J. não era boa com esse tipo de coisa e preferia que ele não tivesse falado com ela. De perto, ele lembrava Robert Redford quando jovem. O nariz era aquilino, o que o fazia parecer um pouco cruel.

– Aceitaria jantar comigo uma noite destas? Ou tomar um drinque, o que você preferir. Uma oportunidade para sentar, conversar e nos conhecer.

– Senhor Manakos, eu não...

– Alex. Meu nome é Alex. Se sentiria melhor se eu fosse apresentado por alguém que você conhece?

Ela sorriu.

– Isso não é necessário.

– Escute, eu a assustei, chegando assim desse modo, como um paquerador. Sei que está aqui para uma aula de aeróbica. Pense no assunto e me dê a resposta antes de sair.

Antes que ela pudesse abrir a boca para protestar e dizer que não tinha importância, ele se foi.

– Vai sair com ele, não vai?

– Não, não vou.

– Por quê? Ele parece ótimo.

– Gwen, ele é uma beleza, mas não me sinto nem um pouco atraída. Sinceramente. Não sei por quê.

– E daí? Ele não a está pedindo em casamento, nem sugerindo que passe o resto da sua vida com ele. Simplesmente a convidou para sair.

Gwen não desistiu. Durante a aula, em todos os intervalos dos exercícios, ela voltava ao assunto.

– Ele parece muito agradável. Quando foi a última vez que você saiu com um homem?

Dançando, R. J. pensou em tudo que sabia sobre ele. Ex-jogador de basquete na faculdade. Descendia de imigrantes gregos. Na entrada do clube havia uma antiga foto dele, um garoto muito sério com uma caixa de engraxate. Quando ele entrou para a faculdade alugou um cubículo com cadeiras de engraxate num prédio em Kenmore Square e conservou todos os que trabalhavam ali. À medida que crescia sua fama no mundo dos esportes, o lugar se tornou *in* para engraxar sapatos e logo ele abriu uma casa maior com uma lanchonete. Não estava preparado para o basquete profissional, mas se formou em administração e com bastante publicidade para conseguir o capital que quisesse nos bancos de Boston. Depois, abriu o clube de ginástica repleto de equipamentos Nautilus e de instrutores bem treinados. Em honra aos velhos tempos, o clube tinha uma sala para engraxar sapatos, mas a lanchonete era agora bar e café. Agora Alex Manakos era dono do clube de ginástica, de um restaurante grego na margem do rio, outro em Cambridge e só Deus sabia o que mais.

R. J. sabia que ele não era casado.

– Quando foi a última vez que você conversou com um homem que não fosse um paciente ou um médico? Ele me parece ótimo. *Muito mesmo. Saia com ele* – murmurou Gwen.

R. J. saiu do chuveiro, vestiu-se e foi para o bar. Quando disse para Alex Manakos que teria muito prazer em sair com ele uma noite, ele sorriu.

– Isso é ótimo. Você é médica, estou certo?

– Sim.

– Bem, nunca saí com uma mulher que fosse médica.

No que fui me meter? pensou R. J.

– Você só sai com médicos homens?

– Ah, ah, ah – ele disse olhando para ela com interesse.

Assim resolveram o assunto e marcaram o jantar para o sábado.

Na manhã seguinte, o *Herald* e o *Globe* publicaram reportagens sobre abortos em Boston. Os repórteres tinham entrevistado pessoas dos dois lados da controvérsia, os dois jornais traziam fotos de ativistas. Além disso, o *Herald*

reproduziu dois cartazes de médicos “procurados” que praticavam o aborto. Um era do dr. James Dickenson, o ginecologista que fazia abortos na clínica do Centro de Planejamento Familiar em Brookline. O outro era o cartaz da dra. Roberta J. Cole.

*

Na quarta-feira foi anunciado que o dr. Allen Greenstein era o novo assistente do departamento médico do Hospital Lemuel Grace, como sucessor do dr. Maxwell Roseman.

Nos dias seguintes, o dr. Greenstein foi entrevistado por jornais e na televisão sobre o fato de que dentro de poucos anos os recém-nascidos poderiam ser geneticamente avaliados e os pais teriam condições de saber quais os riscos de saúde que os filhos poderiam correr durante a vida e até mesmo do que eles morreriam.

R. J. e Sidney Ringgold encontravam-se nas Grandes Rondas e nas reuniões do departamento e cruzavam várias vezes nos corredores. Sidney sempre olhava nos olhos dela e a cumprimentava calorosa e amavelmente.

R. J. gostaria que ele parasse para conversar. Queria dizer a ele que não tinha vergonha de fazer abortos, que estava fazendo um trabalho difícil e importante, um trabalho que tinha escolhido porque era uma competente médica.

Então por que se sentia como uma pessoa desprezível e furtiva quando andava pelos corredores do seu hospital?

Que se danem!

No sábado ela fez questão de voltar para casa com tempo de tomar banho e se vestir calma e cuidadosamente. Às sete horas da noite, ela entrou no Alex's. Alexander Manakos estava de pé numa extremidade do bar, conversando com dois homens. Ela sentou numa banquetta na outra ponta e logo ele se aproximou. Alex Manakos estava mais belo do que nunca.

– Boa-noite.

Ele cumprimentou com uma inclinação da cabeça. Tinha um jornal nas mãos. Quando abriu, ela viu que era o *Globe* de segunda-feira.

– É verdade o que diz aqui? Que você faz abortos?

R. J. sabia que não ia receber um elogio. Levantou a cabeça, empertigou o corpo e olhou nos olhos dele.

– Sim, é um procedimento médico legal e ético de importância vital para a saúde e a vida das minhas pacientes – ela disse, com voz firme. – E eu faço isso

muito bem.

– Você me enoja. Eu não transaria com você nem que fosse com o pênis de outro cara.

Muito delicado.

– Bem, certamente com o seu é que não vai ser – ela disse, com calma, levantou e saiu do clube, passando por uma mesa onde uma mulher com aparência maternal a aplaudia, com lágrimas nos olhos. Teria sido mais reconfortante para R. J. se a mulher não estivesse bêbada.

– Não preciso de ninguém. Posso muito bem viver sozinha. Sozinha. *Não preciso de ninguém, entendeu?* E quero que você largue do meu pé, amiga – ela disse para Gwen, furiosa.

– Tudo bem, tudo bem. – Gwen suspirou e fugiu.

UM JÚRI DE IGUAIS

A reunião do mês de abril do comitê de erros médicos no Hospital Middlesex Memorial foi adiada devido a uma tempestade de neve do começo da primavera, que cobriu a neve suja e o gelo com um camada branca e limpa que teria sido animadora no começo da estação. Para R. J. era apenas o inconveniente de mais neve. Dois dias depois a temperatura subiu para 23 graus e a neve nova da primavera com a neve antiga do inverno, desfeitas em água, fluíam pelas sarjetas.

O comitê de erros médicos reuniu-se na semana seguinte. Não foi uma sessão longa. Em face da evidência e do testemunho de que Elizabeth Sullivan estava morrendo e com dores terríveis, a decisão unânime foi de que o dr. Thomas A. Kendricks não agiu contra a ética profissional quando reforçou a dose do sedativo.

Alguns dias depois da reunião, Phil Roswell, membro do comitê, disse a R. J. que não houve debate.

– Que diabo, vamos ser francos. Nós todos fazemos isso para apressar um fim misericordioso quando está próxima a morte inevitável – disse Roswell. – Tom não estava tentando esconder um crime, ele anotou a ordem honestamente, na papeleta. Se nós o punirmos, teremos de punir a nós mesmos e à maioria dos médicos que conhecemos.

Nat Rourke, numa conversa muito particular com o promotor, ficou sabendo que Wilhoit não pretendia levar o caso de Elizabeth Sullivan ao grande júri.

Tom exultou. Queria virar uma página da sua vida, ansioso para resolver o divórcio e começar o novo casamento.

O espetáculo dos mendigos que ela via por toda a parte exacerbava o descontentamento de R. J. Nascida e criada em Boston, ela amava a cidade, mas agora não conseguia mais olhar para aqueles infelizes. Ela os via na cidade toda, remexendo nas latas e nos depósitos de lixo, carregando tudo que possuíam nos carrinhos roubados dos supermercados, dormindo em engradados de madeira ou

nas frias áreas de carga e descarga das docas, fazendo fila para a sopa da caridade na Tremont Street, ocupando os bancos das praças e em outros lugares públicos.

Para ela, os sem-teto eram um problema de saúde. Nos anos 1970, os psiquiatras tinham lutado para esvaziar os manicômios onde os doentes mentais se amontoavam em condições vergonhosas. A ideia era de que os pacientes deviam ser libertados para viver em harmonia com os sãos, como estava sendo feito com sucesso em vários países da Europa. Mas na América os centros de saúde mental da comunidade, criados para servir os pacientes liberados dos asilos, falharam devido à insuficiência de fundos. Os pacientes se espalharam. Era impossível para os assistentes sociais localizar alguém que dormia numa caixa de papelão uma noite e na noite seguinte, a quilômetros de distância, sobre um bueiro na rua. Por todo o país, alcoólatras, viciados em drogas, esquizofrênicos e todo o tipo de doentes mentais formavam um exército de desabrigados. Muitos deles recorriam à mendicância, outros faziam discursos em voz alta nas estações do metrô, contando histórias tristes, outros sentavam encostados na parede de um prédio com uma caneca ou um boné virado para cima e cartazes mal escritos anunciando seus pedidos: *Trabalho por comida. Quatro filhos em casa*. R. J. leu um estudo estimado segundo o qual 95 por cento dos mendigos dos Estados Unidos eram viciados em drogas ou álcool e que alguns ganhavam cerca de trezentos dólares por dia em esmolas e gastavam tudo para alimentar o vício. Com uma sensação de culpa, ela pensou nos cinco por cento que não eram viciados, apenas desempregados e sem-teto. Mesmo assim ela se recusava a dar esmolas e ficava furiosa quando via alguém jogar uma moeda na caneca ou no boné em vez de procurar fazer pressão política no sentido de tirar os desabrigados das ruas e dar a eles uma assistência adequada.

Não eram só os desabrigados. Todos os ingredientes da sua existência na cidade a irritavam – o fim do casamento, a despersonalização da profissão, a burocracia da papelada, o tráfego, o fato de que detestava trabalhar num lugar em que Allen Greenstein a havia vencido na escolha para a vaga de assistente do departamento médico.

Tudo se misturava para formar um amargo coquetel. Aos poucos compreendeu que estava na hora de uma mudança drástica de vida, na hora de sair de Boston.

As duas comunidades médicas com programas que permitiam a luta por interesses ecléticos como o seu eram as de Baltimore e Filadélfia. R. J. enviou cartas para Roger Carleton, na Johns Hopkins, e para Irving Simpson, na Penn, perguntando se estariam interessados nos seus serviços para essas universidades.

Há muito tempo ela havia deixado uma semana livre na sua agenda da

primavera, sonhando com St. Thomas. Em vez disso, numa tarde quente de sexta-feira, saiu mais cedo do hospital e foi para casa fazer a mala com poucas coisas que podia usar no campo. Precisava se desfazer da propriedade de Berkshire.

Estava entrando no carro quando lembrou das cinzas de Elizabeth. Voltou e apanhou a caixa em cima da cômoda no quarto de hóspedes.

Não teve coragem de pôr as cinzas na mala do carro, junto com a bagagem. Mais uma vez a pequena caixa ficou no banco da frente ao seu lado encostada na capa de chuva dobrada para não cair com uma freada mais brusca.

Entrou então na Massachusetts Pike e apontou o BMW para oeste.

WOODFIELD

Mesmo antes de concluírem a reforma da casa georgiana de Brattle Street e de comprarem todos os móveis que queriam, o casamento com Tom começou a se desfazer. Quando encontraram uma casa encantadora nas montanhas de Berkshire, na cidade de Woodfield, região oeste de Massachusetts, perto da divisa com Vermont, eles a compraram e usaram como um projeto de férias para reencontrarem a antiga “união” entre eles. A casa de madeira pequena e amarela sobrevivia há mais ou menos oitenta e cinco anos ao lado de um antigo celeiro de tabaco que começava a desmoronar como seu casamento. Eram três hectares e meio de campos e dezenove de bosques cerrados de New England, e o Catamount, um dos três pequenos rios montanhosos de Woodfield, atravessava a floresta e a campina.

Tom contratou uma firma para fazer uma piscina natural numa parte úmida do pasto, e a máquina de terraplenagem desenterrou os restos de um bebê. O tecido conjuntivo há muito tinha desaparecido. O que restou podia ser confundido com ossos de galinha, a não ser pelas três partes separadas do pequeno crânio humano, como um cogumelo delicado. Não havia nenhuma laje marcando o lugar e a terra era muito pantanosa para que ali tivesse havido um cemitério. O achado provocou sensação no lugar. Ninguém sabia como o feto tinha ido parar ali.

Talvez o bebê enterrado fosse índio. O médico-legista disse que os ossos eram antigos. Não seculares, mas certamente muito antigos.

Ao lado dos ossos encontraram um pequeno prato de cerâmica. Depois de lavado, apareceram algumas letras em cores muito desbotadas. Não era possível ler o que estava escrito. A maior parte das letras tinha desaparecido. O que sobrava era *ah* e *od*. E *o* e outra vez *od*. Os outros ossos jamais foram encontrados. O legista do condado conseguiu recompor uma boa parte do esqueleto, o suficiente para determinar que era um feto quase a termo, mas o sexo não foi determinado. O chefe de polícia do condado levou os ossos, mas quando R. J. perguntou se podia ficar com o prato, ele deu de ombros e concordou. Desde então, o prato de cerâmica estava no aparador da sala.

*

A Massachusetts Turnpike não tem nada de especial para ser visto em quase toda sua extensão. Só quando saiu dela, perto de Springfield, seguindo para o norte na I-91, R. J. viu as montanhas baixas e redondas e começou a se sentir bem. Elevarei meus olhos para as montanhas, de onde virá a minha ajuda. Em mais meia hora de viagem chegou às montanhas, subindo as estradas sinuosas e onduladas, passando por fazendas e florestas, até entrar na Laurel Hill Road e começar a descer a pequena estrada cheia de curvas que levava à casa de madeira, quase encostada na floresta, no outro lado da campina.

Ela e Tom não iam à casa de campo desde o último outono. Quando R. J. abriu a porta sentiu o ar pesado e levemente ácido. Viu o excremento no parapeito da janela da sala, como fezes de camundongo, porém maiores, e sentiu voltar a sensação desagradável que a atormentava há dias. Havia um rato na casa. Mas num canto da cozinha encontrou os restos secos de um morcego. A primeira coisa que fez foi varrer as fezes e o morcego e jogar tudo fora. Ligou a geladeira, abriu as janelas para arejar a casa e tirou do carro as duas caixas do supermercado e um isopor com gelo com os alimentos perecíveis. Com fome, mas sem grandes ambições, preparou um jantar com o tomate duro e sem gosto do supermercado, um pãozinho, duas xícaras de chá e um pacote de biscoitos de chocolate.

Limpando as migalhas da mesa, R. J. se deu conta de que tinha esquecido Elizabeth.

Foi até o carro, apanhou a caixa e a pôs sobre a moldura da lareira. Precisava desempenhar a tarefa que Elizabeth lhe havia confiado, descobrir um belo lugar para enterrar as cinzas. Saiu outra vez e entrou no bosque. Mas depois de poucos passos, parou, era muito escuro e fechado. O único modo de fazer um reconhecimento era passar por cima ou por baixo de árvores caídas e atravessar arbustos e amoreiras silvestres. Mas alguma coisa nela não estava pronta para isso, portanto voltou rapidamente e seguiu a pé pelo caminho de cascalho que levava à Laurel Hill Road. Era uma estrada asfaltada com quase cinco quilômetros de extensão, com subidas e descidas nas encostas das montanhas. Era bom andar. Depois de caminhar por dois quilômetros, chegou à pequena casa de fazenda, com um enorme celeiro vermelho, de Hank e Freda Krantz, de quem ela e Tom tinham comprado a casa de campo. R. J. voltou antes de chegar à porta porque não queria responder a perguntas sobre Tom e explicar o fim do casamento.

O sol começava a desaparecer quando ela voltou e o ar estava frio e cortante. R. J. deixou só uma janela aberta. Com a lenha seca que encontrou no

galpão, acendeu um pequeno fogo na lareira e a casa logo se aqueceu. Com a chegada da noite, o coaxar estridente das rãs no canal de drenagem do pequeno açude chegava até ela pela janela aberta. R. J. sentou no sofá, olhando para o fogo e tomando café quente e forte com açúcar suficiente para manter o pequeno excesso de peso.

Na manhã seguinte ela dormiu até tarde, preparou ovos para o desjejum e depois se entregou à atividade frenética de limpar a casa. Como raramente fazia isso, era uma distração e era com prazer que manejava o aspirador, varria, tirava o pó. Lavou todas as panelas mas apenas alguns pratos e outros utensílios que ia usar.

Sabia que os Krantz almoçavam ao meio-dia em ponto e esperou até 1:15 para caminhar até a casa e bater à porta.

– Ora, vejam quem está aqui – disse Hank Krantz com voz sonora. – Entre, entre.

Eles a receberam na cozinha e Freda Krantz, sem perguntar se ela queria, serviu uma xícara de café e uma fatia da metade do bolo que estava no armário.

R. J. não os conhecia muito bem. Só os via em suas raras visitas, mas viu o sentimento sincero nos olhos deles quando falou do divórcio e perguntou qual seria o melhor modo de vender a casa e as terras.

Hank Krantz coçou o rosto.

– Você pode procurar a corretora de imóveis em Greenfield ou Amherst, é claro, mas hoje em dia todos estão vendendo por intermédio de um homem chamado Dave Markus, aqui da cidade. Ele anuncia e consegue bons preços. E é honesto. Nada mau para um homem de Nova York.

Disseram como chegar à casa de Markus. R. J. seguiu de carro, primeiro pela rodovia estadual, depois por uma série de estradas de cascalho esburacadas que não faziam nenhum bem ao seu BMW. Num campo de trevo um belo cavalo Morgan, marrom com focinho branco, correu ao lado do carro no outro lado da cerca e depois passou na frente, a cauda e a crina esvoaçando ao vento. Viu a placa de corretor de imóveis no lado de fora de uma bela casa de toras de madeira com uma vista esplêndida. Uma segunda tabuleta a fez sorrir:

M E L

Estou apaixonado por você

Vidros com mel cor de âmbar estavam enfileirados em duas velhas estantes de livros, na varanda. Lá dentro o rádio tocava a todo volume um rock do The

Who. Uma jovem de cabelos longos e negros atendeu à porta. Sardenta, seios grandes e um rosto de anjo atrás dos óculos de lentes grossas, ela segurava um chumaço de algodão sobre uma espinha no queixo pontudo.

– Oi, eu sou Sarah, meu pai não está. Só volta à noite. – Anotou o nome e o telefone de R. J. e garantiu que o pai ia telefonar. Enquanto R. J. comprava um vidro de mel, o cavalo relinchava atrás da cerca.

– Ele é tão intrometido – disse a garota. – Quer dar açúcar para ele?

– Claro.

Sarah Markus deu a ela dois cubos de açúcar e juntas foram até a cerca. R. J. estendeu os cubos timidamente e os dentes grandes e quadrados do cavalo não tocaram sua palma, mas a sensação da língua áspera a fez sorrir.

– Qual é o nome dele?

– Chaim. É judeu. Meu pai escolheu o nome de um escritor.

R. J. começava a relaxar quando acenou um adeus para a garota e para o cavalo e voltou para a estrada ladeada por árvores altas e muros de pedra.

Na rua principal de Woodfield havia um correio e quatro lojas Hazel's, aparentemente sem conseguir se definir como loja de ferragens ou de presentes, Buell's, uma oficina especializada de automóveis, Sotheby's, um armazém de produtos em geral (Est. 1842), e Terry's, uma moderna loja de conveniência com duas bombas de gasolina na frente. R. J. preferiu o armazém. Frank Sotheby tinha uma peça de queijo cheddar envelhecido e ardido que dava água na boca. Ele vendia xarope de bordo, cortava a carne e fazia as salsichas, doces e quentes.

Não tinha balcão para os fregueses.

– Quer me fazer um sanduíche de cheddar com pão de hambúrguer?

– Por que não? – disse o dono da loja. Cobrou um dólar e cinquenta por um Crush de laranja. R. J. almoçou sentada no banco da varanda do armazém, vendo a cidadezinha passar. Depois voltou para a loja e ignorando seu cuidado com o colesterol, comprou carne para bife, salsicha doce e um pedaço do bom queijo.

À tarde, vestiu a roupa mais velha que tinha levado, calçou botas e entrou no bosque. Era um outro mundo, mais fresco, escuro, silencioso, só com o som do vento passando pelos bilhões de folhas, um farfalhar delicado que às vezes aumentava de volume como as ondas quebrando na praia, fazendo com que se sentisse santificada e também com um pouco de medo. R. J. achava que o barulho que ela fazia, ao pisar nos galhos secos que estalavam e, de um modo geral, ao mover-se desajeitadamente na floresta fechada, devia assustar os animais de grande porte e os monstros. Uma vez ou outra chegava a uma pequena clareira que aliviava um pouco a tensão, mas não encontrou nenhum lugar que convidasse ao descanso.

Acompanhou um regato até o rio Catamount. Calculou que devia estar perto

da metade da sua propriedade e continuou seguindo o rio. A margem era coberta de folhagem como o bosque, o que dificultava a caminhada. Apesar do ar fresco da primavera, R. J. estava suando e exausta e, quando chegou a uma grande rocha de granito que se projetava da margem até a água, sentou para descansar. Viu pequenas trutas nadando perto da superfície, ao abrigo da rocha, às vezes movendo-se em grupo como um esquadrão de aviões de combate. A água naquela extremidade do remanso formava ondas e corria veloz com a neve derretida. R. J. deitou na rocha sob o sol quente, observando os peixes. Uma vez ou outra sentia respingos como um murmúrio de gelo no rosto.

Ficou lá até se sentir exausta, depois voltou pela floresta, deitou no sofá e dormiu duas horas seguidas. Quando acordou, fritou batata, cebola e pimentão, fez o bife ao ponto e comeu tudo, terminando com chá adoçado com mel. Quando a última luz se retirou do céu, ela estava sentada na frente do fogo com uma xícara de café, ouvindo outro concerto das rãs e então o telefone tocou.

- Dra. Cole, meu Deus, é o Hank. Freda levou um tiro, meu rifle disparou...
- Onde é o ferimento?
- Na parte superior da coxa. Está sangrando muito, como uma bomba.
- Apanhe uma toalha limpa e pressione o ferimento com força. Estou indo.

VIZINHOS

R. J. estava de férias. Não tinha levado a maleta com os instrumentos. As rodas do carro atiravam as pedras para os lados e os faróis altos desenhavam sombras estranhas quando o BMW saiu da estrada para o caminho que levava à casa dos Krantz, os pneus esquerdos amassando a grama que Hank Krantz tratava com tanto cuidado. Parou na frente da porta e entrou sem bater. O rifle estava sobre uma folha de jornal na mesa da cozinha, com pedaços de pano, uma vareta e uma latinha de óleo.

Freda, muito pálida, estava deitada sobre o lado esquerdo, numa poça de sangue. Abriu os olhos para R. J. Hank tinha abaixado a calça jeans dela e estava ajoelhado segurando a toalha saturada de sangue contra a coxa ferida. Suas mãos e as mangas da camisa estavam manchadas de sangue.

– Meu Deus. Deus do céu, veja o que eu fiz.

Estava apavorado, mas controlado.

– Eu chamei a ambulância – ele disse.

– Ótimo. Apanhe outra toalha. Ponha sobre essa e continue segurando.

R. J. ajoelhou e levou os dedos na parte superior da virilha, perto dos pelos púbicos negros que apareciam através da calcinha de algodão de Freda. Sentiu a pulsação da artéria femoral, pôs a palma sobre o lugar e apertou com força. Freda era uma mulher grande e pesada e anos de trabalho no campo tinham reforçado seus músculos. R. J. teve de fazer muita força para comprimir a artéria. Freda abriu a boca para gritar, mas só conseguiu gemer.

– Desculpe... – Mantendo a pressão com os dedos da mão esquerda, com a direita ela procurou a saída da bala sob a coxa. Quando a encontrou, Freda estremeceu.

R. J. estava tomando o pulso no pescoço de Freda, quando ouviram a sirene estridente e selvagem da ambulância. Dois veículos pararam na frente da casa e as portas bateram. Três pessoas entraram, um policial corpulento e um homem e uma mulher com jaquetas de poliéster vermelho. A mulher carregava um tanque portátil de oxigênio.

– Eu sou médica. Ela levou um tiro, está com o fêmur quebrado e a artéria está comprometida, talvez seja grave. Há um orifício de entrada e outro de saída.

O pulso é de 119, e muito irregular.

O paramédico disse.

– Sim, pode entrar em choque. Perdeu muito sangue – disse, olhando para o chão. – Pode continuar pressionando esse ponto, doutora?

– Sim, eu posso.

– Ótimo, faça isso. – Ele ajoelhou no outro lado de Freda e sem perder tempo começou a fazer um rápido exame. Ele era grande, gordo e jovem, pouco mais do que um garoto, mas com mãos rápidas e eficientes.

– Foi só um tiro, Hank? – ele perguntou.

– Sim – Hank Krantz respondeu zangado, irritado com a insinuação da pergunta.

– Sim, um orifício de entrada e um de saída – disse o paramédico, terminando o exame.

A mulher, pequena e loura, já tinha tirado a pressão de Freda.

– Oitenta e um por cinquenta e sete – ela disse e o paramédico inclinou a cabeça afirmativamente. Ela instalou a unidade portátil de oxigênio e cobriu a boca e o nariz de Freda com uma máscara para impedir a volta da respiração. Então cortou a calça jeans e a calcinha, cobriu Freda com uma toalha e retirou a meia e o tênis. Segurando o pé descalço com as duas mãos, a paramédica começou a puxar com movimentos regulares e vigorosos.

O paramédico prendeu um gancho em volta do tornozelo de Freda.

– Isto vai ser difícil, doutora – ele disse. – Temos de ir até em cima com a tala, passando por sua mão. Vai ter de tirar a mão por alguns segundos.

Assim que R. J. tirou a mão, o sangue começou a ser bombeado para fora outra vez. Trabalhando rapidamente, os técnicos se concentraram na tarefa de imobilizar a perna com uma tala de tração Hare, uma armação de metal que se adapta perfeitamente à virilha numa ponta, e se estende até além do pé. Logo que foi possível, R. J. voltou a pressionar a artéria femoral e a hemorragia parou. A tala foi presa à coxa com tiras fortes e na outra extremidade presa ao gancho no tornozelo. Uma pequena roldana permitiu aos técnicos esticar a tala, de modo que a tração manual não era mais necessária.

Freda suspirou e o paramédico balançou a cabeça afirmativamente.

– Sim, imagino que está muito melhor, não está?

Ela fez que sim com a cabeça mas gritou quando ele a levantou do sofá e estava chorando quando a puseram na maca com rodas. Saíram da casa, Hank e o policial nos dois lados da frente da maca, o paramédico atrás da cabeça de Freda, a mulher loura carregando o tanque portátil de oxigênio e R. J. tentando manter a força da pressão enquanto andava.

Puseram a maca na ambulância e a prenderam no chão. A mulher loura

ligou a máscara do tanque portátil ao tanque da ambulância, ergueram as pernas dela e a cobriram com cobertores para evitar o choque profundo.

– Estamos com uma pessoa a menos na equipe. Quer vir conosco? – o paramédico perguntou a R. J.

– Claro – ela disse, e ele concordou com um gesto.

A mulher dirigiu a ambulância, com Hank sentado ao seu lado. Quando se afastaram da casa, a paramédica disse no rádio que tinham apanhado a paciente e estavam a caminho do hospital. O carro da polícia foi na frente, com a luz girando na capota e a sirene ligada desenhando uma fita longa de som. As luzes externas da ambulância ficaram acesas durante todo o tempo em que o veículo esteve parado e agora a paramédica ligou uma sirene de dois tons, alternando um uup-uup-uup com um i-auu, i-auu, i-auu.

Era difícil para R. J. manter a pressão no local exato, de pé na ambulância que saltava, rabeava e dançava perigosamente nas curvas.

– Ela está sangrando outra vez – ela disse.

– Eu sei. – O paramédico já estava preparando o que parecia um traje espacial, cheio de cabos e tubos. Mediu a pressão de Freda rapidamente, o pulso e a respiração e depois comunicou-se com o hospital pedindo permissão para usar a calça MAST. Depois de uma breve conversa, foi dada permissão e R. J. o ajudou a vestir a calça sobre a tala. O ar sibilou quando foi bombeado para dentro da perna do traje que inflou e ficou rígido.

– Eu adoro esta coisa. Já usou alguma vez, doutora?

– Não sei muito de emergência médica.

– Bem, ela faz tudo de uma vez – disse o homem. – Para a hemorragia, reforça a tala Hare para estabilizar a perna e empurra o sangue para cima, para o coração e para o cérebro. Mas precisamos permissão do controle médico porque, se houver hemorragia interna, provocará uma explosão, empurrando todo o sangue para a cavidade abdominal. – Verificou se tudo estava bem, depois sorriu e estendeu a mão. – Steve Ripley.

– Eu sou Roberta Cole.

– Nossa motorista demoníaca é Toby Smith.

– Oi, doutora! – A motorista não tirou os olhos da estrada, mas no retrovisor, R. J. viu o sorriso simpático.

– Oi, Toby – ela disse.

Freda foi levada pelos enfermeiros e enfermeiras que esperavam na entrada da emergência. Os dois paramédicos trocaram os lençóis sujos de sangue da maca por outros limpos, desinfetaram a maca e a arrumaram antes de levá-la

para a ambulância. Depois sentaram na sala de espera com R. J., Hank e o policial que se apresentou como Maurice A. McCourtney, chefe de polícia de Woodfield.

– Todos me chamam de Mack – ele disse solenemente.

Os quatro pareciam exaustos. Seu trabalho estava feito e agora vinha a reação.

Hank Krantz queria que todos compartilhassem o seu remorso. Foram os coiotes, ele disse, estavam rodeando a fazenda há mais de uma semana. Ele resolveu limpar sua espingarda de caça e matar uns dois deles, para que os outros fossem embora.

– Winchester, não é? – perguntou McCourtney.

– Isso mesmo, uma velha Winchester 94, ação de alavanca. Tenho essa arma há uns dezoito anos e nunca tive um acidente com ela. Eu a deixei cair na mesa com alguma força e ela disparou.

– Não estava travada? – perguntou Steve Ripley.

– Bem, Jesus, eu nunca deixo uma bala no tambor. Sempre esvazio aquela droga quando acabo de usar. Devo ter esquecido dessa vez, como ando esquecendo tudo ultimamente. – Olhou zangado para o policial. – E você, Ripley, como ousa perguntar se Freda tinha levado mais de um tiro. Pensou que eu tinha atirado na minha mulher?

– Escute. Ela estava lá no chão, sangrando daquele jeito. Eu precisava saber rapidamente se havia outro ferimento para ser tratado.

A zanga passou.

– É, e eu não devia estar reclamando de nada. Vocês salvaram a vida dela, eu espero.

Ripley balançou a cabeça.

– Quem salvou a vida dela de verdade foi aqui a doutora. Se ela não tivesse encontrado o ponto de pressão, estaríamos muito tristes agora.

Krantz olhou para R. J.

– Nunca vou esquecer. – Balançou a cabeça. – Veja o que eu fiz para a minha Freda.

Toby Smith inclinou para a frente e depois de bater de leve na mão de Krantz, ficou com a mão sobre a dele.

– Escute, Hank, nós todos erramos. Nós todos cometemos erros idiotas. Toda essa culpa que você está amontoando não vai ajudar Freda nem um pouco.

O chefe de polícia franziu a testa.

– Você não tem mais um rebanho de vacas leiteiras. Só alguns animais para o corte, certo? Acho que coiotes não iam querer atacar um animal desse tamanho.

– Não, eles não atacam os animais de corte. Mas eu comprei quatro bezerros na semana passada, de Bernstein, aquele negociante de gado de Pittsfield.

McCourtney concordou balançando a cabeça.

– Então, isso explica os coiotes. Eles podem fazer o diabo com um bezerro, mas não com uma novilha.

– Isso mesmo, geralmente eles deixam as novilhas em paz – concordou Hank.

McCourtney foi embora porque o carro precisava fazer a patrulha em Woodfield.

– Vocês também precisam voltar ao trabalho – Hank disse para Ripley.

– Bem, a cidade vizinha pode dar uma cobertura para nós por algum tempo. Vamos esperar. Você vai querer falar com o médico.

Só uma hora e meia depois o cirurgião saiu da sala de cirurgia. Disse a Hank que tinha suturado a artéria e fixado um pino de metal para unir as partes quebradas do fêmur.

– Ela vai ficar bem. Deve ficar aqui alguns dias. De cinco dias a uma semana.

– Posso vê-la?

– Ela está na sala de recuperação. Vai passar toda a noite sob ação de sedativos. É melhor você ir para casa e dormir um pouco. Pode vê-la de manhã. Quer que eu mande um relatório para seu médico?

Hank fez uma careta.

– Bem, no momento não temos nenhum. Nosso médico se aposentou.

– Quem era ele, Hugh Marchant, na High Street?

– Sim, o dr. Marchant.

– Pois arranje outro, depois me informe que eu mando o relatório.

A caminho de casa, R. J. perguntou:

– Por que vocês vinham tão longe para consultar o médico?

– Porque não há nenhum mais perto. Há vinte anos não temos médico em Woodfield, desde que o velho doutor morreu.

– Como era o nome dele?

– Thorndike.

– Sim. Várias pessoas falaram nele logo depois que comprei a casa.

– Craig Thorndike. Todos adoravam aquele homem. Mas depois que ele

morreu nenhum outro médico veio para Woodfield.

Era quase meia-noite quando a ambulância deixou Hank e R. J. na entrada da casa dos Krantz.

– Você está bem? – ela perguntou.

– Estou. Sei que não vou dormir. Tenho certeza. Acho que vou limpar aquela desordem na cozinha.

– Eu ajudo.

– Não, nem pense nisso – ele disse com firmeza e de repente R. J. ficou satisfeita porque estava muito cansada.

Ele hesitou.

– Eu agradeço muito. Só Deus sabe o que teria acontecido se você não estivesse aqui.

– Estou feliz por estar. Trate de descansar um pouco agora.

As estrelas brilhavam grandes e brancas no céu. A noite guardava a lembrança do gelo, um frio de primavera, mas no carro, a caminho de casa, R. J. estava aquecida.

O CHAMADO

Na manhã seguinte ela acordou cedo e ficou deitada, revivendo os eventos da noite anterior. Imaginou que o bando de coiotes que Hank queria dispersar devia estar procurando caça em outro lugar, porque pela janela do quarto podia ver três gamos de cauda branca pastando na campina, balançando as caudas enquanto comiam o trevo. Um carro apareceu na estrada e as caudas se ergueram como bandeiras brancas de alarme. Quando o carro passou, abaixaram e os gamos continuaram a comer.

Dez minutos depois surgiu um garoto numa motocicleta e os animais fugiram para a floresta com saltos longos e assustados, ao mesmo tempo cheios de força e delicados.

Levantou, telefonou para o hospital e foi informada de que o quadro de Freda era estável.

Era domingo. Depois do café, R. J. foi de carro até o Sotheby's onde comprou o *New York Times* e o *Boston Globe*. Quando estava saindo do armazém, encontrou Toby Smith.

– Muito bem, você parece bem descansada depois de ficar acordada e trabalhando até tarde.

– Na verdade, não estou acostumada a dormir muito tarde. Tem um ou dois minutos, Toby?

– Claro.

Toby foi para a varanda do armazém e sentou no banco de madeira.

– Quero que me fale sobre o serviço de ambulância – disse R. J.

– Bem... vou fazer um histórico. Começou logo depois do fim da Segunda Guerra. Algumas pessoas que serviram nas Forças Armadas como enfermeiros da linha de frente voltaram para casa, compraram material excedente do serviço de ambulância do exército e começaram a servir a cidade. Depois de algum tempo o estado começou a fazer testes para expedir certificados de técnicos em urgência médica e assim nasceu um sistema de educação contínua. Os paramédicos devem se manter atualizados com o desenvolvimento da urgência médica e renovar o certificado a cada ano. Aqui na cidade temos quatorze técnicos formados, todos voluntários. É um serviço gratuito para toda a

população de Woodfield. Usamos *paggers* e atendemos as emergências de toda a cidade vinte e quatro horas por dia. O ideal é ter três pessoas na equipe, em cada chamado, uma para dirigir a ambulância, duas que vão atrás com o paciente. Mas a maior parte das vezes temos só duas, como na noite passada.

– Por que é um serviço gratuito? – perguntou R. J. – Por que não cobram das empresas de seguros-saúde o transporte dos clientes para o hospital?

Toby olhou para ela com um leve sorriso.

– Não temos grandes empregadores nas cidades das montanhas. Quase todos trabalham por conta própria e ganham apenas para sobreviver – lenhadores, carpinteiros, agricultores, artesãos. Uma grande parte da população não tem seguro-saúde. Eu não teria se meu marido não trabalhasse para o governo federal como guarda-florestal. Eu trabalho também como contadora *free-lancer* e não poderia pagar os prêmios do seguro.

R. J. balançou a cabeça e suspirou.

– Acho que não é muito diferente do que acontece nas cidades, no que se refere ao serviço médico.

– Muita gente vive torcendo para não ficar doente nem se acidentar. Dá para morrer de medo mas é como a maioria deles faz.

Toby disse que o serviço de ambulância tinha um papel importante na comunidade.

– O povo aprecia realmente o nosso trabalho. O médico mais próximo, na direção leste, está em Greenfield. A oeste, há um clínico geral chamado Newly, a cinquenta quilômetros daqui, perto de Dalton, na rodovia 9. – Toby olhou para ela e sorriu. – Por que não vem morar aqui para ser a nossa médica?

R. J. retribuiu o sorriso.

– Parece pouco provável.

Mas, quando voltou para casa, estudou por algum tempo um mapa da região. Havia onze pequenas cidades e povoados na área em que, como disse Toby Smith, não havia nenhum médico residente.

Naquela tarde ela comprou uma planta – violeta africana com flores azuis – e levou para Freda no hospital. Freda estava ainda no período pós-operatório e não podia falar muito, mas Hank Krantz ficou reconfortado com a visita de R. J.

– Eu estava querendo mesmo perguntar uma coisa – ele disse. Quanto eu devo pela noite passada?

R. J. balançou a cabeça.

– Eu estive lá como vizinha mais do que como médica. – Freda olhou para ela e sorriu.

R. J. voltou para Woodfield dirigindo devagar, deliciando-se com a vista das fazendas e das montanhas.

Quando o sol começava a se pôr, o telefone tocou.

– Dra. Cole? Aqui é David Markus. Minha filha disse que passou por aqui ontem. Sinto muito não estar em casa.

– Sim, sr. Markus. Eu queria conversar sobre a venda da minha casa e das terras.

– Podemos conversar. Quando posso ir à sua casa?

– Bem, o caso é que... Eu ainda posso resolver vender, mas de repente não tenho mais certeza. Tenho de pensar mais um pouco.

– Muito bem, não se apresse. Pense no assunto.

Uma voz agradável e simpática, pensou ela.

– Mas gostaria de falar com o senhor sobre outra coisa.

– Compreendo – ele disse, mas evidentemente não compreendia.

– A propósito, o senhor faz um mel maravilhoso.

R. J. sentiu o sorriso dele no telefone.

– Obrigado, vou dizer para as abelhas. Elas adoram ouvir coisas como essa, embora fiquem loucas de raiva quando eu fico com todo o crédito.

A segunda-feira amanheceu nublada, mas R. J. tinha uma tarefa importante a cumprir. Enfrentou corajosamente outra vez a floresta, ganhando o arranhão de um espinho no pescoço e vários outros nas costas das mãos. Quando chegou ao rio, seguiu a corrente o mais perto possível da margem que às vezes era bloqueada por roseiras silvestres e framboesas e espinheiros. Continuou até o limite das suas terras estudando vários locais com atenção. Finalmente escolheu uma clareira onde o sol entrava e que estava coberta de relva com os galhos espessos de um vidoeiro pendentes sobre uma pequena queda d'água que formava um pequeno remanso. Depois de outra viagem tortuosa através do bosque, voltou com a pá que estava dependurada num prego no celeiro e a caixa com as cinzas de Elizabeth.

Fez uma cova profunda entre duas raízes grossas da árvore e despejou nela as cinzas da caixa. Na verdade eram apenas fragmentos de ossos. Nas chamas famintas do crematório, a carne de Betts Sullivan tinha vaporizado, desaparecido, voando para algum outro lugar, exatamente como R. J. imaginava, quando era pequena, que voavam as almas que se libertam do mundo.

Cobriu as cinzas com terra e amassou com os pés, suavemente. Então,

preocupada com a ideia de que algum animal pudesse cavar o lugar, procurou uma pedra redonda, lavada pela água do rio, quase grande demais para suas forças, e levantando-a e deixando-a cair, a rolou para cima da cova. Agora Betts era parte daquela terra. O mais estranho era que cada vez mais R. J. também se sentia como parte dela.

Passou os dois dias seguintes investigando, colhendo informações, tomando notas, fazendo cálculos e estimativas. David Markus era um homem grande e calmo, de quase cinquenta anos, com traços fortes e marcantes formando um conjunto interessante que lembrava Lincoln (como podiam achar que Lincoln era feio?, ela se perguntava). Tinha o rosto grande, o nariz proeminente, um pouco curvo, uma cicatriz no canto do lábio superior e olhos castanhos que sorriam com facilidade. Sua roupa de trabalho era calça Levis desbotada, uma jaqueta New England Patriots e o cabelo castanho longo e preso num inverossímil rabo de cavalo.

R. J. foi à prefeitura e falou com uma mulher, membro do conselho da cidade, chamada Janet Cantwell, idosa, magra com olhos cansados, vestida com calça jeans, mais usada e desbotada que a de Markus, e uma camisa branca de homem, com as mangas arregaçadas até os cotovelos. R. J. percorreu a pé toda a Main Street, estudando as casas e as pessoas que passavam por ela, bem como o fluxo do tráfego. Foi ao centro médico em Greenfield e falou com o diretor do hospital, depois sentou na lanchonete e conversou com vários médicos enquanto almoçavam.

Depois, fez a mala, entrou no carro e foi para Boston. Quanto mais se afastava de Woodfield, mais sentia que tinha de voltar para lá. Sempre que alguém dizia que tinha recebido um “chamado”, R. J. achava que fosse apenas um eufemismo romântico. Mas via agora que era possível ser dominada por uma compulsão tão poderosa que não podia ser negada.

Melhor ainda – essa sua obsessão tinha um ótimo sentido, em termos práticos, para o resto da sua vida.

Tinha ainda alguns dias de férias e aproveitou para relacionar as coisas que teria de fazer. E para formular seus planos.

Finalmente, telefonou para o pai e combinou um encontro para jantar.

ESCARAMUÇAS COM A LEI

Desde que podia lembrar, R. J. estava sempre discutindo com o pai, até se tornar adulta. Depois, alguma coisa doce e boa tinha acontecido, um desabrochar, um abrandamento simultâneo dos sentimentos. Da parte dele, passou a se orgulhar da filha de modo diferente, como se tivesse feito uma reavaliação de por que a amava. Para ela foi o reconhecimento de que, mesmo nos anos em que estava sempre furiosa com ele, o pai jamais deixou de lhe dar apoio.

O dr. Robert Jameson Cole era professor catedrático de imunologia na escola de medicina da Universidade de Boston. A cadeira que ocupava fora patrocinada por seus parentes distantes. R. J. nunca o viu ficar embaraçado quando alguém mencionava esse fato. A doação original foi feita quando era ele um garoto e o professor Cole era tão famoso em sua área que jamais ocorreria a alguém pensar que ocupava aquela cadeira por outro motivo que não fosse merecimento. Ele era um realizador incansável e determinado.

R. J. lembrava de ouvir a mãe dizer a uma amiga que sua filha havia desafiado o pai pelo fato de nascer mulher. Ele esperava um filho. Há séculos, os primogênitos dos Cole recebiam o nome de Robert com segundos nomes que começavam com a letra J. O dr. Cole tinha pensado muito para escolher o nome do filho – Robert Jenner Cole, o segundo nome em homenagem a Edward Jenner, o descobridor da vacinação. Quando nasceu uma menina e quando se tornou evidente que sua mulher, Bernadette Valerie Cole, não podia ter mais filhos, o dr. Cole insistiu para que o nome da filha fosse Roberta Jenner Cole, e seria chamada de Rob J. Era outra tradição da família Cole. De certa forma declarar que a criança era um novo Rob J. era declarar que acabava de nascer outro médico na família Cole.

Bernadette Cole concordou com o plano, exceto no que se referia ao segundo nome. Um nome de homem para sua filha, jamais! Assim, ela pesquisou suas origens no Norte da França e a menina foi batizada com o nome de Roberta Jeanne d’Arc Cole. O plano do dr. Cole de chamar a filha de Rob J. também falhou. Logo, para a mãe e para todos que a conheciam, ela passou a ser R. J., embora o pai, nos momentos de ternura, insistisse em chamá-la de Rob J.

R. J. cresceu num confortável apartamento no segundo andar de uma antiga casa de pedra reformada na Beacon Street, com gigantescos arbustos antigos de magnólia no jardim. O dr. Cole gostava do apartamento porque ficava a pouca distância da casa de pedra em que o médico Oliver Wendell Holmes tinha morado. Sua mulher gostava porque o aluguel era controlado e portanto dentro das possibilidades do salário de professor. Mas quando ela morreu de pneumonia, três dias depois de a filha completar 11 anos, o apartamento começou a parecer grande demais.

R. J. estudava em uma escola pública mas, com a ausência da mãe, o pai achou que ela precisava de mais controle e estrutura em sua vida do que ele podia dar e a matriculou como semi-interna numa escola em Cambridge, para onde ela ia de ônibus. Desde os 7 anos ela estudava piano mas quando entrou para a escola começou a aprender violão clássico e em dois anos estava na Harvard Square tocando e cantando com outros músicos de rua. R. J. tocava muito bem. Não tinha uma grande voz, mas era boa. Aos 15 anos ela mentiu sobre a idade e arranjou um emprego de garçonete cantora no mesmo clube do segundo andar onde Joan Baez, que também era filha de um professor universitário de Boston, tinha começado. Naquele mês de setembro R.J. fez sexo pela primeira vez, no jirau da casa de barcos do MIT, com um dos garotos da equipe de remo do MIT. Foi desagradável e doloroso e a experiência a afastou do sexo, mas não permanentemente.

E nem por muito tempo.

R. J. sempre achou que o seu segundo nome, escolhido pela mãe, tinha influenciado bastante a estruturação da sua vida. Desde pequena, estava sempre pronta para lutar por uma causa. Embora amando o pai desesperadamente, em geral era contra ele que ela lutava. O desejo de um filho Rob J. para seguir seus passos na medicina era uma pressão constante na vida da sua única filha. Talvez se não existisse, o caminho de R. J. teria sido diferente. Às vezes, quando voltava para o apartamento silencioso da Beacon Street, R. J. ia até o estúdio de trabalho do pai para ler seus livros. Neles ela aprendeu como eram os órgãos sexuais do homem e da mulher, procurando os atos sobre os quais seus contemporâneos murmuravam e riam maliciosamente. Mas R. J. foi adiante e passou para a contemplação não excitante da anatomia e da fisiologia. Do mesmo modo como seus contemporâneos se interessavam pelos nomes dos dinossauros, R. J. memorizava os ossos do corpo humano. Sobre a mesa de trabalho do pai havia uma pequena caixa de carvalho e vidro com um antigo bisturi de aço azul. A lenda da família dizia que muitas centenas de anos atrás o

bisturi pertencera a um dos antepassados de R. J., um grande cirurgião. Às vezes ela pensava que ajudar os outros como médica seria um bom modo de passar o resto da vida, mas seu pai era insistente demais e quando chegou o momento da decisão, essa insistência a fez escolher o curso preparatório para direito. Como filha de professor ela podia frequentar a Universidade de Boston sem pagar. Mas R. J. escapou dos longos séculos de tradição da família Cole ganhando três quartos de uma bolsa para a Tufts University, servindo mesas num restaurante para estudantes e duas noites por semana trabalhando no clube em Harvard Square. Ela fez direito na Universidade de Boston. A essa altura tinha seu apartamento em Beacon Hill, atrás do prédio do Senado. Via o pai regularmente, mas já estava vivendo a própria vida.

Estava no terceiro ano de direito quando conheceu Charlie Harris – Charles H. Harris, médico, um jovem alto e magro, cujos óculos de aro de tartaruga estavam sempre escorregando para a ponta do nariz longo e sardento e davam uma expressão de curiosidade aos olhos doces e cor de âmbar. Charlie estava começando sua residência médica.

R. J. nunca havia conhecido alguém tão sério e tão engraçado ao mesmo tempo. Eles riam muito juntos, mas a dedicação dele ao trabalho era desprovida de humor. Invejava a bolsa de estudos de R. J. e o fato de ela ter prazer em fazer exames, nos quais invariavelmente se saía bem. Charlie era inteligente e tinha bom temperamento para um cirurgião, mas estudar não era fácil para ele e só conseguia se esforçar árdua e obstinadamente. “Tenho de cuidar dos negócios, R. J.” Ela estudava e ele dava plantão. Estavam sempre cansados e com falta de sono e seus horários impediam que ficassem juntos tanto quanto queriam. Depois de alguns meses ela mudou da Joy Street para o estábulo reformado onde ele morava, em Charles Street, o mais barato dos dois apartamentos.

Três meses antes de se formar, R. J. descobriu que estava grávida. A princípio, ela e Charlie ficaram apavorados mas depois encantados com a ideia de serem pais e resolveram casar imediatamente. Alguns dias depois, porém, de manhã, Charlie estava estudando para a avaliação final quando de repente dobrou o corpo com uma dor lancinante no quadrante inferior esquerdo do abdome. O exame revelou a presença de pedras nos rins, grandes demais para serem expelidas naturalmente, e em vinte e quatro horas ele foi internado como paciente no hospital em que trabalhava. Foi operado por Ted Forester, o melhor cirurgião do departamento. Charlie passou muito bem na primeira fase do pós-operatório, a não ser pelo fato de não conseguir urinar. Depois de quarenta e oito

horas o dr. Forester ordenou uma cateterização e um interno inseriu o cateter que o aliviou bastante. Depois de dois dias o rim apresentou infecção. Resistindo aos antibióticos, a infecção estafilocócica entrou na corrente sanguínea e se localizou numa válvula cardíaca.

Quatro dias depois da operação, R. J. estava sentada ao lado da cama dele no hospital. Qualquer um podia ver que ele estava muito doente. Quando chegou ao hospital, ela deixou recado na portaria de que queria falar com o dr. Forester e achava que devia telefonar para a família de Charlie na Pensilvânia para que os pais dele pudessem falar com o médico.

Charles gemeu e R. J. levantou-se e lavou o rosto dele com uma toalha molhada.

– Charlie?

Segurou as mãos de Charlie entre as suas e se inclinou para examinar o rosto dele.

Alguma coisa aconteceu. Uma corrente de informações passou do corpo de Charlie para a mente dela. R. J. não sabia como e nem por quê. Não era imaginação, tinha certeza de que era real. De um modo que não podia compreender, R. J. soube, naquele momento, que não iam envelhecer juntos. Não conseguia largar as mãos dele, nem fugir, nem chorar. Ficou ali parada, inclinada sobre a cama, segurando as mãos dele com força, como para não deixá-lo partir, gravando seu rosto na lembrança enquanto ainda tinha tempo.

Ele foi enterrado num cemitério grande e feio em Wilkes-Barre. Depois do funeral, R. J. sentou na cadeira de veludo canelado da sala de estar dos pais dele, enfrentando os olhares e as perguntas de estranhos, até poder fugir. No pequeno banheiro do avião que a levava de volta para Boston, teve uma crise de náusea e vômito. Durante vários dias ela pensava constantemente em como seria o filho de Charlie. Talvez o sofrimento a tenha derrubado ou talvez o que aconteceu teria acontecido mesmo que Charles estivesse vivo. Quinze dias depois da morte dele, R. J. perdeu o bebê num aborto natural.

Na manhã do exame para registro na ordem dos advogados, ela sentou numa sala repleta de homens e mulheres tensos e nervosos. Sabia que Charlie teria dito para ela cuidar dos negócios, formou mentalmente um escudo de gelo do tamanho de uma pessoa e entrou dentro dele. Com frieza, afastou da lembrança a dor, o desconforto e todo o resto, concentrando a atenção nas muitas e difíceis perguntas do exame.

R. J. manteve a proteção do escudo de gelo quando foi trabalhar para Wigoder, Grant & Berlow, uma antiga firma de advocacia, com três andares de escritórios num bom edifício na State Street. Não havia mais um Wigoder. Harold Grant, o diretor administrativo, era rabugento, seco e calvo. George Berlow, que chefiava a parte de testamentos e fideicomisso, era barrigudo e tinha o rosto vermelho de uísque cheio de capilares azuis. Seu filho, Andrew Berlow, 40 e poucos anos e gênio afável, era diretor do departamento de bens imobiliários. R. J. começou fazendo pesquisa e preparando contratos de locação, um trabalho de rotina, que exigia o uso constante do computador. Era tedioso e pouco interessante e no fim de dois meses ela disse isso a Andy Berlow. Ele ouviu e disse secamente que era trabalho de base, uma boa experiência. Na semana seguinte ele a deixou acompanhá-lo ao tribunal, mas nem assim ela se entusiasmou. R. J. achou que era porque estava deprimida e procurou se aplicar no trabalho.

Não fazia cinco meses que trabalhava na Wigoder, Grant & Berlow quando R. J. desmoronou. Não foi um acidente ferroviário emocional – mais um descarrilamento temporário. Certa noite, ela e Andy estavam trabalhando até mais tarde e ela concordou em tomar um copo de vinho que acabou sendo uma garrafa e meia e os dois acabaram na cama. Dois dias depois ele a levou para almoçar e explicou nervosamente que, embora fosse divorciado, estava envolvido com uma mulher. Na verdade, vivia com ela. Berlow achou que R. J. aceitou a situação com muita classe. Na verdade, o único homem que a interessava estava morto. A lembrança fez em pedaços o cubo de gelo. Quando começava a chorar, R. J. saía do escritório e ia para casa. Berlow dava cobertura a ela, certo de que R. J. estava prostrada de amor por ele.

Ela precisava ter uma longa conversa com Charlie Harris. Era doloroso o desejo de fazer amor com ele outra vez e ela queria o filho dele, o bebê que podia ter existido. Sabia que nada disso seria possível, mas todo aquele sofrimento acabou levando-a à consciência de que poderia mudar alguma coisa em sua vida.

O CAMINHO DIFERENTE

A decisão de estudar medicina era o que seu pai sempre tinha desejado, mas o professor Cole a amava e abordou o assunto com cautela.

– É por que acha que, de certo modo, precisa tomar o lugar de Charlie? – ele perguntou gentilmente. – Quer sentir e experimentar as coisas que ele fazia?

– Em parte, sim. Tenho de admitir – disse ela. – Mas é só uma pequena parte.

R. J. tinha pensado muito no assunto e chegou a uma decisão bastante madura, compreendendo pela primeira vez que havia abafado o desejo de ser médica pela necessidade de se opor ao pai. O relacionamento dos dois ainda tinha problemas. Para ela era impossível inscrever-se na escola de medicina da Universidade de Boston, onde ele era professor. Foi aceita na Escola de Medicina e Cirurgia de Massachusetts com dependência em química orgânica, que ela resolveu fazer no curso de verão.

A ajuda a estudantes de medicina era inadequada. R. J. conseguiu um quarto de bolsa e tinha certeza de que ia acumular uma grande dívida. O pai a tinha ajudado no curso de direito, complementando a bolsa e o que ela ganhava e estava disposto a ajudar no curso de medicina, embora fosse pesado para ele. Mas o pessoal da Wigoder, Grant & Berlow ficou interessado naquele empreendimento.

Sol Foreman, o encarregado de litígios por erros médicos, convidou-a para almoçar, embora nunca tivessem se encontrado antes.

– Andy Berlow me falou a seu respeito. A verdade, srta. Cole, é que vale muito mais para nós como advogada e estudante de medicina do que como auxiliar no departamento de bens imobiliários. Estará em posição de pesquisar os fatos de causas importantes do ponto de vista médico, e terá oportunidade de redigir documentos legais, como uma pessoa formada em direito. Pagamos bem por esse tipo de conhecimento.

Foi uma dádiva muito bem-vinda para ela.

– Quando quer que eu comece?

– Por que não tentar imediatamente?

Assim, enquanto estudava química orgânica no curso de verão, ela

pesquisou também o caso de uma mulher de 29 anos que estava morrendo de anemia aplásica porque a penicilamina receitada pelo médico havia anulado a função da medula de fabricar glóbulos sanguíneos. R. J. passou a conhecer a fundo todas as bibliotecas médicas de Boston e consultava catálogos, livros, revistas médicas e documentos de pesquisa, aprendendo muito sobre antibióticos.

Satisfeito com o resultado, Foreman a encarregou de outra tarefa. Ela preparou a minuta para o caso de um professor de 59 anos, submetido a uma recomposição do quadril. Por causa da filtragem inadequada do ar contaminado na sala de cirurgia, apanhou uma infecção que ficou incubada por três anos para finalmente se manifestar, deixando-o com o quadril instável e uma perna mais curta.

Logo em seguida, ela pesquisou para um caso, que foi recusado pela firma, de um homem que queria processar o cirurgião porque a vasectomia tinha falhado. R. J. notou que o paciente fora avisado pelo médico da possibilidade de fracasso e aconselhou o uso de camisinha durante seis meses, o que ele não fez.

A Wigoder, Grant & Berlow estava muito satisfeita com o trabalho dela. Foreman estabeleceu para ela um salário mínimo mensal com comissão que era quase sempre boa e a encarregava de tantos casos quantos ela quisesse aceitar. Naquele mês de setembro, para facilitar mais as coisas, ela passou a dividir o apartamento com uma estudante, uma bela negra de Foulton, Missouri, chamada Samantha Potter. Com um mínimo de ajuda do pai, R. J. podia pagar a faculdade e as outras despesas e ter um carro. O direito que ela havia rejeitado agora tornava possível seu curso de medicina sem dificuldades financeiras.

Ela era uma das onze mulheres na classe de noventa e nove alunos. Era como se tivesse andado até ali, perdida e sem rumo, e finalmente encontrado o caminho certo. Cada aula era uma fonte de profundo interesse. Descobriu que teve muita sorte na escolha da companheira de apartamento. Samantha Potter era a mais velha de oito irmãos, o pai era meeiro numa fazenda e mal ganhava para sustentar a família. Todos os filhos colhiam algodão, frutas e vegetais para outras pessoas, aceitando qualquer trabalho que significasse levar algum dinheiro para casa. Aos 16 anos, já muito alta e com ombros largos, Samantha trabalhava numa empresa local de embalagem de carnes, depois da escola e no verão. Os supervisores gostavam dela porque era forte e capaz de levantar a carne congelada, educada e de confiança. Depois de um ano empurrando um carro de vísceras, eles a ensinaram a cortar a carne. Os cortadores trabalhavam com serras elétricas e facas afiadas para cortar a carne e os tecidos conjuntivos e eram

comuns os acidentes graves. Samantha sofreu vários cortes sem importância e se acostumou a andar com os dedos enfaixados, mas conseguiu sempre evitar um acidente mais grave. Trabalhando todos os dias depois das aulas, foi a primeira pessoa da família a conseguir diploma de primeiro grau. Trabalhou como cortadora durante cinco férias de verão, depois de se formar, enquanto fazia os cursos de anatomia comparada na Universidade do Missouri e começou o curso de anatomia no primeiro ano de medicina com um profundo conhecimento dos ossos, órgãos internos e sistema circulatório dos animais.

R. J. e Samantha fizeram amizade com outra estudante. Gwendolyn Bennett era uma ruiva alegre e vigorosa, de Manchester, New Hampshire. A medicina estava mudando rapidamente, mas era ainda um clube masculino. Havia cinco professoras na faculdade, mas todas as cátedras dos departamentos e os cargos administrativos eram ocupados por homens. Os rapazes eram chamados frequentemente nas aulas, ao passo que as mulheres eram ignoradas. Mas as três amigas resolveram que não seriam ignoradas. Com sua experiência de ativista pelos direitos da mulher, no Mount Holyoke College, Gwen planejou a estratégia.

– Temos de ser voluntárias para dar respostas na aula. O professor faz uma pergunta, nós levantamos a mão, bem na cara dos sexistas, e damos as respostas certas. Seremos notadas porque trabalhamos como escravas, certo? Isso quer dizer que teremos de estudar mais do que os homens, estar mais bem preparadas do que eles, sempre atentas.

Isso significava um acréscimo substancial de aplicação além do trabalho de pesquisa legal que R. J. fazia para poder estudar, mas era exatamente o desafio de que ela precisava. As três estudavam juntas, trocavam perguntas e respostas antes dos exames, ajudavam uma à outra no caso de dificuldade em alguma matéria.

A estratégia funcionou, embora acompanhada pela fama de serem mulheres agressivas. Uma vez ou outra, tinham certeza de que suas notas eram baixas devido ao ressentimento de um instrutor, mas a maior parte das vezes tiravam as notas altas que mereciam. Ignoravam as ocasionais insinuações sexuais dos estudantes ou, em raras ocasiões, de um professor. Raramente saíam com rapazes, não porque não gostavam, mas porque tempo e energia eram comodidades vitais que deviam ser usadas parcimoniosamente. Sempre que tinham uma noite livre, iam juntas ao laboratório de anatomia, o verdadeiro lar de Samantha. Desde o começo, todos no departamento de anatomia reconheceram que Samantha era “cobra”, uma futura professora na especialidade. Enquanto outros alunos lutavam por um braço ou uma perna para dissecar, sempre havia um cadáver reservado para Samantha, que ela partilhava

com as duas amigas. Durante mais de quatro anos elas dissecaram quatro seres humanos mortos – um chinês idoso e calvo com tórax dilatado, que sugeria enfisema crônico, uma mulher negra e idosa de cabelos grisalhos e dois brancos, um deles um homem atlético de meia-idade, o outro, uma mulher grávida mais ou menos da idade delas. Samantha conduziu R. J. e Gwen no estudo da anatomia como se estivessem explorando um país maravilhoso e exótico. Passavam horas dissecando, retirando camada por camada dos cadáveres, expondo e desenhando músculos e órgãos, juntas, vasos sanguíneos e nervos, com detalhe caprichoso, aprendendo as maravilhosas complexidades e os mistérios anatômicos da máquina humana.

Um pouco antes do começo do segundo ano na escola de medicina, R. J. e Samantha mudaram do apartamento na Charles Street. R. J. ficou satisfeita por sair do estábulo reformado, cheio de lembranças de Charlie. Gwen foi morar com elas. Alugaram um apartamento antigo à margem da ferrovia, a uma quadra da faculdade. Ficava na periferia de um bairro perigoso, mas elas não perderiam tempo precioso para chegar aos laboratórios ou ao hospital, e na noite anterior ao começo das aulas deram uma festa para inaugurar a nova moradia. Como sempre acontecia, as anfitriãs tiveram de mandar os convidados embora numa hora razoável para que pudessem acordar no dia seguinte para as aulas.

Quando começaram a trabalhar nas enfermarias do hospital, era como se R. J. tivesse se preparado para isso durante toda sua vida. Ela via a medicina de um modo muito subjetivo, diferente do modo como a viam os outros estudantes. Porque tinha perdido Charlie por causa de um cateter mal esterilizado e porque era ainda advogada, trabalhando na pesquisa e resumo de casos de erros médicos, R. J. estava atenta aos perigos que a maioria dos outros estudantes não viam.

Numa das suas pesquisas ela encontrou um relatório do dr. Knight Steel do Centro Médico da Universidade de Boston, relatando o estudo de 815 casos médicos consecutivos (com exceção do câncer, que apresenta vários riscos de resultados adversos da quimioterapia). Dos 815 pacientes, 290 – *mais de um em cada três* – desenvolveram doenças iatrogênicas.

Setenta e três pessoas, nove por cento, tiveram complicações que ameaçaram suas vidas ou as deixaram permanentemente inválidas – catástrofes que não teriam acontecido se tivessem ficado longe dos médicos ou dos hospitais.

Os casos envolviam medicamentos, testes para diagnóstico e tratamento, dieta, enfermagem, transporte, cateterização cardíaca, tratamento intravenoso,

arteriografia e diálise, cateterização urinária e uma grande quantidade de outros procedimentos que compõem a experiência do paciente.

Logo R. J. se convenceu de que em todos os aspectos do tratamento, o médico representava um risco para o paciente. Com o lançamento de vários medicamentos novos no mercado e o aumento do número de testes e análises de laboratório, pedidos pelos médicos como precaução contra processos por erro médico, cresceram as possibilidades de danos iatrogênicos. O dr. Franz Ingelfinger, o conceituado professor de medicina de Harvard e editor do *New England Journal of Medicine*, escreveu:

Vamos supor que 80 por cento dos pacientes apresentem distúrbios autolimitados ou condições não improváveis, mesmo à luz da medicina moderna. Entretanto, em pouco mais de 10 por cento dos casos, a intervenção médica é dramaticamente bem-sucedida... Mas infelizmente, nos últimos 9 por cento, dado ou tirado um ou dois pontos, o médico pode diagnosticar ou tratar inadequadamente, ou pode simplesmente ter má sorte. Seja qual for a razão, o paciente acaba com problemas iatrogênicos.

R. J. concluiu que, a despeito do alto preço em sofrimento humano e em dinheiro, as escolas de medicina não estavam alertando os estudantes para os perigos da falha humana no tratamento dos pacientes, nem ensinando como reagir aos processos por erro médico, apesar do grande aumento de processos contra os médicos. Durante o curso do seu trabalho na Wigoder, Grant & Berlow, R. J. começou a acumular um arquivo extenso de casos e dados nessa área.

As três amigas separaram-se depois da formatura. Samantha sempre soube que queria passar a vida ensinando anatomia e aceitou uma residência no departamento de patologia no Centro Médico de Yale-New Haven. Durante grande parte dos quatro anos do curso, Gwen não tinha ideia da especialidade que escolheria, mas finalmente, influenciada por sua tendência política, escolheu a residência de ginecologia no Hospital Mary Hitchcock, em Hanover, New Hampshire. R. J. queria tudo, tudo que a medicina podia oferecer. Ficou em Boston, aceitando uma residência de três anos de clínica geral, no Hospital Lemuel Grace. Mesmo nos piores momentos ou quando a sobrecarregavam com o trabalho sujo, e durante a fase de trabalho árduo, da falta de sono e das longas

horas, verdadeiras maratonas – ela jamais duvidou do que estava fazendo. Era a única mulher entre os trinta residentes internos do seu programa. Como na faculdade de direito e depois, na de medicina, ela precisava falar um pouco mais alto do que os homens, trabalhar um pouco mais. A sala de descanso dos médicos era território masculino, onde seus colegas residentes se encontravam, falavam sobre mulheres com termos obscenos (os residentes de ginecologia eram conhecidos como “*connoisseurs* de xoxota”), e de um modo geral a ignoravam. Porém, desde o começo ela fixou os olhos no seu objetivo, que era ser a melhor possível na sua profissão, e sabia como ficar acima do sexismo quando o encontrava, como vira Samantha se erguer acima do racismo.

Logo no começo dos seus estudos, R. J. revelou talento para diagnóstico e gostava de ver cada paciente como um enigma a ser decifrado com o uso do seu cérebro e dos seus conhecimentos. Certa noite, conversando alegremente com um paciente cardíaco idoso, chamado Bruce Weiler, R. J. segurou as mãos dele nas suas e apertou.

Não conseguiu largar.

Era como se estivessem ligados por... pelo quê? Era como se uma informação que não possuía até poucos momentos atrás lhe tirasse as forças. Queria gritar para avisar o sr. Weiler. Em vez disso, murmurou algumas palavras amáveis e passou os quarenta minutos seguintes examinando a ficha médica, tomando o pulso, medindo a pressão do paciente, vezes sem conta, e auscultando seu coração. R. J. concluiu que estava tendo um colapso mental. Tudo na ficha de Bruce Weiler ou nos sinais vitais indicava que o coração estava em plena fase de convalescença, forte e mais saudável a cada momento.

Apesar disso, R. J. sabia que ele estava morrendo.

Não disse nada para Fritz Baldwin, o residente-chefe. Não podia dizer nada que fizesse sentido e ele a teria ridicularizado sem piedade.

Mas nas primeiras horas da manhã, o coração do sr. Weiler explodiu como uma válvula interna com defeito e ele se foi.

Algumas semanas depois, teve uma experiência similar. Preocupada e intrigada, falou com o pai sobre os incidentes. O professor Cole balançou a cabeça afirmativamente, com um brilho de interesse nos olhos.

– Às vezes os médicos possuem um sexto sentido sobre a resposta de um paciente.

– Isso me aconteceu muito antes de ser médica. Eu sabia que Charlie Harris

ia morrer. Tinha absoluta certeza.

– Há uma lenda na nossa família – ele disse com hesitação e R. J. gemeu mentalmente. Não estava disposta a ouvir lendas da família.

– Segundo a lenda, através dos anos, alguns dos médicos Cole eram capazes de predizer a morte só de segurar as mãos dos seus pacientes.

R. J. sentiu um arrepio na espinha, mas olhou incrédula para ele.

– Não, falo sério. Eles o chamavam de o Dom.

– Ora, papai. Está falando em superstição! Isso é do tempo em que receitavam olho de salamandra e dedo de sapo. Eu não acredito em magia.

– Ninguém disse que era magia – ele respondeu suavemente. Acho que algumas pessoas na nossa família nascem com sensores extras que permitem captar informação não acessível à maioria de nós. Dizem que meu avô, dr. Robert Jefferson Cole, e meu bisavô, dr. Robert Judson Cole, tinham o Dom quando praticavam a medicina na zona rural de Illinois. O Dom pode pular gerações. Segundo a lenda, alguns dos meus primos o possuíam. Eu herdei os objetos antigos mais valiosos da família, o bisturi de Rob J., que está na minha mesa, e a viola da gamba do meu bisavô, mas preferia ter herdado o Dom.

– Então... nunca sentiu nada parecido?

– É claro que eu sabia se certos pacientes iam viver ou morrer. Mas não, nunca tive a certeza da chegada da morte sem sinais ou sintomas. É claro – ele disse, com voz suave – a lenda da família diz também que o Dom pode ser diminuído ou destruído pelo uso de estimulantes.

– Então, isso o deixa de fora – disse R. J.

Durante anos, até sua geração de médicos ficar sabendo dos males dos estimulantes, o professor Cole apreciava os bons charutos e continuava a tomar todas as noites uma cerveja.

R. J. tinha experimentado maconha por pouco tempo na adolescência, mas nunca se viciou em nenhum tipo de cigarro. Como o pai, ela gostava de álcool. Nunca deixou que a bebida interferisse no seu trabalho, mas nos momentos de estresse um drinque era reconfortante e ela o tomava avidamente.

No fim dos três anos de residência médica, R. J. estava convencida de que queria tratar famílias inteiras, pessoas de todas as idades e de ambos os sexos. Mas para fazê-lo adequadamente queria aprender mais sobre os problemas médicos das mulheres. Pediu e recebeu permissão para fazer três períodos alternados em obstetrícia e ginecologia, em vez de um só. Quando completou a residência, fez um ano de prática externa em obstetrícia e ginecologia no Hospital Lemuel Grace, aproveitando ao mesmo tempo a oportunidade de fazer

exames médicos para um extenso programa de pesquisa relacionado aos problemas hormonais das mulheres. Nesse ano ela passou no exame para se tornar membro da Academia Americana de Medicina Interna.

A essa altura, R. J. já era uma veterana no hospital. Todos sabiam que havia trabalhado muito tempo com processos por erros médicos, que geralmente recebiam grandes somas das empresas de seguros. O custo do seguro contra erro médico subia constantemente. Alguns médicos diziam abertamente que não havia desculpa para uma médica que trabalhava contra seus colegas de profissão e, durante todos os anos de residência, houve momentos desagradáveis, quando um ou outro não disfarçava a animosidade que sentia contra ela. Mas ela trabalhou com um grande número de casos nos quais os resumos que preparava para a defesa impediam que o médico fosse processado e todos sabiam disso também.

R. J. tinha uma resposta calma para quem a atacava. “A resposta não é eliminar os processos por erros médicos. A resposta é eliminar os erros médicos habituais, ensinar o público a não fazer queixas frívolas esperando recompensas frívolas e ensinar os médicos como se proteger quando cometem erros que qualquer ser humano pode cometer.

“Achamos que temos liberdade para criticar os policiais honestos que protegem policiais corruptos por causa do seu Código Azul. Mas nós temos o nosso Código Branco. Ele permite que certos médicos pratiquem impunemente uma medicina de má qualidade em clínicas mal organizadas e eu digo para o diabo com isso.”

Alguém estava ouvindo. No fim da sua residência em ginecologia e obstetrícia, o dr. Sidney Ringgold, presidente do departamento de medicina, perguntou se ela estaria interessada em dar dois cursos, *Prevenção e defesa contra processos por erro médico*, para alunos do quarto ano, e *Eliminação dos incidentes iatrogênicos*, para alunos do terceiro ano. Com a indicação para lecionar na escola de medicina ofereciam também um lugar na equipe médica do hospital. R. J. aceitou imediatamente. A indicação provocou descontentamento e reclamações no departamento, mas o dr. Ringgold enfrentou o clima com tranquilidade e tudo deu certo.

Depois da residência, Samantha Potter começou a lecionar anatomia na escola de medicina do estado, em Worcester. Gwen Bennett foi trabalhar na clínica de um ginecologista, em Framingham, e começou a trabalhar meio período na clínica de aborto do Centro de Planejamento Familiar. As três continuaram amigas e aliadas políticas. Gwen e Samantha, bem como várias outras médicas e alguns médicos mais avançados, deram todo apoio a R. J. quando ela propôs a criação da clínica de Síndrome Pré-Menstrual, no hospital, e

depois de um período de conflitos internos com alguns médicos que consideravam o projeto um desperdício inútil do orçamento, a clínica de SPM foi criada como um serviço especial e parte do currículo acadêmico.

Toda essa controvérsia afetou duramente o professor Cole. Ele era um membro do corpo médico e as duras críticas contra sua filha, especialmente a insinuação de que ela às vezes agia como traidora da classe, foram muito dolorosas para ele. Mas R. J. sabia que o pai se orgulhava dela. Ele sempre esteve ao seu lado a despeito das suas dificuldades do passado. O relacionamento deles era sólido e forte e agora ela não hesitou em procurá-lo outra vez.

A ÚLTIMA COWGIRL

Encontraram-se para jantar no Pinerola's, um restaurante no North End.

Quando ela foi ao restaurante pela primeira vez, com Charlie Harris, passaram por uma longa viela entre prédios de apartamentos, subiram um lance de escadas e chegaram ao que era essencialmente uma cozinha com três mesas pequenas. Carla Pinerola era a cozinheira, ajudada pela mãe idosa que gritava e reclamava com ela o tempo todo. Carla era uma mulher de meia-idade, sexy, um tipo. Tinha um marido que batia nela. Às vezes, quando R. J. e Charlie chegavam ao restaurante, Carla estava com uma equimose no braço ou um olho roxo. Agora a velha mãe estava morta e Carla quase não aparecia. Tinha comprado um dos prédios de apartamentos e uniu o primeiro e o segundo andares, transformando o restaurante num lugar amplo e confortável. A fila de fregueses esperando uma mesa era sempre longa – homens e mulheres de negócios, jovens universitários. R. J. ainda gostava do restaurante. A comida era quase tão boa quanto nos velhos tempos e ela aprendeu a nunca aparecer sem antes fazer reserva.

Já estava sentada quando o pai entrou apressado, um pouco atrasado. O cabelo dele estava quase todo branco. Vendo-o, R. J. lembrou que ela também estava ficando mais velha.

Pediram a entrada, vitela marsala, o vinho da casa, e falaram sobre os Red Sox e sobre o que estava acontecendo no teatro em Boston, depois sobre o fato de a artrite nas mãos dele estar ficando cada vez mais dolorida.

Tomando o vinho devagar, ela contou que estava se preparando para abrir um consultório em Woodfield.

– Por que um consultório particular? – Ele estava atônito, visivelmente preocupado. – E por que nesse lugar?

– Está na hora de sair de Boston. Não como médica, mas como pessoa. O professor Cole concordou.

– Aceito isso. Mas por que não outro centro médico? Ou trabalhar para... eu não sei, um instituto médico-legal?

R. J. tinha recebido uma carta de Roger Carleton, da Hopkins, dizendo que no momento não tinham disponibilidade no orçamento para um cargo adequado, mas se ela quisesse, podia arranjar para um lugar em Baltimore dentro de seis

meses. Recebeu também um fax de Irving Simpson dizendo que ele gostaria que ela fosse trabalhar na Penn e perguntando se ela poderia ir à Filadélfia para falar sobre salário.

– Eu não quero fazer nada disso. Quero ser uma médica decente e de verdade.

– Pelo amor de Deus, R. J. O que você é agora?

– Quero ter uma clientela particular numa cidade pequena. – Sorriu. – Acho que estou voltando ao seu avô.

O professor Cole procurou se controlar, olhando demoradamente para a pobre filha que durante toda a sua vida escolhia remar contra a corrente.

– Há uma razão para que 72 por cento dos médicos americanos sejam especialistas, R. J. Os especialistas ganham muito dinheiro, duas ou três vezes mais do que os médicos que fazem clínica geral, e podem dormir a noite toda. Um médico rural leva uma vida difícil, muito mais dura. Sabe o que eu faria se tivesse a sua idade e estivesse na sua posição, sem dependentes? Voltaria a estudar tudo que fosse possível e me tornaria um superespecialista.

R. J. gemeu.

– Chega de especializações, papai, e certamente chega de residências. Quero olhar além da tecnologia, além dessas máquinas, e ver o ser humano. Vou ser uma médica rural. Estou preparada para ganhar menos... eu quero a vida.

– A vida? – Ele balançou a cabeça. – R. J., você é como aquele último cowboy sobre quem todos escrevem livros e canções, que sela seu cavalo e vai cavalgando através dos infundáveis engarrafamentos de tráfego e conjuntos residenciais, à procura da pradaria desaparecida.

Ela sorriu e segurou a mão dele.

– A pradaria pode ter desaparecido, papai, mas as montanhas estão lá, bem no outro lado do estado, cheias de gente que precisa de um médico. A medicina da família é a forma mais pura da profissão. Vou dar a mim mesma esse presente, como uma dádiva.

Jantaram sem pressa, conversando longamente. R. J. ouvia com atenção, pois seu pai sabia muito sobre medicina.

– Dentro de poucos anos não vai mais ser possível reconhecer o sistema de saúde americano. Vai mudar drasticamente – ele disse. – A corrida presidencial está cada vez mais quente e Bill Clinton promete ao povo americano que todos terão seguro-saúde se ele for eleito.

– Acha que ele pode fazer isso?

– Acho que ele vai tentar. Parece que é o primeiro político que realmente se importa com o fato de existir gente pobre sem assistência médica, o primeiro a confessar que sente vergonha do que temos agora. O seguro-saúde universal vai

melhorar as coisas para a clínica geral, ao mesmo tempo diminuindo a renda dos especialistas. Temos de esperar para ver o que acontece.

Falaram sobre o aspecto financeiro do que R. J. queria fazer. A casa na Brattle Street não daria grande coisa, depois de todas as dívidas pagas, os preços do mercado imobiliário estavam em baixa. R. J. tinha feito um cálculo minucioso do dinheiro que ia precisar para equipar um consultório e passar o primeiro ano e faltavam 53 mil dólares.

– Falei com vários bancos e posso fazer um empréstimo. Tenho patrimônio para cobrir o empréstimo, mas eles insistem num avalista. – Era uma humilhação. R. J. duvidava que fizessem a mesma exigência para Tom Kendricks.

– Está absolutamente certa de que é o que quer?

– Absolutamente certa.

– Então eu assino como avalista, se você permitir.

– Obrigada, papai.

– De certo modo, fico furioso só em pensar no que você vai fazer. Mas ao mesmo tempo, tenho de dizer quanto a invejo.

R. J. levou a mão dele aos lábios. Tomando cappuccino, estudaram as contas dela. O professor Cole achou que R. J. estava sendo muito moderada e que devia pedir mais dez mil dólares de empréstimo. R. J. ficou apavorada com a responsabilidade financeira que isso representava e discutiram acaloradamente por algum tempo, mas no fim ela viu que o pai estava certo e concordou em enfrentar uma dívida maior.

– Você é uma força, minha filha.

– Você também é uma força, meu velho pai.

– Vai ficar bem morando sozinha nas montanhas?

– Você me conhece, papai. Não preciso de ninguém. A não ser de você – ela disse, e inclinando-se para a frente, beijou-o no rosto.

II
A CASA DA BEIRA

METAMORFOSE

R. J. levou Tessa Martula para almoçar. Tessa chorou enquanto comia a lagosta e ora ficava zangada, ora inconsolável.

– Não sei por que você tinha de largar tudo e fugir – ela disse. – Você ia ser o meu elevador, sempre para cima.

– Você é uma boa profissional, vai ficar muito bem. E não estou fugindo daqui – R. J. disse, pacientemente. – Estou indo em busca de um lugar que acho que será melhor para mim.

Tentou sentir tanta confiança quanto procurava demonstrar, mas era como se formar no primeiro grau outra vez, com todos os temores e as incertezas. Nos últimos anos ela não tinha feito muitos partos e achava que estava sem prática. Lew Stanetsky, o chefe de obstetrícia, deu a ela alguns conselhos, preocupado e divertido ao mesmo tempo.

– Então vai ser médica rural, hein? Muito bem, precisa de um ginecologista-obstetra, se vai fazer partos no interior. A lei diz que tem de chamar um se precisar fazer certas coisas, como cesarianas, uso de fórceps e extrações a vácuo.

Ele providenciou para que R. J. passasse algumas horas com os internos e residentes na clínica da maternidade do hospital, uma sala enorme cheia de camas de parto ocupadas por mulheres que faziam força, suavam e muitas vezes praguejavam, a maior parte delas afro-americanas, permitindo que R. J. visse duas filas de pudendas marrons e roxas alargando-se para a violência natural do parto.

Ela escreveu uma carta solidamente laudatória de recomendação para Tessa, mas não foi usada. Poucos dias depois, Tessa chegou toda sorrisos.

– Você não adivinha para quem vou trabalhar. Para o dr. Allen Greenstein!

Quando os deuses são cruéis, pensou R. J., são extremamente cruéis.

– Ele vai se mudar para este consultório também?

– Não. Vamos ficar com o consultório do dr. Roseman, aquele belo e enorme consultório de canto, no fim do corredor, de frente para o do dr. Ringgold.

R. J. a abraçou.

– Pois ele é um homem de sorte por ficar com você.

Foi surpreendentemente difícil deixar o hospital, muito mais fácil deixar a clínica do Centro de Planejamento Familiar. Ela deu a Mona Wilson, a diretora da clínica, um aviso prévio de seis semanas. Felizmente Mona estava procurando alguém para substituir Gwen. Não encontrou ninguém para trabalhar em tempo integral, mas contratou três médicos para meio expediente e não teve problema em preencher as quintas-feiras sem R. J.

– Você nos dedicou dois anos – Mona disse. Olhou para R. J., e sorriu. – E detestou cada segundo, estou certa?

R. J. balançou a cabeça assentindo.

– Acho que sim. Como sabia?

– Não foi difícil. Por que fez isso se era tão difícil para você?

– Eu sabia que meu trabalho era necessário. Sabia que as mulheres devem ter essa opção.

Mas quando saiu da clínica, sentiu-se leve como uma folha ao vento.

Não preciso mais voltar, pensou, feliz.

Enfrentou o fato de que embora tivesse imenso prazer em dirigir o BMW, o carro não combinava com a lama da primavera e as estradas de terra das montanhas, em Woodfield. Estudou cuidadosamente vários carros com tração nas quatro rodas, e finalmente escolheu um Ford Explorer, com ar-condicionado, um bom rádio e CD, bateria resistente e pneus largos próprios para estradas com lama.

– Quer um conselho? – disse o vendedor. – Mande instalar um venha-comigo.

– Um o quê?

– Um venha-comigo. É um guincho elétrico, preso no para-choque dianteiro. Funciona com a bateria do carro. Tem um cabo de aço e um gancho automático.

R. J. ficou em dúvida.

– Se encalhar na lama, é só enrolar o cabo numa árvore grande e rebocar o carro para fora da lama. Cinco toneladas de força. Vai custar mais mil dólares, mas vale cada centavo se vai dirigir em estradas difíceis.

Ela resolveu levar um venha-comigo. O vendedor examinou com olhar astuto o pequeno carro.

– Novo em folha. Interior todo de couro – ela disse.

– Dou vinte e três mil, preço de troca.

– Ei. É um carro esporte muito caro. Paguei mais do dobro por ele.

– Há uns dois anos, certo? – Ele deu de ombros. – Procure no Livro Azul. Ela assim fez e resolveu pôr um anúncio no *Globe* de domingo. Um engenheiro de Lexington comprou o BMW por US\$ 28.900, o que deu para pagar o Explorer e ainda sobrou.

R. J. começou a viajar constantemente entre Woodfield e Boston. David Markus sugeriu que o melhor era montar o consultório na Main Street, no centro da cidade. A rua dava a volta no prédio branco de madeira da prefeitura, uma antiga igreja adaptada há mais de cem anos. Era adornada com uma torre, na melhor tradição do arquiteto inglês Christopher Wren.

Markus mostrou a ela quatro casas na Main Street que estavam vazias ou logo estariam. Prevalencia a opinião de que ela precisaria de cem a cento e cinquenta metros quadrados para uma suíte com consultório. Das quatro casas em perspectiva, R. J. eliminou imediatamente duas. Uma das duas restantes era agradável, mas muito pequena, com setenta e cinco metros quadrados. A quarta, que o corretor inteligente havia deixado para o fim, parecia interessante. Ficava de frente para a biblioteca da cidade e a pouca distância da prefeitura. O exterior estava bem conservado e o terreno também. O espaço interno, com cento e quatro metros quadrados, estava bastante usado, mas o aluguel era um pouco menor do que o que constava no orçamento calculado cautelosamente com seu pai e outros conselheiros. A casa pertencia a uma mulher idosa chamada Sally Howland, de rosto gorducho e olhar nervoso mas amável, que disse ser uma honra ter um médico na cidade outra vez e ocupando sua casa.

– Mas eu dependo dos meus aluguéis para viver, compreende, por isso não posso alugar por menos.

Também não podia fazer as modificações de que R. J. precisava, mas daria permissão para que fossem feitas, bem como qualquer pintura que a doutora quisesse pagar.

– Vai gastar um pouco com a reforma e a pintura – Markus disse. – Se resolver ficar com a casa, deve se proteger com um contrato.

No fim, foi o que ela fez. A pintura foi feita por Bob e Tillie Matthewson, um casal de fazendeiros que criava vacas leiteiras e trabalhava também com laticínios. A casa tinha vários enfeites de madeira trabalhada que eles fizeram reviver com um verniz suave e assoalho de tábuas de pinho de tamanhos diferentes que ela mandou pintar de azul-acinzentado. Cobriram o papel de parede descascado com duas demãos de tinta creme lavável. Um carpinteiro local instalou várias estantes e fez uma abertura grande e quadrada – para a recepcionista – na parede interna do que era antes a sala de estar. Um encanador acrescentou dois banheiros, lavatórios nos dois antigos quartos de dormir que seriam agora salas de exame e um boiler sem tanque ao aquecedor do porão,

para que R. J. pudesse ter água quente a qualquer hora.

Comprar os móveis e o equipamento devia ser um prazer, mas foi uma fonte de ansiedade porque ela precisava ficar de olho na conta do banco. O problema era que R. J. estava acostumada a pedir o melhor de tudo no hospital. Agora tinha de se contentar com mesas e cadeiras usadas, um belo tapete do Exército da Salvação para a sala de espera, um microscópio usado, uma autoclave reformada. Mas comprou instrumentos novos. Foi aconselhada a comprar dois computadores, o primeiro para as fichas dos pacientes, o segundo para a contabilidade, mas resolveu ficar só com um.

– Já conhece Mary Stern? – Sally Howland perguntou.

– Não, acho que não.

– É chefe dos correios. Ela tem uma balança vertical que era do consultório do dr. Thorndike. Comprou no leilão, há vinte anos, quando o doutor morreu. Ela vende a balança por trinta dólares.

R. J. comprou a balança, lavou, mandou examinar e regular.

Tornou-se parte do consultório, um elo entre o velho médico da cidade e o novo.

R. J. pretendia pôr um anúncio para recepcionista e enfermeira mas não foi preciso. Woodfield tinha um sistema de comunicação subterrâneo que funcionava com grande eficiência e com a velocidade da luz. Imediatamente apareceram quatro candidatas a recepcionista e três para enfermeira formada. R. J. não se apressou em fazer a escolha, mas Toby Smith, a loura de personalidade marcante que dirigiu a ambulância quando Freda Krantz levou o tiro, era uma das candidatas a recepcionista. R. J. ficou impressionada com ela quando a conheceu e Toby tinha a vantagem de conhecer muito bem contabilidade, e podia ajudar no controle financeiro. Para enfermeira, R. J. escolheu Margaret Weiler, uma mulher sólida, grisalha, de 56 anos, que todos chamavam de Peggy.

Com um sentimento de culpa, R. J. tratou da questão de dinheiro com elas.

– O que eu posso pagar para começar é menos do que você ganharia em Boston – ela disse para Toby.

– Escute, não se preocupe com isso – disse a nova recepcionista com franqueza. – Peg e eu estamos felizes por trabalhar aqui na cidade. Isto não é Boston. É difícil arranjar emprego por estes lados.

David Markus visitava uma vez ou outra o consultório que começava a ser instalado. Examinava com olhos experientes o trabalho de reforma e dava um ou

outro conselho discreto. Ele e R. J. almoçaram algumas vezes no River Bank, a pizzaria na periferia da cidade. Ele pagou o almoço duas vezes, R. J. uma. R. J. gostou dele e disse que os amigos a chamavam de R. J.

– Todos me chamam de Dave – ele disse. Sorriu. – Meus amigos me chamam de David.

Sua calça jeans era desbotada mas parecia sempre recentemente lavada. O cabelo, com rabo de cavalo, estava sempre limpo. Quando trocavam um aperto de mãos, R. J. sentia as palmas fortes e ásperas, mas as unhas eram curtas e cuidadas.

R. J. não sabia se ele era sexy ou apenas interessante.

No sábado anterior à sua mudança de Boston, ele a convidou para jantar em Northampton. Quando saíram do restaurante, David apanhou um punhado de balas de chocolate da vasilha perto da porta.

– Humm, M&M de primeira classe – ele disse, oferecendo a ela.

– Não, obrigada.

No carro, vendo-o mastigar com satisfação, R. J. não se conteve e disse:

– Não devia comer isso.

– Mas eu adoro. Eu não engordo.

– Eu também gosto. Vou comprar algumas para você numa embalagem limpa.

– Você é dessas pessoas fanáticas por limpeza? Apanhei estas num restaurante limpo.

– Recentemente li sobre testes feitos nas balas oferecidas nos restaurantes. Descobriram que na maioria das vezes contêm traços de urina.

David olhou para ela em silêncio e parou de mastigar.

– Os homens vão ao banheiro e não lavam as mãos. Quando saem do restaurante, apanham as balas...

R. J. sabia que ele estava sem saber se cuspiu ou se engoliu. Lá se vai nosso relacionamento, ela pensou quando ele engoliu, abaixou o vidro do carro e jogou fora o resto das balas.

– É uma coisa terrível para dizer a alguém. Há anos eu me delicio com balas de restaurantes. Você destruiu esse prazer para o resto da minha vida.

– Eu sei. Mas se eu estivesse comendo as balas e você soubesse, não teria me contado?

– Talvez não – ele disse. Então começou a rir e ela o acompanhou. Riram até chegar à rodovia 91.

No caminho de volta para as montanhas e depois, sentados na picafe de David na frente da casa dela, falaram de suas vidas. Quando jovem ele era louco por esportes, “bom o bastante para colecionar acidentes em todo o tipo de

esportes”. Quando entrou para o colégio tinha tantas sequelas que não conseguiu jogar em nenhum time da universidade. Formou-se em inglês no Hamilton College, não especificou qual o curso de graduação que tinha feito. Antes de ir para as montanhas em Massachusetts foi executivo na seção de corretagem de imóveis da Lever Brothers, em Nova York, e vice-presidente da empresa nos últimos dois anos. “A catástrofe completa – o trem das 7:05 para Manhattan, a casa grande, a piscina, a quadra de tênis.” Sua mulher, Natalie, teve esclerose amiotrófica lateral, a doença de Gehrig. Ambos sabiam o que isso significava, tinham visto um amigo morrer com a doença. Um mês depois da confirmação do diagnóstico, quando chegou em casa, David soube que Natalie tinha deixado Sarah, a filha de 9 anos, com uma vizinha, vedou com toalhas as portas da garagem, ligou o motor do carro e morreu ouvindo música clássica na sua estação de rádio preferida.

David contratou uma cozinheira e uma governanta para cuidar de Sarah e passou a se embriagar regularmente durante oito meses. Num dia em que estava sóbrio, ficou sabendo que a filha inteligente e vigorosa estava indo mal na escola, com problemas psicológicos e uma tosse nervosa. David foi pela primeira vez a uma reunião dos alcoólatras anônimos. Dois meses depois, David e Sarah foram para Woodfield.

Um pouco depois, tomando café forte na cozinha de R. J., ele ouviu a história dela.

– Estas montanhas estão cheias de sobreviventes – David disse.

HORÁRIO DE TRABALHO

R. J. deixou Cambridge numa manhã quente no fim de junho, sob nuvens altas e escuras de chuva que prometiam relâmpagos e trovões. Pensou que ficaria feliz em sair da casa de Brattle Street, mas nos últimos dias, depois que alguns móveis foram vendidos, outros para um depósito e outros ainda para Tom – depois que cada peça foi retirada e seus saltos altos ecoavam nas salas vazias –, ela olhou para a casa com olhos complacentes de ex-proprietária e viu que Tom estava certo sobre a dignidade e esplendor da mansão georgiana. Relutava em deixá-la. Apesar do fracasso do seu casamento, a casa tinha sido o seu ninho. Então lembrou que era como um grande buraco no chão onde tinham enterrado seu dinheiro e foi com satisfação que fechou a porta, entrou no carro e passou pelo muro de tijolos que precisava ainda de reforço. Não era mais sua responsabilidade.

Sabia que estava indo para o desconhecido. Durante todo o caminho para Woodfield, R. J. fez cálculos sobre as possibilidades econômicas daquela mudança, com medo de estar cometendo um erro desastroso.

Há vários dias sua imaginação trabalhava numa fantasia. Talvez fosse possível formar sua clientela baseada apenas no dinheiro das consultas – ignorando completamente as empresas de seguros-saúde de onde vinha a maior parte dos inconvenientes que tornavam a medicina desagradável. Se abaixasse consideravelmente o preço das consultas – digamos, para vinte dólares – teria um número suficiente de pacientes para não ir à falência. Alguns apareceriam, ela sabia, pessoas doentes sem seguro-saúde. Mas as que tinham a proteção do Escudo da Blue Cross esqueceriam o seguro pago e estariam dispostas a pagar em dinheiro a consulta com a dra. Cole?

Infelizmente ela sabia que não.

Resolveu estabelecer o preço não oficial de vinte dólares para os que não tinham seguro-saúde. As empresas de seguro-saúde pagariam o preço habitual de quarenta a sessenta dólares por uma consulta, dependendo da complexidade do problema, e um adicional para visitas em domicílio. Exames físicos completos custariam noventa e cinco dólares e exames de laboratório seriam feitos no centro médico de Greenfield.

Duas semanas antes da inauguração oficial do consultório, ela pediu a Toby para programar no computador todos os documentos das empresas de seguros-saúde. Trabalharia de preferência com as grandes empresas, mas havia quinze outras das quais muitos pacientes deviam ter seguros, e cerca de trinta e cinco empresas menores, marginais. Todas tinham de estar no computador, com os formulários múltiplos de cada firma. Era um trabalho exaustivo para ser feito só uma vez, mas R. J. sabia por experiência que teria de ser atualizado constantemente porque as empresas abandonavam certos formulários, revisavam outros e acrescentavam novos.

Era uma grande despesa que seu bisavô nunca teve de fazer.

Manhã de domingo.

R. J. chegou cedo ao consultório, com o chá e a torrada engolidos apressadamente formando um bolo nervoso no estômago. O consultório cheirava a tinta e verniz. Toby já estava trabalhando e Peg chegou dois minutos depois. As três sorriam como idiotas.

A sala de espera era pequena, mas de repente R. J. a achou enorme, assim vazia.

Só treze pessoas tinham marcado hora. Pessoas que tinham passado vinte e dois anos sem um médico local deviam estar acostumadas a ter de sair da cidade para uma consulta médica, ela pensou. E uma vez estabelecido o relacionamento com um médico, por que passar para outro desconhecido?

E se ninguém aparecesse?, ela pensou com um pânico absurdo.

O primeiro paciente chegou quinze minutos antes da hora marcada, George Palmer, 72 anos, madeireiro aposentado, com dor no quadril e falta de três dedos da mão.

– Bom-dia, sr. Palmer – disse Toby Smith, calmamente, como se há anos estivesse recebendo pacientes.

– Bom-dia, Toby.

– Bom-dia, George.

– Bom-dia, Peg.

Peg Weiler sabia exatamente o que tinha de fazer e o levou para a sala de exames, anotou o que era preciso na ficha, mediu os sinais vitais e anotou também.

Foi com prazer que R. J. anotou sem pressa o histórico médico de George Palmer. No começo, as visitas seriam longas, porque todos eram pacientes novos e ela precisava dos dados completos.

Em Boston ela teria mandado o sr. Palmer e sua bursite a um ortopedista

para uma injeção de cortisona. Agora, ela mesma aplicou a injeção e pediu a ele para marcar outra hora com a recepcionista.

Quando ela abriu a porta da sala de espera, Toby mostrou o buquê de rosas de verão mandado por seu pai e um fícus enorme, presente de David Markus. Havia cinco pessoas na sala, três sem hora marcada. Orientou Toby para fazer a triagem. Qualquer pessoa com dor ou muito doente devia ser atendida imediatamente. Para as outras, devia marcar as horas que estivessem livres. E de repente R. J. compreendeu com um misto de alívio e de pena que não tinha tempo a perder. Pediu a Toby para pedir um sanduíche de queijo com pão kaiser do armazém e um copo grande de café descafeinado.

– Vou trabalhar na hora do almoço.

Sally Howland entrou na sala nesse momento.

– Tenho hora marcada – ela disse, como se esperasse uma negativa, e R. J. a custo se conteve para não beijar sua senhoria rabugenta.

Peg e Toby disseram que também iam trabalhar na sua hora de almoço e que iam pedir sanduíches.

– Eu pago – R. J. disse, feliz.

DAVID MARKUS

Ele a convidou para jantar em sua casa.

– Sarah vai estar lá também?

– Sarah tem um jantar formal no clube de culinária da escola – ele disse. Olhou pensativamente para ela. – Não pode ir à minha casa sem uma terceira pessoa presente?

– Não, nada disso, é claro que vou. Só esperava que Sarah estivesse lá.

R. J. gostou da casa, das paredes acolhedoras de toras de madeira e dos móveis antigos e confortáveis. As paredes estavam cheias de quadros de artistas locais com nomes desconhecidos para ela. David a levou para conhecer a casa toda. Cozinha-sala de jantar. O escritório, cheio de material de corretagem de imóveis, um computador, uma grande gata cinzenta dormindo na cadeira atrás da mesa.

– O gato também é judeu, como o cavalo?

– Para falar a verdade, é. – Sorriu. – É ela. Nós a ganhamos com um macho muito vivido e libidinoso que Sarah disse que era o marido dela. Mas o gato só ficou dois dias e desapareceu, por isso eu a chamei de Agunah. Em iídiche quer dizer esposa abandonada.

No quarto dele, monástico, R. J. sentiu uma leve insinuação sexual quando olhou para o colchão enorme sobre o estrado de molas. Havia outro computador na mesa, uma estante cheia de livros de história e agricultura e uma pilha de manuscritos. Cedendo à insistência dela, David confessou que estava escrevendo um romance sobre a morte das pequenas fazendas na América e sobre os primeiros colonos das montanhas de Berkshire.

– Eu sempre quis contar histórias. Depois que Natalie se foi, resolvi tentar. Precisava vestir e alimentar Sarah, por isso continuei com a corretagem de imóveis quando mudamos para cá, mas não é realmente uma atividade muito requisitada por aqui. Tenho muito tempo para escrever.

– Como vai indo o livro?

– Oh... – Sorriu e deu de ombros.

O quarto de Sarah. Cortinas horríveis de várias cores nas janelas. Ele disse que tinham sido tingidas por Sarah. Dois pôsteres de Barbra Streisand. Bandejas

com pedras por toda a parte. Pedras grandes, pequenas, médias, todas com a forma aproximada de coração. Símbolos geológicos do amor.

– O que são essas pedras?

– Ela as chama de pedras de coração. Sarah as coleciona desde pequena. Foi ideia de Natalie.

R. J. tinha feito um ano de geologia na Tufts. Teve a impressão de identificar quartzo, pedra-sabão, mármore, arenito, basalto, xisto, feldspato, gnaisse, ardósia e uma vermelho-granada, todas em forma de coração. Havia também cristais que ela não conhecia.

– Esta eu retirei com o trator – David disse, apontando para um pedaço de granito em forma de coração com mais de sessenta centímetros de altura, encostado num canto do quarto. – A nove quilômetros do bosque de Frank Parsons. Foram necessárias três pessoas para carregá-la até aqui.

– Ela as encontra no chão?

– Ela as encontra por toda a parte. Tem um sentido especial. Eu quase nunca encontro. Sarah é exigente, rejeita uma porção de pedras. Só as chama de pedra de coração quando se parecem realmente com um coração.

– Talvez você deva procurar com mais cuidado. Há bilhões e bilhões de rochas por aqui. Aposto que sou capaz de encontrar algumas pedras de coração para Sarah.

– Acha mesmo? Tem vinte e cinco minutos até o jantar. O que vai apostar?

– Uma pizza com tudo em cima. Vinte e cinco minutos deve ser o bastante.

– Se você ganhar, ganha a pizza. Se eu ganhar, ganho um beijo.

– Ei.

– Qual é o problema? Tem medo? Ponha o dinheiro onde está a minha boca.

– Sorriu, desafiando-a.

– Feito.

R. J. não perdeu tempo no quintal nem na entrada da casa, imaginando que por ali eles deviam procurar sempre. A estrada não asfaltada era cheia de pedras. Ela começou a descer andando devagar, a cabeça baixa, olhando para o chão. Nunca tinha reparado na variedade de pedras, nas diferentes formas, longas, redondas, angulares, finas, chatas.

Uma vez ou outra ela se abaixava e apanhava uma pedra, mas nunca era a pedra certa.

No fim de dez minutos ela estava a 400 metros da casa e só tinha encontrado uma pedra que parecia vagamente com um coração, mas não era perfeita, muito baixa num dos lados.

Uma péssima aposta, pensou ela. Queria encontrar a pedra de coração. Não queria que David pensasse que tinha falhado de propósito.

No fim dos vinte e cinco minutos ela voltou.

– Encontrei uma – disse, mostrando a pedra.

Ele olhou e disse com um largo sorriso:

– Este coração não tem... como é o nome da parte superior?

– Átrio.

– Isso mesmo. Este coração não tem átrio no lado direito. – Foi até a porta e jogou a pedra para longe.

O que vai acontecer agora, pensou ela, será importante. Se David usasse a aposta para demonstrar seu machismo, com força ou troca de saliva, R. J. perderia todo o interesse nele.

Mas David inclinou a cabeça e apenas tocou os lábios dela com os seus com um beijo cheio de ternura e incrivelmente doce.

Ooh.

David serviu um jantar simples mas maravilhoso. Uma salada com verduras e legumes da sua horta, exceto os tomates porque os de sua plantação não estavam maduros ainda. O molho era especialidade da casa, de mel, com aspargos colhidos e cozidos um pouco antes de sentarem à mesa. David serviu couve-de-bruxelas com uma combinação de sementes e legumes, segundo ele uma fórmula secreta, e tinha feito pãezinhos recheados com uma espécie de alho que eram uma explosão de sabor.

– Ora, você é um cozinheiro *e tanto*.

– Gosto de fazer experiências.

A sobremesa foi sorvete de baunilha feito em casa, com torta de amoras feita naquela manhã. R. J. começou a falar da mistura de religiões no seu clã.

– Há os Cole protestantes e os Regensberg quacres. E Cole judeus e Regensberg judeus. E ateus. E minha prima Marcella Regensberg, que é freira franciscana num convento na Virgínia. Temos um pouco de tudo.

Tomando a segunda xícara de café, ela ficou sabendo de uma coisa realmente inesperada. O curso de graduação do qual ele havia falado vagamente fora feito no Seminário Judaico de Teologia da América, em Nova York.

– Então, está dizendo que é *o quê*?

– Um rabino. Pelo menos fui ordenado há muito tempo. Só trabalhei como rabino por pouco tempo.

– Por que deixou? Tinha uma congregação?

– Eu apenas... – Ergueu os ombros. – Eu tinha muitas perguntas e era muito

inseguro para ter uma congregação. Comecei a ter dúvidas. Não podia resolver o que pensar sobre a existência de Deus. E achei que uma congregação merecia pelo menos um rabino que já tivesse resolvido essa dúvida.

– E como se sente agora? Resolveu a questão?

Abraham Lincoln olhou para ela por um momento. Como era possível tanta tristeza, tanta dor em olhos tão azuis? Ele balançou a cabeça.

– O júri ainda não voltou com o veredicto.

Ele não era de falar demais. Só depois de se encontrarem constantemente durante semanas R. J. soube dos detalhes. Quando ele terminou o curso no seminário foi para o exército. Noventa dias na escola de oficiais e direto para o Vietnã, como segundo-tenente capelão. Era um trabalho relativamente tranquilo, a salvo atrás das linhas, num grande hospital em Saigon. Passava os dias com os inválidos e os que estavam morrendo, à noite escrevia cartas para as famílias deles e tinha absorvido seus temores e sua revolta antes de ser também ferido.

Estava na parte de trás de um caminhão de tropas com dois capelães católicos, o major Joseph Fallon e o tenente Bernard Towers, quando começou um ataque de foguetes. Um míssil caiu bem na frente do veículo. Na parte de trás a explosão foi limitada e seletiva. Bernie Towers, que estava à esquerda, foi destruído. Joe Fallon, sentado no meio, perdeu a perna direita na altura do joelho. David teve um ferimento grave na perna e o osso ficou exposto. Foram três cirurgias e uma longa convalescença. Agora sua perna direita era mais curta, mas pouca coisa. R. J. nem tinha notado.

Ele voltou para Nova York, deu baixa e fez um sermão, como convidado, para avaliação da sua capacidade. Foi em Bay Path, Long Island, no Templo Beth Shalom, o Lar da Paz. Ele falou sobre manter a paz num mundo complexo. Na metade do sermão, olhou para cima, para a placa que o comitê de decoração colocara, onde estavam gravados os primeiros Treze Artigos de Fé de Maimônides: *Eu acredito completamente que o Criador, abençoado seja seu nome, é o autor e guia de tudo que foi criado e que só Ele fez, faz e fará todas as coisas.*

Num momento de terror paralisante ele sentiu que não podia concordar e atordoado terminou rapidamente o sermão.

Então ele resolveu trabalhar na Lever Brothers, a firma de investimentos imobiliários, como *trainee*, um rabino agnóstico com dúvidas demais para ser líder espiritual de qualquer pessoa.

– ... Você ainda pode casar as pessoas?

David tinha um sorriso, meio de lado, muito atraente.

- Acho que posso. Uma vez rabino...
- Seria uma bela combinação no seu cartaz lá fora. *Markus realiza casamentos.* E logo abaixo, *Mel estou apaixonado por você.*

UMA INTIMIDADE FELINA

R. J. não se apaixonou por David Markus imediatamente. Começou como uma pequena semente, uma admiração pelos seus traços e pelos dedos longos e fortes, uma resposta ao timbre da sua voz, à suavidade do olhar. Mas com surpresa – até mesmo com medo – viu que a semente estava florindo, o sentimento cada vez maior. Não caíram nos braços um do outro – foi como se, com a paciência de ambos e com a cautela amadurecida, estivessem dizendo alguma coisa um para o outro. Mas numa tarde chuvosa de sábado, na casa dele, quando a filha estava com amigos em um cinema de um dólar em Northampton, beijaram-se com uma familiaridade que também tinha crescido.

Markus disse que estava tendo dificuldade para descrever um corpo feminino em seu livro.

– Artistas e fotógrafos simplesmente usam modelos, uma solução sensata.

Muito sensata, concordou ela.

– Então, quer posar para mim?

Ela balançou a cabeça.

– Não. Você tem de escrever de memória.

Já estavam desabotoando a roupa.

– Você é virgem – ele disse.

R. J. não lembrou que era divorciada e tinha 42 anos.

– E eu nunca vi uma mulher antes, somos ambos novos em folha, páginas em branco.

De repente eram exatamente isso. Examinaram-se mutuamente por longo tempo. R. J. mal podia respirar. Ele foi lento e muito gentil, a princípio controlando a urgência para fazer a coisa melhor, tratando-a como se ela fosse feita de material muito delicado e quebradiço, sem palavras para explicar como tudo era importante. Rapidamente os dois quase enlouqueceram.

Depois ficaram deitados, inertes, ainda juntos. Quando depois de um tempo ela virou a cabeça, seus olhos encontraram os olhos verdes e fixos da gata. Agunah estava sentada na cadeira ao lado da cama, observando com atenção. R. J. teve certeza de que a gata compreendia exatamente o que acabavam de fazer.

– David, se isto foi um teste, eu falhei. Tire a gata daqui.

Ele riu.

– Não é um teste.

Ele levantou, levou a gata para fora e fechou a porta. A segunda vez foi mais lenta, mais calma e para R. J. de completa felicidade. David foi delicado e generoso. Ela explicou que seus orgasmos geralmente eram longos e completos, mas depois do primeiro, o seguinte era um pouco mais distante. Começou a falar um pouco embaraçada, certa de que o prazer de David era como fogos de artifício, mas foi fácil falar no assunto com ele.

Finalmente ele a deixou na cama e foi preparar o jantar, sem fechar a porta do quarto. A gata voltou para o quarto e para a cadeira, mas R. J. não se importou e ficou deitada, ouvindo David cantar Puccini desafinadamente, parecendo muito feliz. O cheiro da omelete misturou-se com o cheiro de sexo, de cebola e pimentões e das pequenas abobrinhas fritando no fogo até ficarem suaves como beijos, ricos como uma promessa de vida. Mais tarde, quando ela e David cochilavam, lado a lado, Agunah se instalou na cama, entre os pés deles. Depois de se acostumar, R. J. gostou da proximidade da gata.

– Muito obrigado por me conceder uma experiência maravilhosa, todos esses detalhes importantes para o meu livro.

R. J. olhou para ele furiosa.

– Eu arranco seu coração.

– Já fez isso – ele disse, num galanteio cortês.

Um em cada seis pacientes que a procuravam não tinha nenhum tipo de seguro-saúde. Muitos não tinham os vinte dólares que ela cobrava para os não segurados. De alguns ela aceitava pagamento em espécie. Tinha agora seis pilhas de lenha nos fundos da casa. Contratou uma faxineira para limpar a casa uma vez por semana e outra para o consultório. Recebia um suprimento regular de galinhas e perus limpos e legumes frescos, cerejas e flores.

Essa troca lhe agradava, mas estava preocupada com o dinheiro e com as dívidas.

Criou uma técnica clínica para tratar os pacientes sem seguro-saúde, uma vez que a maioria era de casos antigos e há muito tempo negligenciados. Mas não eram as pessoas com problemas complexos que a preocupavam e sim os que não iam ao consultório porque não podiam pagar e não queriam aceitar caridade. Essas pessoas só procuravam o médico em casos extremos, quando era tarde demais para ajudá-las, já cegas pelo diabetes, com metástases de tumores. A única coisa que R. J. podia fazer era ficar furiosa com o sistema e tratar dessas pessoas.

Ela dependia do boca a boca para levar sua mensagem a toda a montanha: *Quando estiver doente ou ferido, procure a nova médica. Se não tem seguro, ela facilita o pagamento.*

Como resultado, alguns clientes sem seguro-saúde a procuraram. Mesmo quando ela não queria o pagamento em espécie, eles insistiam. Um homem com mal de Parkinson controlou seus tremores para oferecer a ela um cesto de vime. Uma mulher com câncer no ovário estava fazendo uma colcha de retalhos para ela. Mas havia muitos outros nas montanhas sem seguro-saúde e sem nenhuma assistência médica. R. J. sabia disso e se preocupava.

Continuou a se encontrar frequentemente com David. Para sua surpresa e desapontamento, o calor e a simpatia demonstrados por Sarah no seu primeiro encontro desapareceram. R. J. sentiu que a menina tinha ciúmes dela e comentou com David.

– É natural que ela se sinta ameaçada por uma mulher que de repente passa a ocupar um grande espaço na vida do seu pai – ela disse.

Ele concordou.

– Temos de dar tempo para ela se acostumar com a ideia.

Isso sugeria que os dois estavam se dirigindo para algo que R. J. não sabia se desejava. David era sincero em relação aos sentimentos dos dois. R. J. também era sincera, tanto com ele quanto consigo mesma.

– Eu só quero que as coisas continuem como estão, sem planos definitivos para o futuro. Para mim é cedo demais para pensar num relacionamento mais duradouro. Tenho de realizar alguns objetivos. Quero me estabelecer como médica na cidade e no momento não quero nenhum compromisso pessoal permanente.

David pareceu encorajado com a expressão *no momento*.

– Ótimo. Temos de dar tempo ao tempo – ele disse.

Eram muitas as incertezas de R. J. Não sabia ao certo o que queria, mas podia falar com ele sobre suas esperanças e sobre sua preocupação com dinheiro.

– Não entendo de economia médica, mas deve haver uma clientela aqui suficiente para uma renda tremendamente boa, muita grana.

– Não precisa ser tremendamente boa. Só quero poder viver dela. Não tenho ninguém para me sustentar.

– Mesmo assim... por que se contentar com sobreviver? – Olhou para ela como seu pai costumava olhar.

– Não me importo com dinheiro. O que eu quero é praticar uma medicina de primeira classe numa cidade pequena.

- Isso faz de você uma espécie de santa – ele disse, quase com medo.
- Caia na real. Nenhuma santa faria o que eu acabo de fazer com você – ela disse, com grande espírito prático e um largo sorriso.

A CASA DA BEIRA

Lentamente, R. J., Pegg e Toby organizaram a rotina de trabalho no consultório. Lentamente também, R. J. aprendeu os ritmos da cidade e se acostumou a eles. Percebeu que as pessoas gostavam de inclinar a cabeça e dizer: “Olá, doutora!” Sentia o orgulho delas no fato de a cidade ter um médico outra vez. Começou a atender chamados em casa, de preferência os que estavam acamados, viajando para ver pacientes a quem era difícil ou impossível ir ao consultório. Quando tinha tempo e ofereciam um pedaço de torta e uma xícara de café, ela sentava com eles à mesa da cozinha, conversava sobre política, sobre o tempo e copiava receitas de cozinha no seu receituário.

Woodfield estendia-se por mais de cento e cinco quilômetros quadrados de terreno acidentado e algumas vezes ela era chamada também nas cidades vizinhas. Chamada por um garoto que percorreu cinco quilômetros de bicicleta para chegar ao telefone, ela foi a uma casa de toras de madeira no topo do monte Houghton, uma fazenda de criação de carneiros. Quando desceu a montanha e voltou para o consultório, encontrou Toby nervosa e ansiosa.

– Seth Rushton teve um enfarte. Chamaram você, mas como não consegui me comunicar, chamei a ambulância.

R. J. foi de carro à fazenda de Rushton. A ambulância já tinha saído para Greenfield. Rushton estava tratado e descansando confortavelmente, mas foi uma lição valiosa. Na manhã seguinte, R. J. foi de carro até Greenfield e comprou um telefone celular. Ela o usava no carro e nunca mais deixou de estar em contato com o consultório.

Uma vez ou outra, na cidade, ela passava por Sarah Markus. R. J. sempre tocava a buzina e acenava. Às vezes Sarah acenava também.

Sempre que David a levava à sua casa de toras de madeira e Sarah estava lá, R. J. sentia os olhos atentos da menina analisando tudo que ela fazia ou dizia.

Certa tarde, quando voltava de carro para o consultório, R. J. cruzou com Sarah montada em Chaim. Admirou o modo como a menina montava, a facilidade dos movimentos, o cabelo escuro voando ao vento. R. J. não buzinou, com medo de assustar o animal.

Alguns dias depois, sentada na sua sala de estar, R. J. olhou pela janela e

viu, pela abertura entre as macieiras, Sarah Markus montada em Chaim, passando muito devagar e observando sua casa.

R. J. estava interessada em Sarah, em parte por causa do pai dela, em parte por causa da própria Sarah e talvez por outro motivo. Em algum recanto da sua mente havia uma imagem amorfa, uma possibilidade que ela não ousava considerar ainda – a ideia dos três juntos, ela, David e Sarah, como sua filha.

Alguns minutos depois, cavalo e cavaleira voltaram pela Laurel Hill Road, na outra direção, a menina ainda observando com atenção a casa e o terreno. Então, quando chegou ao fim da propriedade, Sarah esporeou o animal e Chaim começou a trotar.

Pela primeira vez em muito tempo R. J. pensou no bebê perdido depois da morte de Charlie Harris. Se aquela criança tivesse nascido, teria 13 anos agora, três menos do que Sarah.

R. J. ficou perto da janela, esperando que Sarah passasse outra vez pela frente da casa.

Um dia, quando chegou em casa, ao cair da noite, R. J. encontrou uma pedra em forma de coração do tamanho de sua mão, na varanda, na frente da porta.

Era uma bela pedra de coração composta de duas camadas externas de pedra cinza-escura e uma camada interna de pedra mais clara que brilhava como mica.

Sabia quem a tinha deixado. Mas seria um presente de aprovação? Um sinal de trégua? Era bonita demais para ser uma declaração de guerra, disso estava certa.

R. J. ficou feliz com o presente e o colocou no consolo da lareira, na sala, no lugar de honra, ao lado dos candelabros de bronze da sua mãe.

Frank Sotheby, de pé na varanda do seu armazém, pigarreu antes de falar.

– Acho que elas deviam ter uma enfermeira, o que acha, dra. Cole? As duas moram sozinhas com um monte de gatos no apartamento em cima da loja de ferragens. Um cheiro horrível.

– Quer dizer nesta rua? Como é que eu nunca as vi?

– Bem, porque elas nunca saem, quase nunca. Uma delas, srta. Eva Goodhue, é velha como o pecado e a outra, srta. Helen Phillips, sobrinha de Eva, é muito mais moça, mas um pouco fraca da cabeça. Uma cuida da outra à moda delas. – Hesitou. – Eva me telefona às sextas-feiras para dizer a lista do que

querem. Eu levo a mercadoria para elas uma vez por semana. Bem... o último cheque dela foi recusado pelo banco. Insuficiência de fundos.

A escada escura e estreita não tinha luz. Quando chegou no alto, R. J. bateu à porta e, depois de esperar um longo tempo, bateu com mais força. Em seguida, outra e outra vez.

Não ouviu passos, mas percebeu um leve movimento no outro lado da porta.

– Olá?

– ... Quem é?

– Roberta Cole. Sou a médica.

– Do dr. Thorndike?

Nossa.

– O dr. Thorndike... se foi... há muito tempo. Agora eu sou a médica da cidade. Por favor... Estou falando com a srta. Goodhue ou com a srta. Phillips?

– Eva Goodhue. O que você quer?

– Bem, eu gostaria de conhecê-la, srta. Goodhue, dizer olá. Quer por favor abrir a porta e me convidar para entrar?

Silêncio no outro lado da porta. O momento se alongou e se alongou. O silêncio ficou pesado.

– Srta. Goodhue?

Finalmente, R. J. disse, com um suspiro:

– Tenho um novo consultório nesta mesma rua, bem perto da senhora. Primeiro andar da casa de Sally Howland. Se a senhora ou sua sobrinha precisarem de um médico, é só telefonar ou mandar alguém me chamar, certo? – Passou um dos seus cartões por debaixo da porta. – Está bem, srta. Goodhue?

Não teve nenhuma resposta, desceu a escada e saiu do prédio.

Quando ela e Tom faziam suas infrequentes viagens ao campo, às vezes tinham oportunidade de ver de relance um pouco da vida selvagem, lebres e esquilos comuns, os esquilos listrados que faziam seus ninhos no telhado do depósito de lenha. Mas agora que ela morava ali, via pela janela uma variedade de vizinhos dos bosques, que nunca tinha visto. Aprendeu a ter o binóculo sempre à mão.

Da janela da cozinha, numa madrugada cinzenta ela viu um lince atravessar insolentemente a relva. Da janela do consultório, que dava para o pasto alagado, ela viu quatro lontras saindo do rio para caçar no pântano, correndo em fila única

e ondulante, tão perto uma da outra que pareciam as curvas de uma serpente, um monstro do Lago Ness na sua campina alagada. Viu tartarugas e cobras, uma marmota velha e gorda que ia comer trevo na campina todos os dias e um porco-espinho que saía do bosque para mastigar as pequenas maçãs verdes que caíam das árvores. Os arbustos e as árvores estavam cheios de pássaros canoros e de presas. Por acaso viu uma garça grande e azul e uma grande variedade de gaviões. Da varanda da frente ela viu uma coruja de chifre mergulhar do ar, rápida como o destino e macia como um murmúrio, e apanhar um rato do campo que corria entre a relva. Levantou voo e desapareceu.

Ela comentou com Janet Caldwell a variedade de animais que via no seu terreno. Membro do conselho municipal, Janet ensinava biologia na universidade em Amherst.

– É porque sua casa fica numa divisória, na beira, no lugar de cruzamento de vários ambientes naturais diferentes. Pasto úmido, campina seca, bosques cerrados com pequenos lagos, o bom rio que atravessa todo o terreno. Essas criaturas têm ali um maravilhoso campo de caça.

Quando viajava pelo campo, R. J. via casas com nomes. Alguns serviam de identificação, Terras do Schroeder, Fazenda de Árvores de Ramsome, Recanto de Peterson. Outros eram curiosos, como Dunrovin e O Nosso Lugar, ou descritivos, Dez Carvalhos, Crista do Vento, Monte da Castanha. Alguns eram preciosos demais. Ela gostaria de chamar sua fazenda de Fazenda do Rio Catamount, mas há muitos anos este era o nome de uma casa a dois quilômetros rio acima. Além disso, hoje em dia seria presunção chamar sua propriedade de fazenda.

David, o homem de muitas facetas, tinha um porão cheio de ferramentas elétricas e se ofereceu para fazer uma placa para ela.

Ela mencionou o fato a Hank Krantz, que chegou rugindo e estalando na frente da casa dela, certa manhã, no seu grande trator John Deere, puxando o espalhador de fertilizante.

– Suba – ele disse. – E vamos procurar um bom tronco para dependurar sua placa.

R. J. subiu no trator, felizmente vazio, mas cheirando a estrume de vaca, e agarrou com força, mal podendo acreditar que estivesse ali, se sacudindo e saltando para cima e para baixo – uma mulher do campo, finalmente –, e seguiram até o rio.

Hank escolheu uma acácia-negra saudável e forte na margem do rio e a abateu com a serra elétrica, limpou o tronco e o pôs no espalhador para fazer

companhia a R. J. na viagem de volta.

David fez uma tabuleta sólida e quadrada, aprovando a escolha de Hank.

– A acácia-negra é quase à prova de deterioração – ele disse e enterrou o tronco num buraco de um metro. Do tronco saía um braço de madeira com dois parafusos com argolas para prender a tabuleta.

– Quer alguma coisa além do seu nome? Quer dar algum nome especial à casa?

– Não – ela disse. Mas pensou um pouco e sorriu. – Sim, eu quero. R. J. achou a tabuleta uma beleza quando estava pronta, pintada de bege acinzentado, com as letras em preto.

A Casa
da Beira
R. J. Cole, clínica geral

O nome intrigava quem o via. Da beira do quê, perguntavam para R. J.

Dependendo do seu estado de espírito, ela tinha prazer em explicar que a casa estava à beira da solvência, à beira do desespero, à beira do colapso, à beira do enigma cósmico da vida. Logo eles começaram a se cansar, entediados com aquelas explicações estranhas, ou se acostumaram com a tabuleta e pararam de perguntar.

INSTANTÂNEOS

— Quem é o próximo? — R. J. perguntou para Toby Smith quase no fim da tarde.

— Sou eu — disse Toby, nervosamente.

— Você? Oh... é claro, Toby. Precisa de um exame médico ou tem um problema?

— Problema.

Toby sentou ao lado da mesa e expôs os fatos com poucas palavras e claramente.

Ela e o marido, Jan, estavam casados há dois anos e meio. Há dois anos tentavam ter um filho.

— Nada até agora. Fazemos amor o tempo todo, desesperadamente e com muita frequência, na verdade. Isso arruinou nossa vida sexual.

R. J. fez um gesto afirmativo, compreendendo.

— Muito bem, procurem tirar um descanso. Não é o que você faz, mas como faz. E *quando*. Jan sabe que você está falando comigo?

— Sim, sabe.

— Ótimo, faremos uma análise de sêmen e alguns testes em você, para começar. Quando tivermos alguma informação, podemos organizar um tratamento para vocês.

Toby olhou para ela muito séria.

— Eu preferia que usasse outra palavra, dra. Cole.

— É claro. Digamos então, um curso de ação? Estabeleceremos um curso de ação.

— Sim, assim está bem — disse Toby e elas sorriram.

R. J. e David tinham chegado a um ponto em que estavam sempre fazendo perguntas um ao outro, querendo se conhecer de todos os modos. Ele tinha curiosidade em saber como R. J. via o seu trabalho e achava interessante ela ser formada em direito e em medicina.

— Maimônides era advogado e médico.

– Um rabino também, não era?

– Rabino e também negociava com diamantes, para sustentar a família.

Ela sorriu.

– Talvez eu deva começar a negociar com diamantes.

Era possível falar sobre qualquer coisa com ele, um luxo verdadeiramente incrível. Sua opinião sobre aborto era a mesma do que sobre Deus, não tinha decidido ainda.

– Acho que a mulher deve ter o direito de salvar a própria vida, proteger a saúde ou o futuro, mas ... para mim, um bebê é uma coisa muito séria.

– Mas é claro. Para mim também. Conservar a vida, torná-la melhor, esse é o meu trabalho.

R. J. contou a ele o que sentia quando ajudava alguém, quando marcava pontos aliviando a dor, prolongando a vida.

– Como um orgasmo cósmico. Como o maior abraço do mundo.

Falou também dos momentos de agonia, quando cometia um erro, quando compreendia que alguém que tinha procurado sua ajuda fora prejudicado por ela.

– Já pôs fim à vida de alguém?

– Quer dizer, abrir a porta para a morte? Sim.

David não disse as coisas óbvias e R. J. gostou disso. Ele apenas olhou nos seus olhos, inclinou a cabeça num gesto afirmativo e segurou a mão dela.

David tinha seus momentos difíceis. O negócio de imóveis raramente influía no seu estado de espírito, mas R. J. podia adivinhar quando o livro que ele estava escrevendo ia bem ou não. Quando não ia bem, ele se refugiava em alguma atividade física. Às vezes nos fins de semana ele permitia que R. J. o ajudasse no jardim, e ela arrancava ervas daninhas adorando o contato áspero da terra nas mãos. Além do suprimento de legumes frescos que recebia dos clientes, R. J. queria ter uma horta. David a convenceu da conveniência de uma horta suspensa e disse onde ela podia comprar as vigas para fazer a armação.

Eles retiraram a camada superior de dois retângulos do solo de uma encosta da campina voltada para o sul, bloco após bloco, como esquimós construindo um iglu, e empilharam de cabeça para baixo sobre o adubo. Dispuseram pedras chatas no solo, na forma dos canteiros, de um metro e vinte por dois metros e quarenta, usando o prumo para garantir a posição correta das pedras. Sobre a base de pedra David armou as estruturas, usando duas camadas de vigas de carvalho em cada uma. Era difícil manejar e trabalhar com as vigas.

– Dura como a morte e pesada como o pecado – resmungou David, mas logo terminou de fazer os cantos, com pregos grandes para sustentar a estrutura.

David largou a marreta e segurou a mão dela.

– Sabe o que eu adoro?

– O quê? – ela perguntou, com o coração disparado.

– Excremento de cavalo e de vaca.

O adubo era da fazenda dos Krantz. Misturaram com turfa e terra e encheram com eles os canteiros, depois cobriram com uma camada de feno seco.

– O solo agora vai se acomodar um pouco. Na primavera, tudo que tem a fazer é afastar o feno, plantar as sementes e acrescentar mais palha protetora das raízes, à medida que as plantas começarem a crescer – disse David, e R. J. pensava nessa promessa com a antecipação de uma criança.

No fim de julho já dava para ver qual era a tendência financeira do seu consultório. Ficou claro que alguns pacientes acumulavam as contas das consultas sem nenhum compromisso definitivo de pagar. O pagamento dos pacientes segurados, embora lento, era garantido. Entre os não segurados, alguns não tinham como pagar e sem hesitação ela classificou o tratamento deles como *pro bono*. Mas alguns relutavam em pagar mesmo quando era óbvio que podiam. R. J. tratou as bolhas ulceradas das costas de Gregory Hinton, um próspero criador de vacas leiteiras. Ele foi três vezes ao consultório, sempre dizendo a Toby que ia mandar um cheque, mas não mandou.

Passando de carro pela fazenda de Hinton, ela o viu entrando no celeiro e entrou com o Explorer na estrada estreita que levava à fazenda. Ele a cumprimentou cortesmente, mas intrigado.

– Não preciso mais dos seus serviços. As bolhas desapareceram.

– Isso é bom, sr. Hinton. Fico feliz por saber. Eu estava pensando... bem, se o senhor podia pagar as três consultas.

– O quê? – Ele olhou furioso para ela. – Deus do céu. Será que é preciso cobrar dos pacientes? Que tipo de médica você é, mulher?

– Uma médica que está começando a formar uma clientela.

– Devia saber que o dr. Thorndike sempre concedia um bom tempo para o pagamento das consultas.

– O dr. Thorndike se foi há muito tempo e eu não posso me dar a esse luxo. Agradeceria se o senhor pagasse o que me deve – ela disse, despedindo-se com a maior amabilidade possível.

Naquela noite contou o caso para David e ele disse:

– Hinton é um velho pão-duro obstinado. Ele faz todo mundo esperar o pagamento para poder aproveitar até o último centavo os juros de cada dólar que tem no banco. O que você precisa entender, e os seus pacientes também, é que você está dirigindo um negócio ao mesmo tempo que trata deles.

R. J. precisava organizar um sistema de cobrança, disse David. Qualquer

tipo de cobrança devia ser feita por outra pessoa qualquer, não por ela, para manter sua “imagem de santa”. A cobrança de dívidas era igual em qualquer tipo de negócio, ele disse, e juntos elaboraram um programa que, na manhã seguinte, ela explicou para Toby, a encarregada da cobrança.

Toby conhecia bem os moradores da cidade e ficava a seu cargo a difícil decisão da possibilidade ou não de pagamento de cada paciente. Quem não podia pagar com dinheiro podia dar em troca trabalho ou espécie. Não era cobrado nada de quem não pudesse pagar com dinheiro nem oferecer coisa alguma em troca.

Para aqueles que ela julgava capazes de pagar, Toby programava no computador categorias separadas de acordo com o vencimento da dívida, 30 dias, 60-90 dias e mais de 90 dias. Quarenta e cinco dias depois de enviada a primeira conta, Toby mandaria a Carta número 1, pedindo ao paciente para entrar em contato com a médica em caso de dúvida quanto ao pagamento. Depois de 60 dias, Toby telefonaria lembrando o paciente da importância da dívida e registrando a resposta. Depois de 90 dias, era enviada a Carta número 2, um pedido firme de pagamento até uma determinada data.

David sugeriu que, no fim de quatro meses, a conta fosse mandada para um órgão de cobranças. R. J. não gostou da ideia. Não combinava com o tipo de relacionamento que queria criar na pequena cidade. Compreendeu que precisava aprender a ser negociante além de médica. Mas, ela e Toby resolveram adiar por mais um tempo o uso de um órgão de cobranças.

Certa manhã Toby chegou com um papel na mão e o entregou para R. J. com um sorriso. O papel amarelado e quase se desfazendo estava dentro de um envelope de plástico.

– Mary Stern encontrou nos arquivos da Sociedade Histórica – disse Toby.
– Como é endereçado a um antepassado do meu marido, irmão da sua tataravó, ela levou à nossa casa para nos mostrar.

Era a conta de um médico, enviada a Alonzo S. Sheffield por “Visita ao consultório, gripe – 50 centavos”. O nome impresso na parte superior era Dr. Elias Hathaway e a data da conta era 16 de maio de 1889.

– Houve algumas dezenas de médicos em Woodfield entre o dr. Hathaway e você – disse Toby. – Veja o outro lado.

Um verso estava escrito nas costas da conta:

Só na iminência do perigo e não antes
Adoramos igualmente Deus e o médico
Passado o perigo, ambos são pagos

Deus esquecido e o médico ignorado

*

Toby devolveu a conta à Sociedade Histórica, mas não antes de copiar a estrofe no computador na seção Contas a Receber.

David falava sobre Sarah o tempo todo e R. J. o encorajava. Uma noite ele mostrou a ela quatro álbuns grossos de fotografias contando a vida da menina. Ali estava Sarah recém-nascida, nos braços da avó materna, a falecida Trudi Kaufman, uma mulher gorducha com um largo sorriso. Sarah no seu andador, muito séria, vendo o jovem pai fazer a barba. Quase todas tinham uma história.

– Está vendo esta roupa de neve? Azul-marinho, a primeira roupa de neve de Sarah. Ela estava com 1 ano e Natalie e eu estávamos muito orgulhosos porque Sarah tinha deixado de usar fraldas. Num sábado nós a levamos à A 7S – Abraham & Strauss, a bela loja de departamentos no centro de Brooklyn. Era janeiro, logo depois das festas, e fazia muito frio. Sabe o que é vestir uma criança pequena quando faz frio? Todas as camadas de roupa?

R. J. sorriu, com um gesto afirmativo.

– Sarah tinha tantas camadas de roupa que parecia uma bola, um pãozinho vienense. Estávamos no elevador na A&S, e o ascensorista anunciava a mercadoria vendida em cada andar. Sarah não estava mais no meu colo, mas de pé entre nós dois, de mãos dadas com Natalie e comigo. Então eu olhei para o ascensorista, vi a expressão dele e acompanhei seu olhar. Em volta dos sapatos brancos de Sarah havia um círculo molhado no tapete do elevador. E as pernas da roupa de neve de Sarah estavam mais escuras, mais molhadas do que o resto.

– Tínhamos uma muda de roupa para ela no carro e corri para a garagem para apanhá-la. Tivemos de tirar todas aquelas camadas e substituir por outras camadas. Mas a roupa de neve estava encharcada, e fomos à seção de roupas de bebê para comprar outra.

Sarah no primeiro dia na escola. Sarah com 8 anos, muito magra, brincando na areia, nas férias, em Old Lyne Beach, Connecticut. Sarah com um sorriso enorme e exagerado para mostrar o aparelho nos dentes.

David aparecia em algumas fotos com ela, mas R. J. percebeu que a maioria delas devia ter sido tirada por ele porque Natalie aparecia em várias. R. J. observou discretamente a mulher bonita, confiante, com cabelos longos e negros, extremamente familiar porque Sarah se parecia demais com ela.

Havia alguma coisa errada – doentia – em sentir inveja de uma mulher

morta, mas R. J. invejou a mulher que estava viva quando as fotos foram tiradas, a mulher que havia concebido e tido uma filha, ensinado e orientado Sarah, dado a ela seu amor. Teve de reconhecer, embora com relutância, que seu interesse por David era devido em parte ao seu desejo de ter uma filha, por cobiçar a jovem que Natalie Kaufman Markus trouxe ao mundo.

Uma vez ou outra, andando pela cidade, R. J. lembrava da coleção de pedras de Sarah e prestava atenção na esperança de encontrar uma pedra de coração, mas nunca achou nenhuma. A maior parte das vezes estava ocupada demais para pensar nisso e sem tempo para passar minutos agradáveis procurando pedras no chão.

Aconteceu por acidente, por um capricho do acaso. Num dia quente de verão, R. J. entrou no bosque e tirou os sapatos e as meias na margem do rio. Arregaçou as pernas da calça esporte até acima dos joelhos e caminhou deliciosamente na água fria do Catamount. Chegou a um remanso cheio de peixinhos minúsculos. Não podia dizer se eram trutas comuns ou trutas marrons deslizando na água clara. Então, um pouco além e abaixo das trutas ela viu uma pedra pequena e esbranquiçada. Embora condicionada pelos fracassos anteriores para não esperar nada especial, adiantou-se para o centro do remanso, espalhando peixes por todos os lados e apanhou a pedra.

Uma pedra de coração.

Um cristal, provavelmente quartzo, com cerca de quatro centímetros de diâmetro, superfície lisa e opaca por causa da passagem da água e da areia durante anos e anos até adquirir a forma perfeita.

R. J. a levou para casa em triunfo. Tirou os brincos de pérola da pequena caixa de joias na gaveta da sua mesa e aninhou o cristal sobre o forro de veludo. Então pegou o carro e atravessou a cidade.

Felizmente não havia ninguém na casa de toras de madeira. Sem desligar o motor do Explorer, R. J. desceu do carro e pôs a caixa no centro do degrau mais alto, na frente da porta de Sarah Markus. Entrou no carro e saiu apressadamente, aliviada como se tivesse roubado um banco.

ENCONTRANDO O CAMINHO

R. J. não disse nada a Sarah sobre a pedra de coração que encontrou na sua varanda e Sarah não disse nada sobre o cristal na caixa de joias que encontrou no degrau da escada.

Porém, na tarde da quarta-feira, quando R. J. voltou do consultório, encontrou uma pequena caixa de papelão na frente da porta. Continha uma pedra verde-escura, brilhante, com uma rachadura irregular que ia do centro das duas linhas curvas no alto até a metade da pedra, na direção da ponta do coração.

Na manhã seguinte, seu precioso dia de folga, R. J. foi até uma mina de cascalho na montanha, que era usada pelo departamento de rodagem da cidade. Milhões de anos atrás, uma avalanche de gelo tinha descido da montanha, juntando e carregando terra, pedras e rochas e enormes pedaços congelados se partiram e caíram naquele lugar, derretendo, formando um rio que carregava o aluvião para uma morena que agora fornecia material para a pavimentação das estradas de Woodfield.

R. J. passou a manhã toda procurando entre as pilhas de pedras. Eram infinitas as variações e as combinações de tonalidades das pedras – marrom, bege, branco, azul, verde, negro e cinza. Havia pedras de todos os feitios e R. J. examinou e descartou milhares, uma por uma, sem encontrar o que procurava. No fim da manhã, queimada de sol e mal-humorada, voltou para casa. Passando pela fazenda dos Krantz, viu Freda na horta, fazendo sinal com a bengala para ela parar.

– Estou colhendo beterrabas – Freda disse, quando R. J. abriu o vidro do carro. – Quer algumas?

– Claro. Vou ajudar você.

Na horta grande no lado sul do celeiro enorme e vermelho dos Krantz, já tinham colhido oito beterrabas grandes e redondas quando R. J. viu um pedaço de basalto negro do tamanho da unha do seu dedo mínimo, e com a forma perfeita de coração. Rindo, ela praticamente mergulhou para a pedra.

– Posso ficar com isto?

– Bem, é um diamante? – Freda disse, atônita.
– Não, só uma pedra. – E R. J. levou as beterrabas e a pedra de coração em triunfo.

Quando chegou em casa, lavou a pedra, envolveu num lenço de papel e pôs na caixa de plástico de uma fita de vídeo. Encontrou uma caixa de papelão de um metro quadrado, fez pipoca, comeu algumas no almoço, encheu a caixa de papelão com as outras, pôs no meio a caixa da fita, rodeada por bolas de papel de jornal amassado e fechou a caixa.

Teve de acertar o despertador para acordar bem cedo na manhã seguinte. Queria chegar à casa de toras de madeira enquanto David e Sarah estivessem dormindo ainda. O sol estava baixo, cintilando na relva molhada quando ela parou o carro na estrada e seguiu a pé pelo caminho que levava à casa. Estava pondo a caixa no degrau quando Chaim relinchou no campo.

– Aha! Então *foi* você! – Sarah disse, da janela.

Sarah desceu e abriu a porta.

– Nossa, esta deve ser grande – ela disse, e R.J. riu vendo o espanto dela quando levantou a caixa e a sentiu leve.

– Entre. Vou fazer café – Sarah disse.

Sentaram à mesa da cozinha, sorrindo uma para a outra.

– Adorei as duas pedras de coração que você me deu – R. J. disse. – Vou guardá-las para sempre.

– As de cristal são as minhas favoritas, pelo menos no momento. As minhas favoritas variam muito – ela disse, cautelosamente, para ser sincera. – Dizem que o cristal tem poder de curar doenças. Acha que tem mesmo?

R. J. também foi cautelosa.

– Eu duvido, mas a verdade é que nunca tive nenhuma experiência com cristal, portanto não posso ter certeza.

– Pois eu acho que as pedras de coração são mágicas. Sei que dão sorte e levo uma sempre comigo. Acredita em sorte?

– Oh, sim, acredito definitivamente na sorte. Acredito mesmo.

Enquanto o café estava sendo feito, Sarah pôs a caixa na mesa e cortou a fita adesiva. Rindo, ela foi retirando as camadas de obstáculos. Quando viu a pequena pedra de coração negra, exclamou, encantada:

– A mais linda que já vi.

Bolas de papel amassado e pipoca espalhavam-se pela mesa e pelo chão da cozinha e era como se estivessem abrindo presentes de Natal. Foi assim que David as encontrou quando desceu, de pijama, para tomar café.

R. J. começou a passar mais tempo em casa, adorando a experiência de fazer o próprio ninho sem se preocupar com o que outra pessoa gostava ou não. Já tinham chegado os livros da sua biblioteca de Brattle Street. R. J. trocou com George Garroway acompanhamento pediátrico para os quatro filhos dele por trabalho de carpintaria. Comprou madeira preparada na serraria pequena de um só homem, nas montanhas. Em Boston as tábuas de cerejeira negra eram secas no forno e muito caras. Elliot Purdy fazia ele mesmo todo o trabalho, abatendo as árvores das suas terras, preparando e empilhando para secar ao ar livre, portanto o preço foi razoável e R. J. e David levaram a madeira para a casa dela na picape dele. Garroway forrou as paredes da sala com estantes para livros. R. J. passou grande parte de várias noites passando óleo holandês na madeira, quase sempre ajudada por David e uma vez ou outra por Toby e Jan, que ela recompensava com jantares de espaguete e ópera no CD. Quando terminaram, a sala tinha o aconchego e o calor que só a madeira brilhante e as lombadas de muitos livros podem dar.

Junto com as caixas de papelão cheias de livros que foram levadas de caminhão do depósito em Boston, chegou também o piano, que ela pôs na frente da janela da sala, sobre o tapete persa, sua herança favorita da casa de Cambridge. O Heriz antigo tinha começado a vida com cores vivas, 125 anos atrás, mas através dos longos anos, o vermelho tinha a cor de ferrugem, os azuis e verdes tornaram-se suaves e o branco era agora um tom creme delicado.

Alguns dias depois, um furgão da Federal Express parou na frente da casa de R. J. e o motorista entregou um embrulho grande com carimbos da Holanda. Era o legado de Betts Sullivan, um belo conjunto de prata com bule de café, bule de chá, açucareiro e a pequena leiteira para creme. R. J. passou parte de uma noite polindo as peças pesadas e as deixou sobre a cômoda baixa onde ela podia ver, bem como o tapete Heriz, quando sentava para tocar piano na sua casa. R. J. descobriu um profundo contentamento. Era uma sensação desconhecida, mas à qual ela podia se acostumar facilmente.

David ficou encantado com o aparelho de prata. Ouviu com interesse a história de Elizabeth Sullivan e comoveu-se quando ela o levou à pequena clareira na beira do rio onde estavam enterradas as cinzas de Betts.

- Você costuma vir aqui para conversar com ela?
- Venho aqui porque gosto do lugar. Mas, não... não falo com Elizabeth.
- Não quer dizer a ela que o presente chegou?
- *Ela* não está aí, David.
- Como você sabe?

– Eu sei. Eu enterrei alguns pedaços de ossos debaixo daquela rocha. Elizabeth só queria que seus restos fossem postos na terra num lugar bonito e isolado. Esta cidade, este lugar na margem do rio Catamount não significavam nada para ela quando estava viva. Ela não os conhecia. Se as almas podem voltar depois da morte, e eu não acredito que voltem, acho que provavelmente morrer significa morrer, mas se pudessem, sem dúvida Betts Sullivan iria a um lugar que tivesse algum significado para ela.

R. J. viu que David ficou chocado. E percebeu que o tinha desapontado em algo muito importante para ele.

Eram pessoas completamente diferentes. Talvez fosse verdade que os opostos se atraem, ela pensou.

Embora o relacionamento fosse repleto de dúvidas e incertezas, passavam horas maravilhosas juntos. Exploraram as terras de R. J. e encontraram tesouros. No meio do bosque havia uma série de lagos e lagoas como contas de um enorme colar. Começavam com uma pequena represa com um filete d'água fino demais para ser chamado de regato, que produzia uma quantidade de água pouco maior do que uma poça. Trabalhando com seu infalível instinto de engenharia, os castores haviam construído uma série de represas e pequenos lagos além do primeiro, terminando numa lagoa com quase 5.000 m². Pássaros aquáticos e outras espécies da vida selvagem iam até a lagoa para fazer seus ninhos e caçar trutas e o lugar era tranquilo e cheio de paz.

– Eu gostaria de poder andar até aqui sem ter de desviar das árvores e da vegetação rasteira.

David concordou.

– Você precisa de uma trilha.

Naquele fim de semana ele levou latas de tinta spray para marcar a trilha. Fizeram o caminho várias vezes para ter certeza, antes de marcar as árvores, e então David começou a trabalhar com a serra elétrica.

Fizeram questão de abrir uma trilha estreita evitando atravessar buracos e o corte de árvores grandes, a não ser para retirar os galhos mais baixos que impediam a passagem. R. J. arrastava da trilha os galhos e as árvores pequenas que David cortava, separando os mais grossos para lenha e empilhando o resto de modo a servir de abrigo a pequenos animais.

David mostrou as marcas de animais, uma árvore onde um gamo tinha limpado o musgo dos chifres, um tronco morto feito em pedaços por um urso-negro, à procura de larvas e insetos, e uma vez ou outra um monte de excremento de urso, às vezes informe por causa da diarreia das cerejas, outras

vezes exatamente como fezes humanas, a não ser pelo tamanho quase absurdo.

– Tem muitos ursos por aqui?

– Bastante. Mais cedo ou mais tarde você vai ver um, provavelmente de longe. Eles não nos deixam chegar perto. Sentem a nossa presença, o nosso cheiro. De modo geral, procuram ficar longe dos seres humanos.

Em alguns lugares o cenário era muito belo, e enquanto trabalhavam, R. J. procurava guardar na memória os locais onde queria mandar colocar alguns bancos. Enquanto isso, comprou duas cadeiras de plástico no supermercado de Greenfield e as instalou num monte de arbustos, na margem do lago maior dos castores. Aprendeu a sentar ali durante horas, imóvel, e às vezes era recompensada. Via os castores e um belo casal de patos no mato e uma garça-azul andando na parte mais rasa, um gamo que parou para beber e dois cágados selvagens do tamanho da bandeja de prata de Betts.

Aos poucos, sempre que tinham tempo, ela e David limpavam a trilha estreita através dos bosques murmurantes, até o lago dos castores e mais além, na direção do rio.

OS CANTORES

A despeito de todas as dúvidas, R. J. se deixou envolver pelo relacionamento.

Assustava-a ver uma mulher da sua idade e experiência conseguir tanta descontração interior, tornando-se vulnerável como uma adolescente. Seu trabalho a mantinha afastada de David a maior parte do tempo, mas ela pensava nele, ao acaso, nos momentos mais inoportunos – pensava na sua boca, na voz, nos olhos, no formato da cabeça, seus gestos. Tentava examinar cientificamente suas reações, dizendo que não passavam de química biológica. Quando o via, ouvia sua voz, sentia sua presença, seu cérebro liberava feniletilamina suficiente para enlouquecer seu corpo. Quando ele a acariciava e beijava durante o sexo, a liberação do hormônio oxitocina fazia mais suave o ato de amor.

Durante o dia ela o afastava da mente para poder funcionar como médica.

Quando conseguiam passar algum tempo juntos, não podiam tirar as mãos um do outro.

Era uma época difícil para David, um tempo de decisão. Tinha enviado a metade do livro e um resumo completo para uma importante editora e no fim de julho foi chamado a Nova York. David foi de trem no dia mais quente do verão.

Ele voltou com um contrato. O dinheiro adiantado não ia mudar sua vida – vinte mil dólares, a média para um primeiro livro que não era sobre assassinatos ou detetives atraentes. Mas era uma vitória, além do triunfo de ter permitido que o editor pagasse seu jantar, mas não sua bebida.

R. J. o levou para um elegante jantar de comemoração no Deerfield Inn e depois o acompanhou à reunião dos AA em Greenfield. Durante o jantar ele confessou que estava apavorado, sem certeza de ser capaz de terminar o livro. Na reunião dos AA, ela notou que David não teve autoconfiança suficiente para se identificar como escritor.

– Sou David Markus – ele disse. – Sou alcoólatra e vendo imóveis em Woodfield.

Quando voltaram para a casa dele, no fim da noite, sentaram no escuro no sofá muito usado da varanda, perto dos vidros de mel. Conversaram em voz

baixa, aproveitando a brisa que uma vez ou outra saía do bosque e atravessava a campina.

Enquanto estavam sentados ali, um carro entrou na passagem que levava à casa, os faróis amarelos desenhando no rosto de David as sombras da trepadeira que cobria a varanda.

– É Sarah – ele disse. – Ela foi ao cinema com Bobby Henderson.

Quando o carro se aproximou da casa, ouviram Sarah e o garoto Henderson cantando juntos “Clementine”, as vozes finas parecendo irreais. Evidentemente estavam se divertindo muito.

David riu alto.

– Pssiu – disse R. J. em voz baixa.

O carro parou na frente da casa, separado da varanda por uns três metros de ar e da trepadeira fechada.

Sarah começou a canção seguinte, “The Deacon Went Down to the Cellar to Pray”, e o garoto a acompanhou. No fim da canção, fez-se silêncio. Bobby Henderson devia estar beijando Sarah, pensou R. J. Devíamos ter indicado que estamos aqui, percebeu ela, mas era tarde demais. Ela e David, sentados no escuro de mãos dadas, como um casal idoso, trocaram um sorriso.

Então Bobby começou a cantar.

– *Meu Ring-dand-doo é pequeno e gordo.*

– Oh, Bobby, você é um porco – Sarah disse, rindo, e quando ele continuou a cantar, ela cantou com ele.

– *É coberto de cabelo*

– *(Muito cabelo)*

– *Como um gatinho*

– *(Um gatinho)*

David largou a mão de R. J.

– *Sim, coberto de cabelo...*

– *(Cabelo crespo e negro...)*

– *É dividido em duas partes...*

– *(Dividido em duas...)*

– *É isso que eles chamam...*

– *(É isso que eles chamam...)*

– *De Ring-dang-doo de Sarah*

– *(Meu Ring-dang-doo)*

- Sarah – David disse, em voz alta.
- Oh, meu Deus – disse Sarah.
- Entre agora mesmo.

Depois de um rápido e intenso murmúrio, ouviram uma risada abafada. A porta do carro abriu e fechou. Sarah subiu correndo os degraus da frente e passou por eles sem dizer nada. O carro de Bobby Henderson saiu em disparada, fez uma curva fechada no pátio e passou pela casa outra vez, na direção da estrada.

- Venha, vou levá-la para casa. Depois falo com ela.
- David, tenha calma. Ela não cometeu nenhum crime.
- Onde está seu respeito próprio?
- Ora... é um erro de julgamento. Bobagens da adolescência.
- Bobagem? Não há dúvida que é!
- Escute, David. Você não cantava canções obscenas quando tinha a idade dela?
- Claro. Eu cantava com os garotos. Nunca cantei com uma menina respeitável. Pode ter certeza.
- Pois é uma pena – disse R. J. descendo os degraus e entrando no carro dele.

No dia seguinte David telefonou e a convidou para jantar, mas ela estava muito ocupada. Foi o começo de uma maratona de cinco dias para R. J., cinco dias e cinco noites. Seu pai estava certo, seu sono era interrompido com frequência. O problema era que o centro médico em Greenfield, a meia hora de Woodfield, para onde ela mandava os pacientes de ambulância nos casos de emergência, não era um hospital-escola. Em Boston, nas ocasiões menos frequentes em que era acordada no meio da noite, quase sempre recebia uma avaliação do problema feita pelo médico da família e podia dizer ao médico residente o que devia ser feito, antes de voltar para a cama. Agora não havia outros médicos. Quando era chamada, era sempre por uma enfermeira, geralmente no meio da noite. A equipe de enfermeiros era muito boa, mas R. J. acabou conhecendo detalhadamente a sinuosa Mohawk Trail de dia, de noite e quando o dia começava a clarear.

Ela invejava os médicos dos países europeus onde os pacientes eram mandados para o hospital com as fichas médicas e uma equipe de médicos do hospital assumia a responsabilidade do tratamento. Mas ela estava trabalhando em Woodfield e não na Europa, e assim tinha de ir frequentemente ao hospital.

R. J. tinha premonições terríveis cada vez que viajava na Mohawk Trail,

extremamente escorregadia no inverno, e naquela semana, numa das mais cansativas dessas viagens, ela lembrou que estava ali por sua própria vontade.

Só no fim da semana conseguiu tempo para aceitar o convite de David, mas quando chegou à casa dele, David não estava.

– Ele teve de levar alguns clientes a Potter’s Hill para mostrar a casa dos Weiland. Um casal de Nova Jersey – disse Sarah. Ela estava com camiseta e short que faziam parecer mais longas as pernas bronzeadas de sol. – Esta noite eu vou fazer o jantar. Quer uma limonada?

– Claro.

Sarah serviu a limonada.

– Pode tomar na varanda, ou quer me fazer companhia na cozinha?

– Ah, na cozinha, sem dúvida.

R. J. sentou à mesa, tomando a limonada. Sarah tirou a vitela da geladeira, lavou debaixo da torneira, secou com toalha de papel e pôs num saco de plástico com farinha e temperos. Sacudiu, para cobrir a vitela com a farinha, pôs um pouco de óleo na frigideira e depois a carne.

– Agora, meia hora no forno a 200 graus.

– Você tem todo o jeito de uma grande cozinheira.

Sarah deu de ombros e sorriu.

– Bem, sou a filha do meu pai.

– Sim. Ele é um cozinheiro formidável, não é? – E depois de uma pausa. – Ainda está zangado?

– Não. Papai fica zangado, mas passa logo. – Apanhou um cesto de palha dependurado num prego. – Agora, temos de apanhar os legumes para o cozido.

Na horta, ajoelharam uma de frente para a outra aos lados da fileira de pés de vagem Blue Lake e começaram a colher.

– Meu pai é engraçado comigo. Ele gostaria de me embrulhar em celofane e só desembulhar quando eu fosse uma velha senhora casada.

R. J. sorriu.

– Meu pai também era assim. Acho que a maioria dos pais e mães gostaria de fazer isso. Desejam desesperadamente proteger os filhos da dor.

– Eu sei, mas não podem.

– Não, tem razão, Sarah. Não podem.

– Chega de vagens. Vou apanhar uma batata-baroa. Você colhe dez cenouras, está bem?

A terra em volta das cenouras tinha sido afogada e elas saíam facilmente, cor de laranja-escuro, curtas e largas na parte de cima.

– Há muito tempo está saindo com Bobby?

– Mais ou menos um ano. Meu pai gostaria que eu conhecesse rapazes

judeus, por isso ele pertence à congregação do templo em Greenfield. Mas Greenfield é longe demais para ter amigos. Além disso ele vive dizendo que as pessoas não devem ser julgadas por sua raça ou religião. Tudo isso muda quando você começa a sair com alguém. Olhou atentamente para R. J. – Notei que a *sua* religião não fez nenhuma diferença quando ele começou a sair com você.

R. J. inclinou a cabeça afirmativamente, intrigada.

– Bobby Henderson é uma boa pessoa e tem sido muito bom para mim. Eu não tinha muitos amigos na escola até começar a sair com ele. Ele joga futebol e no próximo outono vai ser cocapitão do time. É muito popular e *me* fez muito popular, sabia?

R. J. fez um gesto afirmativo, preocupada. Sim, ela sabia.

– Mas tem uma coisa, Sarah. Naquela noite, seu pai estava com a razão. Você não cometeu nenhum crime, mas cantar aquela canção é uma falta de respeito próprio. Canções como aquela... são como pornografia. Se você encoraja os homens a pensar nas mulheres como objetos sexuais, é assim que vão pensar em você, como carne.

Sarah olhou para R. J. com se a estivesse reavaliando. Disse, muito séria: – Bobby não pensa em mim desse jeito. Tenho sorte por ele ser meu namorado. Afinal não sou nenhuma beleza.

Foi a vez de R. J. olhar atentamente para ela, com a testa franzida.

– Está brincando, não está?

– Sobre o quê?

– Está querendo me enganar ou enganar a você mesma. Você é uma beleza.

Sarah limpou a terra de um nabo, pôs no cesto e ficou de pé.

– Bem que eu queria ser.

– Seu pai me mostrou uma porção de fotos naqueles álbuns que estão na sala. Muitas são de sua mãe. Ela era muito bonita e você é igualzinha a ela.

R. J. percebeu uma chama de calor nos olhos de Sarah.

– As pessoas acham que eu pareço com ela.

– Sim, parece muito. Duas belas mulheres.

Sarah deu um passo em direção a ela.

– R. J., quer me fazer um favor?

– É claro, qualquer coisa.

– Diga-me o que posso fazer com isto. – Cobriu com a mão duas espinhas no queixo. – Não sei por que tenho isto. Esfrego meu rosto, como as coisas certas. Tenho saúde perfeita. Nunca preciso de médico. Não tenho nenhum dente obturado. E uso creme facial até meus dedos ficarem gastos, mas...

– Pare com o creme. Volte para a água e o sabonete e use a toalha *suavemente*, porque a sua pele é muito sensível. Vou lhe dar uma pomada.

– Vai adiantar?

– Acho que sim. Tente. – Hesitou. – Há certas coisas que são mais fáceis falar com uma mulher do que com um homem, mesmo quando é nosso pai. Se tem alguma pergunta, ou se quer falar sobre alguma coisa...

– Obrigada. Ouvi o que você disse ao meu pai na outra noite. Eu agradeço.
– Deu um abraço apertado em R. J.

R. J. sentiu uma fraqueza nas pernas, queria abraçar Sarah, acariciar o cabelo negro e brilhante da menina. Mas contentou-se em bater desajeitadamente no ombro dela com a mão que não estava segurando as cenouras.

UM DOM PARA SER USADO

Geralmente, a temperatura nas montanhas era dez graus mais baixa do que no vale, no verão e no inverno, mas naquele ano, a terceira semana de agosto foi quente e úmida e R. J. e David procuraram a sombra do bosque. Chegaram ao fim da trilha e se aventuraram mais para dentro da floresta na direção do rio, um caminho difícil, e fizeram amor docemente sobre as agulhas de pinheiro na margem, R. J. preocupada com os caçadores. Depois encontraram um pequeno lago com fundo de areia e sentaram nus na água, um lavando o outro.

– É o paraíso – ela disse.

– Pelo menos, o oposto do inferno – David disse pensativamente.

Ele contou uma história, uma lenda.

– Em Sheol, o mundo de fogo subterrâneo para onde vão todos os pecadores, as almas são libertadas todas as sextas-feiras ao pôr do sol pelo *malakh ha-mavet*, o Anjo da Morte. As almas libertadas passam todo o Sabá aliviando a dor das queimaduras, dentro da água fria de um regato, como estamos fazendo agora. Por isso, nos velhos tempos alguns judeus ultradevotos não tomavam água no Sabá. Não queriam diminuir a quantidade da água curadora onde se refrescavam as almas libertadas do Sheol.

R. J. achou interessante a lenda, mas começou a ter ideias perturbadoras a respeito dele.

– Eu não entendo você. Até que ponto a prática da religião, que você ridiculariza tanto, é uma parte do verdadeiro David Markus? Afinal, quem é você para falar em anjos? Não consegue nem acreditar em Deus.

Aparentemente, David ficou um pouco chocado.

– Quem disse? É só que... Não tenho *certeza* da existência de Deus, e se ele existe, não sei o que é, ele, ela ou a coisa – continuou com um largo sorriso. – Acredito numa ordem completa de um poder mais alto. Anjos. Djins. Fantasmas da cozinha. Acredito nos espíritos sagrados que servem rodas de oração e nos seres elementais. – Levantou a mão. – Ouça.

O que ela ouviu foi o lamento da água, o canto dos pássaros, o vento através da multidão de folhas, o aveludado zumbido de abelhas como se fora um caminhão na estrada distante.

- Sempre que estou no bosque sinto os espíritos.
- Estou falando sério, David.
- Eu também, que diabo.

R. J. viu que ele era capaz de uma euforia espontânea, de ficar “alto” sem beber. Ou *seria* sem ter tomado álcool? Estaria livre da bebida?

Até que ponto estaria curado? A brisa errante continuou a mover as folhas acima deles e os elementais de David a atormentavam, beliscando as partes mais sensíveis da sua mente, murmurando que embora ela estivesse se envolvendo cada vez mais com esse homem, havia muita coisa que não sabia sobre David Markus.

R. J. telefonou para uma assistente social do condado e disse que Eva Goodhue e Helen Phillips precisavam de ajuda. Mas as autoridades moveram-se lentamente e antes que atendessem seu pedido, um garoto foi ao consultório certa tarde e disse que precisavam urgentemente da doutora no apartamento acima da loja de ferragens.

Dessa vez a porta do apartamento de Eva Goodhue foi aberta para ela e o sopro de ar viciado e malcheiroso quase a fez vomitar. Havia gatos por toda a parte, esfregando nas suas pernas, enquanto ela evitava pisar nas fezes deles. O lixo transbordava do recipiente de plástico e pratos cheios de comida estragada amontoavam-se na pia. R. J. pensou que o chamado era para a srta. Goodhue, mas a mulher de 92 anos, vestida e muito bem-disposta, estava esperando por ela.

- É Helen, está muito mal.

Helen Phillips estava na cama. O estetoscópio não acusou nada de alarmante no coração. Ela precisava de um bom banho e tinha escaras nas costas e nas nádegas. Estava com indigestão, arrotava e expelia gases e não respondia às perguntas. Eva Goodhue respondia a todas.

- Helen, por que você está na cama?
- Ela gosta, é aconchegante. Ela gosta de ficar deitada vendo televisão.

A julgar pelo estado dos lençóis, era claro que Helen fazia todas as refeições na cama. R. J. estava preparada para receitar um novo regime bastante drástico: levantar cedo, tomar banho regularmente, fazer as refeições à mesa e tomar as amostras de remédio que ela ia dar para a indigestão. Mas quando Helen segurou as mãos dela, uma terrível corrente de informação a encheu de tristeza e horror. R. J. ficou abalada. Há muito tempo não experimentava aquela sensação estranha e terrível, a certeza para a qual não havia explicação.

Foi até o telefone e ligou para a ambulância, esperando ansiosamente que

atendessem no outro lado da linha.

– Joe, é Roberta Cole. Tenho uma emergência e preciso de uma ambulância rapidamente. A casa de Eva Goodhue, nesta mesma rua, em cima da loja de ferragens.

A ambulância chegou em menos de quatro minutos, uma eficiência notável. Mesmo assim, o coração de Helen Phillips parou antes de chegar ao hospital. Apesar dos esforços frenéticos da equipe da ambulância, ela chegou morta.

Há anos R. J. não recebia a mensagem da morte iminente. Agora, pela primeira vez, teve de admitir que tinha o Dom. Lembrou das palavras do pai.

Ela descobriu que estava pronta para acreditar.

Talvez, ela pensou, pudesse aprender a usar o Dom para lutar contra o anjo fatal que David chamava de *malakh ha-mavet*.

Passou a levar uma seringa de injeção e um suprimento de estreptocinase na sua maleta e procurava oportunidades para segurar as mãos dos pacientes sempre que os examinava.

Três semanas depois, atendendo a um chamado na casa de Frank Olchowski, professor de matemática da escola, que estava com gripe, ela segurou as mãos de Stella, a mulher dele, e sentiu os sinais que sempre temia sentir.

Respirou fundo e procurou pensar com calma.

Não tinha ideia sob que forma se apresentaria o desastre iminente, mas as chances mais prováveis eram de um ataque cardíaco ou de um acidente cerebrovascular.

A mulher tinha 53 anos, uns quinze quilos de excesso de peso e ficou confusa e atônita.

– É *Frank* que está doente, dra. Cole! Por que chamou a ambulância e por que *eu* preciso ir para o hospital?

– Tem de confiar em mim, sra. Olchowski.

Stella Olchowski entrou na ambulância, com um olhar estranho para a médica.

R. J. foi na ambulância com ela. Ajustou a máscara no rosto da paciente e regulou o tanque para 100 por cento de oxigênio. O motorista era Timothy Dalton, um trabalhador do campo.

– Abra caminho mas não faça barulho – R. J. disse e ele obedeceu, com as luzes da capota ligadas, mas sem sirene. R. J. não queria perturbar mais ainda a sra. Olchowski.

Steve Ripley ficou também preocupado depois de medir os sinais vitais da

paciente. O paramédico olhou interrogativamente para R. J.

– O que há de errado com ela, dra. Cole? – ele perguntou, apanhando o radiofone.

– Não ligue ainda para o hospital.

– Se eu aparecer com uma paciente sem sintomas e sem informar o controle médico da emergência, vou ficar numa grande encrenca.

R. J. olhou para ele.

– Confie em mim neste caso, Steve.

Com relutância, ele pôs o fone no gancho. Enquanto seguiam pela rodovia 2, Steve olhava para Stella Olchowski e para R. J., cada vez mais infeliz.

Tinham percorrido dois terços do caminho para o centro médico quando a sra. Olchowski fez uma careta e levou a mão ao peito. Gemeu e arregalou os olhos para R. J.

– Verifique outra vez os sinais vitais, depressa.

– Meu Deus, ela está com uma arritmia grave.

– Agora pode ligar para o controle médico. Diga que ela está tendo um enfarte, que a dra. Cole está com você. Peça permissão para uma aplicação de estreptocinase. Eu aplico. – Enquanto falava, a agulha já estava penetrando o braço da paciente e R. J. empurrava o êmbolo.

O oxigênio penetrou nas células do músculo cardíaco e quando chegou a permissão do controle médico, o medicamento começava a fazer efeito. Quando a sra. Olchowski foi retirada da ambulância pela equipe da emergência do hospital, o dano ao seu coração estava minimizado.

Pela primeira vez R. J. compreendeu que a mensagem que recebia às vezes podia salvar a vida dos seus pacientes.

Os Olchowski contaram a todos os amigos a história da médica que possuía um extraordinário conhecimento de medicina.

– Foi só olhar para mim e ela sabia o que ia acontecer. É uma médica e tanto – disse Stella.

A equipe da ambulância concordou e acrescentou novos pontos à história. R. J. começou a ser recebida com largos sorrisos nas casas dos pacientes.

– Esta cidade gosta de ter um médico outra vez – Peg disse. – E sentem-se orgulhosos por terem uma médica danada de boa.

R. J. ficou embaraçada, mas a mensagem se espalhou pelas montanhas e pelos vales. Toby Smith voltou da convenção democrática em Springfield contando que um delegado de Claremont havia dito que ouvira dizer que a médica para quem Toby trabalhava era uma pessoa de grande calor humano e

muita simpatia. Sempre segurando as mãos das pessoas.

Outubro trouxe o fim dos insetos incômodos e incríveis explosões de cores nas árvores, uma alegre ornamentação das montanhas. Os nativos disseram que era apenas um outono comum, mas R. J. não acreditou. Num dia muito quente ela e David foram pescar no Catamount. Ele pegou três trutas de tamanho decente e R. J. pegou duas, as guelras de cores vivas indicando o tempo do acasalamento. Duas delas eram fêmeas e estavam cheias de ovas. David reservou as ovas para fritar com ovos de galinha, mas R. J. não quis saber. Ela não gostava de nenhum tipo de ovas de peixe.

Sentada com ele na margem do rio, ela começou a contar detalhes da experiência que jamais contaria a outro médico.

David não sorriu. Ouviu com grande interesse – até mesmo, R. J. percebeu, com inveja.

– Está escrito na *Mishnah*... Sabe o que é a *Mishnah*?

– Uma espécie de livro sagrado dos judeus?

– É o livro básico da lei e do pensamento judaico, compilado há 1.800 anos.

Conta que houve um rabino chamado Hanina ben Dosa, que fazia milagres. Ele orava junto aos doentes e costumava dizer, “Este vai viver”, ou “Este vai morrer”, e sempre acertava. Perguntaram a ele: “Como sabes?” E ele respondeu: “Se minha prece é fluente na minha boca, sei que foi aceita, se não, sei que foi rejeitada.”

R. J. não gostou da comparação.

– Eu não rezo ao lado dos doentes.

– Eu sei. Seus antepassados deram o nome certo. É um dom.

– Mas... *o que é?*

Ele deu de ombros.

– Um sábio religioso diria, tanto de você, quanto do rabino Hanina, que é uma mensagem que só vocês têm o privilégio de ouvir.

– Por que eu? Por que a minha família? E uma mensagem de quem?

Certamente não do seu Anjo da Morte...

– Acho que seu pai talvez estivesse certo quando imaginou que deve ser um dom genético, uma combinação de sensores biológicos e mentais que permite o envio de uma informação adicional. Um espécie de sexto sentido.

David estendeu as mãos para ela.

– Não. Deixe disso – ela disse, quando compreendeu o que ele queria.

Mas David esperou com imensa paciência e finalmente ela segurou as mãos dele.

R. J. sentiu o calor e a força dos dedos dele e alívio e fúria ao mesmo tempo.

– Você vai viver para sempre.

– Viverei se você também viver – ele disse.

David falava como se eles fossem duas almas gêmeas. R. J. não esquecia o fato de que ele já vivera um grande amor, uma mulher que tinha amado e cuja morte ainda chorava. Ela teve Charlie Harris, um amor da juventude que morreu quando a união entre os dois era ainda perfeita e não fora posta à prova, e depois um casamento desastroso com um homem egoísta e imaturo. Ela continuou a segurar as mãos de David, sem vontade nenhuma de largar.

NOVOS AMIGOS

Numa tarde de grande movimento no consultório, R. J. recebeu o chamado de uma mulher chamada Penny Coleridge.

– Eu disse que você estava com um paciente e telefonaria depois – disse Toby. – Ela é parteira. Disse que gostaria de conhecer você.

R. J. telefonou assim que teve tempo. Penny Coleridge tinha uma voz agradável mas, pelo telefone, era impossível adivinhar sua idade. Explicou que há anos atendia parturientes nas montanhas. Outras duas parteiras – Susan Millet e June Todman – trabalhavam com ela. R. J. as convidou para jantar em sua casa na quinta-feira, sua tarde de folga, e depois de consultar as colegas, Penny Coleridge informou que aceitavam o convite.

Penny era uma mulher afável, morena, com 30 e poucos anos. Susan Millet e June Todman eram loiras, tão parecidas que podiam se passar por irmãs, mas na verdade se conheciam apenas há alguns anos. June tinha feito o curso de parteira na Yale-New Haven. Penny e Susan eram enfermeiras-parteias. Penny formada pela Universidade de Minnesota e Susan tinha estudado em Urbana, Illinois.

As três deixaram bem claro que estavam felizes com a presença de uma médica em Woodfield. Disseram que algumas mulheres nas cidades das montanhas preferiam um obstetra ou um médico da família para seus partos e tinham de viajar uma longa distância para isso. Outras pacientes preferiam as técnicas menos invasivas praticadas pelas parteiras.

– Nos lugares onde todos os médicos são homens, algumas nos procuram porque querem que uma mulher faça o parto do seu filho – disse Susan, com um sorriso. – Agora que você está aqui, elas têm uma escolha mais ampla.

Alguns anos atrás, os obstetras dos centros urbanos faziam campanha política contra as parteiras porque as viam como concorrentes.

– Mas aqui, nas montanhas, os médicos não nos criam problemas – disse Penny. – Há trabalho para todos e os médicos ficam satisfeitos quando alguém divide o peso com eles. De acordo com a lei, devíamos ser assalariadas, trabalhando para uma clínica ou para um médico. E embora as parteiras sejam perfeitamente capazes de fazer coisas como uma extração a vácuo ou com

fórceps, precisamos da presença de um obstetra formado para isso, exatamente como os médicos que fazem clínica geral.

– Já entrou em contato com um ginecologista obstetra para isso? – perguntou June.

– Não. Gostaria do seu conselho sobre a pessoa mais indicada.

– Estávamos trabalhando com o apoio de um obstetra jovem e muito bom, Grant Hardy – disse Susan. – Ele é inteligente, tem a mente aberta e é idealista. – Fez uma careta. – Acho que idealista demais. Mas agora ele aceitou um emprego no Ministério da Saúde, em Washington.

– Então, vocês já fizeram contato com outro?

– Daniel Noyes concordou em trabalhar conosco. O problema é que ele vai se aposentar dentro de um ano e teremos de recomeçar com outro. Mesmo assim – disse Penny, pensativamente – acho que ele seria o ideal para ser *seu* obstetra, como já é o nosso. Ele gosta de parecer rabugento e insolente, mas na verdade é um amor. Sem dúvida é o melhor obstetra da região e se fizer um acordo com ele agora, terá tempo para procurar outro com calma, antes que ele se aposente.

R. J. concordou.

– Parece uma boa ideia. Vou tentar convencê-lo a trabalhar comigo.

As parteiras ficaram satisfeitas quando souberam que R. J. tinha feito um curso de obstetrícia e ginecologia e trabalhado numa clínica que tratava dos problemas hormonais femininos. Era um alívio saber que tinham a quem recorrer nos casos de problemas com suas pacientes e disseram que gostariam que R. J. examinasse várias delas.

R. J. gostou das três como pessoas e como profissionais, e a presença delas fez com que se sentisse mais segura.

R. J. visitava frequentemente Eva Goodhue, levando sorvete ou frutas. Eva era sempre muito quieta e introspectiva e durante algum tempo R. J. pensou que era seu modo de lamentar a perda da sobrinha, mas chegou à conclusão de que essa atitude fazia parte da personalidade de Eva.

O apartamento foi completamente limpo pelo comitê pastoral da Primeira Igreja Congregacional e pelo grupo Refeições sobre Rodas, uma instituição sem fins lucrativos que cuidava dos idosos, servindo uma refeição quente por dia. R. J. teve um encontro com a assistente social do condado de Franklin, Marjorie Lassiter, e com John Richardson, pastor da igreja em Woodfield, para falar sobre as outras necessidades de srta. Goodhue. A assistente social começou com um relatório direto da situação financeira.

– Ela está falida.

Há vinte e nove anos, o único irmão ainda vivo de Eva Goodhue, chamado Norm, morreu de pneumonia. Eva passou a ser a única dona da fazenda onde sempre tinha vivido. Imediatamente ela a vendeu por menos de 41 mil dólares e alugou um apartamento na cidade, na Main Street. Alguns anos depois, a sobrinha, Helen Goodhue Phillips, filha de Harold Goodhue, outro irmão de Eva, já morto, pediu divórcio do marido que a maltratava e foi morar com a tia.

As duas viviam com o dinheiro que Eva tinha no banco e com um pequeno cheque do serviço social – disse Marjorie Lassiter. – Pensavam que eram ricas, chegando mesmo às vezes a fazer compras pelo catálogo. Sempre gastaram mais do que os dividendos anuais do capital e o dinheiro no banco finalmente acabou – ela suspirou. – Não é incomum, acreditem, as pessoas viverem mais do que o dinheiro que têm.

– Ainda bem que ela tem o cheque da assistência social – disse John Richardson.

– Isso não dá para sustentá-la – observou Marjorie Lassiter. – Só o aluguel é de quatrocentos e dez dólares. Ela precisa comprar comida. Está no Medicare, mas tem de comprar remédios. Não tem nenhum seguro-saúde complementar.

– Eu me encarrego do tratamento médico enquanto ela estiver na cidade – R. J. disse, em voz baixa.

Marjorie Lassiter disse com um sorriso triste:

– Ainda falta dinheiro para o óleo combustível. A conta de luz. A compra ocasional de roupas ou outra coisa necessária.

– O Fundo Sumner – disse Richardson. – A cidade de Woodfield tem uma certa quantia em custódia. Os juros devem ser usados para ajudar cidadãos necessitados. Os gastos são feitos discretamente a critério das três pessoas escolhidas para esse fim e são mantidos em segredo. Vou falar com Janet Cantwell – acrescentou o pastor.

Alguns dias depois, R. J. encontrou o pastor na frente da biblioteca e ele disse que tudo estava acertado com a diretoria do fundo de custódia. A srta. Goodhue ia receber uma quantia mensal do Fundo Sumner, o bastante para cobrir seu déficit.

Nesse mesmo dia, quando terminou de atualizar as fichas dos pacientes, ela compreendeu a grande verdade. Enquanto morasse numa cidade disposta a ajudar uma mulher idosa e indigente, ela não sentiria falta de um novo e brilhante encanamento nos banheiros da prefeitura.

– Quero ficar na minha casa – disse Eva Goodhue.

– Vai ficar – disse R. J.

Por sugestão de Eva, R. J. fez um bule de chá de groselha, o favorito de Eva. Sentaram à mesa da cozinha e falaram sobre o exame físico que R. J. acabava de fazer.

– Seu estado físico é muito bom para quem vai fazer 93 anos. Evidentemente tem ótimos genes. Seus pais viveram muito?

– Não, eles morreram bastante jovens. Minha mãe teve ruptura do apêndice quando eu tinha 5 anos. Meu pai talvez fosse viver bastante, mas morreu num acidente, esmagado por uma pilha de toras de madeira. Eu tinha 9 anos.

– Então, quem a criou?

– Meu irmão Norm. Eu tinha dois irmãos. Norm era treze anos mais velho do que eu e Harold quatro anos mais novo que ele. Nunca se deram bem. Brigavam o tempo todo e Harold fugiu da fazenda, deixando tudo a cargo de Norm. Entrou para a Guarda Costeira e nunca mais voltou para casa, nem se comunicou com Norm, mas uma vez ou outra me mandava um cartão-postal ou uma carta e no Natal, algum dinheiro. – Tomou um gole de chá. – Harold morreu de tuberculose no Hospital Naval, em Maryland, uns dez anos antes da morte de Norm.

– Quer saber o que me deixa maluca?

Eva sorriu para a escolha de palavras.

– O quê?

– É pensar que, quando você nasceu, Vitória era a rainha da Inglaterra, Guilherme II, imperador da Alemanha, Teddy Roosevelt estava para ser presidente dos Estados Unidos. E Woodfield, as mudanças que deve ter visto em Woodfield.

– Não tantas assim – disse Eva. – O automóvel, é claro. Agora todas as estradas principais são asfaltadas. E a eletricidade está por toda a parte. Lembro de quando a iluminação da rua chegou à Main Street. Eu tinha 14 anos. Eu andei dez quilômetros da fazenda até a cidade e de volta, depois de terminar meu trabalho, só para ver as luzes serem acesas. Só depois de uns vinte anos a eletricidade chegou a todas as casas da cidade. Nós só tivemos uma máquina de ordenhar quando eu estava com 47 anos. *Essa* foi uma mudança abençoada!

Ela falou pouco sobre a morte de Helen. R. J. tocou no assunto, achando que seria bom para ela, mas voltando para ela os olhos cansados e profundos como lagos, disse:

– Ela era uma boa alma, filha única do meu irmão Harold. É claro que sinto falta dela. Sinto falta de todos, ou pelo menos da maioria deles. Eu já vivi mais do que todas as pessoas que conheci.

INSTALANDO-SE

Num dia ameno, em meados de outubro, R. J. saía do hospital em Greenfield e viu Susan Millet no estacionamento, falando com um homem corado e quase completamente calvo. Ele era alto e forte mas um pouco curvado para a frente, como se sua coluna fosse feita de lata, e o ombro esquerdo era mais baixo que o direito. Escoliose crônica, ela pensou.

– Oi, R.J.! Escute, aqui está alguém que quer conhecê-la. Dr. Daniel Noyes, esta é a dra. Roberta Cole.

Trocaram um aperto de mãos.

– Então, você é a dra. Cole. Ultimamente tenho a impressão de que as parteiras só falam em você. Disseram que é uma espécie de especialista em hormônios.

– Não especialista. – Explicou que tinha trabalhado na clínica do Hospital Lemuel Grace e ele fez um gesto afirmativo.

– Pois então não negue. Isso faz de você a melhor especialista em hormônios que já tivemos por perto.

– Eu vou fazer partos. Minha clínica é familiar. Preciso da cooperação de um obstetra que trabalhe aqui.

– Precisa mesmo? – ele disse, secamente.

– Sim.

Trocaram um olhar demorado.

– Muito bem, está me pedindo para trabalhar com você?

Ele era insolente e rabugento, R. J. pensou, como as parteiras tinham dito.

– Sim, essa é a ideia. Sei que não sabe muito a meu respeito. Por acaso tem compromisso para o almoço?

– Não precisa gastar seu dinheiro pagando meu almoço. Já me disseram tudo a seu respeito. Por acaso disseram que vou me aposentar dentro de doze meses e meio?

– Sim, disseram.

– Muito bem, se ainda quer minha ajuda por esse breve espaço de tempo, tudo bem comigo.

– Isso é formidável. Falo sério.

Agora ele sorriu.

– Pois então, está combinado. Agora, que tal eu a convidar para almoçar no melhor e mais antiquado restaurante do mundo, e contar algumas histórias de guerra sobre a prática da medicina na região oeste de Massachusetts?

Ele *era* um amor, dava para ver.

– Eu gostaria muito.

– Suponho que você também quer vir – ele disse para Susan, que olhava satisfeita para os dois.

– Não, tenho um compromisso, mas vão vocês. – Susan estava rindo quando dirigiu-se para seu carro.

R. J. estava muito ocupada, trabalhando longas horas seguidas e quando tinha uma folga estava cansada demais para algum programa mais ambicioso. A trilha no bosque não foi além dos lagos dos castores. Quando ela queria ir até o rio, tinha ainda de enfrentar uma dura caminhada no meio da vegetação cerrada.

No fim do outono, ela e David tiveram de suspender os passeios nos bosques por causa dos caçadores com armas carregadas e dedos nervosos nos gatilhos. R. J. detestava ver os gamos mortos, nos para-choques dos carros e dos caminhões.

Havia muitos caçadores nas montanhas. Toby e Jan Smith convidaram R. J. para jantar e serviram um magnífico assado de carne de veado.

– Peguei um macho jovem de quatro pontas, bem ali na montanha acima da casa – disse Jan. – Eu vou sempre no dia de abertura da temporada de caça com meu tio Carter Smith. Caço com ele desde garoto.

Sempre que ele e o tio matavam um gamo, seguiam uma tradição da família, ele disse. Tiravam o coração do gamo ainda no bosque, cortavam em pedaços e comiam cru. Ele descreveu os detalhes com prazer evidente e fez questão de acentuar o amor e a amizade que havia entre ele e o tio.

R. J. procurou não demonstrar sua repulsa. Por um breve momento, imaginou quantas doenças parasitárias podiam ter invadido os corpos deles com o coração do gamo. Tinha de admitir que a carne do gamo estava deliciosa e comeu e elogiou o assado.

R. J. estava entrando numa cultura extremamente estranha para ela. Às vezes era com grande esforço que se ajustava às tradições estranhas à sua experiência.

Várias famílias estavam na cidade há muitas gerações – os antepassados de

Jan Smith tinham caminhado de Cape Cod até Woodfield nos últimos meses do século XVII, levando seus rebanhos de gado – e casaram entre eles, de modo que todo mundo parecia ser primo de todo mundo. Alguns desses descendentes das mais antigas famílias de Woodfield recebiam bem os novos moradores da cidade, mas outros não. R. J. observou que certos indivíduos, mais ou menos felizes com eles mesmos, seguros em suas almas, geralmente se abriam para novas amizades. Aqueles para os quais os antepassados e sua condição de nativos eram a única esperança de distinção geralmente adotavam uma atitude crítica e fria para com os “recém-chegados”.

A maior parte dos habitantes da cidade estava feliz com a presença da médica. Mesmo assim, era um ambiente estranho para R. J. e muitas vezes ela se sentia como uma pioneira numa nova fronteira. A prática da medicina na zona rural era como fazer acrobacia arriscada sem uma rede. No Hospital Lemuel Grace, em Boston, tinha à mão laboratório e a tecnologia para diagnóstico. Em Woodfield, estava sozinha. Tinha acesso à ciência de alta tecnologia, mas ela e os pacientes precisavam fazer um grande esforço para chegar até ela.

R. J. só mandava pacientes para fora de Woodfield quando era estritamente necessário, preferindo depender dos próprios conhecimentos e habilidades. Mas havia momentos em que ela olhava para um paciente e um sinal silencioso de alarme soava em sua mente. Então, compreendia que precisava de ajuda e mandava o paciente para Greenfield, Northampton ou Pittsfield, ou até mesmo para atendimento mais especializado e melhor tecnologia em Boston, New Haven, ou Hanover, New Hampshire.

Estava ainda explorando os caminhos, mas já conhecia muitos pacientes com intimidade suficiente para vasculhar o interior de suas vidas e verificar o que afetava sua saúde, de um modo que só era possível a um médico de cidade pequena.

Uma noite foi acordada às duas horas por um telefonema de Stacia Hinton, a mulher de Greg Hinton.

– Dra. Cole, nossa filha Mary e nossos dois netos, que moram em Nova York, estão nos visitando. A mais nova, Kathy, tem 2 anos. Sofre de asma e apanhou um resfriado forte. Está com muita dificuldade para respirar. Seu rosto já está vermelho e estamos assustados. Não sabemos o que fazer.

– Faça com que ela fique perto de uma chaleira com água fervendo e armem uma pequena tenda sobre sua cabeça com uma toalha. Deixem a menina assim que logo estarei aí, sra. Hinton.

R. J. teve o cuidado de levar os instrumentos para uma traqueostomia, mas quando chegou à fazenda dos Hinton verificou que não ia ser necessário. O vapor d’água já tinha aliviado a menina. Ela estava com uma tosse seca, mas o ar

chegava aos pulmões e o rosto não estava vermelho. R. J. gostaria de tirar uma radiografia para descartar uma epiglote, mas um exame cuidadoso demonstrou que também não era o caso. Havia inflamação da mucosa na parte inferior da laringe e da traqueia. Kathy chorou durante todo o exame e, quando terminou, R. J. lembrou de uma coisa que vira o pai fazer com pacientes de pediatria.

– Você gostaria de ganhar um triciclo?

Kathy fez que sim com a cabeça, fungando. R. J. enxugou as lágrimas do rosto dela, depois apanhou o abaixador de língua de madeira e desenhou nele um triciclo com a caneta esferográfica. A menina olhou interessada para o desenho.

– Quer um com um palhaço?

Kathy fez que sim outra vez e ganhou o desenho de um palhaço.

– Pássaro Grande.

– Oh-oh – disse R. J. Não lembrava muito bem dos programas de televisão, mas conseguiu desenhar uma avestruz com chapéu, e a menina sorriu.

– Ela vai ter de ir ao hospital? – perguntou Stacia Hinton.

– Acho que não – disse R. J.

Ela deixou algumas amostras de remédios e receitas para serem aviadas de manhã, quando abrisse a farmácia em Shelburne Falls.

– Continuem fazendo com que ela respire esse vapor. Se tiver mais algum problema, me chame imediatamente. – Entrou no carro, dirigiu quase dormindo até em casa e caiu na cama.

Na tarde seguinte, Greg Hinton apareceu no escritório e disse a Toby que queria falar pessoalmente com a doutora. Sentou e leu uma revista até R. J. ter tempo para atendê-lo.

– Quanto devo pela noite passada?

R. J. disse e ele fez o cheque. Ela viu que ele estava pagando tudo que devia pelas visitas anteriores.

– Eu não o vi ontem à noite.

– Achei melhor não aparecer. Acho que fui um tolo teimoso. Não me senti muito bem chamando-a à minha casa no meio da noite, depois do modo como a tratei.

Ela sorriu.

– Não se preocupe com isso, sr. Hinton. Como está Kathy hoje?

– Muito melhor. E graças a você. Sem ressentimentos?

– Sem ressentimentos – ela disse, apertando a mão estendida.

Com um rebanho de 175 vacas leiteiras, Greg Hinton podia pagar folgadoamente as consultas de um médico, mas R. J. cuidou também de Bonnie e Paul Roche, um casal jovem com dois filhos pequenos, que lutavam para sobreviver com 19 vacas leiteiras.

– Todos os meses – Bonnie disse – um veterinário vem examinar as vacas e dar as vacinas, mas não podemos pagar seguro-saúde para nós. Antes de você chegar, minhas vacas tinham melhor assistência médica do que meus filhos.

Os Roche não eram um caso isolado na América. Em novembro, R. J. foi até o prédio de madeira da prefeitura e votou em Bill Clinton para presidente dos Estados Unidos. Clinton tinha prometido aos seus pacientes assistência médica para todos. A dra. Roberta Cole pretendia fazer com que ele cumprisse a promessa e depositou seu voto como uma lança apontada para o sistema de assistência à saúde.

ACIMA DA LINHA DA NEVE

— Sarah fez sexo.

R. J. esperou uma fração de segundo e disse cautelosamente.

— Como você sabe?

— Ela me contou.

— David, é maravilhoso ela poder falar com você sobre uma coisa tão íntima. Seu relacionamento com ela deve ser extremamente bom.

— Estou arrasado — ele disse em voz baixa e R. J. viu que era verdade. — Eu queria que ela esperasse até estar pronta. Era mais fácil antigamente quando as mulheres casavam virgens.

— David, ela está com 17 anos. Muitos diriam que já está bem atrasada. Já tratei crianças de 11 anos que fizeram sexo. Sarah tem corpo de mulher, hormônios de mulher. É verdade que algumas mulheres esperam até o casamento, mas hoje em dia pertencem a uma espécie rara. Mesmo no tempo em que as mulheres solteiras eram supostamente virgens, muitas não eram.

Ele concordou. Esteve quieto e tristonho a noite toda, mas depois começou a falar ternamente da filha. Disse que ele e Natalie falaram sobre sexo com Sarah antes de ela entrar na puberdade e depois também e que realmente achava uma felicidade ela ainda poder falar abertamente com ele.

— Sarah não disse quem foi seu parceiro, mas como só está saindo com Bobby Henderson, podemos supor que foi com ele. Ela disse que foi a título de experiência, que ela e o garoto são bons amigos e acharam que estava na hora de resolver o caso.

— Quer que eu fale com ela sobre controle da natalidade e coisas assim? — R. J. esperava que ele dissesse que sim, mas David ficou assustado.

— Não, não acho que seja necessário. Não quero que Sarah saiba que estive falando do assunto com você.

— Então, acho que você deve falar.

— Sim, vou falar. — Ficou mais animado. — De qualquer modo, ela me disse que a experiência acabou. Eles dão muito valor à amizade e resolveram voltar a ser apenas bons amigos.

R. J. duvidava. Não disse que sua experiência era de que, uma vez que os

jovens faziam sexo, quase sempre repetiam a experiência muitas, e muitas vezes.

No Dia de Ação de Graças ela jantou na casa dos Markus. David fez um peru assado e batatas recheadas e Sarah preparou batatas-doces com xarope de bordo e molho de cereja e maçã com frutas do seu pomar. R. J. levou tortas de abóbora e de maçã feitas com massa congelada do supermercado e com recheio preparado às três horas da manhã.

Foi um jantar tranquilo e agradável. R. J. ficou satisfeita por David e Sarah não terem convidado mais ninguém. Tomaram suco de maçã aquecido com especiarias e fizeram pipoca no fogo da lareira. Para completar, o céu nublado ficou quase negro no fim do dia e grossos flocos brancos começaram a cair.

– Mas é cedo demais para neve!

– Não aqui em cima – David disse.

Quando R. J. voltou para casa, a estrada estava coberta com uma camada de neve de vários centímetros. Os limpadores evitavam que a neve se acumulasse no para-brisa e o descongelador funcionou muito bem, mas ela dirigiu lenta e cuidadosamente porque não estava ainda com os pneus de neve no carro.

Em Boston, no inverno, R. J. adorava o breve e místico espaço de tempo, quando tudo ficava quieto e branco logo depois da neve cair, mas quase imediatamente apareciam os limpadores, os caminhões, os carros e os ônibus rugindo e roncando e a cobertura branca num instante ficava suja e lamacenta.

Em Woodfield era diferente. Quando ela chegou à casa da Laurel Hill Road, acendeu a lareira, apagou as luzes e sentou perto do fogo na sala escura. Pelas janelas ela via a brancura azulada que cobria os bosques e os campos em volta da casa.

Pensou nos animais selvagens agasalhados nos buracos feitos na neve, nas pequenas cavernas das encostas, no oco das árvores e desejou que todos sobrevivessem.

Desejou o mesmo para si mesma. Tinha conseguido sobreviver aos seis primeiros e fáceis meses como médica em Woodfield, a primavera e o verão. Agora a natureza nas montanhas estava mostrando os dentes e R. J. esperava poder enfrentar o desafio.

Quando a neve chega nas terras altas não vai mais embora. A linha da neve terminava a mais ou menos dois terços da longa descida que chamavam de Montanha Woodfield, assim quando R. J. passava de carro pelo vale Pioneer, para ir ao hospital, a um cinema ou a um restaurante, via uma paisagem sem

neve que por alguns momentos parecia tão estranha quanto o lado oposto da lua. Só uma semana depois do dia de Ano-Novo o vale recebeu a primeira neve com peso suficiente para cobrir o solo.

Ela gostava de deixar a paisagem sem neve e voltar para o mundo branco das montanhas. Embora as fazendas de gado leiteiro estivessem diminuindo em número, a cidade estava acostumada com a antiga tradição segundo a qual todas as estradas deviam ser mantidas abertas para que os caminhões-tanques pudessem coletar o leite e ela não tinha problema para atender os chamados nas casas dos pacientes.

Certa noite, no começo de dezembro, ela foi deitar cedo, mas o telefone a acordou às 11:20.

– Dra. Cole? Aqui é Letty Gates, na Pony Road e eu estou ferida. – A mulher estava chorando e com a respiração entrecortada.

– Ferida como, sra. Gates?

– Acho que meu braço está quebrado. Eu não sei, minhas costelas... Sinto dor quando respiro. Ele me bateu de verdade.

– Ele? Seu marido?

– Sim, ele. Phil Gates.

– Ele está aí?

– Não, saiu para beber mais.

– Pony Road fica no lado do monte Henry's, certo?

– Sim.

– Muito bem. Já estou indo.

Antes de sair, R. J. telefonou para o chefe de polícia. Giselle McCourtney, a mulher dele atendeu o telefone.

– Oh, eu sinto muito, dra. Cole, mas Mack não está. Um caminhão de doze rodas saiu da estrada naquele trecho cheio de gelo, logo depois do depósito de lixo e ele está lá desde as nove horas, dirigindo o tráfego. Deve voltar a qualquer momento.

R. J. disse do que se tratava.

– Então, quer por favor dizer a ele para ir à fazenda dos Gates assim que for possível?

– Certamente, dra. Cole. Vou tentar falar com ele pelo rádio.

Ela não precisou usar a tração nas quatro rodas até começar a subir a Pony Road. A partir daí, a subida era íngreme, mas a neve quase sólida era mais firme do que a estrada de terra no verão.

Letty Gates acendeu a luz forte acima da porta do celeiro e R. J. a viu

através das árvores quando estava ainda longe da casa. Entrou na parte dos fundos e parou o Explorer ao lado dos degraus. Saiu do carro e estava apanhando a maleta no banco traseiro quando o primeiro tiro a assustou e alguma coisa saltou na neve perto das suas botas.

R. J. viu o vulto de um homem dentro do celeiro escuro. A luz externa refletia na neve e iluminava o cano opaco do que parecia um rifle de caça.

– Dê o fora daqui – ele disse, cambaleando e erguendo o rifle.

– Sr. Gates, sua mulher está ferida. Eu sou médica, dra. Cole, e vou entrar na sua casa para cuidar dela. – Oh, meu Deus, ela pensou, não estou sendo muito inteligente. Não queria dar a ele a ideia de voltar para a casa atrás da mulher.

Ele atirou outra vez e o farol direito do Explorer explodiu num chuveiro de estilhaços.

R. J. não via nenhum lugar onde pudesse se proteger. Ele estava com uma arma possante, ela não tinha nenhuma. Se tentasse se esconder atrás ou dentro do carro, bastaria ele dar alguns passos para matá-la, se quisesse.

– Sr. Gates, procure pensar. Não represento ameaça para o senhor. Só quero ajudar sua mulher.

Um terceiro tiro e o farol esquerdo do Explorer desapareceu. Mais outro arrancou um pedaço do pneu dianteiro.

Ele estava destruindo o carro.

R. J., exausta com a falta de sono, apavorada, estava além da cautela mais elementar. A tensão acumulada de se desligar de uma vida para recomeçar num lugar novo – tudo cresceu de repente dentro dela e explodiu.

– Pare com isso. Pare com isso. Pare com isso.

Descontrolada, sem pensar, R. J. deu um passo na direção dele.

Gates andou para ela com o rifle abaixado, mas o dedo no gatilho. Ele estava com a barba crescida, um macacão sujo, uma jaqueta manchada de estrume e um boné xadrez de lã com as palavras *Raça para Animais* bordada na frente.

– Eu não precisava vir aqui – R. J. ouviu atônita a própria voz, calma e bem modulada.

Confuso, ele ergueu o rifle. Nesse momento ouviram o motor do carro.

Ele hesitou por um segundo e Mack McCartney ligou a sirene alto e baixo, como o rosnado de um animal gigantesco. O carro apareceu na entrada da fazenda e lá estava McCartney.

– Philip, não banque o idiota. Abaixei essa arma, ou vai arranjar encrenca. Ou você morre, ou vai para a cadeia para sempre, sem nunca mais poder tomar uma bebedeira – o chefe de polícia falou com voz calma e firme, e Gates largou o rifle, encostando-o na parede da casa. McCartney o algemou e o levou para o

banco de trás do jipe, tão seguro quanto uma cela, reforçado por uma grade pesada.

Cautelosamente, como se estivesse andando em cima de gelo fino, R. J. entrou na casa.

Letty Gates tinha várias equimoses causadas pelos punhos do marido e fraturas superficiais no cúbito e na nona e décima costelas esquerdas. R. J. chamou a ambulância no momento em que ela estava chegando ao hospital com o motorista do caminhão.

O braço da sra. Gates foi imobilizado, posto numa tipoia e preso ao peito com uma gravata larga para imobilizar as costelas. Quando a ambulância a levou, Mack McCourtney já tinha trocado o pneu do carro de R. J. O Explorer estava cego como uma toupeira e ela desceu lentamente a montanha atrás do jipe da polícia.

Quando chegou em casa, depois de tirar apenas parte da roupa, R. J. sentou na cama e chorou, chorou.

No dia seguinte ela esteve muito ocupada no consultório, mas Dennis Stanley, um dos policiais que trabalhavam para McCourtney, levou o Explorer até Greenfield. Comprou um novo pneu e o representante da Ford substituiu os faróis e a fiação da lâmpada esquerda. Dennis entregou a conta para Phil Gates, explicando que o juiz podia ser leniente no julgamento da fiança se Gates pedisse desculpas e já tivesse pago o prejuízo. Dennis levou o cheque de Gates para R. J., com o carro consertado, e a aconselhou a descontar o cheque imediatamente, o que ela fez.

Em dezembro as coisas ficaram mais lentas e R. J. aproveitou a calmaria. Seu pai ia visitar uns amigos na Flórida, no Natal, e perguntou se podia passar alguns dias com ela, a partir do dia 19 de dezembro, para comemorar um Natal um pouco mais cedo.

A comemoração adiantada coincidiu com o Hanukah e David e Sarah aceitaram com prazer o convite para jantar.

R. J. cortou uma árvore pequena no seu bosque e fez um bom jantar para os quatro.

Depois do jantar, trocaram presentes. Ela deu a David um pequeno quadro da porta de uma casa de toras de madeira que lembrava a casa dele e um pacote tamanho família de M&M. Para o pai ela deu um vidro de xarope de bordo dos Roche e outro de Mel estou apaixonado por você. Para Sarah comprou a coleção

de Jane Austen. Do pai ela ganhou uma garrafa de *brandy* francês e de David um livro de poesia de Emily Dickinson. O presente de Sarah foi um par de luvas tricotadas por ela com fio de lã crua e uma terceira pedra de coração. Disse para R. J. que, de certo modo, os presentes eram também de Bobby Henderson.

– A lã é dos carneiros da fazenda da mãe de Bobby e eu encontrei a pedra no terreno deles.

O pai de R. J. estava envelhecendo. Parecia menos seguro, mais quieto e um pouco tristonho. Tinha levado sua viola da gamba. A dolorida artrite quase o impedia de tocar, mas ele insistiu em fazê-lo. Depois da troca de presentes, R. J. sentou ao piano e tocaram uma série de duetos por um longo tempo. Foi até melhor do que o perfeito Dia de Ação de Graças, o melhor Natal da vida de R. J.

Depois que David e Sarah saíram, o pai de R. J. abriu a porta da frente e saiu para a varanda. O ar estava frio e seco, uma camada de gelo cobria a neve e a lua cheia fazia uma trilha de luz através da campina que parecia um lago.

– Escute – disse o pai.

– O quê?

– Toda essa calma e essa luz.

Ficaram ali parados juntos, respirando o ar frio por um longo minuto. O vento tinha parado e a ausência de som era completa.

– É sempre assim quieto aqui? – ele perguntou.

R. J. sorriu.

– A maior parte do tempo – ela respondeu.

A ESTAÇÃO DO FRIO

David foi à casa dela uma tarde quando R. J. estava no consultório e, com uma raquete de neve nos pés, passou três vezes pela trilha no bosque, amassando a neve acumulada para que eles pudessem passar por ela de esqui. A trilha era muito curta, pequena demais para esqui. Os dois concordaram em aumentar sua extensão para ter uma boa pista de esqui no próximo inverno.

Os bosques ficavam diferentes no inverno. Viam marcas de animais que, no verão, teriam passado despercebidas, as pegadas de gamo, mink, racoon, peru silvestre, lince. Uma fila de pegadas de coelho terminava num lugar fora da trilha. David afastou a camada de neve com o bastão de esqui e encontrou sangue congelado e pelo branco de um coelho devorado por uma coruja.

Nas montanhas, a neve era uma realidade muito séria da vida quotidiana. Por sugestão de David, R. J. comprou um par de raquetes de neve e aprendeu a andar com elas. Levava as raquetes no carro, “por precaução”, mas não precisou usá-las naquele inverno. Porém, no começo de janeiro caiu uma tempestade que até os antigos moradores classificaram como muito séria. Depois de um dia e uma noite de neve constante, o telefone de R. J. interrompeu seu café da manhã.

Era Bonnie Roche.

– Dra. Cole, estou com uma dor terrível no lado e tão nauseada que tive de parar no meio da ordenha.

– Tem febre?

– Minha temperatura está um pouco acima de trinta e sete. Mas o lado da minha barriga dói muito.

– Qual lado?

– O direito.

– Em cima ou embaixo?

– Em cima... Oh, eu não sei. No meio, eu acho.

– Já tirou o apêndice?

– Não. Meu Deus, dra. Cole, não posso ir para o hospital, de modo nenhum! Não podemos pagar.

– Não vamos nos precipitar. Num instante estarei aí.

– Só pode chegar até a rodovia. Nossa estrada particular está cheia de neve.

– Fique calma – R. J. disse. – Eu chego aí.

A estrada particular tinha quase dois quilômetros e meio. R. J. telefonou para a equipe da ambulância que tinha uma unidade de resgate na neve. Encontraram-se na entrada da estrada dos Roche e R. J. sentou atrás de Jan, num dos dois veículos, segurando a cintura dele, a testa encostada nas costas do rapaz e seguiram pela trilha de terra coberta de neve.

Logo que chegaram R. J. verificou que se tratava de apendicite. Em situações normais, o carro de neve não seria o transporte ideal para uma paciente com apendicite, mas tinha de servir.

– Não posso ir para o hospital, Paulie – Bonnie disse para o marido. – Não posso. Que diabo, você sabe disso.

– Não se preocupe. Deixe comigo – disse Paul Roche. Era um jovem de 20 e poucos anos, alto e magro, que parecia nem ter idade para tomar bebida alcoólica. Sempre que R. J. ia à fazenda deles, Paul estava trabalhando e ela nunca o via, na fazenda ou na cidade, sem uma ruga de preocupação na testa, como um homem velho.

Apesar dos protestos, Bonnie foi instalada no carro de Dennis Stanley, que partiu lentamente. Bonnie foi com o corpo dobrado para a frente, protegendo o apêndice. A ambulância os esperava na rodovia sem neve e a levou para o hospital com a sirene ligada, cortando asperamente o silêncio da cidade.

– Agora, falando em dinheiro, dra. Cole. Não temos seguro-saúde – disse Paul.

– No ano passado a fazenda rendeu trinta e seis mil dólares?

– Trinta e seis mil? Está brincando...

– Então, de acordo com as regras da Lei Hill-Burton, não vão cobrar nada. Vou providenciar para que mandem os papéis para você assinar.

– Fala sério?

– Sim. Mas tem uma coisa... acho que a lei Hill-Burton não cobre as despesas de médico. Não se preocupe com isso – ela se obrigou a dizer. – Mas sem dúvida terá de pagar o cirurgião, o anestesista, o radiologista e o patologista.

R. J. viu, com pena, a preocupação voltar aos olhos dele.

Naquela noite ela contou a David o problema dos Roche.

– A Hill-Burton tem como finalidade proteger indigentes e pessoas sem seguro, mas não funciona porque só paga a conta do hospital. Os Roche estão navegando num frágil barco. As despesas que não são cobertas pela lei são

suficientes para provocar o naufrágio.

– O hospital aumenta o preço que cobra das empresas de seguro-saúde para cobrir o que não podem cobrar de pacientes como Bonnie – David disse, falando devagar. – E as empresas de seguro-saúde repassam esse aumento para as apólices de seguro. Assim, os que têm seguro acabam pagando a conta do hospital de Bonnie.

R. J. concordou.

– É um sistema falho e ineficiente. Há trinta e sete milhões de pessoas nos Estados Unidos sem qualquer tipo de seguro-saúde. Todos os outros grandes países do mundo, Alemanha, Itália, França, Japão, Grã-Bretanha, Canadá e outros, dão assistência médica aos cidadãos por uma fração do que o país mais rico do mundo gasta com a assistência médica inadequada. É a nossa vergonha nacional.

David suspirou.

– Não acredito que Paul tenha sucesso como fazendeiro, mesmo que superem esse problema. O solo nas montanhas é fino e rochoso. Temos plantações de batatas e poucos pomares. Alguns fazendeiros costumavam cultivar tabaco. Mas o que dá melhor aqui é relva. Por isso, antigamente era grande o número de fazendas de gado leiteiro. Mas o governo não protege mais o preço do leite e os grandes produtores de leite só podem ganhar dinheiro hoje em dia com fazendas enormes e rebanhos gigantescos em estados como Wisconsin e Iowa.

Era o tema do livro dele.

– As pequenas fazendas aqui das montanhas estouraram como bolas de ar. Com a diminuição do número de fazendas, desapareceu o sistema de apoio. Há apenas um ou dois veterinários para tratar os rebanhos e os vendedores de equipamento agrícola fecharam suas lojas; assim, se um fazendeiro como Paul precisar de uma peça para o trator ou de um empacotador de fardos, tem de ir ao Estado de Nova York ou a Vermont. O pequeno agricultor está condenado. Só sobraram os que têm fortuna pessoal ou uns poucos como Bonnie e Paul. Românticos sem esperança.

R. J. lembrou o que seu pai tinha dito da sua decisão de praticar medicina rural.

– Os últimos cowboys, à procura da pradaria desaparecida?

David sorriu.

– Mais ou menos isso.

– Não há nada de errado no romantismo.

R. J. resolveu fazer tudo ao seu alcance para ajudar Paul e Bonnie a continuar na fazenda.

*

Sarah foi a New Haven, com o clube de teatro da escola, para passar uma noite e assistir a *A morte de um caixeiro-viajante* e David, quase timidamente, perguntou se podia passar a noite com R. J.

Era um novo problema no relacionamento. A presença dele não era indesejada, mas de repente David entrava de modo mais sério no seu espaço, algo que exigia certa adaptação. Fizeram amor e então ele estava ali, no quarto dela, ocupando mais de metade da cama, dormindo profundamente, como se tivesse passado as últimas mil noites da sua vida na cama de R. J.

Às 11 horas, sem sono, R. J. levantou da cama, foi para a sala e ligou a televisão no noticiário, com o volume bem baixo. Então, viu um senador dos Estados Unidos atacando Hillary Clinton, chamando-a de “sonhadora da boa vontade” por tentar a aprovação de uma lei de assistência universal à saúde. O senador era um milionário há pouco tempo tratado de graça de um problema de saúde no Hospital Naval Bethesda. R. J., sozinha na frente da tela, praguejou em voz baixa contra ele, até começar a rir da própria reação. Depois, desligou a televisão e voltou para a cama.

Lá fora, o vento gritava e gemia, tão frio quanto o coração do senador. Era bom aconchegar-se no calor de David, como duas colheres encaixadas, e logo R. J. estava dormindo tão profundamente quanto ele.

NOVA SEIVA

A chegada da primavera a apanhou de surpresa. Na quarta semana do mês de fevereiro pardacento e sem alegria, quando R. J. estava ainda psicologicamente em pleno inverno, ela começou a ver pessoas trabalhando nos bosques, perto da estrada. Estavam pregando pinos de metal ou de madeira nas árvores de bordo e dependurando baldes neles, ou estendendo cordas de plástico, como uma rede gigantesca de tubos endovenosos que iam dos troncos das árvores até grandes tanques reservatórios. O começo de março trouxe a temperatura ideal para retirar a seiva doce das árvores – noites de geada, dias mais quentes.

As estradas de terra degelavam todas as manhãs e eram transformadas em canais de cola. O problema começou quando ela entrou com o carro na estrada particular que levava à casa dos Roche e o Explorer mergulhou na lama até os eixos das rodas.

Quando ela saiu do carro, suas botas afundaram como se alguma coisa a estivesse puxando para dentro da terra. R. J. puxou o cabo de aço do reboque na frente do Explorer até ter mais de trinta metros de cabo estendido no solo atrás dela. Escolheu um carvalho imenso, que parecia ancorado na terra para toda a eternidade, enrolou o cabo no tronco e prendeu a ponta com o gancho, fazendo da árvore sua cativa.

O guindaste era movido por controle remoto. Ela ficou ao lado do carro e apertou o botão. Então observou fascinada o cabo ser puxado para o reboque até ficar bem esticado. Com um ruído alto de sucção, os pneus foram retirados da lama pegajosa e o carro começou a avançar lentamente, muito lentamente. Quando tinha avançado mais ou menos vinte metros na direção do carvalho, ela desligou o guindaste, entrou no carro e ligou o motor. Com a tração nas quatro rodas ligada, em poucos minutos ela recolheu o cabo e seguiu para a fazenda dos Roche.

Bonnie, agora sem o apêndice, estava sozinha em casa. Não podia ainda fazer trabalho pesado e Sam Roche, irmão de Paul, de 15 anos, ordenhava as vacas todas as manhãs, antes das aulas e todas as noites, depois do jantar. Paul começou a trabalhar como expedidor na fábrica de facas em Buckland, para pagar as contas. Ele voltava para casa todos os dias às três horas e até o cair da

noite colhia seiva de bordo e a fervia na usina de açúcar até as primeiras horas da manhã. Era um trabalho brutal, apanhar e ferver cento e cinquenta litros de seiva para conseguir um pouco menos de quatro litros de melaço, mas os compradores pagavam bem e eles precisavam do dinheiro.

– Estou com medo, dra. Cole – disse Bonnie. – Com medo de que ele não aguente tanto trabalho. Com medo de que um de nós fique doente outra vez. Se isso acontecer, será o fim da fazenda.

R. J. temia a mesma coisa, mas balançou a cabeça.

– Não vamos deixar que isso aconteça.

Certos momentos jamais deixavam sua lembrança.

22 de novembro de 1963. Estava indo para a aula de latim, no primeiro grau, quando ouviu dois professores comentando o assassinato de John F. Kennedy, no Texas.

4 de abril de 1968. Estava devolvendo alguns livros para a biblioteca pública de Boston, quando viu uma bibliotecária chorando e soube que uma bala assassina tinha acabado com a vida de Martin Luther King Jr.

5 de junho desse mesmo ano. Estava beijando o namorado dentro do automóvel, na frente do apartamento onde morava com o pai – lembrava que o garoto era gorducho e tocava jazz no clarinete, mas não lembrava mais do seu nome. Ele acabara de tocar a armadura que protegia seu seio, formada pela suéter grossa e pelo sutiã. R. J. tentava resolver como reagir quando o rádio do carro do pai do garoto anunciou que Robert Kennedy levava um tiro e tudo indicava que estava morrendo.

Ela acrescentava a esses momentos a notícia do assassinato de John Lennon e a explosão da nave espacial *Challenger*.

Agora, na casa de Barbara Kingsmith, numa manhã chuvosa em meados de março, R. J. teve outro momento terrível.

A sra. Kingsmith estava com uma infecção renal muito grave. A febre não a impedia de falar sem parar e ela estava reclamando das cores usadas pelos pintores no interior do prédio da prefeitura quando R. J. ouviu algumas palavras do noticiário urgente na televisão a que a filha da sra. Kingsmith assistia na sala.

– Com licença – ela disse para a sra. Kingsmith e foi até a sala. Ouviu então que, na Flórida, um ativista pelo Direito à Vida, chamado Michael F. Griffin, acabara de matar a tiros o dr. David Gunn, que trabalhava numa clínica de abortos.

Os ativistas antiaborto estavam levantando dinheiro para pagar o melhor advogado de defesa para Griffin.

R. J. ficou apavorada.

Quando saiu da casa da sra. Kingsmith, foi diretamente para a casa de David e o encontrou no escritório.

David a abraçou, acalmou, ouviu a descrição dos rostos contorcidos de fúria que ela via quase todas as manhãs de quinta-feira em Jamaica Plains. Ela falou dos olhos repletos de ódio e disse que agora sabia o que esperava todas as quintas-feiras. Uma arma apontada para ela, um dedo puxando o gatilho.

Ela visitava Eva com maior frequência do que seria necessário do ponto de vista médico. O apartamento de Eva ficava na mesma rua do seu consultório e R. J. passara a admirar a velha senhora e estava descobrindo, com ela, como era a cidade no tempo em que Eva era jovem.

Geralmente R. J. levava sorvete, que as duas tomavam enquanto conversavam. Eva era perfeitamente lúcida e tinha boa memória. Contou dos bailes nas noites de sábado no segundo andar do prédio da prefeitura. Todos da cidade compareciam, levando os filhos. Contou do tempo em que havia a casa que vendia gelo em Big Pond, e a centena de homens que todos os dias trabalhavam quebrando os blocos de gelo. E da manhã de primavera quando o gelo do solo partiu e uma carroça de gelo com quatro cavalos e um homem chamado Chink Roth mergulharam na água negra e morreram.

Quando soube onde R. J. estava morando, Eva ficou interessada.

– Ora, eu morei a uns dois quilômetros da sua casa a maior parte da minha vida. Aquela casa no fim da rua era a nossa fazenda.

– Onde moram hoje Freda e Hank Krantz?

– Isso mesmo! Eles a compraram de *nós*!

Naquele tempo, ela disse, o terreno da casa de R. J. pertencia a um homem chamado Harry Crawford.

– A mulher dele chamava-se Rosalie. Ele comprou suas terras de nós também e construiu a casa onde você está morando. Crawford tinha um pequeno moinho nas margens do Catamount, com uma calha por onde passava a água para fornecer energia. Ele derrubava árvores da nossa floresta e fazia e vendia todo o tipo de objetos de madeira, baldes, moldes para manteiga, remos, cangas para bois, argolas de guardanapo, às vezes móveis. O moinho pegou fogo anos atrás. Deve dar para ver os alicerces na margem do rio, se procurar com atenção.

“Eu lembro, eu tinha... oh, uns 7 ou 8 anos e gostava de ir até lá para ver os homens serrando e martelando, quando estavam construindo a sua casa. Harry Crawford e mais dois. Não lembro quem eram os outros dois, mas lembro que o sr. Crawford fez um pequeno anel para mim com um prego.” Ela segurou a mão

de R. J. e sorriu carinhosamente. “Sabe de uma coisa, isso me faz sentir que somos vizinhas, você e eu.”

R. J. fez várias perguntas a respeito dos Crawford, imaginando que a história deles talvez explicasse os pequenos ossos encontrados quando fizeram a escavação para o açude. Mas não descobriu nada que pudesse ajudar.

Alguns dias depois ela foi à velha casa de madeira na Main Street, que abrigava o Museu Histórico de Woodfield, e examinou os registros da época, alguns deles amarelados e embolorados. Os Crawford tiveram quatro filhos. Um filho e uma filha, Tyrone Joseph e Linda Rae, morreram jovens e foram enterrados no cemitério principal da cidade. Outra filha, Barbara, morreu quando já era adulta, em Ithaca, Nova York, seu nome de casada era Sewall. Um filho, Harry Hamilton Crawford Jr., tinha ido para a Califórnia há muitos anos e não tiveram mais notícias dele.

Harry e Rosalie Crawford eram membros da Primeira Igreja Congregacional de Woodfield. Tinham enterrado dois filhos no cemitério da cidade. Seria possível, pensava R. J., que tivessem enterrado outro bebê em solo lamacento e não consagrado, sem ao menos uma laje?

Não era. A não ser, é claro, que houvesse alguma coisa extremamente vergonhosa para os Crawford no nascimento daquele bebê.

O mistério continuava.

R. J. e Toby Smith eram agora mais do que empregadora e funcionária. Estavam se tornando amigas íntimas que podiam falar sobre as coisas que tinham importância. Isso fazia com que R. J. se sentisse mais vulnerável na sua impossibilidade de ajudar Jan e Toby a ter filhos.

– Você disse que minha biópsia endométrica foi boa e que não há problema com o esperma de Jan. E temos seguido à risca seus conselhos.

– Às vezes nós simplesmente não sabemos por que não acontece – disse R. J. sentindo-se de certo modo culpada por não poder ajudá-los. – Acho que vocês deviam ir a Boston e consultar um especialista em fertilidade. Ou a Dartmouth.

– Não acredito que eu consiga convencer Jan a ir. Ele está farto da coisa toda. Nós dois estamos, mais do que fartos – disse Toby, irritada. – Vamos falar de outra coisa.

Então R. J. falou francamente sobre David.

Mas Toby não fez nenhum comentário.

– Acho que você não gosta muito de David.

– Não é verdade – disse Toby. – Acho que David é ótimo. Quase todas as pessoas que conheço gostam dele, mas não sei de ninguém que seja realmente

seu amigo. Ele... é muito fechado, se entende o que quero dizer.

R. J. entendia.

– O importante é se você gosta dele.

– Eu gosto, mas isso não é o mais importante. O mais importante é: será que eu o amo?

Toby ergueu as sobrancelhas.

– E então?

– Eu não sei. Somos tão diferentes. Ele diz que é um religioso com dúvidas sobre a religião, mas vive num plano muito espiritual, um plano que eu jamais poderei compartilhar. Eu costumava acreditar apenas em antibióticos. – Sorriu tristemente. – Agora, nem neles eu acredito.

– Então... para onde vocês dois estão indo?

R. J. deu de ombros.

– Logo terei de tomar uma decisão, do contrário não estarei sendo justa com ele.

– Não posso imaginar você sendo injusta com alguém.

– Ficaria surpresa – disse R. J.

David trabalhava nos últimos capítulos do seu livro. Isso os obrigava a encontros menos frequentes, mas ele estava chegando ao fim de um longo e árduo esforço e R. J. sentia-se feliz por ele.

R. J. passava sozinha todo seu tempo livre. Andando na margem do rio ela encontrou os alicerces do moinho de Crawford, grandes blocos de pedra cortada. O mato e as árvores cresciam em volta dos alicerces e vários blocos de pedra tinham deslizado para o leito do rio. R. J. não podia esperar que David tivesse tempo para mostrar a ele o seu achado.

Ao lado de um grande bloco de pedra ela encontrou uma pequena pedra de coração de um material azul que não soube identificar.

Impulsivamente telefonou para Sarah.

– Quer ir ao cinema comigo?

– Ah... claro.

Ideia idiota, ela pensou. Mas tudo funcionou com perfeição. Foram de carro até Pittsfield, jantaram num restaurante e foram ao cinema.

– Vamos fazer isso outras vezes – R. J. disse, com sinceridade. – Está bem?

– Claro.

Mas R. J. esteve muito ocupada e três ou quatro semanas passaram. Várias vezes ela viu Sarah na Main Street e Sarah sempre sorria para ela. Os encontros das duas ficavam cada vez mais fáceis e mais agradáveis.

Num sábado à tarde Sarah a surpreendeu. Montada em Chaim parou na frente da sua casa, apeou e amarrou a rédea na grade da varanda.

– Ora, que boa surpresa. Aceita uma xícara de chá?

R. J. ofereceu também os bolinhos que acabara de fazer, de uma receita dada por Eva Goodhue.

– Talvez falte alguma coisa – ela disse. – O que você acha?

Sarah sopesou um bolinho na palma da mão.

– Podia ser mais leve... Muitas coisas podem provocar a falta de menstruação? – ela perguntou e R. J. esqueceu seus problemas culinários.

– Bem, sim. Muitas coisas. É a primeira vez que atrasa? E foi só uma que faltou?

– ... Algumas.

– Compreendo – disse R. J. alegremente, com seu mais controlado e amistoso tom de médica. – Há outros sintomas?

Náusea, vômito, Sarah disse.

– O que você chamaria de náusea matinal, eu acho.

– Está perguntando para uma amiga? E acha que ela gostaria de ir ao meu consultório?

Sarah apanhou outro bolinho, parou, como considerando se devia ou não dar a primeira mordida, e o devolveu ao prato. Olhou para R. J. do mesmo modo que tinha olhado para o bolinho. Quando falou, sua voz tinha um leve vestígio de amargura e o mais leve vestígio de tremor.

– Não estou perguntando para uma amiga.

III
AS PEDRAS DE CORAÇÃO

O PEDIDO DE SARAH

Naquele ano Sarah estava usando o penteado da moda, igual ao de muitas modelos e atrizes do cinema, longo e cacheado. Os olhos ternos e preocupados pareciam maiores e mais luminosos atrás das lentes grossas. Havia um leve tremor nos lábios cheios e os ombros tensos pareciam esperar os golpes vingativos de um Deus implacável. As espinhas no queixo tinham reaparecido e agora havia uma no canto do nariz. Mesmo assim, procurando administrar o desespero, ela parecia com as fotos da mãe que R. J. tinha visto, mas Sarah era mais alta e com alguns traços herdados de David. Sarah era a promessa de uma beleza muito mais interessante do que a que se via nas fotos de Natalie.

Sob o interrogatório cuidadoso de R. J., Sarah acabou dizendo que os vários atrasos eram na verdade três.

– Por que não me procurou antes? – perguntou R. J.

– Minha menstruação sempre foi irregular. Fiquei esperando que viesse.

E além do mais, ela disse, não tinha resolvido o que ia fazer. Bebês eram tão maravilhosos. Tinha passado muito tempo deitada na cama imaginando a doce maciez, o calor de um bebê indefeso.

Como isso podia estar acontecendo com ela?

– Não usou preservativo?

– Não.

– Sarah. Todos esses programas na escola sobre AIDS. – R. J. não conseguiu disfarçar uma certa irritação.

– Sabíamos que não íamos pegar AIDS.

– Como pode saber uma coisa dessas?

– Nunca fomos até o fim com nenhuma outra pessoa. Bobby usou camisinha na primeira vez, mas na outra não tínhamos nenhuma.

Eles não sabiam de nada. R. J. procurou se manter calma.

– Então... já falou sobre isso com Bobby?

– Ele está morrendo de medo – Sarah disse, com voz inexpressiva.

R. J. balançou a cabeça, compreendendo.

– Ele diz que podemos casar, se eu quiser.

– É o que você quer?

– R. J., eu gosto demais dele. Eu até o amo muito. Mas não amo... você sabe, para sempre. Sei que ele é jovem demais para ser um bom pai e sei que sou jovem demais para ser uma boa mãe. Ele quer fazer o segundo grau e a faculdade de direito para ser um grande advogado em Springfield, como seu pai, e eu quero estudar também. – Afastou o cabelo dos olhos. – Quero ser meteorologista.

– É mesmo? – Talvez por causa das pedras de coração, R. J. chegara a pensar que ela fosse ser geóloga.

– Eu sempre estudo as previsões do tempo na televisão. Alguns daqueles cretinos não passam de comediantes que não sabem nada. Os cientistas estão sempre aprendendo coisas novas sobre o tempo e acho que uma mulher inteligente que trabalhe com afinco pode ir muito longe.

Apesar do que sentia, R. J. não pôde conter um breve sorriso. Via claramente onde aquela conversa as estava levando, mas esperou que Sarah as conduzisse até lá.

– Então, quais são seus planos?

– Não posso criar um bebê.

– Está pensando em adoção?

– Pensei muito. No outono vou passar para o último ano do primeiro grau. É um ano muito importante. Vou precisar de uma bolsa para o segundo grau e não vou conseguir se estiver grávida. Quero fazer um aborto.

– Tem certeza?

– Tenho. Não demora muito, demora?

R. J. suspirou.

– Não, não demora muito, eu acho. Desde que não haja complicações.

– São comuns as complicações?

– Não, nem um pouco comuns. Mas pode haver complicações com qualquer coisa. É um processo invasivo.

– Mas você pode me levar a um lugar bom, bom *de verdade*, não pode?

As sardas se destacavam no rosto pálido, fazendo-a parecer muito jovem e tão vulnerável que R. J. teve dificuldade para falar normalmente.

– Sim, posso levá-la a um lugar bom de verdade, se é isso o que você quer realmente. Por que não discutimos o assunto com seu pai?

– Não, ele não deve saber de nada! Nem uma palavra, compreende?

– Isso é um grande erro, Sarah.

– Não pode me dizer que é um grande erro. Pensa que conhece meu pai melhor do que eu? Quando minha mãe morreu, ele começou a beber até cair. Isso pode fazer com que volte a beber e eu não quero arriscar. Escute, R. J., você é boa para meu pai e sei que ele a admira muito. Mas ele me ama também e

criou... uma imagem irreal para mim. Temo que isto seja o fim para ele.

– Mas é uma decisão extremamente importante, Sarah, e você não devia fazer isso sozinha.

– Não estou sozinha. Eu tenho você.

R. J. foi obrigada a dizer quatro palavras realmente duras.

– Não sou sua mãe.

– Não preciso de mãe. Preciso de uma amiga. – Sarah olhou para ela. – R. J., vou fazer com ou sem sua ajuda. Mas na verdade preciso de você.

R. J. olhou para ela, depois fez um gesto afirmativo.

– Muito bem, Sarah. Vou ser sua amiga. – Seu rosto e suas palavras revelavam a dor que sentia, e Sarah segurou a mão dela.

– Muito obrigada, R. J. Vou precisar passar a noite fora de casa?

– Pelo que me contou, creio que já entrou no quarto mês. Um aborto nessa fase é um processo de dois dias. Depois, vai haver hemorragia. Talvez não mais do que um fluxo menstrual abundante, mas possivelmente mais. Terá de planejar para ficar fora de casa pelo menos uma noite. Mas, Sarah... em Massachusetts, uma mulher com menos de 18 anos precisa do consentimento dos pais para fazer um aborto.

Sarah olhou para ela por um tempo.

– Você pode fazer aqui.

– Não. – De jeito nenhum, amiga. R. J. segurou a mão dela também, sentindo o vigor da juventude. – Não estou preparada para fazer um aborto aqui. E nós queremos a maior segurança para você. Se está absolutamente certa de que quer um aborto, só tem duas escolhas. Pode ir a uma clínica em outro estado, ou pedir em audiência, perante um juiz, permissão para fazer um aborto neste estado sem o consentimento dos seus pais.

– Oh, meu Deus! Terei de tornar o caso público?

– Não. De modo algum. Você verá o juiz na privacidade do gabinete dele, só os dois.

– O que você faria, R. J.? Se estivesse no meu lugar?

R. J. não podia fugir à pergunta direta. Não era possível nenhuma evasiva e ela devia a Sarah uma resposta.

– Eu falaria com o juiz – ela disse, rapidamente. – Posso marcar a entrevista para você. Quase nunca eles recusam a permissão. E então, você vai para uma clínica em Boston. Trabalhei lá e sei que é muito boa.

Sarah sorriu e enxugou os olhos com as pontas dos dedos.

– Então é isso que vamos fazer. Mas, R. J., quanto vai custar?

– Um aborto no terceiro mês custa trezentos e vinte dólares. Um aborto no quarto mês, o que você precisa, é mais complicado e mais caro, quinhentos e

cinquenta dólares. Você não tem esse dinheiro, tem?

– Não.

– Eu pago a metade. Você deve pedir a Bobby a outra metade. O.K.?

Sarah balançou a cabeça, concordando. Pela primeira vez seus ombros começaram a tremer.

– Mas agora preciso providenciar um exame médico para você.

A despeito do que tinha dito, R. J. já pensava em Sarah como... não como sua filha, exatamente, mas como uma pessoa com a qual tinha uma forte ligação. Era tão incapaz de fazer um exame interno em Sarah Markus quanto se tivesse sofrido as dores do parto quando ela nasceu, ou estivesse no elevador quando Sarah urinou no tapete, ou se a tivesse levado à escola pela primeira vez.

R. J. ligou para o consultório de Daniel Noyes, em Greenfield, e combinou levar Sarah para uma consulta.

O dr. Noyes disse que, pelos seus cálculos, Sarah estava grávida há quatorze semanas.

Muito tempo. Os músculos firmes da barriga estavam ainda lisos, mas não ficariam assim por muito mais tempo. R. J. sabia que a cada dia as células iam se multiplicar, o feto começaria a crescer e o aborto se tornaria muito mais complicado.

Ela conseguiu uma audiência com o juiz Geoffrey J. Moynihan. Levou Sarah ao prédio do tribunal e a beijou antes de deixá-la no gabinete do juiz. Depois sentou no banco de madeira polida no corredor e esperou.

O objetivo da audiência era convencer o juiz de que Sarah era bastante madura para fazer um aborto. Para R. J. isso era um paradoxo. Se Sarah não fosse suficientemente madura para fazer um aborto, como poderia ser madura para ser mãe?

A entrevista com o juiz demorou doze minutos. Sarah saiu da sala e balançou a cabeça sombriamente, num gesto afirmativo.

R. J. passou o braço pelos ombros dela e caminharam para o carro.

UMA PEQUENA VIAGEM

“Afinal, o que é uma mentira? Nada mais do que a verdade mascarada”, escreveu Byron. R. J. detestava ter de usar essa máscara.

– Vou levar sua filha para passar uns dois dias em Boston, por minha conta, se você concordar, David. Só mulheres.

– Nossa! O que há em Boston?

– A encenação dos *Miseráveis* por uma companhia teatral itinerante, para começar. Vamos passear e olhar as vitrines. Assim podemos nos conhecer melhor. – Não se sentia bem com a mentira, mas não havia outro modo.

David ficou encantado, beijou R. J. e despediu-se das duas com sua bênção, de ótimo humor.

R. J. telefonou para Mona Wilson na clínica de Jamaica Plains e disse que ia levar Sarah Markus, uma paciente de 17 anos, no começo do quarto mês de gravidez.

– Essa menina significa muito para mim, Mona. Muito mesmo.

– Muito bem, R. J., vamos oferecer a ela todas as conveniências – disse Mona, com um pouco menos que o calor habitual.

R. J. compreendeu a mensagem. Para Mona, todos os seus pacientes eram especiais, mas insistiu.

– Les Ustinovich ainda trabalha na clínica?

– Sim, trabalha.

– Será que ele pode tratar dela, por favor?

– Dr. Ustinovich para Sarah Markus. Ela já o tem.

Quando R. J. a apanhou na casa de toras de madeira, Sarah estava muito bem-disposta, alegre demais. R. J. havia explicado que ela só precisaria se despir da cintura para baixo e por isso estava com um conjunto folgado de duas peças.

Era um dia ameno de verão, o ar claro como vidro e R. J. dirigiu devagar e cuidadosamente pela Mohawk Trail Route. Fizeram a viagem a Boston em menos de três horas.

No lado de fora da clínica em Jamaica Plains estavam dois policiais aparentemente entediados, que R. J. não conhecia. Não viu nenhum movimento de protesto. A recepcionista, Charlotte Mannion, olhou para ela e disse, com alegria:

– Ora, olá forasteira! – Saiu de trás da mesa para beijar R. J.

As mudanças não tinham sido pequenas. Metade da equipe que R. J. viu naquela manhã era desconhecida para ela. A outra metade a recebeu calorosamente, o que foi gratificante, porque sem dúvida aumentou a confiança de Sarah. Até Mona esqueceu a pequena conversa no telefone e a abraçou longa e carinhosamente. Les Ustinovich, amarrotado e rabugento como sempre, disse com o mais breve dos sorrisos, mas não sem calor:

– Como vai a vida na fronteira?

– Muito bem, Les. – Ela apresentou Sarah e depois o levou para um lado e disse o quanto aquela paciente era importante para ela. – Estou feliz por você ter uma hora livre para ela.

– É mesmo? – Ele estava estudando a ficha médica de Sarah, notando que Daniel Noyes e não R. J. havia feito o exame preliminar. Olhou para ela com curiosidade. – Ela é alguma coisa sua? Sobrinha? Prima?

– O pai dela é alguma coisa para mim.

– Oh-ho! Pai felizardo. – Deu alguns passos para se afastar, mas voltou. – Quer assistir?

– Não, muito obrigada. – Sabia que Les estava sendo delicado, um esforço para ele.

R. J. ficou com Sarah durante as várias horas de preparação no primeiro dia, acompanhando-a no processo de admissão na clínica e na revisão médica. Esperou no lado de fora, lendo um número de dois meses atrás da revista *Time* durante a sessão de aconselhamento. A maior parte seria uma repetição para Sarah porque R. J. já havia repassado cada detalhe com ela cuidadosamente.

A última parada do dia foi na sala de inserção de lâminas.

R. J. olhava sem ver a revista *Vanity Fair*, sabendo que na sala ao lado Sarah estava na mesa de exames, com os pés nos suportes altos, enquanto BethAnn DeMarco, uma enfermeira, inseria no seu cérvix uma fita torcida de alga marinha de cinco centímetros, com uma vareta muito fina. Nos abortos no terceiro mês, R. J. fazia a dilatação com varetas de aço inoxidável, cada uma mais larga do que a outra. O processo no quarto mês exigia uma abertura maior para permitir o uso de uma cânula mais larga. A alga marinha se expandia à medida que absorvia a umidade do corpo durante a noite, e no dia seguinte a paciente não precisaria mais fazer dilatação.

BethAnn DeMarco as acompanhou até a porta, dizendo a R. J. onde

estavam várias das pessoas com quem ela havia trabalhado.

– Vai sentir uma pequena pressão – a enfermeira disse a Sarah. Ou a lâmina pode provocar um pouco de cólica esta noite.

Da clínica elas foram para a suíte do hotel que dava para o rio Charles. Depois R. J. levou Sarah para jantar no restaurante do Chef Chang, pensando em distraí-la com a sopa quente e o pato de Pequim. Mas não era fácil por causa do desconforto. No meio da sobremesa, abandonaram o sorvete de creme com gengibre porque a “pequena pressão” mencionada por DeMarco estava se transformando rapidamente em cólicas fortes.

Quando voltaram para o hotel, Sarah estava pálida e exausta. Tirou da bolsa a pedra de coração de cristal e a deixou sobre a mesa de cabeceira onde pudesse vê-la. Depois enrodilhou o corpo como uma bola numa das camas, esforçando-se para não chorar.

R. J. deu a ela algumas gotas de codeína e finalmente tirou os sapatos e deitou na cama, ao lado da menina, certa de que Sarah ia reclamar. Mas Sarah ajeitou a cabeça no ombro dela quando R. J. a abraçou.

R. J. acariciou o rosto dela, passou a mão no cabelo.

– Sabe de uma coisa, meu bem, de certo modo eu gostaria que você não tivesse sido tão saudável até agora. Gostaria que tivesse precisado obturar alguns dentes, talvez até mesmo extrair as amígdalas ou o apêndice, porque assim podia compreender que o dr. Ustinovich vai tomar conta de você e que tudo isso vai passar.

“Só mais um dia e tudo estará acabado”, R. J. disse, batendo carinhosamente nas costas dela, até mesmo a embalando um pouco. Era uma sensação agradável e elas ficaram assim por um longo tempo.

Na manhã seguinte, elas chegaram cedo à clínica. Les Ustinovich não tinha tomado café ainda e as cumprimentou com uma inclinação de cabeça e um rosnado. Quando ele acabou de tomar sua dose de cafeína, DeMarco já as havia levado para a sala de tratamento e Sarah estava na mesa, na posição adequada.

Ela estava pálida e rígida de tensão. R. J. segurou a mão dela e DeMarco administrou a anestesia paracervical, uma injeção de 20 ml de Lidocaína, e depois iniciou a endovenosa. Quis a sorte que DeMarco só conseguisse acertar a veia depois de duas tentativas e Sarah apertou com força a mão de R. J. a ponto de machucar.

– Isto vai fazer com que se sinta melhor – R. J. disse quando DeMarco começou a sedação endovenosa com 100 mcg de Fentanil.

Les Ustinovich entrou e olhou para as mãos dadas das duas.

– Dra. Cole, acho que é melhor ir para a sala de espera.

R. J. sabia que ele tinha razão. Soltou a mão de Sarah e a beijou no rosto.

– Vejo você em poucos minutos.

Na sala de espera ela sentou na cadeira dura entre um jovem muito magro concentrado em devorar a própria cutícula e uma mulher de meia-idade que fingia ler um número muito antigo da *Redbook*. R. J. tinha comprado o *New England Journal of Medicine* mas não conseguia se concentrar. Conhecia bem todo o processo e sabia o que estava acontecendo com Sarah. A curetagem era feita em dois estágios de sucção. O primeiro era chamado “a sessão longa” e levava mais ou menos um minuto e meio. Então, depois de uma pausa, começava a segunda fase de sucção final, que era mais rápida. R. J. não teve tempo de chegar ao fim de um artigo da revista quando Les Ustinovich apareceu na porta e a chamou.

Sua atitude no hospital era sempre a mesma, brusca e direta.

– Ela abortou, mas eu a perfurei.

– Jesus Cristo, Les!

Com um olhar gelado ele a fez ficar calma. Sem dúvida ele estava se sentindo bastante mal e não precisava que ninguém pusesse sal na ferida.

– Ela fez um movimento brusco no momento errado. Deus sabe que não estava sentindo dor, mas era uma verdadeira pilha de nervos. A perfuração do útero foi exatamente no local em que ela tem um fibroide, portanto houve laceração extensa. Ela está perdendo muito sangue, mas vai ficar bem. Já pusemos os tampões e a ambulância está a caminho.

Daí por diante tudo começou a se processar em câmara lenta para R. J., como se de repente ela estivesse debaixo d’água.

R. J. nunca havia perfurado um útero quando trabalhava na clínica, mas sempre trabalhou em mulheres grávidas de três meses. Perfurações eram raras e exigiam intervenção cirúrgica. Felizmente, o Hospital Lemuel Grace ficava a poucos minutos de distância da clínica e a ambulância chegou quase antes de ela acabar de tranquilizar Sarah.

Ela fez a curta viagem ao lado de Sarah, que foi imediatamente levada para a sala de cirurgia.

R. J. não precisou pedir um cirurgião. Sarah ficou aos cuidados de um ginecologista cuja reputação R. J. conhecia, Sumner Harrison. Era considerado muito bom, a melhor escolha possível.

O hospital, antes tão familiar para ela, parecia um pouco fora de foco. Muitos rostos estranhos. Dois conhecidos sorriram e disseram alô quando passaram por ela no corredor, correndo de um lugar para outro.

Mas R. J. lembrou onde ficavam os telefones. Passou o cartão de crédito na

abertura e digitou o número.

Ele atendeu no segundo toque.

– Alô, David. Aqui é R. J.

A DESCIDA DA MONTANHA

Quando David chegou a Boston, Sarah tinha saído da cirurgia e estava bem. Ele sentou ao lado da cama e segurou a mão dela, esperando que voltasse da anestesia. Logo que acordou e o viu, Sarah começou a chorar, mas, na opinião de R. J., David fez a coisa certa. Agiu com ternura e compreensão, sem nenhuma indicação de não estar no completo controle da sua sede de álcool.

R. J. achou melhor deixá-los a sós por algum tempo. Ela queria saber os detalhes do que tinha acontecido e telefonou para BethAnn DeMarco convidando-a para jantar.

BethAnn estava de folga naquela noite e elas se encontraram num pequeno restaurante mexicano em Brookline, perto da casa da enfermeira.

– Esta manhã foi mesmo uma coisa, não foi? – disse DeMarco.

– Uma coisa, sem dúvida.

– Eu recomendo o arroz con pollo, muito bom – disse BethAnn. – Les está arrasado. Ele não diz nada, mas eu o conheço. Há anos trabalho na clínica, R. J., e esta é a segunda perfuração que eu vi.

– Quem fez a outra?

BethAnn ficou constrangida.

– Acontece que foi Les. Mas tão insignificante que não foi preciso cirurgia. Nós tamponamos e ela foi para casa fazer repouso. Esta manhã não foi culpa de Les. A menina fez um movimento brusco involuntário, com uma contorção de todo o corpo, e a cureta penetrou. O médico que a examinou lá onde você mora...

– Daniel Noyes.

– Muito bem, o dr. Daniel Noyes também não teve culpa. Por não ter localizado o fibroide, quero dizer. Não era muito grande e estava numa pequena dobra de tecido, impossível de ser visto. Se fosse só a perfuração, ou só o fibroide, teria sido mais fácil. Como está ela?

– Parece que está bem.

– Tudo está bem quando acaba bem. Eu vou querer arroz con pollo. E você? Tanto fazia para R. J. Pediu o arroz con pollo também.

Só mais tarde, no começo da noite, quando ela e David estavam sozinhos, ele começou a fazer as perguntas que R. J. achava difícil responder.

– Que diabo você estava pensando, R. J.? Não sabe que devia ter me consultado?

– Pensei nisso, mas Sarah praticamente me proibiu. A decisão foi dela, David.

– Ela é uma criança.

– Às vezes uma gravidez transforma crianças em mulheres e ela insistiu em resolver sozinha. Sarah falou antes com um juiz e ele decidiu que ela tem maturidade suficiente para terminar a gravidez sem consultar você.

– Suponho que você providenciou a visita ao juiz?

– A pedido dela, sim, providenciei.

– Que diabo, R. J. Agiu como se o pai dela fosse um estranho para você.

– Não está sendo justo.

David não disse nada e R. J. perguntou se ele pretendia ficar em Boston até Sarah ter alta do hospital.

– É claro.

– Tenho pacientes à minha espera. Vou voltar.

– Sim, faça isso – disse ele.

Choveu intensamente nas montanhas durante três dias, mas quando Sarah voltou para casa, o sol estava quente e a brisa trazia o perfume dos bosques no verão.

– Que dia para um passeio em Chaim! – disse Sarah, pálida e parecendo cansada, mas com um sorriso que aqueceu o coração de R. J.

– Não se atreva. Vai ficar em casa e descansar por alguns dias. Isso é importante. Você compreende?

Sarah sorriu outra vez.

– Sim.

– É uma oportunidade para ouvir um pouco de música.

Os olhos de Sarah encheram-se de lágrimas quando R. J. entregou a ela o mais novo CD de Pearl Jam.

– R. J., nunca vou esquecer...

– Deixe disso. Agora, trate de se cuidar, meu bem, e continuar com sua vida. Ele ainda está zangado?

– Ele vai superar. Tenho certeza. Nós vamos conseguir isso com muito carinho e palavras doces.

– Você é formidável. – R. J. a beijou no rosto.

R. J. resolveu falar com David imediatamente. Foi para o pátio nos fundos da casa, onde ele estava descarregando fardos de feno da picape.

– Quer por favor jantar comigo amanhã à noite? Sozinho?

David olhou para ela e fez que sim com a cabeça.

– Tudo bem.

Na manhã seguinte, um pouco depois das onze, quando R. J. se preparava para ir visitar dois pacientes hospitalizados em Greenfield, o telefone tocou.

– R. J. É Sarah. Estou perdendo sangue.

– Muito ou pouco?

– Muito. Muito mesmo.

– Estou indo. – Antes de sair, R. J. chamou a ambulância.

Sarah contentou-se em passar horas sentada na cadeira de balanço perto da janela, vendo tudo que podia ver. Esquilos perseguindo pombos no telhado do celeiro, dois coelhos correndo um atrás do outro, seu vizinho, o sr. Riley, passando na estrada na sua picape azul enferrujada, uma marmota gorducha comendo trevo num canto do pasto.

De repente a marmota correu desajeitadamente e entrou na toca sob o muro de pedra. Logo Sarah entendeu por quê. Um urso-negro saíra do bosque.

Era um urso pequeno, provavelmente nascido no outono, mas o cheiro dele chegou até onde estava o cavalo. Chaim levantou a cauda e começou a patear apavorado, relinchando estridentemente. O urso, assustado, voltou correndo para o bosque e Sarah riu.

Mas então Chaim bateu com o ombro numa estaca da cerca de arame farpado. Quase todas as estacas eram novas e feitas de falsa acácia-negra, a madeira que resistia à umidade por muitos anos. Mas aquela era de pinho e estava quase toda apodrecida na base, junto do solo. Quando o cavalo bateu com o ombro, a estaca caiu, quase sem nenhum som, e Chaim saltou por cima do arame farpado.

Na varanda, Sarah pôs a xícara de café na mesa e levantou.

– Droga! Chaim, fique onde está – ela gritou. – Não saia daí, cavalo danado.

Sarah apanhou na varanda um pedaço de corda e um balde usado para alimentar o cavalo, com um pouco de ração. Estava a uma boa distância do cavalo e procurou andar devagar.

– Venha cá, Chaim – ela disse. – Venha comer, garoto.

Bateu no balde de ração com as pontas dos dedos. Geralmente isso bastava para Chaim chegar perto dela, mas ele estava ainda assustado com o cheiro do urso e começou a se afastar, na estrada.

– Droga.

Mas dessa vez Chaim esperou por ela, olhando para a entrada do bosque. Ele nunca a tinha escoiceado, mesmo assim Sarah não facilitou, aproximando-se cautelosamente de um lado dele, com o balde na mão.

– Coma, seu bobo.

Quando Chaim enfiou o focinho no balde e começou a comer, Sarah passou a corda em volta do pescoço dele. Não amarrou, com medo de assustá-lo outra vez e a corda se prender em alguma coisa, estrangulando o animal. A vontade dela era montar em pelo naquele momento. Mas contentou-se em passar a corda atrás das orelhas de Chaim e segurou as duas pontas, falando com ele suavemente o tempo todo.

Ela o fez passar pela estaca derrubada, foi até o portão e levantou as estacas pesadas, soltando-as dos ganchos para que ele pudesse voltar ao campo. Estava prendendo as estacas e pensando em como poderia fechar a cerca até seu pai voltar, quando sentiu a umidade descendo pelas pernas, viu o sangue e a trilha vermelha que tinha deixado para trás. Sarah perdeu as forças e começou a chorar.

Quando R. J. chegou à casa de toras de madeira, as toalhas dobradas que Sarah improvisou como tampão não estavam adiantando nada. Havia mais sangue no chão do que R. J. jamais teria imaginado. Compreendeu que Sarah tinha ficado de pé para não sujar as cobertas, mas finalmente caiu na cama, talvez vencida pela fraqueza extrema. Agora estava com as pernas para fora da cama, os pés no chão.

R. J. levantou as pernas dela para cima da cama, retirou as toalhas encharcadas e aplicou tampões de pressão.

– Sarah, tem de ficar com as pernas bem fechadas.

– R. J. – Sarah disse com voz fraca, como se estivesse muito, muito longe dali.

Ela já estava entrando em coma e R. J. percebeu que não podia mais controlar os músculos. Prendeu as pernas de Sarah com ataduras adesivas na altura dos tornozelos e dos joelhos, depois fez uma pilha de cobertores e pôs os pés de Sarah sobre ela.

A ambulância chegou logo. Os paramédicos não perderam tempo em levá-la para dentro do veículo. R. J. entrou também com Steve Ripley e Will Paul e

iniciou imediatamente a oxigenoterapia. Ripley se encarregou dos primeiros socorros e da avaliação da paciente, enquanto a ambulância saltava e balançava, com a sirene ligada.

Ele resmungou quando os índices dos sinais vitais corroboraram a medição feita por R. J. antes da chegada da ambulância.

R. J. fez um gesto afirmativo.

– Ela está em choque.

Cobriram Sarah com vários cobertores, mantendo seus pés levantados. Atrás da máscara cinzenta de oxigênio o rosto de Sarah tinha a cor de pergaminho.

Pela primeira vez em muito tempo, R. J. tentou fazer com que cada célula do seu corpo entrasse em contato direto com Deus.

Por favor, ela disse. Por favor, eu quero esta menina.

Por favor, por favor, por favor, por favor. Eu preciso desta menina de pernas compridas, esta menina bela e engraçada, esta filha. Eu preciso dela.

Com relutância, R. J. segurou as mãos de Sarah nas suas e não podia mais largar, sentindo a areia deslizando inexoravelmente na ampolheta.

R. J. não podia fazer nada para evitar aquilo, para inverter o que estava acontecendo. Só podia controlar o oxigênio para ter certeza de que estava fluindo como devia e pedir a Will para informar ao hospital o tipo de sangue que deviam ter disponível logo que chegassem.

Quando a ambulância de Woodfield chegou à entrada da emergência, os enfermeiros e enfermeiras abriram a porta e pararam atônitos. R. J. não conseguia largar as mãos de Sarah. Era a primeira vez que a ambulância chegava com uma médica completamente arrasada.

O ESCUDO DE GELO

Steve Ripley telefonou para Mark McCartney e pediu a ele para encontrar David Markus e levá-lo ao hospital.

Paula Simms, a médica da emergência, insistiu em dar um tranquilizante para R. J., que a deixou muito taciturna e distante, mas que não teve nenhum efeito no pânico que a dominava. Estava sentada imóvel ao lado de Sarah, segurando a mão dela, quando David chegou, descontrolado.

Ele não olhou para R. J.

– Deixe-nos a sós.

R. J. foi para a sala de espera. Depois de um longo tempo, Paula Simms entrou na sala.

– Ele insiste para que você vá para casa. Acho que deve ir, R. J. Ele está muito... você sabe. Furioso.

Ficar consciente era um sofrimento insuportável. Sarah não podia ter partido para sempre, simplesmente... partido. Era difícil aceitar, doloroso pensar, até respirar.

De repente ela sentiu voltar o escudo de gelo no qual tinha vivido depois da morte de Charlie.

Deu o primeiro telefonema para David naquela tarde. Depois, passou a telefonar a cada quinze ou vinte minutos. Todas as vezes a secretária eletrônica atendia, com a voz dele tão profissional, tão calma, agradecendo o telefonema para a Woodfield Realty Company e pedindo para deixar a mensagem.

Na manhã seguinte ela foi à casa dele, pensando que ele devia estar lá sentado sozinho, sem querer atender o telefone. Will Riley, o vizinho mais próximo de David, estava fixando uma nova estaca na cerca.

– Ele está em casa, sr. Riley?

– Não. Deixou um bilhete pregado na minha porta pedindo para alimentar os animais por alguns dias. Achei que pelo menos podia consertar a cerca. Uma coisa horrível, não foi, dra. Cole?

– Sim. Uma coisa horrível.

– Aquela menina maravilhosa.

Sarah!

O que estava acontecendo com David? Onde ele estava?

Entrou na casa. Estava exatamente como a havia deixado quando saiu com Sarah na ambulância, só que o sangue estava seco, transformado numa pasta espessa. R. J. tirou as cobertas da cama e pôs no saco de lixo. Com a pá de jardim de David, raspou o sangue seco do chão, levou para o bosque num balde de plástico e enterrou. Esfregou o assoalho com escova e sabão, enxaguando várias vezes até a água ficar limpa. Debaixo da cama ela encontrou a gata.

– Oh, Agunah.

R. J. gostaria de abraçar e acariciar a gata, mas Agunah olhou para ela como um leão acuado.

R. J. voltou rapidamente para casa, tomou um banho de chuveiro, vestiu-se e foi para o consultório. No meio da tarde encontrou Toby no corredor. Toby contou o que metade da cidade já sabia. David Markus tinha levado a filha para enterrar em Long Island.

R. J. ficou sentada por algum tempo à sua mesa, tentando prestar atenção ao histórico do próximo paciente, mas as letras pareciam estar sob uma cortina de água cintilante. Finalmente, ela fez uma coisa que jamais havia feito. Disse a Toby para pedir desculpas aos pacientes e remarcar as consultas. Ela sentia muito, mas a doutora estava com uma terrível dor de cabeça.

Em casa, ela sentou numa das cadeiras da cozinha. A casa estava quieta. R. J. ficou ali sentada.

Ela cancelou as consultas por quatro dias. Fez longas caminhadas. Saía de casa e andava na trilha no bosque, nos campos, na estrada, sem destino, muitas vezes parando perplexa. Como vim parar aqui?

Telefonou para Daniel Noyes e se encontraram para um almoço sombrio.

– Eu fiz um bom exame – ele disse, em voz baixa. – Não encontrei nada de errado.

– Não foi sua culpa, dr. Noyes. Eu sei.

O dr. Noyes olhou atentamente para ela.

– Também não foi sua culpa. Sabe disso, não sabe?

Ela fez que sim com a cabeça.

Saíram do restaurante, ele a beijou no rosto e caminhou rapidamente para seu carro.

R. J. não tinha problema para dormir. Todas as noites ela mergulhava num refúgio seguro e sem sonhos. De manhã, ficava enrodilhada sob as cobertas, incapaz de se mover por longo tempo.

Sarah.

A razão a mandava rejeitar o sentimento de culpa, mas R. J. compreendia que estava profundamente ligada à dor que sentia e que de agora em diante seria parte dela.

Resolveu que seria melhor escrever para David antes de tentar falar com ele. Para R. J. era importante que ele compreendesse que a morte de Sarah podia ter ocorrido facilmente depois de uma apendicectomia ou de uma cirurgia intestinal. A cirurgia infalível não existe. Ele precisava compreender que o aborto foi decisão exclusiva de Sarah e que ela o teria feito mesmo que R. J. não a ajudasse.

Certamente não serviria de consolo para David dizer que algumas mortes aconteciam nos procedimentos invasivos mais seguros. Que, ao escolher o aborto em vez da gravidez, Sarah estava aumentando suas chances de sobrevivência porque nos Estados Unidos a porcentagem de morte entre as mulheres que vão adiante com a gravidez é de uma para 14.300, ao passo que entre as mulheres que abortam – mesmo depois de quatorze semanas de gravidez – a porcentagem de morte é de uma em 23 mil. Uma vez que de um modo geral a chance que temos de morrer, cada vez que entramos num automóvel, é de uma em 6 mil, tanto a gravidez quanto o aborto constituem riscos extremamente seguros.

Desse modo, a morte de Sarah como resultado de um aborto legal era um caso raro. Uma *raridade*.

R. J. escreveu carta após carta até ficar satisfeita e então foi de carro até o correio.

Mas, em vez de mandar a carta, ela a rasgou e jogou no cesto de papéis. Compreendeu que tinha escrito tanto para si mesma quanto para David. De qualquer modo, que diferença podia fazer? Por que ele iria se importar com as estatísticas?

Sarah se foi para sempre.

E David também.

HERANÇAS

Os dias se passaram e R. J. não teve nenhuma notícia de David. Telefonou para Will Riley e perguntou se ele sabia quando seu vizinho ia voltar.

– Não tenho ideia. Ele vendeu o Morgan, sabe? Por telefone. Recebi uma carta expressa pedindo-me para estar na fazenda dele às quatro horas, quando o novo dono ia apanhar o cavalo.

– Eu fico com a gata – R. J. disse.

– Isso é bom. Ela está no meu celeiro. Eu já tenho quatro gatos.

R. J. foi apanhar Agunah e a levou para casa. Agunah andou delicadamente pela casa toda, uma verdadeira rainha fazendo uma visita, inspecionando tudo com desconfiança e desprezo. R. J. esperava que David voltasse para apanhá-la. Ela e a gata nunca chegaram a estabelecer um relacionamento amistoso.

Dias depois, certa manhã, R. J. estava conversando com Frank Sotheby, no armazém, e ele disse que estava imaginando se alguém ia tomar o lugar de David como corretor de imóveis na cidade.

– Fiquei surpreso quando soube que a casa dele está à venda – ele disse, olhando atentamente para ela. – Disseram que Mitch Bowditch, em Shelburne Falls, está tratando da venda.

R. J. foi até Shelburne de carro, pela Mohawk Trail, almoçou na cidade e fez uma visita ao escritório do corretor de imóveis. Bowditch era um homem de trato muito agradável. Ele parecia sincero ao dizer que não tinha o endereço nem o telefone de David Markus.

– Tenho só uma carta me autorizando a vender a propriedade com tudo que tem dentro. E uma conta bancária em Nova York para mandar o cheque. David disse que quer vender rapidamente. Ele é um corretor muito bom e está pedindo um preço bastante baixo. Eu espero vender logo.

– Se ele telefonar, quer por favor pedir para entrar em contato comigo? – R. J. deu seu cartão a ele.

– Será um prazer, doutora – disse Bowditch.

Depois de três dias a gata fugiu.

R. J. procurou de um lado e de outro na Laurel Hill Road, depois caminhou pela trilha chamando.

“AAGUUNAAAAH!”

Pensou em todas as criaturas do bosque para os quais a gata poderia ser uma refeição, lince, coiotes, leões da montanha, raptores grandes alados. Mas quando voltou para casa, encontrou uma mensagem da mulher de Will Riley, Muriel, na secretária eletrônica, dizendo que a gata tinha atravessado as montanhas e voltado para a casa deles.

A gata fugiu mais três vezes.

No fim de setembro, Will deu um largo sorriso quando ela apareceu outra vez para reclamar a hóspede relutante.

– Está tudo bem para nós se quiser deixá-la aqui – ele disse, e R. J. concordou imediatamente.

Mas hesitou um pouco.

– Shalom, Agunah – ela disse e a maldita gata apenas bocejou para ela.

Na volta, quando passou pela casa de David, ela viu um jipe azul novo com placa de Nova York parado na porta.

David?

R. J. parou atrás do jipe e bateu à porta. Quem atendeu foi Mitch Bowditch. Atrás dele estava um homem bronzeado de sol, cabelo grisalho e bigode espesso.

– Olá. Entre e conheça outro médico. – Ele os apresentou. – Dra. Roberta Cole, dr. Kenneth Dettinger.

O aperto de mão de Dettinger foi amistoso, mas rápido.

– O dr. Dettinger acaba de comprar a casa.

R. J. procurou se controlar.

– Meus parabéns. Vai trabalhar aqui?

– Meu Deus, não! Só pretendo usar a casa para fins de semanas e férias.

Sabe como é.

Ela sabia. Ele tinha consultório em White Plains, psiquiatria para crianças e adolescentes.

– Sempre muito ocupado. Longas horas de trabalho. Este lugar vai ser como o céu para mim.

Os três saíram pela porta dos fundos e caminharam na direção do celeiro, passando pelas seis colmeias.

– Vai criar abelhas?

– Não.

– Quer vender as colmeias?

– Ora, pode ficar com elas. Fico satisfeito por me livrar disso. Estou

pensando em fazer uma piscina e um deque aqui e sou alérgico a picada de abelha.

Bowditch avisou que R. J. não pretendia retirar as colmeias antes de cinco ou seis semanas, até “termos um pouco de frio, quando as abelhas dormem”.

– Na verdade... – Ele consultou uma lista. – David tem mais oito colmeias alugadas para a Apple Orchards de Dover. Quer ficar com essas também?

– Sim, acho que quero.

– Comprar a casa do modo que estou comprando, cria certos problemas – Kenneth Dettinger disse. – Há roupas nos armários, gavetas que precisam ser limpas. Não tenho ninguém para fazer isso e pôr a casa em ordem. Acabo de me divorciar.

– Eu sinto muito.

– Oh. – Ele fez uma careta, deu de ombros e depois disse com um sorriso tristonho. – Terei de contratar alguém para fazer a limpeza e se desfazer de tudo.

As roupas de Sarah.

– Conhece alguém que pode fazer isso para mim?

– Eu posso fazer. Nada de dinheiro. Eu sou... amiga da família.

– Ora, isso será ótimo. Eu agradeço muito.

Ele a observava com interesse. O rosto dele parecia uma escultura. R. J. não confiava na força que via naqueles traços. Talvez indicasse que ele estava acostumado a ter tudo do modo que queria.

– Eu tenho a minha mobília. Fico com a geladeira, tem só um ano. Pode ficar com o que quiser. O que sobrar... dê para alguém ou mande um caminhão levar para o depósito de lixo, depois mande a conta para mim.

– Quando vai querer a casa vazia?

– Se puder ser no Natal, eu agradeceria.

– Tudo bem.

O outono nas montanhas naquele ano teve uma beleza toda especial. As folhas ficaram vermelhas em outubro e a chuva não chegou para arrancá-las das árvores. Por toda a parte, quando ia ao hospital, para o consultório, atender a um chamado em casa, R. J. se encantava com as cores da vegetação vistas através do prisma do ar frio e claro como cristal.

Ela tentou voltar à vida normal, concentrando-se nos pacientes, mas parecia que estava sempre um passo atrás. Começou a imaginar se seu julgamento profissional podia ter sido afetado.

Lucien, de 10 anos, filho do casal vizinho de R. J., Pru e Albano Trigo, ficou doente. Eles o chamavam de Luke. O menino não comia, estava fraco,

tinha crises de diarreia. Devido à persistência dos sintomas, R. J. fez uma sigmoidoscopia e o mandou tirar radiografias da parte superior do aparelho digestivo, depois uma ressonância magnética.

Nada.

O menino continuou a piorar. R. J. o mandou a um gastroenterologista em Springfield para uma consulta, mas o médico também não encontrou nada.

Certa tarde ela entrou na trilha, amassando as folhas secas sob os pés. Quando chegou ao lago dos castores, viu um vulto passar rapidamente debaixo d'água como uma pequena foca luzidia.

Havia colônias de castores na parte alta e baixa do rio Catamount. O rio passava pela propriedade dos Trigo, logo abaixo da de R. J.

Ela voltou rapidamente para o carro e foi para a casa dos Trigo. Lucien estava deitado no sofá da sala, vendo televisão.

– Luke, você foi nadar no verão? No rio?

Ele fez um gesto afirmativo.

– Nadou no lago feito pelas represas dos castores?

– Claro.

– Bebeu a água?

Prudence Trigo ouvia atenta.

– Oh, sim, às vezes – disse Lucien. – É muito limpa e fria.

– Parece limpa, Luke. Eu também nado lá. Mas acho que os castores e outros animais defecam e urinam naquele lago.

– Defecam e...

– Cagam e mijam – disse Pru. – A doutora está dizendo que eles mijam e cagam na água e você bebe. – Voltou-se para R. J. – Acha que é isso?

– Pode ser. Os animais deixam parasitas na água. Se alguém beber a água, os parasitas se reproduzem e formam uma camada na parede dos intestinos e o organismo não pode mais absorver os nutrientes. Não teremos certeza antes de mandar uma amostra de fezes para o laboratório do governo. Enquanto isso, ele vai começar a tomar um antibiótico bem forte.

O resultado do exame acusou uma infestação de *Giardia lamblia* nas paredes do aparelho digestivo e traços de vários outros parasitas. Em duas semanas, Luke estava comendo outra vez e a diarreia desapareceu. Algumas semanas depois, outro exame revelou que o duodeno e o jejuno estavam livres de parasitas e a energia voltou com tal força que estava dando nos nervos da mãe.

Ele e R. J. resolveram que no próximo verão iam nadar em Big Pond e não mais no rio e que não iam beber nem a água do lago.

O frio veio do Canadá, o beijo da morte para todas as flores, exceto os crisântemos mais resistentes. O campo ceifado, cortado rente como cabeças de prisioneiros, ficava marrom sob o sol cor de limão. R. J. pagou a Will Riley para levar as colmeias para seu terreno e as enfileirou na parte de trás, entre a casa e o bosque. Uma vez instaladas, ela as esqueceu completamente, ocupada com os seres humanos. Recebeu folhetos dos Centros de Controle de Doenças avisando que um dos bacilos da influenza, especialmente ativo nesse ano, o A/Beijing 32/92 (H3N2), era muito virulento e debilitante e durante semanas Toby chamou os pacientes idosos para as vacinas contra influenza. A vacina não contribuiu para diminuir significativamente o número de doentes quando a epidemia chegou e de repente os dias de R. J. ficaram curtos demais. Ela começou a odiar o telefone. Ela receitava antibióticos quando a infecção parecia de origem bacteriana, mas para a maior parte, tudo que podia receitar era aspirina, beber muito líquido, ficar aquecido e repouso na cama. Toby apanhou a gripe, mas R. J. e Peg Weiler conseguiram escapar, apesar do excesso de trabalho.

– Somos ruins demais para ficar doentes – Peg disse.

Só no dia dois de novembro R. J. conseguiu levar as caixas de papelão à casa de toras de madeira.

Era como se estivesse fechando não só a vida de Sarah, como a de David também.

Enquanto dobrava e acondicionava as roupas de Sarah, ela tentou não pensar. Se pudesse fazer aquilo com os olhos fechados, R. J. teria feito. Quando encheu uma caixa, ela a levou ao depósito de lixo e a deixou na parte reservada para o Exército da Salvação.

Ficou um longo tempo olhando para a coleção de pedras de coração de Sarah, sem saber o que fazer com elas. Não podia dar para ninguém, nem jogar fora. Finalmente, pôs todas numa caixa e levou para o carro como se fossem joias. Seu quarto de hóspedes se transformou num quarto de pedras, bandejas e mais bandejas de pedras de coração por toda parte.

Jogou fora tudo que encontrou no armário de remédios, o Clerasil de Sarah, as anti-histaminas de David. Num canto do seu coração havia uma fria revolta contra David por praticamente obrigá-la a fazer aquilo. Guardou numa sacola de papel pardo as cartas que encontrou na mesa dele, sem ler nenhuma. Na última gaveta da esquerda da mesa, encontrou o manuscrito do livro, que levou para casa e guardou na prateleira mais alta do closet entre os cachecóis, luvas que não serviam mais e o boné dos Red Sox que ela guardava desde os tempos de colégio.

R. J. passou o Dia de Ação de Graças trabalhando, mas a epidemia já estava na curva descendente. Na semana seguinte ela conseguiu passar dois dias em Boston para uma ocasião importante. Seu pai estava com dez meses além dos 65 anos, a idade da aposentadoria compulsória na universidade. Agora tinha de deixar a cadeira que havia ocupado por tantos anos na escola de medicina e seus colegas convidaram R. J. para o jantar em honra dele, no Union Club. Foi uma noite agradável, repleta de louvores, afeição e reminiscências. R. J. ficou muito orgulhosa.

Na manhã seguinte, o pai a levou para tomar o café da manhã no Ritz.

– Você está bem? – ele perguntou, carinhosamente.

Já tinham falado longamente sobre a morte de Sarah.

– Perfeitamente bem.

– O que acha que aconteceu com ele?

Ele fez a pergunta com certa timidez, temendo aumentar o sofrimento da filha, mas R. J. já a havia enfrentado realisticamente e compreendeu que nunca mais ia ver David.

– Tenho certeza de que está em algum lugar, perdido numa garrafa.

Ela disse que tinha pago um terço do empréstimo do qual ele era avalista e os dois ficaram satisfeitos por mudar de assunto.

O que o futuro desenhava para o professor Cole era a oportunidade de escrever um livro de medicina que ele vinha planejando há anos e dar aulas em vários cursos como convidado da Universidade de Miami.

– Eu tenho amigos na Flórida e tenho sede de calor e sol – ele disse, erguendo as mãos com dedos que a artrite fazia parecer nodosos galhos de macieira. Disse que ia dar a ela a viola da gamba que fora do seu avô.

– O que vou fazer com ela?

– Quem sabe aprender a tocar. Eu já não toco mais e quero viajar com pouca bagagem.

– Vai me dar também o bisturi de Rob J.? – R. J. nunca deixou transparecer quanto o antigo bisturi da família a impressionava.

Ele sorriu.

– O bisturi de Rob J. não ocupa muito espaço. Vou ficar com ele. Logo será seu.

– Só daqui a muito tempo, eu espero. – Ela se inclinou sobre a mesa e o beijou.

Ele ia deixar num guarda-móveis tudo que tinha no apartamento e disse que ela podia ficar com o que quisesse.

– O tapete do seu estúdio – R. J. disse, imediatamente.

O professor Cole ficou surpreso. Era um tapete belga muito simples, bege e

bastante gasto, sem nenhum valor.

– Fique com o Hamadan que está na sala de estar. É muito melhor que o do meu estúdio.

Mas R. J. já tinha um bom tapete persa e o que ela queria era algo que fosse parte do seu pai. Foram ao apartamento, enrolaram e amarraram o tapete. Mesmo com cada um carregando uma ponta não foi fácil levá-lo para baixo e ajeitar no espaço de carga do Explorer. E com a viola da gamba ocupando todo o banco traseiro, R. J. voltou para Woodfield.

Estava feliz com o tapete e o instrumento mas nem um pouco satisfeita com o fato de estar sempre herdando coisas das pessoas que ela amava.

NOITES DE INVERNO

No sábado de manhã, Kenneth Dettinger chegou à casa de toras de madeira e encontrou R. J. juntando os últimos objetos dos Markus. Ele a ajudou a separar as ferramentas e os utensílios de cozinha.

- Olhe, eu gostaria de ficar com as chaves de parafuso e as serras.
- Tudo bem. Você pagou por elas.

Sem dúvida sua voz traía a depressão que estava sentindo. Dettinger olhou para ela atentamente.

- O que vai acontecer com o resto destas coisas?
- Você as está dando às senhoras da igreja para a quermesse.
- Perfeito!

Trabalharam juntos em silêncio por algum tempo.

- Você é casada? – ele perguntou então.
- Não. Divorciada, como você.

Ele balançou a cabeça afirmativamente. R. J. viu uma sombra passar nos olhos dele, rápida como um pássaro em voo, chegando e desaparecendo num instante.

- É um clube danado de grande, não é?
- Ela concordou.
- Tem sócios no mundo todo.

Ela passava muito tempo com Eva, falando sobre os velhos tempos de Woodfield, sobre coisas acontecidas quando Eva era pequena ou muito jovem. R. J. sempre observava a velha senhora com atenção, preocupada com a evidência da perda de vitalidade, um enfraquecimento gradual que havia começado logo depois da morte da sobrinha.

R. J. perguntava insistentemente sobre os filhos dos Crawford, ainda intrigada com o mistério do pequeno esqueleto. Linda Rae Crawford tinha morrido aos 6 anos e Tyrone com 9, ambos antes da idade de ter filhos. Por isso R. J. focalizou sua atenção nos outros dois, Barbara Crawford e Harry Hamilton Crawford Jr.

– O jovem Harry era um menino de bom gênio, mas não foi feito para viver numa fazenda – lembrava Eva. – Sempre com o nariz enfiado num livro. Ele estudou no colégio estadual em Amherst por algum tempo, mas foi expulso, alguma coisa a ver com jogo. Depois ele foi para outro lugar qualquer. Califórnia, eu acho, ou Oregon. Um desses lugares.

A outra filha, Barbara, era uma pessoa mais equilibrada, disse Eva.

– Barbara era bonita? Tinha... você sabe, admiradores?

– Ela era bem bonita e uma boa moça. Não lembro de nenhum namorado em particular, mas ela foi para a escola normal em Springfield e casou com um dos professores.

Eva ficava impaciente com as perguntas e com a presença de R. J.

– Você não tem filhos, tem? Ou um homem em casa?

– Não, não tenho.

– Pois está cometendo um erro. Eu podia ter casado com um bom homem, sei que podia, se estivesse livre.

– Livre? Ora, Eva, você fala como se fosse uma escrava. Você sempre foi livre.

– Não, na verdade. Eu não podia deixar a fazenda. Meu irmão sempre precisou de mim – ela disse, ofendida.

Às vezes, durante a conversa, ela ficava visivelmente agitada, puxando com as pontas dos dedos da mão direita a toalha da mesa, a coberta da cama ou as costas da outra mão.

Eva teve uma vida difícil e R. J. percebia que a lembrança a perturbava.

Os problemas da sua vida atual eram vários e cada vez maiores. As voluntárias da igreja que faziam a limpeza na sua casa e preparavam suas refeições haviam reagido esplendidamente no momento de crise, mas não podiam fazer isso a longo prazo. Marjorie Lassiter foi encarregada de contratar alguém para limpar o apartamento uma vez por semana, mas Eva precisava de outros cuidados e a assistente social disse a R. J. que estava procurando uma clínica para idosos. Eva se irritava e erguia a voz com frequência e R. J. suspeitava que numa clínica eles tentariam mantê-la sob o efeito de sedativos. R. J. antevia mais problemas.

Em meados de dezembro, a neve chegou de repente para fazer companhia ao frio. Às vezes, vestida com camadas e camadas de agasalhos, R. J. se aventurava a esquiar na trilha. O bosque no inverno era silencioso como uma igreja vazia, mas havia sinais de vida. Ela viu as pegadas de um gato selvagem, de cervos de vários tamanhos e um trecho de neve manchado de sangue e com

restos de pelos de animal. Agora não precisava de David para dizer que um predador tinha apanhado um coelho. As marcas das patas dos coiotes eram evidentes no local da caçada.

Os lagos dos castores estavam gelados, cobertos de neve e o rio de inverno seguia seu curso sob e através da atmosfera de gelo. R. J. queria continuar esquiando pela margem do rio, mas ali a trilha terminava e ela teve de voltar.

O inverno era belo nos bosques e nos campos, mas teria sido melhor com uma companhia. Ela sentia falta de David. Pensou em telefonar para Tom e contar seus problemas, mas sabia que ele não estava mais acessível. R. J. estava só e assustada com o futuro. Quando se aventurava um pouco mais longe na brancura gelada, sentia-se como um pequeno inseto perdido num congelador.

Duas vezes ela dependurou gordura animal para os pássaros em pequenos sacos de malha de cebola e duas vezes foram roubados por uma raposa vermelha. Ela viu as pegadas da raposa e o vulto fugindo sorrateiro, uma ladra cautelosa. Finalmente ela encostou uma escada num freixo jovem, na entrada do bosque, e precariamente equilibrada subiu até o alto para dependurar outro pedaço de gordura onde a raposa não poderia alcançar nem mesmo saltando. Enchia os dois recipientes de comida para os pássaros duas vezes por dia e de dentro da casa bem aquecida via os chapins, os vários tipos de picanços e bicudos, chapins-de-penacho, um pica-pau grande e cabeludo, um par de cardeais. R. J. ficava furiosa com o cardeal macho. Ele sempre mandava a fêmea na frente, para o caso de haver algum perigo, um perpétuo sacrifício em potencial.

Quando eu vou aprender? pensava R. J.

O telefonema de Kenneth Dettinger foi uma surpresa. Disse que ia passar o fim de semana nas montanhas e queria saber se R. J. gostaria de jantar com ele.

R. J. abriu a boca para recusar, mas parou para pesar os prós e contras. Devia ir, pensou, enquanto o tempo passava e ele esperava a resposta. Finalmente a pausa se tornou embaraçosa e ela disse:

– Sim, eu gostaria.

R. J. preparou-se com cuidado e escolheu um vestido que não usava há muito tempo. Dettinger foi apanhá-la em casa. Ele estava com um paletó de tweed e calça esporte de lã, o traje clássico de noite para o campo. Foram a um restaurante num hotel na Mohawk Trail e, sem pressa, tomaram vinho antes de pedir o jantar. R. J. estava desacostumada de beber, o vinho a relaxou e ela descobriu que Dettinger era um homem interessante com uma conversa agradável. Durante muito tempo ele havia passado três semanas por ano

trabalhando na Guatemala com crianças traumatizadas pelo assassinato da mãe, do pai, ou de ambos. Ele fez perguntas inteligentes sobre o trabalho dela nas montanhas.

R. J. gostou do jantar, da conversa sobre medicina, livros e filmes e quando ele a levou para casa, pareceu perfeitamente natural convidá-lo para tomar um café. Pediu a ele para acender o fogo enquanto preparava o café.

Quando ele a beijou, isso também pareceu de certo modo natural e foi uma experiência agradável. Ele beijava bem e R. J. correspondeu.

Mas de repente os lábios dela ficaram rígidos e ele parou.

– Desculpe, Ken. Acho que não é o momento certo.

Se isso feriu seu ego, Ken não demonstrou.

– Você passa cheques pré-datados?

R. J. hesitou por muito tempo e ele sorriu.

– Vou ficar aqui por um bom tempo. – Ergueu a xícara de café para ela. – A um momento mais certo. Depois de algum tempo, se tiver vontade de me ver, é só avisar.

Beijou o rosto dela quando se despediu.

Na semana seguinte ele voltou de Nova York para passar três dias dos feriados de Natal com outro homem e duas mulheres muito atraentes e muito jovens.

Quando R. J. cruzou com eles na estrada, no seu Explorer, Dettinger buzinou e acenou para ela.

R. J. passou o dia de Natal com Eva. Levou um peru pequeno feito por ela mesma, com acompanhamentos e um bolo de chocolate, mas não foi suficiente para animar Eva. Em duas semanas ela seria transferida para uma clínica para idosos em Northampton. R. J. já havia visitado a clínica. Disse para Eva que era um bom lugar. A velha senhora ouviu em silêncio e balançou a cabeça afirmativamente, sem dizer nada.

Eva começou a tossir quando R. J. estava lavando os pratos. Quando ela terminou, o rosto de Eva estava vermelho e quente.

Depois da sua experiência com a epidemia de gripe, R. J. não teve dificuldade para reconhecer o inimigo. Devia ser um tipo de bacilo não incluído na vacina tomada por Eva.

R. J. pensou em passar a noite no apartamento de Eva ou pedir a uma das senhoras da cidade para ficar com ela.

Mas Eva estava fraca demais. Finalmente R. J. chamou a ambulância e acompanhou Eva até Greenfield, onde assinou os papéis de internação no

hospital.

No dia seguinte viu que tinha feito a coisa certa porque a infecção afetou o sistema respiratório de Eva. R. J. receitou antibióticos, com a esperança de que a pneumonia fosse bacteriana, mas era viral, e Eva definhou rapidamente.

No quarto do hospital, R. J. disse:

– Eva, estou aqui com você.

Fez várias viagens de Woodfield a Greenfield e vice-versa e sentava ao lado da cama, segurando as mãos de Eva, sentindo a vida da velha senhora se esvaír e despedindo-se dela sem palavras.

R. J. mandou aplicar a máscara de oxigênio para facilitar a respiração e, no fim, receitou morfina. Eva morreu dois dias antes do Ano-Novo.

O solo no cemitério de Woodfield estava duro como pedra e não foi possível cavar o túmulo. O caixão de Eva foi posto numa gaveta provisória. O enterro teria de esperar o degelo da primavera. Foi realizado um serviço fúnebre na Igreja Congregacional, com pouca gente, porque naqueles 92 anos, quase ninguém chegara a conhecer bem Eva Goodhue.

O tempo estava horrível, uma série do que Toby chamava de “três dias de cão”. R. J. não tinha nem um cão para se encostar e se aquecer. Anteviu o perigo para sua alma de infundáveis dias cinzentos. Resolveu assumir a responsabilidade de evitar isso. Encontrou em Northampton uma professora de viola da gamba, Olga Melnikoff, uma mulher de 70 anos que durante vinte e cinco anos havia tocado na Orquestra Sinfônica de Boston. Começou com uma aula por semana e agora, à noite, na casa silenciosa e fria, ela prendeu a grande viola entre os joelhos como se fosse um amante. As vibrações sonoras e graves dos primeiros movimentos do arco pareciam penetrar no seu corpo e logo ela se entregou à delicada tarefa de criar sons. A sra. Melnikoff começou com as noções básicas, corrigindo severamente seu modo de segurar o arco, fazendo-a repetir a escala vezes sem conta. Mas R. J. sabia tocar piano e violão e logo estava tocando exercícios e algumas canções simples. Ela adorava. Sentada sozinha, tocando, sentia-se acompanhada pelas gerações dos Cole que tinham feito música com aquele instrumento.

Era o tempo para gastar muita lenha na lareira e passar as noites na cama. Ela sabia que os animais selvagens estavam sofrendo. Queria deixar feno no bosque para os veados, mas Jan Smith a dissuadiu de fazer isso.

– Livre os animais da sua bondade. Ficam muito melhor se os deixarmos

em paz – ele disse e R. J. tentou não pensar nos animais e nos pássaros naquele frio inclemente, quando os troncos das árvores se partiam com estalos, como tiros de pistola.

O hospital informou que os médicos que tinham modem podiam ter acesso às fichas dos doentes em poucos segundos e podiam dar instruções para as enfermeiras por telefone, ao invés de fazer a longa viagem na estrada escorregadia até Greenfield. Certas noites, R. J. tinha de ir pessoalmente ao hospital, mas investiu no equipamento para recuperar uma parte da tecnologia que tinha deixado em Boston.

O fogo alto que ela acendia todas as noites na lareira a aquecia, apesar dos ventos que sacudiam a casa na linha natural divisória. R. J. sentava na frente do fogo e lia revistas médicas, não conseguindo se atualizar completamente, mas incrementando bastante sua leitura sobre o assunto.

Uma noite ela foi até o closet e apanhou o manuscrito de David. Sentada na frente do fogo, começou a ler.

Horas depois, percebendo de repente que a sala estava fria, ela levantou para pôr mais lenha no fogo, ir ao banheiro e fazer mais café. Então sentou e continuou a ler. Às vezes ela ria baixinho, outras vezes chorava.

O céu estava claro quando terminou. Mas queria saber o resto da história. Era sobre fazendeiros que tiveram de mudar sua vida porque o mundo mudou, mas que não sabiam como. Os personagens tinham vida, mas o manuscrito não estava completo, o que a deixou profundamente comovida mas com vontade de gritar de frustração. Não podia imaginar David abandonando um livro como aquele e compreendeu então que ele devia estar gravemente doente ou morto.

SIGNIFICADOS OCULTOS

Vinte de janeiro.

Em casa, aquecendo o ar com música, R. J. tentava descobrir o porquê da sensação de que aquela noite era especial. Um aniversário, aniversário de alguma coisa? E então lembrou uma mensagem de Keats decorada no curso de literatura inglesa do segundo grau.

Noite de Santa Inês. Que frio que fazia!
Do mocho as penas todas ele atravessava
E à lebre, no relvado, o passo retardava.
No curral o lanudo gado entanguedia.

R. J. não tinha ideia do que estava acontecendo com as ovelhas, mas sabia que os animais que não podiam contar com o abrigo dos celeiros, estavam sofrendo. Várias vezes, de manhã, um par de perus selvagens grandes, duas fêmeas, passava lentamente pelo campo coberto de neve. A neve congelada formava várias camadas impermeáveis. Os perus e os gamos não podiam cavar para chegar à relva e às outras plantas necessárias à sua sobrevivência. Os perus passavam pelo campo como um par de viúvas velhas e artríticas.

R. J. imaginou se o Dom funcionava com animais também. Mas não precisava tocá-los para saber que estavam muito próximos da morte. Eles se reuniam no pomar e tentavam inutilmente voar até os galhos das árvores para alcançar os botões congelados.

R. J. não podia mais suportar aquilo. No armazém de rações, em Amherst, ela comprou um saco grande de milho partido e espalhou sobre a neve nos vários lugares em que tinha visto os perus selvagens.

Jan Smith desaprovou.

– A natureza passou muito bem durante milênios sem os seres humanos. Desde que o homem não extermine os animais, eles passam perfeitamente sem a nossa ajuda. O mais forte sobrevive – disse ele. Era contra até mesmo os recipientes de alimento para os pássaros. – Só servem para que as pessoas vejam

de perto seus pássaros favoritos. Se não existissem, os pássaros teriam de lutar um pouco para viver e faria muito bem a eles um pouco de trabalho duro.

Mas R. J. não se importou. Viu com satisfação os perus e outros pássaros devorarem o presente generoso. Pombos e faisões apareceram e corvos e passarinhos menores, que ela não podia identificar de longe. Sempre que eles comiam todo o milho ou quando nevava e cobria o que ela havia jogado, R. J. saía e espalhava mais.

Janeiro gelado se transformou em fevereiro muito frio. As pessoas se aventuravam fora de casa com várias camadas de roupa, suéteres de tricô, casacos com forro de penas, jaquetas antigas forradas com lã de carneiro. R. J. usava roupa de baixo comprida e um gorro de meia de lã cobrindo as orelhas.

O tempo inclemente trouxe de volta o espírito de pioneirismo que havia levado aquele povo para as montanhas. Certa manhã, durante uma tempestade de neve, R. J. atravessou com dificuldade os montes de neve até o consultório e chegou coberta de branco.

– Que dia – disse ofegante.

– Eu sei – disse Toby, com os olhos brilhantes. – Não é maravilhoso?

Era um mês de refeições quentes e fartas partilhadas com amigos e vizinhos, porque o inverno durava para sempre nas montanhas e todos eram afetados pela reclusão obrigatória. Comendo chilli na casa de Toby e Jan, R. J. conversava sobre os artefatos americanos com Lucy Gotelli, a curadora do museu do Williams College. Lucy disse que seu laboratório podia determinar com relativa precisão a data dos objetos e R. J. descreveu o prato encontrado com os ossos do bebê no seu pasto.

– Eu gostaria de ver – disse Lucy. – Em 1800, havia aqui em Woodfield objetos de cerâmica vitrificada, pratos, xícaras *etc.* Talvez sua peça seja dessa época.

Algumas semanas depois, R. J. levou o prato à casa de Lucy.

Lucy o examinou com uma lente de aumento.

– Ei, parece um produto da Cerâmica de Woodfield. É claro que não podemos ter certeza. Eles tinham uma marca, um T e um R juntos, feitos com tinta preta no fundo de cada peça. Se havia a marca neste prato, já desapareceu. – Examinou com atenção o que restava das letras cor de ferrugem na parte interna do prato, *ah* e *od*, *o*, *od* outra vez, e passou a ponta da unha no *h*. – Cor estranha. Acha que pode ser tinta?

– Eu não sei. Parece sangue – disse R. J. e Lucy sorriu.

– Não. Garanto que não é sangue. Escute, você me deixa levar isto para o

laboratório para ver o que podemos descobrir?

– Claro.

R. J. deixou o prato com Lucy, embora relutando em ficar longe dele mesmo por curto tempo.

Apesar do frio e da neve acumulada, certa noite ela ouviu alguma coisa arranhando a porta. Era cedo ainda. Arranharam outra vez. Para alívio de R. J. quando abriu a porta, em vez de um lobo ou um urso, quem entrou foi a gata que começou a passear pela casa toda.

– Sinto muito, Agunah – R. J. disse. – Eles não estão aqui.

Agunah ficou menos de uma hora e depois parou perto da porta, esperando que R. J. abrisse.

Naquela semana ela voltou mais duas vezes, arranhou a porta, revistou a casa incrédula e partiu sem se dignar a olhar para R. J.

Dez dias depois Lucy Gotelli telefonou, pedindo desculpas pela demora.

– Examinei seu prato. Acontece que tivemos uma pequena crise depois da outra aqui no museu e só consegui ver o prato ontem.

– E então?

– Foi feito pela Cerâmica Woodfield. A marca está bem clara. Analisei um pouco da substância das letras da superfície. É tinta de caseína.

– Tudo que me lembro sobre caseína é que é um componente do leite – disse R. J.

– Certo. A caseína é uma das proteínas principais do leite, a parte que coalha quando o leite azeda. Naquele tempo, a maioria dos criadores de vacas leiteiras da região fabricava a tinta para uso particular. Tinham muita nata de leite que deixavam coalhar e depois moíam entre duas pedras. Usavam a caseína como aglutinador, misturada com pigmento, leite, clara de ovo e um pouco d'água. Neste caso, o pigmento usado foi tinta vermelha de celeiro. Um vermelho muito vivo. Ficou com cor de ferrugem por efeito do tempo e da ação química do solo.

Lucy disse que tudo que fez foi examinar o prato sob luz ultravioleta. A argila porosa absorveu a tinta, que ficou fluorescente sob a luz ultravioleta, absorvendo energia e devolvendo-a imediatamente.

– Então conseguiu descobrir as outras letras?

– Sim, é claro. Tem um lápis? Vou ler para você.

Lucy soletrou bem devagar e R. J. anotou no bloco de receitas. Quando

Lucy terminou de falar, ela olhou para o bloco sem piscar, quase sem respirar. Estava escrito:

ISAIAH NORMAN GOODHUE
VAI INOCENTE PARA DEUS
12 de nov., 1915

Então a família de Harry Crawford não tinha nada a ver com o pequeno esqueleto. R. J. estava o tempo todo procurando na família errada.

Ela verificou a história da cidade para certificar-se de que Isaiah Norman Goodhue era de fato o irmão Norman com quem Eva tinha vivido a maior parte da sua vida. Quando teve certeza de que era, em vez de soluções, tinha agora mais perguntas e suposições, cada uma mais perturbadora do que a outra.

Em 1915, Eva tinha 14 anos, já podia ter filhos mas sob todos os outros aspectos, ainda uma criança. Ela e o irmão mais velho moravam sozinhos na casa de fazenda isolada, na Laurel Hill Road.

Se o filho fosse de Eva, o pai seria algum desconhecido ou seu irmão?

A resposta parecia estar implícita nas rústicas letras do prato.

Isaiah Norman Goodhue era 13 anos mais velho do que Eva. Nunca casou, passou a vida toda isolado, trabalhando sozinho na fazenda. Certamente dependia da irmã para cozinhar, cuidar da casa, ajudar com os animais e no campo.

... E as outras necessidades?

Se o irmão e a irmã eram os pais do bebê, Eva teria sido violentada. Ou foi um caso de amor incestuoso?

O terror e o espanto que ela devia ter sentido quando ficou grávida!

E mais tarde, R. J. podia imaginar Eva – assustada, cheia de culpa porque o filho fora enterrado em solo não consagrado, sofrendo ainda os efeitos do parto e do que devia ser um primitivo ou talvez inexistente resguardo.

Evidentemente, os alagados do vizinho foram escolhidos porque não serviam para nada e por eles jamais passaria um arado. Os irmãos teriam feito o enterro juntos? O prato de cerâmica foi enterrado mais próximo da superfície do que o bebê. R. J. imaginou que Eva queria com ele registrar o nome e a data da morte do seu bebê – o único memorial de que dispunha – e depois foi às escondidas enterrar no túmulo do filho.

Eva passou a maior parte da vida olhando para a descida da colina e para o alagado. O que devia ter sentido quando via as vacas de Harry Crawford passando por ali, acrescentando urina e fezes à lama?

Meu Deus, será que a criança foi enterrada viva?

Só Eva podia responder a essas terríveis perguntas, por isso R. J. jamais saberia e era melhor assim. Ela não queria mais deixar o prato à vista sobre a lareira. Falava alto demais de tragédia, claro demais da infelicidade de uma mulher do campo atormentada por um profundo desespero. R. J. o embrulhou em papel pardo e o guardou na última gaveta do seu aparador.

NA TRILHA

Os pensamentos sobre a juventude de Eva eram como uma nuvem escura que nem a música conseguia afastar. Agora, todos os dias, ela ia para o consultório, ávida pelo contato com seres humanos, mas no consultório outro problema a perseguia. A aparente esterilidade de Toby estava afetando sua capacidade para lidar com as tensões do trabalho. Toby estava irritada, mal-humorada e, o que era pior, R. J. tinha certeza de que ela não ignorava essa instabilidade.

R. J. sabia que mais dia menos dia teriam de falar no assunto, mas Toby era agora mais do que sua funcionária, mais do que uma paciente. Havia entre elas uma amizade sincera e aberta e R. J. procurava adiar o confronto enquanto fosse possível. Apesar da tensão, ela passava longas horas no consultório, voltando com relutância para o silêncio solitário da sua casa.

O único consolo era que o inverno estava quase no fim. As pilhas de neve nos lados da estrada ficavam cada vez menores. A terra se aquecia, bebendo a neve derretida e as turmas dos apanhadores de seiva começavam a trabalhar ao lado da estrada. Em dezembro, Frank Sotheby encheu um par de velhos tênis de esqui e uma calça de esqui comida de traças, com pedaços de pano. Ele enfiou a calça e o tênis de cabeça para baixo na neve na frente do armazém e a impressão era de que um esquiador tinha caído de cabeça e estava enfiado na neve até a cintura, com as pernas para o ar. Agora, a neve tinha derretido e quando Frank tirou a metade do boneco da frente do armazém, R. J. disse que era um sinal certo da chegada da primavera.

Uma noite ela abriu a porta para o sinal já familiar das unhas na madeira e a gata entrou na casa para a inspeção habitual.

– Oh, Agunah, fique comigo agora – ela disse, reduzida ao desespero de implorar a companhia de um animal, mas Agunah voltou para a porta, exigindo sua liberdade, e saiu, deixando-a outra vez sozinha.

R. J. começou a esperar ansiosamente e a atender os chamados da ambulância, embora a regra fosse só chamá-la para casos que a equipe não podia resolver. A última noite de março chegou com a também última tempestade de neve. Na estrada que saía da Main Street, um motorista bêbado derrapou, passou para o outro lado da pista no seu Buick e bateu de frente num pequeno Toyota. O

motorista do Toyota foi lançado contra a direção, fraturando costelas e fazendo do seu esterno uma ilha. Cada vez que ele respirava a dor era insuportável. Pior ainda, o segmento da parede do tórax não se movia para dentro e para fora com o resto do peito quando ele respirava. Na verdade, os pulmões estavam comprometidos.

Tudo que os paramédicos podiam fazer era fixar um pequeno saco chato de areia sobre o esterno solto, aplicar a máscara de oxigênio e levá-lo para o centro médico. A equipe da ambulância já estava fazendo isso quando R. J. chegou. Excepcionalmente, vários paramédicos tinham atendido o chamado, entre eles Toby. As duas observaram o pessoal da ambulância preparar a vítima para o transporte e então R. J. levou Toby para longe dos bombeiros voluntários que estavam retirando os pedaços de vidro e de metal na estrada.

Caminharam até um lugar de onde podiam continuar acompanhando o movimento.

– Tenho pensado muito em você – R. J. disse.

O ar estava frio e Toby tremia um pouco só com a jaqueta vermelha de paramédico. A luz amarela urgente da ambulância, girando como um farol, iluminava seu rosto com intervalos de poucos segundos. Ela cruzou os braços, como abraçando o próprio corpo e olhou para R. J.

– Tem mesmo?

– Tenho. Existe um procedimento que quero que você experimente.

– Que tipo de procedimento?

– Exploratório. Quero que alguém examine minuciosamente o que está acontecendo dentro da sua pélvis.

– Cirurgia? Esqueça. Escute, R. J. Não vou deixar que me abram. Algumas mulheres... não está escrito que serão mães.

R. J. sorriu sem alegria.

– Diga isso para mim. – Balançou a cabeça. – Não precisam abrir mais para fazer esse exame. Hoje em dia fazem três minúsculas incisões no abdome. Uma no umbigo e as outras duas mais abaixo, mais ou menos sobre cada ovário. Usam um instrumento com fibra óptica muito fina com lentes incrivelmente sensíveis que permitem uma visão completa e detalhada. Quando é necessário, podem usar outros instrumentos especiais para procedimentos corretivos através das três incisões.

– Terão de me anestésiar?

– Sim. Anestesia geral.

– ... Você faria a... como se chama?

– Laparoscopia. Não, eu não faço isso. Eu a mandaria para o dr.

Noyes. Ele é muito bom.

- De jeito nenhum.
- R. J. deu-se ao luxo de perder a paciência.
- Mas por quê? Vocês estão tão desesperados para ter um filho.
- Escute, R. J. Você é tão exageradamente compenetrada quando prega sobre o direito da mulher de escolher o que vai fazer com o próprio corpo. Pois bem, este é o meu corpo. E prefiro não me submeter a nenhuma cirurgia, a não ser que minha vida ou minha saúde esteja ameaçada, o que não parece ser o caso. Por isso, me deixe em paz, entendeu? E muito obrigada por seu interesse.
- R. J. entendeu.
- Não tem de quê – ela disse, tristemente.

Em março ela tentou entrar no bosque atrás da casa sem esquis nem raquete de neve e não conseguiu. Suas pernas desapareceram mergulhadas na neve que recusava derreter na trilha coberta pela folhagem. Em abril ela tentou outra vez. Havia ainda um pouco de neve mas dava para andar, embora com alguma dificuldade. Tudo parecia mais selvagem depois do inverno e era quase impossível caminhar na trilha, cheia de galhos caídos que precisavam ser retirados. R. J. teve a impressão de sentir a presença dos gênios da floresta olhando para ela. Num pedaço coberto de neve, viu o que pareciam marcas de pés humanos descalços, muito gordos e com garras afiadas. Mas os dedos grandes ficavam no lado de fora. R. J. sabia que eram marcas deixadas por um urso grande. Ela começou a assobiar o mais alto possível, sem saber por quê, escolhendo como a melhor canção para espantar ursos a “My Old Kentucky Home”, embora pensando que provavelmente ia fazer o urso dormir em vez de fugir no galope.

Em três lugares da trilha havia árvores caídas. R. J. voltou para o celeiro, apanhou uma serra de arco e tentou usá-la nas árvores caídas, mas a serra não dava conta do recado e o trabalho era lento demais.

Para algumas coisas ela precisava de um homem, pensou R. J., com amarga resignação.

Durante alguns dias ela pensou em quem poderia contratar para limpar a trilha e talvez estendê-la até a margem do rio. Mas, depois disso, certa tarde ela estava na sua loja de ferragens favorita, aprendendo tudo que era possível sobre serras elétricas.

- As serras pareciam letais e R. J. sabia que realmente podiam ser.
- Morro de medo delas – admitiu para o vendedor.
- Bem, deve ter mesmo. Essas serras cortam um braço ou uma perna com a mesma facilidade com que cortam árvores – ele disse, alegremente. – Mas desde

que não perca o medo, elas são muito seguras. As pessoas que se machucam são as que ficam tão acostumadas que esquecem de ter cuidado.

As serras eram de várias marcas, pesos e comprimentos. O vendedor mostrou o modelo mais leve e menor.

– Muitas mulheres preferem esta. – Mas quando ela disse que queria limpar uma trilha no bosque, ele balançou a cabeça e ofereceu outra. – Esta é de peso médio. Seus braços vão cansar rapidamente e vai ter de descansar mais vezes do que com a menor, mas o trabalho rende mais.

R. J. o fez mostrar mais de meia dúzia de vezes como ligar a serra, como desligar, como posicionar o freio automático de modo que a corrente giratória não abrisse sua cabeça ao meio se a serra enganchasse em alguma coisa e desse retrocesso.

Quando chegou em casa com a serra, um suprimento de óleo e uma lata de gasolina, estava com outras ideias. Depois do jantar, leu com cuidado o manual de instruções e se convenceu de que fora uma compra inútil. A serra era muito complicada, um ameaçador instrumento de destruição e ela jamais teria coragem de entrar no bosque sozinha e usar aquela coisa perigosa. Deixou tudo num canto do celeiro e se esforçou para não pensar mais naquilo.

Duas tardes depois, ela chegou em casa e como de hábito apanhou a correspondência na caixa ao lado da estrada e levou para dentro. Sentada à mesa da cozinha, separou tudo em várias pilhas, coisas para tratar mais tarde, ou seja, contas, catálogos que queria ler e revistas, cartas e folhetos de propaganda para jogar fora.

O envelope era quadrado, tamanho médio, azul-claro. Assim que ela viu a letra, o ar na cozinha ficou pesado, quente e quase irrespirável.

Não se apressou em rasgar o envelope, mas o tratou como se fosse uma carta-bomba, examinando cuidadosamente os dois lados. Não viu endereço do destinatário. O carimbo do correio era de três dias atrás, de Chicago.

R. J. apanhou a faca de abrir cartas e cortou o envelope cuidadosamente na parte de cima.

Era um cartão-postal: Desejo a Você uma Feliz Páscoa.

Na parte de dentro viu a letra apertada e inclinada de David.

Minha querida R. J.,

Não sei o que dizer, como começar.

Suponho que devo começar dizendo que sinto muitíssimo se causei

ansiedade desnecessária.

Quero que saiba que estou vivo e com boa saúde. Não bebo há algum tempo e estou trabalhando duro para continuar assim.

Estou num lugar seguro, cercado de gente boa. Começo a fazer as pazes com a vida.

Espero que em seu coração possa pensar em mim com benevolência, como eu penso em você.

Sinceramente seu.

David.

Pensa em mim com benevolência?

Desejo a Você uma Feliz Páscoa?

Atirou o envelope e o cartão na mesa. Dominada por uma fúria gelada e selvagem, ela andou pela casa e finalmente saiu e foi para o celeiro. Apanhou a nova serra elétrica, entrou no bosque e seguiu pela trilha até encontrar a primeira árvore caída.

Seguiu à risca as instruções do vendedor e do manual. Ajoelhou, apoiou o pé esquerdo na parte inferior da alça traseira, prendendo a serra contra o solo, acertou a manopla, regulou o afogador e ligou a ignição. Segurou o guidom com a mão esquerda, virado para baixo, e puxou a partida com a direita. Nada aconteceu depois de vários puxões e ela ia desistir quando puxou outra vez e a serra começou a funcionar, tossindo e crepitando.

Ela puxou o gatilho, dando mais combustível e a serra rugiu. Virou a serra para a árvore caída, puxou o gatilho outra vez e encostou a lâmina no tronco. A corrente girou, os dentes mordendo a madeira e penetrando no tronco rapidamente e com facilidade. O ruído era música.

A sensação de poder, ela pensou. O poder!

Em pouco tempo a árvore estava feita em pedaços que ela podia retirar da trilha. R. J. parou com a serra ligada na mão vendo a noite chegar, relutando em desligar o motor, embriagada com o sucesso, pronta para fazer em pedaços todos os seus problemas. Não estava mais tremendo. Não tinha medo do urso. Sabia que ele ia fugir ouvindo o som daqueles dentes vibrantes e cortantes.

Ela podia fazer aquilo, pensou exultante. Os espíritos do bosque eram testemunhas de que uma mulher podia fazer *qualquer coisa*.

MAIS UMA PONTE PARA ATRAVESSAR

Em duas tardes seguidas ela levou a serra elétrica para a floresta e derrotou as outras duas árvores caídas. Então, na quinta-feira, entrou cedo no bosque, enquanto as árvores como druidas silenciosos estavam ainda molhadas e frias, e começou a avançar a trilha. Faltava pouco para alcançar o Catamount e ela chegou ao rio antes de parar para almoçar. Foi uma experiência maravilhosa fazer a curva e começar a trabalhar rio abaixo, seguindo a margem.

A serra era pesada. R. J. tinha de parar de tempos em tempos e aproveitava os intervalos para juntar os galhos e as árvores pequenas serradas e levar para fora da trilha, empilhando tudo de modo que pudesse servir de abrigo para coelhos e outros animais pequenos. Aqui e ali, na margem do rio, havia ainda retalhos de neve mas a água corria como cristal líquido, rápida e forte. Logo adiante do lugar em que as aráceas malcheirosas, chamadas repolho de gambá, brotavam da neve, ela viu uma pedra azul em forma de coração na corrente rasa. Arregaçou a manga e quando mergulhou a mão na água, foi como se seu braço tivesse cristalizado e o choque gelado percorreu seu corpo até os dedos dos pés. A pedra era bem formada e, depois de enxugá-la carinhosamente com o lenço, R. J. a guardou no bolso. Durante toda a tarde ela avançou a trilha, com a força redobrada pela magia da pedra de coração.

À noite ela era embalada pela serenata do soprano dos coiotes e pelo barítono do rio caudaloso. De manhã, tomando café na cozinha, fazendo a cama, arrumando a sala de estar, via pela janela um porco-espinho, gaviões, uma coruja, buzardos, os grandes corvos do Norte que haviam se apossado da terra com um contrato de longo prazo. Havia uma porção de coelhos e alguns gamos, mas nem sinal dos perus que tinha alimentado no inverno e ela temia pela vida deles.

Agora, todos os dias quando chegava do consultório, trocava de roupa e apanhava a serra no celeiro. Trabalhava com afinco e com uma satisfação, quase com júbilo, levando o grande circuito da trilha de volta a casa.

Havia uma nova suavidade no ar. A cada dia a noite chegava mais tarde e de

repente as estradas secundárias ficaram cheias de lama. R. J. conhecia agora o ambiente e sabia quando parar o Explorer e seguir a pé para atender a um chamado, não precisava mais usar o venha-comigo para tirar o carro da lama.

Os músculos dos seus braços e das costas enrijeceram com o trabalho no bosque e estavam tão doloridos que ela gemia a cada passo. Depois seu corpo se adaptou ao trabalho pesado e regular. Quando empurrava a serra para levar a lâmina até o tronco da árvore, os galhos arranhavam suas mãos e braços. Tentou usar mangas compridas e luvas, mas as mangas enganchavam nos galhos e as luvas não permitiam que segurasse a serra como devia, por isso desinfetava cuidadosamente os ferimentos todas as noites depois do banho e usava as marcas como divisas militares.

Às vezes uma emergência a impedia de trabalhar na trilha, um chamado em casa ou uma viagem até o hospital para ver um paciente. R. J. agora não dispensava o seu tempo livre, passando cada momento no bosque. Era uma longa caminhada até o fim da trilha, que aumentava sempre que tinha tempo para trabalhar. Aprendeu a deixar as latas de gasolina e de óleo no bosque, protegidas por sacos de plástico bem fechados. Às vezes via certas marcas que a intrigavam. No lugar em que havia trabalhado na tarde anterior, encontrou, espalhadas na trilha, penas compridas e penugem de um peru selvagem, apanhado por algum animal durante a noite, e tolamente desejou que não fossem de “um dos seus pássaros”. Certa manhã, encontrou uma pilha enorme de fezes de urso como uma carta entregue pessoalmente. Sabia que os ursos-negros dormiam durante todo o inverno sem comer ou defecar e na primavera eles comiam até conseguir movimentar os intestinos e expelir um bolo fecal duro e espesso. R. J. tinha lido a respeito e examinou as fezes. Deviam ser de um animal bem grande, provavelmente o urso que tinha defecado na trilha para avisar que aquele território era dele e não dela e R. J. outra vez começou a ter medo de trabalhar no bosque.

Durante todo o mês de abril ela avançou a trilha na direção da casa, encontrando trechos mais difíceis e outros mais fáceis. Finalmente chegou ao último e maior desafio, a travessia de um regato. Há muito tempo a erosão da água tinha penetrado profundamente no solo, levando a água do alagado para o rio. David tinha feito três pontes de madeira onde eram necessárias, em outros lugares. R. J. não tinha certeza de ser capaz de fazer a quarta – talvez exigisse mais força do que tinha e maior experiência em construção.

Certo dia, quando voltou para casa, ela estudou as margens altas, depois as pontes feitas por David, anotando o que ia precisar fazer. Era trabalho para um dia inteiro, no mínimo, por isso teria de esperar seu dia de folga. R. J. voltou para casa, instituindo feriado naquele fim de tarde. O rio estava cheio e rápido,

alto demais ainda para pescar, mas ela apanhou o molinete e uma meia dúzia de minhocas, ao lado da pilha de adubo. Lançou o anzol no mais fundo lago dos castores e enquanto vigiava a pequena chumbada, admirava o trabalho dos castores que tinham construído a represa e diminuído a circunferência de várias árvores com os dentes. Antes de o peso fazer um movimento, um Martimpescador apareceu, zombou dela com seu grito estridente, mergulhou no pequeno lago e voou com um peixe no bico. R. J. sentiu-se inferior ao pássaro, mas finalmente apanhou duas pequenas e lindas trutas que comeu no jantar com brotos de samambaia, saboreando a estação com os vegetais silvestres.

Depois do jantar, quando levou o lixo para fora, encontrou uma pequena pedra negra em forma de coração onde tinha apanhado as minhocas e praticamente saltou sobre ela, como se a pedra pudesse fugir. Lavou a pedra, esfregou para dar brilho e a pôs em cima da televisão.

Agora que a terra estava livre da neve, era como se R. J. tivesse sido designada herdeira da habilidade de Sarah Markus para encontrar pedras de coração. Onde quer que fosse, ela as encontrava como se seus olhos estivessem sendo dirigidos pelo espírito de Sarah. As formas variavam. Havia as pedras com a parte superior do coração curva como uma pera e perfeitamente separada como um fundamento perfeito, pedras com a parte superior angular, mas igualmente perfeita, pedras com a ponta inferior aguda como o destino ou como o arco raso de um balanço de jardim da infância.

Ela descobriu uma pedra pequena e macia como uma marca de nascença, marrom, num saco de plástico de terra comprado no armazém. Encontrou uma do tamanho de um punho fechado na base do muro de pedra desmoronado na divisa oeste do seu terreno. Ela as encontrava quando trabalhava no bosque, andando em Laurel Hill Road, fazendo compras na Main Street.

Os moradores de Woodfield não demoraram para notar a preocupação da médica com pedras em forma de coração e começaram a procurá-las para ela, deixando com satisfação na sua casa ou no consultório, ajudando-a no seu passatempo. Ao chegar em casa, R. J. já se acostumara a esvaziar os bolsos, a bolsa e os sacos de papel cheios de pedras. Ela as lavava, enxugava e passava momentos ansiosos imaginando onde guardá-las. A coleção logo ultrapassou a capacidade do quarto de hóspedes e as pedras apareciam agora na sala de estar, nos parapeitos e na moldura da lareira. E nas mesas de canto e de centro. E no balcão da cozinha, e no banheiro do segundo andar, na penteadeira do seu quarto, sobre a caixa de descarga, no lavatório do andar térreo.

*

As pedras falavam com ela. Era uma mensagem silenciosa e triste, que lembrava Sarah e David. Uma mensagem que R. J. não queria ouvir, mas continuava a colecionar compulsivamente. Comprou um manual de geologia e começou a identificar as pedras, descobrindo com prazer que esta era basalto do jurássico inferior, quando criaturas monstruosas habitavam o vale, aquela era magma solidificado, expelido do centro da terra como líquido fervente, milhões de anos atrás, como golfadas de vômito ardente, aquela outra era de areia fundida e cascalho, do tempo em que as profundezas do oceano cobriam as atuais montanhas, que aquele pedaço de gnaiss brilhante devia ser uma rocha opaca antes da colisão dos continentes, que a havia transformado no forno de pressão do metamorfismo.

Certa tarde, em Northampton, R. J. passou pelo lugar em que estavam substituindo os canos do sistema de esgotos, na King Street. A escavação devia ter um metro e meio de profundidade, isolada do público com cavaletes, barreiras metálicas e cordão de plástico amarelo. No canto da escavação viu algo que a fez arregalar os olhos, uma pedra avermelhada, bem formada, com cerca de trinta e sete centímetros de comprimento e quarenta e cinco de largura.

O coração petrificado de um gigante desaparecido.

O local estava vazio. Os homens haviam terminado o trabalho do dia e não havia ninguém para apanhar a pedra para ela. É uma pena, pensou R. J. continuando seu caminho. Mas não chegou a dar cinco passos e voltou. Sentou na beirada da escavação, com as pernas dependuradas para dentro, sem se importar com a calça nova que estava usando, e passou a cabeça sob a corda. Apoiou as mãos na terra amontoada e saltou para dentro.

A pedra era tão perfeita quanto parecia lá de cima. Mas era pesada e ela teria de ser erguida à altura do seu pescoço e ser passada para fora. R. J. conseguiu na segunda tentativa, num verdadeiro ato de desespero.

– Senhora, que diabo está fazendo?

O policial olhava incrédulo para ela, ao lado da escavação que dava para a rua.

– Quer me ajudar? – ela perguntou, estendendo as mãos para ele.

O homem não era grande. Mas num instante ele a puxou para cima e para fora, com o mesmo esforço com que R. J. tinha levantado a pedra.

Ofegante, ele olhou para R. J. Viu a mancha de fuligem no rosto dela, a calça preta suja de argila cinzenta e a lama nos sapatos.

– O que estava fazendo lá embaixo?

R. J. olhou para ele com um sorriso beatífico, agradeceu a ajuda e disse

apenas.

– Sou colecionadora.

*

Três quintas-feiras chegaram e se foram antes que ela tivesse oportunidade de passar o dia construindo a ponte. Sabia o que tinha de fazer. Tinha percorrido a trilha até o regato meia dúzia de vezes para estudar o local, e sempre revisando mentalmente o que devia de ser feito.

Precisava cortar duas árvores iguais e usar os troncos como os suportes principais da ponte. Depois de retirados os galhos, as toras deviam ser suficientemente pesadas para suportar peso e suficientemente leves para que R. J. pudesse fixá-las na posição certa.

Ela já havia escolhido as árvores e começou a trabalhar, o ruído áspero e estridente da serra reconfortante aos seus ouvidos, agora que a manejava com mais facilidade. Cortou os troncos e limpou. Embora esguias, as toras eram pesadas, mas ela descobriu que, erguendo uma ponta e depois a outra, conseguia movê-las alguns centímetros de cada vez. Cada vez que ela soltava a ponta de uma das toras, o ruído surdo parecia fazer tremer a terra e R. J. sentia-se como uma amazona, com a diferença de que estava se cansando muito depressa.

Cavou quatro aberturas rasas com a picareta e a pá em cada margem do rio, onde as toras deviam encaixar para ter estabilidade.

Lentamente, mas com precisão, levou as toras para os lugares, no fim entrando no regato e carregando a madeira nos ombros para encaixá-las nas aberturas. Quando terminou essa parte do trabalho, era a hora do almoço e os borrachudos e mosquitos começaram a atacá-la. R. J. foi para casa.

Estava nervosa demais para preparar uma refeição. Comeu creme de amendoim com pão e tomou uma xícara de chá. Queria tomar um banho demorado e quente, mas não terminaria a ponte se parasse agora e já sentia o calor da vitória. Assim, protegida por repelente, voltou para o bosque.

R. J. tinha comprado de Hank Krantz tábuas de acácia-negra – estavam empilhadas no pátio dos fundos – e ela mediu e cortou quatro tábuas de um metro e vinte cada uma, escolhendo as que tinham espessura igual. Levou quatro de cada vez para o local da ponte. A essa altura estava muito cansada e parou para tomar mais chá. Mas sabia que era capaz de fazer o que faltava e essa certeza a incentivou a continuar o trabalho, pregando cada tábua firmemente com pregos longos, o som do martelo desafiando qualquer animal a disputar aquele território com ela.

Finalmente, quando as sombras do fim do dia substituíram a luz no bosque,

ela terminou. Era uma ponte forte. Só faltava uma elegante grade lateral de vidoeiro que ia ficar para outro dia. Tinha de admitir que balançava mais do que teria balançado se tivesse escolhido troncos mais grossos. Mas era um bom trabalho e ia servir muito bem para ela.

Triunfante, R. J. dançou uma tarantela no meio da ponte.

E no lado leste do regato, o canto direito da ponte balançou de leve.

Quando ela chegou mais perto daquela extremidade e saltou em cima da ponte, o canto cedeu um pouco. Furiosa, ela saltou de novo uma porção de vezes e o canto cedeu mais. Sua fita métrica dizia que a ponte tinha mais trinta e cinco centímetros de altura naquele lado do que no outro.

R. J. descobriu que não tinha firmado o solo sob a estaca naquele lado e o peso da ponte fez o resto. Compreendeu que teria sido mais prudente apoiar as estacas em pedras planas nos dois lados.

Voltou para dentro do regato e tentou levantar o lado mais baixo da ponte, mas não conseguiu e ficou olhando com amargura para a ponte inclinada. Poderia atravessar com cuidado, se não cedesse mais. Mas seria loucura passar por ela carregando peso ou empurrando um carrinho de mão carregado.

Recolheu as ferramentas e voltou para casa, cansada e terrivelmente desapontada. Não seria fácil e agradável dizer com orgulho que podia fazer de tudo, se tivesse de acrescentar:

— ... Quase tudo.

O REENCONTRO

George Palmer entrou no consultório certa tarde quando todas as cadeiras da sala de espera estavam ocupadas e Nordahl Petersen sentado no lado de fora nos degraus da entrada. Mesmo assim, quando R. J. acabou de explicar por que não ia mais receitar cortisona para sua bursite, ele fez um gesto afirmativo e agradeceu, mas não se levantou para sair.

– Meu filho mais novo é Harold. Meu bebê – ele disse com ironia. – Tem 42 anos. Harold Wellington Palmer.

R. J. sorriu.

– Contador. Mora em Boston. Isto é, morou em Boston nos últimos doze anos. Agora vai morar comigo outra vez. Vai voltar para Woodfield.

– É mesmo? Isso deve ser bom para você, George – ela disse, cautelosamente, sem saber até que ponto seria bom ou não.

Acontece que na verdade não ia ser nada bom para George.

– Harold é o que eles chamam de HIV positivo. Vem para cá com o amigo Eugene. Vivem juntos há nove anos... – Ele pareceu perder o fio do pensamento e depois o encontrou outra vez com um sobressalto. – Bem, ele vai precisar dos cuidados de um médico.

R. J. pôs a mão sobre a dele.

– Estou ansiosa para conhecê-lo e cuidar dele – ela disse.

George Palmer sorriu, agradeceu e saiu do consultório.

O fim da trilha não estava longe da casa, mas a triste ponte inclinada acabou com seu entusiasmo e foi com alívio que resolveu tratar da horta. Era cedo demais para os vegetais mais tenros. Os livros diziam que ela devia ter plantado ervilhas há algumas semanas, em vez de trabalhar no bosque, mas o clima frio da montanha concedia uma extensão de prazo e ela espalhou musgo de turfa, adubo e dois sacos de areia verdoenga, comprada na cidade, nos canteiros elevados que ela e David tinham feito e misturou tudo com a terra. Plantou ervilhas em vagem, de que gostava muito, e espinafre, sabendo que nenhum dos dois seria danificado pelas geadas noturnas que caíam ainda

regularmente.

Regou cuidadosamente – não muito para não encharcar, não pouco, para não ressecar – e foi recompensada com uma fileira de brotos que duraram menos de uma semana. No fim desse tempo desapareceram e a pista do que tinha acontecido estava na pegada bem visível na terra macia.

Um pequeno gamo.

Naquela noite ela foi à casa dos Smith para o café e a sobremesa e contou o que tinha acontecido.

– O que eu faço agora? Planto de novo?

– Pode fazer isso – disse Toby. – Talvez ainda dê tempo para a colheita.

– Mas há muitos gamos no bosque – disse Jan. – O melhor é fazer alguma coisa para evitar que os animais selvagens cheguem a sua horta.

– Você é o entendido em caça e pesca – R. J. disse. – Então, como faço isso?

– Bem, algumas pessoas apanham cabelo humano nos barbeiros e espalham no solo. Eu já tentei isso. Às vezes funciona, às vezes não.

– Como você protege a sua horta?

– Nós urinamos em volta – Toby disse, calmamente. – Bem, eu não. Indicou o marido com o polegar. – *Ele* faz.

Jan assentiu com um gesto.

– A melhor coisa. Basta um leve cheiro de urina humana e os animais arranjam uma desculpa para tratar de negócios em outro lugar. É o que você deve fazer.

– Para você é fácil falar. Há uma certa diferença fisiológica que dificulta o processo, na hora de espalhar. Você consideraria ir à minha casa e...?

– Nada disso – disse Toby. – O suprimento dele é limitado e já está comprometido.

Com um largo sorriso, Jan aconselhou:

– Use um copo de papel.

Foi o que ela fez, depois de plantar novamente as ervilhas. O problema era que seu suprimento também era limitado, mesmo esforçando-se para tomar mais líquido do que tinha vontade. Mas deu para ungir a área próxima dos canteiros elevados onde tinha replantado as ervilhas e dessa vez, quando os brotos apareceram, não foram comidos.

Um dia R. J. ouviu um ruído como de vários motores nos fundos da casa. Foi verificar e viu um exército de abelhas deixando a colmeia. Milhares de abelhas subiram como cordas que giravam e dançavam, separaram-se e voltaram

a se unir na altura do telhado, formando uma coluna que às vezes parecia sólida, tão juntos estavam os pequenos insetos uns dos outros. A coluna se transformou numa nuvem que se contraía e se expandia, mudava de forma e crescia e finalmente subiu mais alto e foi para o bosque, voando sobre as árvores.

Dois dias depois, outra colmeia levantou voo. David cuidava assiduamente das abelhas e R. J. as havia ignorado, mas a perda não provocou nenhum sentimento de culpa. Ela estava muito ocupada com seu trabalho e outros interesses e resolvida a viver a própria vida.

Na tarde da fuga da segunda colmeia ela recebeu um telefonema no consultório. Gwen Gabler, falando de Idaho, comunicou que ia visitá-la.

– Preciso passar umas duas semanas na região oeste de Massachusetts. Explico quando chegar aí – disse Gwen.

Problemas conjugais? Mas não, não parecia isso.

– Phil e os meninos mandam lembranças – ela disse.

– Lembranças minhas para eles. E venha depressa. Depressa – disse R. J.

R.J. queria apanhá-la no aeroporto mas Gwen sabia como era a vida de um médico e preferiu tomar um táxi no aeroporto de Hartford. A mesma Gwen maravilhosa e sabe-tudo de sempre!

Ela chegou à tarde, acompanhada por uma tempestade de primavera e as duas se abraçaram e beijaram, olharam uma para a outra e riram felizes. R. J. mostrou a ela o quarto de hóspedes.

– Deixe isso para lá. Onde fica o banheiro? Estou segurando desde Springfield.

– Primeira porta à esquerda – disse R. J. – Ah, espere! – Correu para o quarto, apanhou quatro copos de papel de cima da cômoda e voltou para Gwen.

– Tome. Quer usar isto, por favor? Eu ficaria muito agradecida.

Gwen não entendeu nada.

– Você quer uma amostra?

– Toda que puder dar. É para a horta.

– Ah, para a horta. – Gwen caminhou para o banheiro mas seus ombros começaram a tremer e logo estava rindo às gargalhadas, apoiada na parede. – Você não mudou, nem uma das suas células maravilhosas. Meu Deus, como senti sua falta, R. J. Cole – ela disse, enxugando os olhos de tanto rir. – Para a horta?

– Bem, deixe-me explicar.

– Não se atreva. Não quero saber nunca. Não estrague a coisa – disse Gwen e, apanhando os quatro copos, correu para o banheiro.

Naquela noite falaram de coisas mais sérias. Conversaram até tarde,

enquanto lá fora a chuva tamborilava nos vidros das janelas. Gwen ouviu a história de David e a história de Sarah. Fez uma ou duas perguntas, e segurou a mão de R. J.

– E você? Como vai a vida na organização de assistência à saúde?

– Bem, Idaho é muito bonito e o povo realmente amável. Mas o Centro de Saúde Highland é uma organização muito rica e infernal.

– Oh, Gwen, que droga. Você estava tão esperançosa.

Gwen deu de ombros. Disse que no começo tudo parecia ideal. Ela acreditava nos sistemas de saúde em grupo e tinha recebido uma bonificação para assinar o contrato. Tinha quatro semanas de férias pagas e três para comparecer a reuniões profissionais. Alguns médicos não tinham nada de gênio, mas quatro deles eram de primeira classe, três homens e uma mulher.

Porém, quase imediatamente depois, um dos bons médicos, um interno, tinha deixado o Centro Highland para trabalhar no hospital de Administração dos Veteranos, que não ficava muito distante. Depois, outro dos três – o outro único obstetra do Centro – mudou para Chicago. Quando a médica, que era pediatra, também saiu, Gwen já tinha uma ideia do porquê daquele êxodo.

A administração era péssima. A empresa tinha nove centros de saúde em toda a região oeste dos Estados Unidos e anunciava que seu objetivo principal era a medicina da mais alta qualidade, mas na verdade era o lucro. O diretor regional, um antigo interno, Ralph Buchanan, agora fazia estudos de tempo e movimento em vez de fazer medicina. Buchanan examinava todos os históricos dos pacientes para determinar onde os médicos empregados estavam desperdiçando dinheiro. Não importava se o médico achava que um ou outro paciente necessitava de um exame mais detalhado. Fora das razões estabelecidas em regulamento, o médico que pedia um exame de laboratório era obrigado a se explicar. A empresa tinha algo que eles chamavam de Decisão Algoritmo Três. “Se A ocorrer, vá para B. Se ocorrer B, vá para C.” Na verdade, é a prática da medicina por números. A ciência é padronizada e mastigada para você, sem nenhuma margem para variações ou necessidades pessoais. A direção insiste no método de ignorar, como perda de tempo, detalhes não clínicos da vida do paciente – a história pregressa do paciente que às vezes aponta para a causa real do problema. Não há espaço algum para o médico praticar a arte da medicina.

Não foi o sistema de assistência à saúde que falhou, afirmou Gwen.

– Eu ainda acredito que pode funcionar se for bem dirigido. Acho que a ciência médica progrediu suficientemente para que possamos trabalhar com restrições de tempo e de testes estabelecidas para cada tipo de doença, desde que os médicos tenham o direito e a capacidade de se afastar do “regulamento” sem precisar perder tempo e energia defendendo-se da direção da empresa. Mas os

donos e os dirigentes desse centro de saúde são uns palhaços. – Gwen sorriu. – Espere. Tem coisa pior.

Para substituir os três bons médicos, ela continuou, Buchanan contratou o que encontrou disponível – um interno não formado, cujos privilégios no hospital haviam sido revogados por prática irregular da medicina em Boise, um homem de 67 anos, que nunca havia praticado a profissão, mas apenas trabalhado em laboratório de pesquisa, e um jovem clínico geral contratado de uma agência de empregos para trabalhar até o centro encontrar outro médico.

– O terceiro médico bom que sobrou, além “desta que vos fala”, era um homem do campo, da Nova Era, com 30 e poucos anos, Marty Murrow. Ele usava blue jeans no consultório e tinha cabelo comprido. Na verdade ia às convenções médicas para aprender coisas novas. Tentava ler tudo que encontrava sobre medicina. Era um interno fantástico, apaixonado pela medicina. Está lembrada?

Ela continuou:

– Seja como for, nós dois logo tivemos problemas.

Para ela tudo começou quando a empresa designou o “idiota de Boise” para substituí-la nas suas folgas. Começaram seus telefonemas para Buchanan, a princípio corteses e amistosos, depois cada vez mais ásperos. Ela disse que era ginecologista obstetra formada e não ia permitir que uma pessoa não qualificada partilhasse a responsabilidade por seus pacientes. Disse que tinha ficado com vários pacientes do obstetra que havia deixado a organização. Que o número de pacientes da sua agenda estava muito além do que especificava seu contrato, o limite no qual ela podia continuar a funcionar como médica num alto nível de qualidade, e que eles deviam tratar de arranjar outro obstetra para dividir a carga com ela.

– Buchanan lembrou que era uma operação de equipe, que eu devia agir como uma jogadora de um time. Eu disse que ele podia enfiar isso na sua *flexura sacralis recti* a não ser que contratasse outro obstetra qualificado. Assim, eu ganhei um lugar de honra na lista negra dele.

“Enquanto isso, Marty Murrow estava com um problema muito maior. Seu contrato determinava que devia tratar de 1.600 pacientes e ele estava tratando mais de 2.200. Os cretinos dos novos médicos estavam tratando de 400 a 600 pacientes cada um. O pesquisador não sabia muita coisa sobre medicina interna. Sempre que estava na UTI tinha de pedir às enfermeiras para anotar suas ordens. Ele não ficou nem dois meses.

“Os pacientes logo perceberam que havia alguns médicos que não valiam nada no Centro de Saúde Highland. Quando Highland conseguiu o contrato para dar assistência médica a uma pequena fábrica com cinquenta operários, quarenta

e oito deles quiseram que Marty Murrow fosse seu médico. Ele e eu começamos a perder a paciência. Muitas vezes nos pediam para aviar receitas para pacientes de outros médicos, dar ordem para aplicação de medicamentos para pacientes que nunca tínhamos visto. E como os médicos eram meros empregados, não tínhamos controle sobre a falta geral de qualidade do serviço.”

Uma das enfermeiras, disse Gwen, era extremamente inepta. Marty Murrow verificou vários erros quando ela levava para ele assinar receitas para repetição de certos medicamentos.

– Receitando Zantax, em vez de Xanax, coisas desse tipo. Tínhamos de ficar de olho nela.

Gwen se aborrecia com a recepcionista que era grosseira e sarcástica no consultório e no telefone e muitas vezes deixava de transmitir recados e perguntas dos pacientes.

– Marty Murrow e eu vivíamos gritando com ela e chamando-a das coisas mais horríveis – disse Gwen. – Nós dois telefonávamos regularmente para Buchanan para reclamar, o que ele gostava, porque era uma oportunidade de nos pôr no nosso lugar, ignorando-nos. Então Marty Murrow escreveu para o presidente da empresa, um urologista aposentado, que mora em Los Angeles. Marty se queixou da enfermeira, da recepcionista, de Buchanan e pediu ao presidente para substituir os três.

“Buchanan recebeu um telefonema do presidente e enviou cartas para a enfermeira e para a recepcionista informando-as das acusações do dr. Murrow. Depois disso, quando ele encontrou com elas, as duas contaram a mesma história. Acusaram o dr. Murrow de assédio sexual.

“Pode imaginar a satisfação de Buchanan. Ele mandou uma carta registrada para o dr. Martin B. Murrow informando-o das acusações de assédio sexual e avisando que ele estava suspenso por duas semanas enquanto o caso era investigado. Marty está sempre falando da esposa, uma mulher muito atraente e das duas filhas às quais dedica todo tempo que a medicina lhe permite. Contou a ela o que estava acontecendo. Foi o começo de uma experiência terrível para os dois. Buchanan contou a uma porção de gente que havia determinado a suspensão de Marty e por quê. Os amigos dos Murrow logo começaram a ouvir os rumores.

“Marty telefonou para o irmão mais velho, Daniel J. Murrow, sócio da firma de advocacia Golding, Griffey e Moore, na Wall Street, e Daniel Murrow telefonou para Buchanan dizendo que realmente devia haver uma investigação como fora anunciado e que seu cliente, o dr. Martin Boyden Murrow, insistia para que todas as pessoas do centro de saúde fossem interrogadas.”

R. J. ficou atenta. Embora tivesse abandonado o direito, uma parte dela

sempre reagia a um caso interessante.

– Você tem certeza de que Martin Murrow não...

Gwen sorriu.

– A enfermeira em questão tem quase 60 anos e é bem gorda. Como eu estou ficando cada vez mais velha e mais gorda, não quero desmerecer as velhas e obesas, mas não acredito que possam ser mais sexualmente atraentes do que uma mulher que nunca teve celulite. Quanto à recepcionista, tem 19 anos, mas é esquelética e desagradável. Onze mulheres trabalham regularmente com Marty e três ou quatro delas são de parar o trânsito. Todas afirmaram que o dr. Murrow jamais as assediou sexualmente. Uma enfermeira lembrou da manhã de segunda-feira em que disse ao dr. Murrow que queria fazer um teste e disse: “Se é tão bom em diagnóstico, olhe para os olhos de Josie e de Francine e diga qual das duas transou no fim de semana.” Ele disse que devia ter sido Francine porque era a única que tinha um sorriso nos olhos.

– Não muito incriminador – R. J. disse, secamente.

– Essa foi a pior coisa que conseguiram a respeito dele. Nenhuma das duas queixosas apresentou algo específico e era óbvio que tinham combinado fazer a acusação depois que ele apresentou queixa contra elas. Outras pessoas no consultório tinham as mesmas queixas sobre o trabalho das duas e depois da investigação a enfermeira e a recepcionista foram despedidas.

– E Buchanan?

– O dr. Buchanan continua no seu emprego. Os escritórios que ele supervisiona são muito lucrativos. Ele mandou uma carta para Marty informando que a investigação não tinha revelado nenhuma prova conclusiva para substanciar as acusações, portanto ele podia recomendar a prestar seus serviços médicos para o Centro de Saúde Highland.

“Marty respondeu imediatamente dizendo que pretendia processar Buchanan e as duas funcionárias despedidas por difamação e o centro de saúde por quebra de contrato.

“O presidente da empresa voou da Califórnia para Idaho. Conversou com Marty e perguntou quais eram seus planos para o futuro. Quando Marty disse que pretendia abrir um consultório particular, o presidente disse que a empresa queria ajudá-lo a fazer isso, para evitar a publicidade negativa de um processo litigioso. Ofereceu o pagamento do tempo que faltava para expirar o contrato de Marty, cinquenta e dois mil em dinheiro. Além disso, Marty podia levar todo o equipamento do seu consultório e das duas salas de exame, bem como um aparelho de eletrocardiograma e o equipamento de sigmoidoscopia que nenhum dos outros médicos sabia usar. Marty concordou imediatamente.”

Então, disse Gwen, ela compreendeu que também não queria continuar no

centro.

– Mas eu estava num dilema. Meu marido descobriu que gosta de lecionar e eu não queria interferir com sua carreira. Então, num encontro nacional de professores de administração, em Nova Orleans, Phil conheceu o reitor da escola de administração da Universidade de Massachusetts e ambos concordaram que ele era a pessoa certa para preencher uma vaga no corpo docente da faculdade de Massachusetts.

“Então eu imediatamente ameacei processar Buchanan por quebra de contrato e depois de alguma negociação ele concordou em pagar as despesas da nossa mudança para o Leste. Vamos voltar para cá em setembro e Phil vai lecionar em Amherst.”

Gwen parou de falar e sorriu vendo a amiga saltar de alegria como uma criança.

O BATISMO

— **E** agora? O que vai fazer quando chegar aqui? — R. J. perguntou.

Gwen deu de ombros.

— Ainda acredito que a medicina organizada é a única chance de assistência médica para todos na América. Vou procurar outra organização, eu acho. E desta vez me certificar de que é a coisa certa.

De manhã ela foi à cidade com R. J. Percorreram toda Main Street e Gwen notou como todos cumprimentavam a dra. Cole com um sorriso amável. No consultório, foi de sala em sala, observando tudo, parando uma vez ou outra para fazer uma pergunta.

Enquanto R. J. via seus pacientes, Gwen sentou na sala de espera lendo revistas de ginecologia. Pediram sanduíches do armazém para o almoço.

— Quantos obstetras existem nas cidades das montanhas?

— Nenhum. As mulheres têm de viajar até Greenfield, Amherst ou Northampton. Há duas parteiras em Greenfield que atendem nas montanhas. Todas as cidades estão crescendo, Gwen, e já há um número suficiente de mulheres para uma boa clínica ginecológica.

Seria esperar demais que Gwen resolvesse abrir um consultório nas montanhas e não foi surpresa para ela quando Gwen apenas fez um gesto afirmativo e mudou de assunto.

Naquela noite elas jantaram com Toby e Jan. Durante o jantar o telefone tocou e avisaram o guarda-florestal que um caçador havia ferido uma águia de cabeça branca em Colrain. Logo que acabou de comer, Jan pediu licença e saiu. Foi bom para elas. As três mulheres sentaram na sala e conversaram à vontade.

R. J. sempre achou que podia ser perigoso conhecer a amiga íntima de uma amiga íntima. A experiência podia ter dois resultados — ciúmes e rivalidade podiam estragar a reunião, ou as duas novas conhecidas podiam ver uma na outra o que a amiga comum via nas duas. Felizmente, Toby e Gwen se entenderam às mil maravilhas. Toby ficou sabendo tudo sobre a família de Gwen e falou com franqueza do seu desejo de ter um filho e do quanto ela e Jan

estavam fartos dos esforços inúteis para conseguir isso.

– Esta mulher é a melhor ginecologista obstetra que conheço – R. J. disse para Toby. – Eu me sentiria muito melhor se ela a examinasse no meu consultório amanhã.

Depois de uma pequena hesitação, Toby concordou.

– Se não for atrapalhar.

– Bobagem – disse Gwen. – Não vai atrapalhar nada.

Na manhã seguinte as três se encontraram no consultório, depois do exame.

– Você tem dores abdominais de vez em quando? – Gwen perguntou.

– Às vezes – disse Toby.

– Não encontrei nenhum problema definido – Gwen disse, falando devagar.

– Mas acho que deve fazer uma laparoscopia, um procedimento exploratório que pode nos dizer o que exatamente está acontecendo no seu corpo.

Toby fez uma careta.

– R. J. tem tentado me convencer a fazer isso.

Gwen fez um gesto afirmativo.

– Isso porque R. J. é uma boa médica.

– Você faz laparoscopia?

– Estou sempre fazendo pelviscopias.

– ... Faria a minha?

– Toby, eu gostaria de poder. Ainda tenho minha licença de Massachusetts, mas não faço parte da equipe de nenhum hospital. Se for feita antes da minha volta para Idaho, terei prazer em assistir como observadora e discutir o caso não oficialmente com o médico.

E foi o que fizeram. A secretária de Dan Noyes conseguiu uma sala de cirurgia três dias antes de Gwen voltar para casa. R. J. falou com o dr. Noyes e ele não teve dúvida em permitir que Gwen assistisse à laparoscopia ao seu lado.

– Por que você não vem também? – ele disse. – Eu tenho dois lados.

Gwen passou os cinco dias seguintes visitando organizações de saúde e médicos em diversas comunidades não muito distantes de Amherst. Na noite do quinto dia, ela e R. J. assistiram na televisão a um debate sobre o plano nacional de saúde na América.

Foi uma experiência frustrante. Todos reconheciam que o sistema de saúde nos Estados Unidos era ineficiente, restritivo e muito dispendioso. O plano mais simples e menos caro era o sistema de “contribuinte único” usado por outros países adiantados, no qual o governo coletava impostos e pagava a assistência a todos os cidadãos. Mas embora o capitalismo americano proporcione os

melhores aspectos da democracia, proporciona também os piores, como lobistas pagos que fazem pressões enormes sobre o Congresso para proteger os interesses financeiros da indústria da saúde. O exército enorme de lobistas representa os interesses das empresas particulares de seguros-saúde, clínicas especializadas, hospitais, a indústria farmacêutica, grupos de médicos, sindicatos trabalhistas, associações comerciais, grupos pró-aborto que defendem a tese de que o aborto deve ser pago, grupos antiaborto que exigem a proibição do aborto, grupos de assistência social, os idosos...

A luta pelo dinheiro era suja e baixa, um espetáculo repugnante. Alguns republicanos admitiam que queriam anular a lei de assistência à saúde porque, se fosse aprovada, aumentaria as chances da reeleição do presidente. Outros republicanos se declaravam a favor da assistência universal à saúde mas diziam que lutariam até a morte contra o aumento dos impostos e contra o fundo de seguro-saúde pago pelos empregadores. Alguns democratas, prestes a começar a campanha para a reeleição e que dependiam dos lobistas para angariar fundos, falavam exatamente como os republicanos.

Os executivos na televisão concordavam em dizer que qualquer plano devia ser aplicado em etapas, lentamente, durante muitos anos, no fim chegando a cobrir não mais de 90 por cento da população dos Estados Unidos. Gwen levantou-se de um salto e desligou a televisão, furiosa.

– Idiotas. Falam como se 90 por cento de cobertura fosse uma coisa maravilhosa. Será que não compreendem que isso significa deixar mais de vinte milhões de pessoas sem assistência médica? Vão acabar criando uma nova casta de intocáveis na América, milhões de pessoas que não têm meios para ficar doentes e nem para morrer.

– O que vai acontecer, Gwen?

– Oh, eles chegarão aos tropeços a um sistema que funcione, depois de anos e anos de tempo perdido, de saúde perdida, de vidas perdidas. Mas só o fato de Bill Clinton ter tido coragem de fazer com que eles enfrentem o problema já é alguma coisa. Hospitais supérfluos estão fechando, outros estão aparecendo. Os médicos não estão mais ordenando procedimentos desnecessários...

Olhou tristemente para R. J.

– Os médicos terão de mudar as coisas sem muita ajuda dos políticos, terão de tentar a medicina gratuita.

– Eu já faço isso.

– Sim, que diabo, você e eu somos boas médicas, R. J. O que acha de criarmos um grupo médico? Podemos começar trabalhando juntas.

A ideia pareceu maravilhosa por um momento, mas logo a razão predominou.

– Você é a minha melhor amiga e eu a amo, Gwen. Mas meu consultório é pequeno demais para dois médicos, e não quero sair daqui. Esta é agora a minha cidade, o povo é o meu povo. O que eu fiz sozinha aqui... me satisfaz. Como posso explicar? Não quero correr o risco de arruinar tudo agora.

Gwen concordou e encostou os dedos nos lábios de R. J.

– Eu não ia querer nada que prejudicasse você.

– E se você abrir um consultório aqui perto? Podemos trabalhar juntas e talvez formar uma cooperativa de médicos bons e independentes. Podemos comprar nossos suprimentos juntas, uma substituir a outra em caso de necessidade, fazer um contrato conjunto para análises de laboratório, encaminhar pacientes uma para a outra, ter uma pessoa para cuidar das nossas contas e pensar num modo de tratar os doentes sem seguro-saúde. O que acha?

– Acho que gosto da ideia.

Na tarde seguinte começaram a procurar um local para o consultório de Gwen nas cidades vizinhas. Três dias depois encontravam o que queriam num prédio de dois andares, de tijolos vermelhos, em Shelburne Falls onde já havia dois advogados, um psicoterapeuta e uma escola de dança de salão.

Na terça-feira de manhã, acordaram quando ainda estava escuro, tomaram café às pressas e foram para o hospital no frio da madrugada. Passaram pelo ritual necessário de esterilização junto com o dr. Noyes e às 6:45 estavam na sala de cirurgia quando Toby entrou na maca.

– Oi, moça – R. J. disse, a voz abafada pela máscara, e piscou para ela.

Toby sorriu sonolenta. R. J. sabia que ela já estava sob o efeito de uma solução endovenosa de lactato de Ringer à qual fora adicionado um relaxante – o Midazolam, conforme a informou o anestesista, Dom Perrone, encarregado do controle do eletrocardiograma, do movimento respiratório e do oxímetro da pulsação. R. J. e Gwen ficaram de braços cruzados, fora do campo estéril, observando o dr. Perrone aplicar em Toby 120 mg de Propofol.

Até logo, minha amiga. Durma bem, Toby, pensou R. J. carinhosamente.

O anestesista administrou um relaxante muscular, inseriu o tubo endotraqueano e ligou o oxigênio, acrescentando óxido nitroso e Isoflurane. Finalmente ele rosnou satisfeito.

– É toda sua, dr. Noyes.

Em poucos minutos o dr. Noyes fez as três pequenas incisões e inseriu o olho de fibra óptica. Então, todos viram na tela o interior da pélvis de Toby.

– Tumores endométricos nas paredes da pélvis – observou o dr. Noyes. – Isso explica as dores ocasionais que constam da ficha.

Logo o foco foi dirigido para outra coisa e as duas visitantes trocaram um olhar compreensivo. A tela mostrava cinco pequenos cistos entre os ovários e as trompas de Falópio, dois num lado, três no outro.

– Isso pode explicar por que ela não engravida – murmurou Gwen.

– Provavelmente – disse o dr. Noyes alegremente, começando a trabalhar.

No fim de uma hora os tumores e os cistos tinham sido removidos, Toby descansava confortavelmente e Gwen e R. J. voltavam de carro pela Mohawk Trail para o consultório de R. J.

– O dr. Noyes fez um ótimo trabalho – Gwen disse.

– Ele é muito bom. Aposenta-se este ano. Tem muitas clientes nas montanhas.

– Hum, hum – murmurou Gwen. – Então, não me deixe esquecer de mandar uma carta dizendo quanto eu o admiro – disse com seu sorriso caloroso.

Gwen ia partir na sexta-feira, por isso elas queriam que a quinta-feira fosse especial.

– Vejamos – disse Gwen. – Eu contribuí grandiosa e generosamente pelo bem-estar das suas ervilhas, alterei toda a minha vida para ser sua sócia e vizinha e colaborei para ajudar Toby. Mais alguma coisa que devo fazer antes de partir?

– Para dizer a verdade, sim. Venha comigo – disse R. J.

Apanhou no celeiro a marreta que pesava um quilo e meio e a alavanca enorme, talvez deixada ali por Harry Crawford. Deu uma luva de trabalho para Gwen e a marreta e, carregando a alavanca, a levou para a trilha, deu a volta no rio e finalmente chegaram à última ponte. As três pedras chatas estavam ainda onde ela as havia deixado.

Entraram no regato. Ela pôs a alavanca no lugar certo e Gwen a segurou enquanto R. J. a firmava debaixo da estaca da margem oposta.

– Agora – ela disse. – Vamos tentar levantar a estaca.

– Quando eu disser três. Um... Dois... – Foi no primeiro grau que R. J. tomou conhecimento da afirmação de Arquimedes, segundo a qual com uma alavanca suficientemente longa ele podia mover o planeta. Agora ela confiava nele. – Três.

E deu certo. As duas, gemendo em uníssono, ergueram os braços e a tora de madeira levantou-se do solo.

– Um pouco mais – disse R. J. prudentemente. – Agora – ela continuou – você tem de segurar sozinha.

Gwen ficou pálida.

– Tudo bem?

Gwen fez que sim com a cabeça. R.J. largou a alavanca e foi apanhar as pedras.

– R. J. – A alavanca estremeceu quando R. J. levantou uma das pedras e a encaixou sob a estaca. Abaixou para apanhar a outra pedra, quando Gwen disse com voz abafada.

– R. J.! Pelo...

A segunda pedra estava no lugar.

– ... amor... de... Deus!

– Segure. Segure, Gwen.

A última pedra foi encaixada no momento exato em que Gwen largou a alavanca e caiu sentada dentro do regato.

R. J. precisou usar toda sua força para tirar a alavanca de baixo da estaca. Ela raspou na pedra de cima, mas as três ficaram firmes. R. J. saiu do regato e subiu na ponte.

Estava razoavelmente equilibrada. R. J. bateu os pés com força. Parecia muito forte, uma ponte para muitas gerações.

Ela dançou a sua tarantela, a ponte tremeu um pouco porque era flexível, mas não se moveu. Parecia firme e permanente. Levantando o rosto para as folhagens verdes das árvores, ela dançou, batendo com os pés na sua ponte.

– Eu te batizo com o nome de Ponte Gwendolyn F, de Fantástica.

Lá embaixo no regato, Gwen tentava rir alto mas só conseguia uma risada estrangulada.

– Eu posso fazer tudo. *Tudo* – R. J. disse para os espíritos da floresta – com uma pequena ajuda dos meus amigos.

O QUE AGUNAH TEMIA

Maio foi suave e bom. A terra aquecida podia agora ser plantada e túmulos podiam ser abertos outra vez. No quinto dia do mês, dois dias antes da reunião anual dos munícipes, o corpo de Eva Goodhue foi retirado da gaveta do cemitério de Woodfield e enterrado. John Richardson realizou um serviço religioso simples e comovente. Pouca gente compareceu, só os que lembravam que Eva Goodhue era de uma das primeiras famílias na história da cidade.

Quando voltou do enterro, R. J. plantou um dos dois canteiros elevados. Dispôs as sementes em duas fileiras com trinta centímetros de largura, não deixando muito espaço para as ervas daninhas. Plantou dois tipos de cenouras, três variedades de alface, rabanetes vermelhos e brancos, cebolinha, beterrabas, manjerição, salsa, endro e vagens. De certo modo parecia importante para ela o fato de Eva fazer parte agora daquela terra tão pródiga.

O dia estava no fim quando ela terminou e guardou os instrumentos de jardinagem. Estava lavando as mãos na cozinha quando o telefone tocou.

– Alô. Dra. Cole falando.

– Dra. Cole, meu nome é Barbara Eustis. Sou diretora da clínica de planejamento familiar em Springfield.

– Sim?

Falando devagar e em voz baixa, Barbara Eustis relatou seu desespero. Seus médicos estavam intimidados pela violência dos fanáticos antiaborto, as ameaças, o assassinato do dr. Gunn na Flórida.

– Bem, o assassino foi condenado à prisão perpétua. Isso deve servir de advertência.

– Oh, eu espero que sim. Mas o caso é que... muitos médicos não querem pôr em risco a própria vida e a de suas famílias. Eu não os culpo, mas a não ser que eu consiga ajuda de outros médicos, terei de fechar a clínica. E isso seria trágico, porque as mulheres realmente precisam de nós. Estive falando com Gwen Gabler e ela sugeriu que eu falasse com você.

Oh, não! Que droga, Gwen, como pôde fazer uma coisa dessas? R. J. sentiu um gosto amargo na boca.

Barbara Eustis estava dizendo que tinha uma ou duas pessoas corajosas,

dispostas a continuar trabalhando. Gwen havia prometido um dia por semana quando fosse para o Leste. A voz no telefone estava pedindo a R. J. um dia por semana para fazer abortos de três meses.

– Eu sinto muito. Não posso. O prêmio do meu seguro contra erros médicos é de três mil e quinhentos dólares por ano. Se eu trabalhar para você, vão aumentar o preço para mais de dez mil dólares.

– Nós pagamos o seu seguro.

– Tenho tanto medo quanto todos os outros. Simplesmente isso me apavora.

– É claro, e tem razão. Deixe-me dizer que gastamos muito dinheiro com seguro. Temos guardas armados. Temos guarda-costas voluntários e acompanhantes que protegem os nossos médicos quando vêm para a clínica e quando voltam para casa.

R. J. não queria enfrentar esse problema. Nem a controvérsia e as multidões e o ódio. Queria passar seus dias de folga trabalhando no bosque, caminhando, tocando a viola da gamba.

Nunca mais queria ver uma clínica de abortos. Sabia que o que aconteceu com Sarah ia atormentá-la pelo resto da vida. Mas não podia ignorar o que tinha acontecido com a jovem Eva Goodhue e com tantas outras mulheres. Ela suspirou.

– E se eu der a vocês as quintas-feiras? – ela disse.

Havia um pequeno trecho de bosque entre a Ponte Gwendolyn F e a casa, mas era quase todo de mato cerrado e árvores muito juntas. R. J. tinha só mais uma quinta-feira antes de começar a trabalhar na clínica em Springfield e resolveu terminar a trilha.

Levantou cedo e tomou café, ansiosa para sair e trabalhar. Quando estava guardando a louça do café, ouviu o arranhado na porta e Agunah entrou.

Como de hábito, Agunah ignorou R. J., fez a inspeção da casa e esperou na frente da porta para sair outra vez. R. J. tinha desistido de procurar agradar a visitante orgulhosa. Abriu a porta e esperou que a gata saísse, mas Agunah, em vez de sair, arqueou as costas e levantou a cauda. Parecia um gato assustado das histórias em quadrinhos e correu para o quarto de R. J.

– O que aconteceu, Agunah? Do que está com medo?

R. J. fechou a porta, girou a chave instintivamente e começou a olhar pelas janelas.

Um vulto negro e grande atravessava o campo com passos lentos, na direção da casa.

O urso passou pela relva alta. R. J. não podia imaginar um urso daquele

tamanho nas montanhas de Massachusetts. Era um macho, sem dúvida o autor das marcas que há semanas ela viu no bosque. Ficou paralisada, incapaz de se afastar da janela o tempo suficiente para apanhar a máquina fotográfica.

Quando ele se aproximou da casa, parou debaixo da macieira silvestre, ficou de pé apoiado nas patas traseiras e farejou as maçãs murchas que tinham sobrado do ano anterior. Voltou a ficar de quatro e caminhou para o lado da casa, fora do campo de visão de R. J.

R. J. subiu correndo a escada, chegou à janela do quarto e olhou diretamente para ele. O urso observava o próprio reflexo no vidro da janela do primeiro andar. R. J. tinha certeza de que ele pensava que era outro urso e esperou que ele não resolvesse atacar o inimigo, quebrando o vidro da sua janela. O pelo espesso e negro eriçou-se no pescoço do animal. Inclinou de leve a cabeça enorme e os olhos, pequenos para a cabeça, brilhavam hostis.

Depois de um momento ele deu as costas ao reflexo no vidro. De onde estava, R. J. podia ver a força dos ombros maciços e das pernas grossas e surpreendentemente longas. Pela primeira vez na vida, R. J. sentiu arrepiar-se o cabelo na nuca. Agunah e eu, ela pensou.

Ficou olhando até o urso entrar no bosque, depois voltou para a cozinha, sentou e ficou imóvel.

A gata voltou para a porta da frente, com passos levemente furtivos. Quando R. J. abriu, Agunah hesitou por um breve momento, deslizou para fora e correu na direção oposta à que o urso tinha tomado.

R. J. voltou para a cadeira, dizendo a si mesma que agora não podia ir ao bosque.

Mas sabia que, se não terminasse a trilha naquele dia, não teria mais oportunidade por um longo tempo.

No fim de meia hora, foi até o celeiro, encheu a serra de óleo e foi para a trilha no bosque. Jan Smith havia dito que os ursos tinham medo dos seres humanos e os evitavam, mas assim que ela entrou na trilha escura, à sombra das árvores, ficou apavorada, sabendo que acabava de deixar seu território para entrar no do urso. Jan tinha garantido que, quando percebem a presença do homem, os ursos fogem para longe. Apanhou uma vareta e bateu com ela no cabo da serra. Ele tinha dito também que um assobio não servia para avisar o urso da nossa presença porque ele estava acostumado ao canto dos pássaros. Então ela começou a cantar a plenos pulmões, canções da sua juventude em Harvard Square, “This Land Is Your Land”, e depois “Where Have All the Flowers Gone?” Já estava bem no meio de “When the Saints Go Marching In” quando subiu na última ponte.

Só quando o motor da serra rugiu ela se sentiu segura e começou a trabalhar

arduamente para dominar o medo.

ALMAS IRMÃS

A clínica de planejamento familiar em Springfield ficava numa bela casa de pedra cinzenta na State Street, bastante antiga mas bem conservada. R. J. tinha dito para Barbara Eustis que, pelo menos por enquanto, ela preferia ir e vir desacompanhada, pois não acreditava que um acompanhante oferecesse proteção real. Mas agora, depois de estacionar o carro a uma quadra da clínica e seguir a pé, começou a duvidar da prudência dessa decisão. Já havia uma dúzia de manifestantes com as faixas e cartazes e assim que ela começou a subir os degraus da entrada, a gritaria começou, com os cartazes e faixas balançando para todos os lados agressivamente.

Uma mulher levava um cartaz que dizia “JESUS CHOROU”. Devia ter 30 e poucos anos, cabelo longo cor de mel, nariz afilado com narinas bem-feitas, olhos castanhos tristonhos. Ela não gritava nem sacudia o cartaz, apenas estava ali parada. Os olhos dela encontraram os de R. J. R. J. sabia que nunca a tinha visto antes, mas teve a impressão de que se conheciam, por isso inclinou a cabeça de leve e a mulher fez o mesmo. R. J. subiu os degraus e entrou na clínica deixando o tumulto lá fora.

Abortos no terceiro mês eram intervenções simples, mas a tensão voltava a fazer parte da sua vida.

O horror estava lá todas as quintas-feiras, o terror a perseguia durante toda a semana. Eles identificaram o carro dela quase imediatamente. Dentro de duas semanas começaram os telefonemas para sua casa, feitos com grande regularidade – os palavrões, as acusações, as ameaças.

Assassina, você vai morrer. Vai morrer, morrer, com muita dor. Sua casa vai pegar fogo, mas não vai chegar e encontrar nem as ruínas fumegantes, porque vai estar entre as cinzas. Nós conhecemos bem sua casa na Laurel Hill Road, em Woodfield. Suas macieiras precisam ser podadas, seu telhado logo vai precisar de reparos, mas não se preocupe com isso agora. Sua casa vai pegar fogo. Você estará dentro dela.

R. J. nem tentou mudar para um número que não constava da lista. Seus

clientes precisavam telefonar para sua médica.

Uma manhã foi à central de polícia, no subsolo da prefeitura, e conversou com Mack McCartney. O chefe de polícia de Woodfield ouviu atentamente quando ela falou das ameaças.

– Deve levar isso a sério – ele disse. – É importante. Vou contar uma coisa. Meu pai foi o primeiro católico a vir para esta cidade. Em 1931. A Ku Klux Klan chegou durante a noite.

– Pensei que só acontecesse no Sul.

– Oh, não, oh, não ... Eles vieram de noite com seus lençóis ianques e queimaram uma cruz muito grande no pasto. Os pais e tios de uma porção de gente que você e eu conhecemos, pessoas que servimos todos os dias, queimaram uma grande cruz perto da casa do meu pai porque ele era um católico de Chicopee que tinha ousado vir morar aqui.

“Você é uma mulher maravilhosa, doutora. Eu sei, porque já a vi em ação e a tenho observado quando você nem desconfia. Agora, vou observar muito mais de perto. Você e a sua casa.”

R. J. já havia tratado três casos de HIV positivo. Uma criança que apanhou o vírus numa transfusão de sangue e um homem que o tinha passado para a mulher.

O filho de George Palmer, Harold, apareceu no consultório, certa manhã, com o amigo. Eugene Dewalski ficou na sala de espera, lendo uma revista, enquanto R. J. examinava Harold e depois, a pedido do paciente, ela chamou o sr. Dewalski para falar sobre o resultado do exame.

R. J. tinha certeza de que nada do que ela disse era surpresa para os dois. Há mais de três anos sabiam que Harold Palmer era HIV positivo. Um pouco antes de ir para Woodfield tinham aparecido os primeiros tumores por vírus Cocksackie, o começo da investida definitiva da doença. Na entrevista preliminar, no consultório, os dois homens tinham respondido a suas perguntas com voz inexpressiva e seca. Quando acabaram de falar sobre os sintomas verificados, Harold disse, satisfeito, que era maravilhoso estar de volta a Woodfield.

– Nunca se pode tirar o campo de um homem do campo.

– Sr. Dewalski, o que acha da cidade?

– Oh, eu adoro. – Ele sorriu. – Fui aconselhado a não vir morar no meio de uma porção de ianques frios, mas por enquanto os ianques que conheci não têm nada de frios. De qualquer modo, eles parecem estar em minoria em relação aos fazendeiros poloneses das vizinhanças e já recebemos dois convites para comer *kielbasa*, *golumpki* e *galuska* feitos em casa. Aceitamos avidamente.

– Você aceitou avidamente – disse Harold Palmer. Sorrindo, os dois homens saíram do consultório discutindo com bom humor a cozinha polonesa.

Na semana seguinte Harold voltou sozinho para uma injeção. Em poucos minutos ele se lançou nos braços de R. J. chorando desesperadamente. Com a cabeça de Harold no seu ombro, ela acariciou os cabelos dele, o abraçou com força e falou durante um longo tempo – praticando a arte da medicina. Estava estabelecida a amizade de que iam precisar quando ele entrasse na longa espiral descendente.

Não eram dias tranquilos para muitos dos seus pacientes. Os noticiários da televisão anunciavam que as ações da bolsa começavam a subir outra vez, mas nas cidades das montanhas a economia não ia bem. Toby ficou furiosa com uma mulher que marcou uma hora para a filha e apareceu com os três filhos para serem examinados. Mas sua fúria desapareceu quando soube que eles não tinham seguro-saúde e nem dinheiro para pagar as três consultas. Naquela noite, R. J. ouviu no noticiário um senador dos Estados Unidos dizendo com satisfação que não havia crise da saúde na América.

Às vezes, nas manhãs de quinta-feira ela encontrava uma grande manifestação na frente da clínica, outras vezes, apenas poucas pessoas. R. J. notou que todos compareciam no primeiro dia de mau tempo, mas o número diminuía consideravelmente depois de vários dias consecutivos de chuva, exceto a mulher de olhos tristes. Ela estava lá todas as manhãs de quinta-feira, fosse qual fosse o tempo, nunca gritava, nunca agitava o cartaz.

Todas as semanas ela e R. J. trocavam uma breve inclinação da cabeça, quase como uma concessão relutante à humanidade de cada uma. Numa manhã de chuva forte e vento R. J. chegou mais cedo e viu a mulher sozinha na rua com uma capa de chuva amarela. Cumprimentaram-se em silêncio, como sempre, e R. J. começou a subir os degraus, mas voltou antes de chegar à porta. A água escorria da capa de chuva da mulher.

– Escute, vamos tomar um café. No café da esquina.

Entreolharam-se em silêncio. A mulher aceitou. No caminho ela parou para guardar o cartaz num furgão Volvo.

Dentro estava quente e seco, cheio do tilintar dos talheres e das vozes dos homens falando sobre esportes. Elas tiraram as capas de chuva e sentaram uma de frente para a outra em uma das mesas separadas por divisórias baixas.

A mulher disse com um leve sorriso.

– Isto é uma trégua de cinco minutos?

R. J. consultou o relógio.

– Digamos dez minutos. Depois, tenho de ir. A propósito, eu sou Roberta Cole.

– Abbie Oliver. – Depois de hesitar por um momento, ela estendeu a mão e R. J. a apertou.

– Médica, não é?

– Sim. Você?

– Professora.

– De quê?

– Inglês, para iniciantes.

Pediram café descafeinado.

Houve um momento de ansiedade, as duas esperando por um confronto que não aconteceu. R. J. queria com cada fibra de seu corpo expor os fatos àquela mulher – dizer, por exemplo, que no Brasil são feitos tantos abortos ilegais por ano quantos os abortos legais feitos nos Estados Unidos. A diferença é que nos Estados Unidos dez mil mulheres vão anualmente para o hospital devido a complicações do aborto, ao passo que, no Brasil, quatrocentas mil são hospitalizadas pela mesma razão.

Mas R. J. sabia que a mulher à sua frente estava sem dúvida igualmente ansiosa para apresentar seus argumentos, dizer talvez que cada pedaço de tecido sugado continha uma alma bradando para nascer...

– Isto é como uma calmaria na Guerra Civil – disse Abbie Oliver. – Quando os soldados saíam das trincheiras para trocar comida e tabaco.

– Sim, é mesmo. Com a diferença de que eu não fumo.

– Nem eu.

Falaram sobre música, descobriram que as duas adoravam Mozart, admiravam Ozawa e lamentavam a perda de John Williams na direção dos Boston Pops.

Abbie tocava oboé. R. J. falou sobre a viola da gamba.

Porém, finalmente terminaram o café.

R. J. sorriu, empurrou a cadeira e Abbie Oliver inclinou a cabeça de leve e disse muito obrigada. Voltou para a chuva enquanto R. J. pagava o café. Quando R. J. saiu, ela estava andando na frente da clínica com o cartaz e evitaram olhar uma para a outra quando R. J. subiu os degraus da frente.

O EX-MAJOR

R. J. cuidava da sua horta nas horas roubadas do fim da tarde, quando voltava do consultório. Várias vezes tinha trabalhado até o cair da noite e teve de plantar os tomates e o pimentão verde debaixo de uma chuva fina, o que é contra as regras da jardinagem por várias razões, mas era o único tempo que tinha disponível. Era uma jardinagem muito improvisada, mas algo dentro dela respondia bem ao processo, saboreando a promessa áspera das mãos cheias de terra.

Mesmo assim, a horta foi um sucesso. Estava colhendo verduras numa quarta-feira, no fim da tarde, inclinada sobre os canteiros elevados, quando um carro com placa de Connecticut, depois de uma pequena hesitação, entrou na estrada particular que levava a casa.

Ela parou de colher e viu o motorista descer do carro e caminhar mancando para ela. Um homem magro mas com cintura larga. Meia-idade, testa alta, cabelo grisalho e farto bigode.

– Dra. Cole?

– Sim.

– Sou Joe Fallon.

Por um momento o nome não pareceu ter significado mas então ela lembrou de David ter falado sobre o ataque de foguetes que o feriu, matou um capelão cujo nome ele não lembrava e feriu um terceiro capelão no transporte de tropas.

Instintivamente ela olhou para as pernas dele.

O homem percebeu.

– Sim. – Ergueu o joelho direito e bateu com a mão fechada na canela, produzindo um som surdo e sólido. – *Esse Joe Fallon* – ele disse, com um largo sorriso.

– Você era o tenente ou o major?

– O major. O tenente era Bernie Towers, que descanse em paz. Mas não fui major por muito tempo. Também não fui padre por muito tempo.

Pedi desculpas por aparecer assim, sem avisar.

– Estou a caminho de um retiro no mosteiro dos trapistas em Spencer. Eles me esperam amanhã e eu vi no mapa que podia chegar até aqui fazendo um

pequeno desvio. Gostaria de falar sobre David.

– Como encontrou minha casa?

– Parei no corpo de bombeiros e perguntei onde você morava. – Tinha um belo sorriso, um sorriso cheio de encanto irlandês.

– Vamos entrar.

Ele sentou na cozinha e ela começou a lavar as verduras.

– Já jantou?

– Não. Se estiver livre, eu gostaria de convidá-la para jantar comigo.

– Há poucos restaurantes nas montanhas e todos a uma longa distância de automóvel. Eu ia fazer um jantar muito simples, ovos e salada. Gostaria de me acompanhar?

– Seria um prazer.

Ela cortou a alface, o pepino, um tomate comprado no armazém, fez ovos mexidos, torrou fatias de pão congelado e serviu na mesa da cozinha.

– Por que deixou de ser padre?

– Eu queria casar – ele disse com tanta facilidade que R. J. teve certeza de que tinha respondido muitas vezes a essa pergunta. Ele abaixou a cabeça. – Pelo que vamos receber, Te agradecemos.

– Amém. – Um pouco constrangida, ela controlou a vontade de comer depressa. – O que faz agora?

– Sou professor na Loyola University, Chicago.

– Você viu David, certo?

– Sim, eu o vi. – Fallon pôs um pedaço de pão na salada e mexeu com o garfo para absorver o molho.

– Recentemente?

– Bastante.

– Ele entrou em contato com você, não foi? Disse onde estava?

– Sim.

Ela tentou conter as lágrimas de fúria que subiram aos seus olhos.

– É complicado. Eu sou amigo dele, talvez seu melhor amigo, mas sou também uma pessoa sem importância. Assim, ele podia permitir que eu o visse... numa condição de fraqueza emocional. Você é extremamente importante para ele de outro modo e David não podia arriscar.

– Não podia arriscar me dizer que estava vivo, durante todos aqueles meses? Eu sei o que Sarah significava para ele. O que essa perda deve ter sido para ele. Mas eu também sou um ser humano e ele não teve a menor consideração. Certamente nenhum amor.

Fallon suspirou.

– Há muita coisa que você não pode compreender.

– Tente.

– Para nós, começou no Vietnã. Éramos dois padres e um rabino, como o começo de uma boa piada. David, Bernie Towers e eu. Durante o dia inteiro tentávamos levar conforto aos feridos e agonizantes nos hospitais. À noite escrevíamos cartas para as famílias dos mortos e depois íamos para a cidade, para encher a cara. Bebíamos muito.

“Bernie bebia tanto quanto David e eu, mas ele era um padre especial, firme como uma rocha quanto se tratava da sua vocação. Eu já estava tendo dificuldade para manter meus votos e foi para o judeu que me voltei à procura de compreensão, não para o padre meu companheiro. David e eu nos tornamos muito amigos.” Ele balançou a cabeça.

– Na verdade é estranho. Eu sempre achei que devia ter morrido no lugar daquele padre maravilhoso, Bernie Towers, mas... – Deu de ombros. – Os misteriosos caminhos. Ele e suas maravilhas. Quando voltamos para os Estados Unidos eu sabia que tinha de deixar de ser padre e não tinha coragem. Comecei a beber de verdade. David passava muito tempo comigo, levou-me ao AA, me livrou do vício. Então, quando a mulher dele morreu, foi minha vez de ajudá-lo e agora é minha vez novamente. Ele vale isso, pode acreditar. Mas é um homem com muitos problemas – acrescentou, e R. J. resmungou concordando.

Ela começou a tirar os pratos da mesa e ele levantou para ajudar. R. J. pôs a água no fogo para o café e foram para a sala.

– O que você leciona?

– História da religião.

– Loyola. Uma universidade católica – observou ela.

– Bem, eu ainda sou muito católico. Fiz tudo de acordo com as regras, como um velho soldado. Pedi ao papa permissão para renunciar aos meus votos e a permissão foi dada. Dorothy, minha mulher, fez o mesmo. Ela era freira.

– Você e David... mantiveram contato depois que deixaram o exército?

– A maior parte do tempo. Sim, éramos membros de um movimento pequeno mas que estava crescendo. Uma parte do grande grupo de teólogos pacifistas. Depois do Vietnã sabíamos que jamais queríamos ver uma guerra. Gravítávamos em certos tipos de seminários e *workshops*, e tornou-se óbvio que havia um grande número de nós, religiosos e teólogos, das mais variadas religiões, que pensava do mesmo modo. – Parou de falar quando ela foi apanhar o café. Ele tomou um gole e continuou.

– Pode ver que em todo o mundo, e desde o nascimento da humanidade, o homem sempre acreditou na existência de um poder maior e desejou ardentemente chegar à divindade. Fazem novenas, cantam *b ‘rokhhot*, velas são acesas, fazem doações, rodas de oração são postas em movimento. Homens

santos ficam de pé, se ajoelham, deitam prostrados no chão. Chamam Alá, Buda, Siva, Jeová, Jesus e uma enorme variedade de santos fracos e fortes. Cada um de nós tem sua visão pessoal e única de Deus. Cada um de nós acredita que seu candidato é o artigo genuíno e que todos os outros são falsos. Para provar isso passamos séculos e séculos matando os que seguem falsas religiões, dizendo a nós mesmos que estamos fazendo o trabalho sagrado do verdadeiro Deus. Católicos e protestantes ainda estão se matando, judeus e muçulmanos, muçulmanos e hindus, sumitas e xiitas. E assim por diante.

“Assim, depois do Vietnã, passamos a reconhecer as almas irmãs, homens e mulheres que acreditavam ser possível cada um procurar seu Deus a seu modo sem precisar brandir nossas espadas sanguinárias. Fomos atraídos uns para os outros e formamos um grupo bastante impreciso – que chamamos de Peaceful Godhead. Estamos trabalhando para levantar fundos de ordens e fundações religiosas. Sei de um terreno e uma casa que estão à venda no Colorado e gostaríamos de comprar e instalar um centro de estudos onde todas as religiões poderão se encontrar e falar sobre o caminho da verdadeira salvação, a melhor religião, que é a paz mundial permanente.”

– E David é membro da... Peaceful Godhead.

– Sim, ele é.

– Mas David é agnóstico!

– Ah, perdoe a minha impertinência, mas é evidente que, de certo modo, não o conhece nem um pouco. Por favor, não se ofenda.

– É verdade. Eu sei que não o conheço – ela disse, tristemente.

– Ele fala muito de agnosticismo. Mas no íntimo, onde ele vive, e eu sei do que estou falando, ele acredita que alguma coisa, um ser maior do que ele, dirige sua existência e a do mundo todo. O caso é que David não pode identificar esse poder em termos precisos, como gostaria de fazer, e isso o deixa louco. Ele é talvez o homem mais religioso que eu conheço. – Fez uma pausa. – Tenho certeza, depois de ter falado com ele, que David pretende explicar seus atos a você, pessoalmente, muito em breve.

O que ela sentia era tristeza e frustração. Sarah e David haviam lhe oferecido uma vida tranquila e cheia de calor humano depois de uma fase tempestuosa e infeliz. Mas Sarah estava morta. E David estava... longe, atormentado por demônios que ela nem podia imaginar, não se importando com ela nem mesmo para dar notícias. R. J. queria falar sobre isso com aquele homem, mas sentiu que não podia.

Levaram as xícaras e os pires para a cozinha. Quando ele começou a lavar, ela disse: – Deixe isso, eu lavo depois que você sair.

Ele ficou embaraçado.

– Bem, eu quero pedir uma coisa. Estou na estrada o tempo todo, falando nas diversas ordens religiosas e fundações sobre a Peaceful Godhead. Tentando levantar dinheiro para instalar o centro. Os jesuítas pagam uma parte das minhas despesas de viagem, mas não são famosos por sua generosidade com dinheiro. Tenho um saco de dormir... e estava pensando se me deixaria acampar no seu celeiro.

R. J. olhou desconfiada para ele e ele riu.

– Fique descansada. Sou a própria segurança. Sou casado com a melhor mulher do mundo. E quando já renunciemos a um conjunto de votos feitos, temos muito cuidado com os outros que fazemos.

Ela o levou ao quarto de hóspedes.

– Pedras de coração por toda parte na sua casa – ele disse. – Bem, Sarah era uma jovem especial.

– Sim.

Ela lavou a louça, ele enxugou. R. J. deu a ele uma toalha de banho e uma esponja de banho.

– Vou tomar um banho de chuveiro rápido e vou para a cama. Você pode demorar o tempo que quiser. Sobre o café da manhã...

– Oh, já estarei longe quando você acordar.

– Veremos. Boa-noite, sr. Fallon.

– Durma bem, dra. Cole.

Depois do chuveiro ela ficou deitada no escuro pensando numa porção de coisas. Ouviu, vindo do quarto de hóspedes, o murmúrio suave das preces noturnas de Fallon. Não dava para entender as palavras, até o fim, quando a voz se elevou um pouco, com alívio, “Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, Amém”. Um pouco antes de dormir ela lembrou o que ele havia dito sobre renunciar a certos votos e imaginou se Fallon e a sua Dorothy tinham feito amor antes da dispensa do papa.

De manhã ela acordou com o barulho do motor do carro alugado. Estava escuro e ela dormiu mais uma hora, até o despertador tocar.

O quarto de hóspedes estava como sempre, a não ser as cobertas da cama que estavam mais esticadas e alisadas, no estilo militar. Ela desfez a cama, dobrou os cobertores e levou a fronha e os lençóis para o cesto de roupa suja.

Ela e Toby agora se encontravam todas as quintas-feiras bem cedo para pôr os papéis em ordem, antes de R. J. ir para a clínica em Springfield. Nessa manhã, depois de assinar tudo que exigia sua assinatura, Toby disse com um sorriso um pouco diferente: – R. J. acho que talvez... Acho que a laparoscopia funcionou.

- Oh, Toby! Tem certeza?
- Bem, vou deixar que você me diga com certeza. Mas acho que já sei. Quero que você faça o parto quando chegar a hora.
- Não. Gwen vai estar aqui muito antes disso e não existe uma obstetra melhor. Você tem muita sorte.
- Eu sou muito grata. – Toby começou a chorar.
- Pare com isso, sua boba – disse R. J. e abraçaram-se com força.

A PICAPE VERMELHA

Na tarde da segunda quinta-feira de julho, quando saiu de carro da clínica de planejamento familiar, R. J. viu pelo retrovisor do Explorer uma picape vermelha sair também logo atrás dela. Continuou atrás do Explorer quando ela atravessou a cidade de Springfield, seguindo para a Rodovia 91.

R. J. parou o carro no acostamento de relva da estrada. Quando a picape vermelha passou, ela respirou fundo e ficou sentada por um momento até se acalmar, depois continuou a viagem.

Uns oitocentos metros adiante, a velha picape vermelha estava esperando parada no acostamento. Quando R. J. passou, o carro voltou para a estrada e seguiu atrás dela.

Agora R. J. estava tremendo. Quando chegou à saída para a Rodovia 292 que a levaria à estrada sinuosa que subia a Montanha Woodfield, ela continuou pela I-91.

Eles já sabiam onde ela morava, mas não queria levá-los para as estradas desertas. Continuou na 91 até Greenfield e depois entrou na Rodovia 2 oeste, seguindo a Mohawk Trail para as montanhas. Dirigia devagar, vigiando a picape, tentando observar e memorizar tudo.

Parou o Explorer na frente do posto da polícia rodoviária estadual de Massachusetts, em Shelburne Falls, e a picape vermelha parou no outro lado da rua. Os três homens na picape ficaram dentro do carro, olhando para ela. R. J. queria ir até eles e mandá-los para o inferno. Mas aquela gente estava atirando em médicos e ela desceu do Explorer e correu para o prédio escuro e fresco, contrastando com o começo brilhante do verão lá fora.

O policial na recepção era jovem e bronzeado de sol, com cabelo negro curto e uniforme bem engomado, a camisa com três frisos verticais bem passados, mais perfeito do que um fuzileiro naval.

– Sim, senhora? Sou o policial Buckman.

– Três homens numa picape estão me seguindo desde Springfield. Estão parados lá fora.

Ele levantou e foi até a porta da frente. R. J. foi atrás. A picape não estava mais lá. Outra vinha na estrada e diminuiu a marcha quando viu o patrulheiro.

Era uma picape Ford, amarela.

R. J. balançou a cabeça.

– Não. Era uma picape Chevrolet vermelha. Foi embora.

O policial balançou a cabeça afirmativamente.

– Vamos entrar.

Ele sentou atrás da mesa, anotou num formulário o nome e o endereço de R. J., a natureza da queixa.

– Tem certeza de que eles a estavam seguindo? Sabe, às vezes um veículo está indo para o mesmo lugar que nós vamos e pensamos que estamos sendo seguidos. Já aconteceu comigo.

– Não. Eram três homens. Estavam me seguindo.

– Bem, provavelmente eles tomaram umas e outras, doutora, sabe como é? Então eles veem uma mulher bonita e vão atrás dela por algum tempo. Não é a coisa certa, mas também não prejudica ninguém.

– Não foi nada disso.

Ela falou sobre seu trabalho na clínica, sobre os protestos. Quando terminou, os olhos dele estavam frios.

– Sim, imagino que muita gente não gosta do que a senhora está fazendo. Então, o que quer que eu faça?

– Não pode notificar as patrulhas da estrada para deter a picape?

– Temos um número limitado de carros e estão todos nas estradas principais. Há estradas secundárias para todas as direções, Vermont, Greenfield, para o sul até Connecticut, a oeste para o estado de Nova York. A maioria das pessoas do campo tem picapes e muitas são Ford ou Chevrolet vermelhas.

– Era um Chevrolet vermelho com estribo. Antigo. Tinha três homens na frente. O motorista usava óculos sem aros. Ele e o homem que estava perto da porta do passageiro eram magros, ou pelo menos de peso médio. O do meio parecia gordo e tinha uma barba bem comprida.

– As idades? Cor do cabelo? Cor dos olhos?

– Não deu para ver. – Tirou da bolsa o bloco de receitas onde tinha tomado nota. – A placa é de Vermont. O número TZK-4922.

– Oh. – Ele anotou. – Muito bem, vamos verificar e ligamos para a senhora.

– Não pode fazer isso agora? Enquanto eu espero aqui?

– Pode levar algum tempo.

R. J. retribuiu a antipatia dele.

– Eu espero.

– Problema seu.

Ela sentou no banco ao lado da mesa. O policial fez questão de não tomar nenhuma providência durante pelo menos cinco minutos, depois apanhou o

telefone e discou um número. Ela o ouviu repetir o número da placa, agradecer e desligar.

– O que eles disseram?

– Precisam de algum tempo. Eu vou ligar depois.

Ele voltou a atenção aos papéis que estavam na mesa, ignorando R. J. por completo. Duas vezes o telefone tocou e ele conversou brevemente, nada a ver com o caso dela. Duas vezes ela se levantou impaciente e foi olhar o movimento na estrada, intensificado àquela hora quando todos começavam a voltar do trabalho.

Quando ela voltou para dentro pela segunda vez, ele estava falando no telefone sobre a placa da picape.

– Placa roubada – ele disse para R. J. – Tirada de um sedã Honda esta manhã no Hadley Mall.

– Então... é isso?

– É isso. Vamos expedir um boletim, mas a esta hora eles devem ter outra placa na picape, pode estar certa.

– Muito obrigada. – Ia saindo, mas lembrou. – Eles sabem onde eu moro. Quer por favor telefonar para o departamento de polícia de Woodfield e pedir ao chefe McCourtney para me esperar na minha casa?

Ele suspirou.

– Sim, senhora.

McCourtney revistou a casa com ela, cômodo por cômodo. Porão e sótão. Depois, caminharam juntos pela trilha no bosque.

Ela falou sobre os telefonemas.

– A companhia telefônica não tem um equipamento moderno que grava o número do telefone de cada chamada?

– Sim, Identificação de Chamada. O serviço custa alguns dólares por mês e terá de comprar uma peça de equipamento que custa mais ou menos o mesmo que uma secretária eletrônica. Mas você fica com uma coleção de números de telefone e a telefônica de New England não diz a quem pertencem.

“Se eu disser que é um caso de polícia, eles instalam uma espécie de armadilha para chamadas indesejáveis, e cobram três dólares e vinte e cinco centavos por número anotado e identificado.” Mack suspirou. “O problema, R. J., é que esses caras que estão telefonando são organizados. Sabem tudo sobre esses equipamentos e o que você vai conseguir é uma porção de números de telefones públicos, um número diferente de cada vez.”

– Então não acha que vale a pena procurar identificar as chamadas?

Ele balançou a cabeça.

Não viram nada na trilha do bosque.

– Aposto meu ordenado de um ano que já se foram há muito tempo – ele disse. – Mas o caso é que esses bosques são muito grandes. Há vários lugares onde podem esconder uma picape para não ser vista da estrada. Por isso quero que tranque as portas e as janelas esta noite. Eu saio do trabalho às nove horas e Bill Peters está no turno da noite. Vamos passar várias vezes por sua casa e estaremos atentos. Certo?

– Certo.

A noite foi longa e lenta. Várias vezes a luz dos faróis na estrada dançava no seu quarto. O carro sempre diminuía a marcha quando passava na frente da casa e ela supôs que devia ser Bill Peters no carro-patrolha.

De madrugada, a casa estava quente e abafada. Era bobagem manter as janelas do segundo andar fechadas, ela pensou, uma vez que com certeza ouviria se uma escada fosse encostada na casa. Abriu a janela e a temperatura ficou bem mais agradável. Um pouco depois das cinco horas, os coiotes começaram a uivar atrás da casa. Era um bom sinal, ela pensou. Se houvesse alguém no bosque, provavelmente os coiotes não estariam uivando.

R. J. tinha lido em algum lugar que quase sempre os uivos dos coiotes eram um convite sexual, usados para combinar o encontro e com um sorriso ela ouviu o iii-ooo-ooo-ooo-ip-ip-ip. Aqui estou eu, pronta, venha para mim.

Sua abstinência já durava muito tempo. Afinal, os seres humanos são animais também, tão necessitados do sexo quanto os coiotes e, deitada de costas, ela abriu a boca e deixou o som sair, livre. Iii-ooo-ooooo-ip-ip-ip. Ela e o bando de coiotes continuaram uivando até a noite ficar cinzenta e R. J. sorriu, estranhando que pudesse estar tão assustada e tão sexualmente excitada ao mesmo tempo.

CONCERTO MATINAL

Foi um verão pródigo em alegrias e tristezas para R. J., que exercia sua profissão entre pessoas que ela aprendeu a admirar por suas várias formas de força e pelo caráter humano das suas fraquezas. A mãe de Janet Cantwell, Elena Allen, há dezoito anos tinha diabetes mellitus e finalmente os problemas circulatórios provocaram gangrena e sua perna direita teve de ser amputada. Com certo temor, R. J. estava tratando das lesões ateroscleróticas na perna esquerda. Elena tinha 80 anos e a mente alerta como um pardal. Apoiada nas muletas, ela mostrou a R. J. seus lírios e tomates enormes premiados, já começando a amadurecer. Elena tentou descarregar na médica o excesso de abobrinhas da sua horta.

– Eu tenho as minhas – R. J. protestou, rindo. – Quer que eu traga algumas?

– Pelo amor de Deus, não!

Todos os jardineiros de Woodfield cultivavam abobrinhas. Gregory Hinton dizia que quem estacionasse na Main Street devia trancar o carro, do contrário ia encontrar o banco traseiro cheio de abobrinhas.

Greg Hinton, antes crítico impiedoso de R. J., era agora seu amigo e defensor incondicional e ela sentiu muito quando descobriram que ele estava com câncer no pulmão. Quando ele a procurou, tossindo e chiando, o problema era grave. Greg Hinton tinha 70 anos. Fumava dois maços de cigarro por dia desde os 15 anos e atribuiu a doença a outras causas também.

– Todo mundo fala de quanto é saudável a vida no campo, o trabalho ao ar livre e tudo o mais. Não pensam no infeliz respirando pó de feno nos celeiros fechados e os fertilizantes químicos e pesticidas o dia inteiro. É um trabalho pouco saudável sob vários aspectos.

R. J. o mandou a um oncologista em Greenfield. Quando a tomografia revelou uma pequena mancha em forma de anel no cérebro dele, R. J. o confortava depois das sessões de radioterapia, administrava a quimioterapia e sofria com ele.

Mas havia também momentos e semanas realmente positivos. Não houve nenhuma morte durante todo o verão e o ambiente de R. J. foi extremamente fecundo. A barriga de Toby começou a crescer como um punhado de pipoca no

micro-ondas. A náusea matinal se estendia por quase toda a tarde e a noite. Ela descobriu que água fria e pura com pedaços de limão aliviava o mal-estar e nos intervalos dos acessos de vômito ela sentava à sua mesa no consultório de R. J. com um copo grande de água onde o gelo tilintava a cada gole discreto que tomava. R. J. fez o exame de amniocentese na sétima semana da gravidez.

Outros nascimentos haviam encrespado a superfície plácida da cidade. Num dia terrivelmente úmido, R. J. fez o parto dos trigêmeos de Jessica Garland, duas meninas e um menino. Há muito tempo sabiam que eram três, mas depois do parto normal, toda a comunidade comemorou. Foi a primeira vez que R. J. fez um parto triplo e provavelmente a última, pois tinha decidido encaminhar esses casos para Gwen, quando os Gabler estivessem morando nas montanhas. Os bebês chamavam-se Clara, Julia e John. Houve um tempo em que R.J. pensava que no campo as crianças recebiam o nome do médico que as trazia ao mundo, mas evidentemente isso não acontecia mais.

Certa manhã, depois da quimioterapia, Gregory Hinton demorou mais um pouco no consultório.

– Ouvi dizer, dra. Cole, que está fazendo abortos em Springfield.

A formalidade daquele dra. Cole a pôs de sobreaviso. Há algum tempo ele a chamava de R. J. Mas a pergunta não a apanhou de surpresa. R. J. teve cuidado para não esconder o que estava fazendo.

– Sim, eu faço, Greg. Vou à clínica todas as quintas-feiras.

Ele fez um gesto afirmativo.

– Nós somos católicos. Sabia disso?

– Não, não sabia.

– Oh, sim. Eu nasci aqui e fui criado na religião da igreja congregacional. Stacia foi criada como católica. Ela era Stacia Kwiatkowsky, o pai tinha criação de galinhas em Sunderland. Numa noite de sábado, ela e algumas amigas vieram ao baile da prefeitura de Woodfield e foi assim que eu a conheci. Depois do casamento, me pareceu mais simples irmos à mesma igreja e comecei a frequentar a dela. É claro que não há nenhuma igreja católica aqui na cidade, mas nós vamos ao Santo Nome de Jesus, em South Deerfield. Por fim, me converti ao catolicismo.

“Temos uma sobrinha que mora em Colrain, Rita Hinton, filha do meu irmão Arthur. Eles são da igreja congregacional. Rita estava estudando na Syracuse University, ficou grávida e o garoto, o pai da criança, desapareceu. Rita parou de estudar e teve a criança, uma menina. Minha cunhada Helen toma conta da criança, Rita trabalha como doméstica para sustentar a filha. Temos muito orgulho da nossa sobrinha.”

– E devem ter. Se essa foi a escolha dela, devem dar todo apoio e ser feliz

por ela.

– O caso é que – ele disse, em voz baixa – não podemos concordar com o aborto.

– Eu também não gosto muito de aborto, Greg.

– Então, por que faz?

– Porque as pessoas que vão àquela clínica precisam desesperadamente de ajuda. Muitas mulheres morrerão se não tiverem a opção de um aborto seguro e limpo. Não importa a essas mulheres o que outras mulheres grávidas fizeram ou deixaram de fazer, nem o que você ou eu pensamos, nem o que este ou aquele grupo pensa. A única coisa que importa para elas é o que está acontecendo no seu corpo e na sua alma e elas devem decidir pessoalmente o que têm de fazer para sobreviver. – Olhou nos olhos dele. – Pode compreender isso?

Depois de um momento, ele balançou a cabeça concordando.

– Acho que posso – ele disse com relutância.

– Fico contente com isso.

Mesmo assim, R. J. não queria continuar temendo a chegada das quintas-feiras. Quando concordou em ajudar, disse a Barbara Eustis que sua participação seria temporária, só até Eustis conseguir recrutar outros médicos. Na última quinta-feira de agosto, R. J. foi a Springfield com a intenção de dizer a Eustis que não ia mais trabalhar na clínica.

Quando ela passou de carro na frente da clínica, uma manifestação de protesto estava em andamento. Como sempre, ela estacionou várias quadras adiante e voltou a pé para a clínica. Um dos efeitos da influência do governo de Clinton era que agora os novos oficiais de polícia tinham de manter os manifestantes no outro lado da rua, onde não podiam mais impedir fisicamente a entrada de ninguém no prédio. Mesmo assim, quando um carro entrava na clínica, as faixas e cartazes se agitavam e começavam os gritos no megafone.

“MAMÃE, NÃO ME MATE! MAMÃE, NÃO ME MATE!”

“Mãe, não mate seu filho!”

“Volte, Salve uma vida.”

Alguém devia ter reconhecido R. J. quando ela estava a seis degraus da porta.

– ASSASSINA... ASSASSINA... ASSASSINA... ASSASSINA...

Antes de entrar, ela viu que a janela do escritório estava quebrada. A porta interna do escritório estava aberta e Barbara Eustis, de quatro no chão, catava pedaços de vidro.

– Oi – ela disse calmamente.

– Bom-dia. Eu queria dar uma palavrinha com você, mas estou vendo que...
– Não, entre, R. J. Sempre tenho tempo para você.
– Cheguei um pouco mais cedo. Deixe-me ajudar a apanhar o vidro. O que aconteceu?

– Não o quê, mas quem. Um garoto de uns 13 anos passou a pé pela calçada carregando um saco de papel. Bem debaixo da minha janela, ele tirou *isto* do saco e atirou.

R. J. viu uma pedra do tamanho de uma bola de beisebol na mesa de Barbara. Percebeu que tinha atingido um canto da mesa e lascado a madeira.

– Ainda bem que não acertou a sua cabeça. Você se cortou com o vidro?
Eustis balançou a cabeça.

– Eu estava no banheiro. Foi uma sorte, uma necessidade bem providencial.

– O garoto é filho de um dos manifestantes?

– Não sabemos. Ele fugiu correndo e entrou na pequena travessa que dá na Forbes. A polícia procurou mas não o encontrou. Provavelmente tinha um carro esperando.

– Meu Deus, eles estão usando crianças. Barbara, o que vai acontecer? Para onde estamos indo com essa coisa?

– Para amanhã, doutora. A suprema corte dos Estados Unidos aprova a legalidade do aborto neste país. E agora o governo aprovou o teste da pílula.

– Acha que vai fazer alguma diferença?

– Acho que vai fazer toda a diferença. – Eustis jogou pedaços de vidro no cesto de papéis, praguejou, levou a ponta do dedo à boca. – A RU-486 deve ser aprovada no teste nos Estados Unidos, porque já é usada há anos na França, Grã-Bretanha e Suécia.

“Quando os médicos puderem administrar a pílula e acompanhar o tratamento na privacidade dos seus consultórios, a guerra estará ganha, mais ou menos. Muita gente continuará a opor forte objeção moral ao aborto, é claro, e de tempos em tempos vai haver uma demonstração de protesto. Mas quando as mulheres puderem terminar a gravidez simplesmente visitando o médico da família, a luta praticamente estará terminada. É impossível para eles protestar em toda parte.”

– Quando isso vai acontecer?

– Vai levar ainda uns dois anos, eu acho. Enquanto isso, nosso trabalho se resume em defender o forte. Cada vez é menor o número de médicos nas clínicas. Em todo o estado do Mississippi, só um homem faz abortos. Na Dakota do Norte, só uma mulher. Médicos da sua idade não querem fazer aborto. Muitas clínicas continuam abertas só porque têm uma equipe de médicos mais velhos, aposentados. – Ela sorriu. – Os médicos mais velhos são feitos de aço, têm mais

coragem do que os jovens. Por que será?

– Talvez não tenham tanto a perder. Os jovens ainda têm de se preocupar com a família e com a carreira.

– É. Bem, de qualquer modo, graças a Deus pelos mais velhos. Você é uma exceção, R. J. Eu daria qualquer coisa para encontrar alguém como você. Agora, diga, sobre o que queria falar comigo?

R. J. deixou cair os pedaços de vidro no cesto e balançou a cabeça.

– Está ficando tarde. Acho melhor começar a trabalhar. Não era importante, Barbara. Conversamos outra hora qualquer.

Na noite de sexta-feira ela estava fazendo refogado de vegetais para o jantar e ouvindo o Concerto para Violino, de Mozart, no rádio, quando Toby telefonou.

– Está assistindo à televisão?

– Não.

– Ah, meu Deus, R. J. Vá ligar.

Na Flórida, um médico de 67 anos chamado John Bayard Britton foi morto a tiros na frente da clínica de aborto onde ele trabalhava. A arma, uma espingarda, foi disparada por um pastor protestante fundamentalista chamado Paul Hill. O crime foi perpetrado na cidade de Pensacola, a mesma onde, no ano anterior, Michael Griffin tinha atirado e matado o dr. David Gunn. R. J. ouviu os detalhes da notícia, quase sem se mover. Quando o cheiro do repolho queimado a tirou do transe, ela levantou de um salto para apagar o fogo e jogar fora a massa queimada. Depois voltou e assistiu mais um pouco ao noticiário.

O assassino Hill tinha se aproximado do carro do médico logo que ele parou na porta da clínica e atirou à queima-roupa.

As balas atravessaram a porta e a janela do carro e o médico morreu na hora. No carro com ele estavam dois acompanhantes voluntários, um homem de 70 anos sentado na frente, ao lado do dr. Britton, que também morreu, e a mulher dele, que estava atrás e foi hospitalizada.

O repórter disse que o dr. Britton não gostava de abortos, mas trabalhava na clínica para que as mulheres pudessem ter a chance de escolher.

Passaram vídeos de entrevistas com o reverendo Paul Hill durante manifestações anteriores, quando ele louvou Michael Griffin por ter eliminado o dr. Gunn.

Apresentaram também entrevistas com líderes religiosos antiaborto que execraram a violência e o assassinato. Depois, o líder de uma organização nacional antiaborto, declarando que seu grupo lamentava o acontecido, e em seguida o noticiário mostrou o mesmo homem exortando seus seguidores a rezar

para que a calamidade se abatesse sobre qualquer médico que fizesse aborto.

Um analista descreveu os recentes contratempos ocorridos no movimento antiaborto nos Estados Unidos. “À luz dessas novas leis e atitudes, devemos esperar outros atos de violência por parte de indivíduos e grupos mais radicais do movimento”, ele disse.

R. J., sentada no sofá, abraçava o próprio corpo com força, como tentando em vão se aquecer. Mesmo depois que o noticiário foi substituído por um show de auditório, ela continuou imóvel, olhando para a tela.

Durante o fim de semana ela reuniu as forças e se preparou para enfrentar os problemas. Ficava dentro de casa com as portas e janelas trancadas, com pouca roupa por causa do calor, tentando ler e dormir.

No domingo, bem cedo, ela saiu para atender um chamado urgente. Quando voltou, trancou a porta outra vez.

Na segunda-feira, estacionou o carro na Main Street e foi a pé para o consultório. Três casas antes de chegar ao consultório, ela entrou na passagem ao lado de uma casa. Os quintais não tinham cerca e ela foi até o consultório e entrou pela porta dos fundos.

Ela trabalhou o dia todo com pouca concentração. À noite não conseguiu dormir, um feixe de nervos, preocupada porque tinham parado os telefonemas. Estremecia a cada som, um estalo da madeira da casa ou o motor da geladeira.

Finalmente, às 3 horas levantou, abriu todas as janelas e destrancou todas as portas.

Descalça, levou uma cadeira de armar para fora e sentou sob as estrelas, com os pés na grama, tocando na viola da gamba uma *chaconne* de Marais, uma peça que estava estudando há algum tempo. A música soava maravilhosa no ar negro da manhã e, enquanto tocava, R. J. imaginava os animais no bosque ouvindo aqueles sons musicais estranhos. Errou várias vezes, mas não tinha importância, era uma serenata para as alfaces.

A música foi uma transfusão de coragem e depois R. J. conseguiu agir com calma. No dia seguinte estacionou o carro no lugar de sempre. Trabalhou normalmente. Todas as manhãs ela conseguia tempo para caminhar na trilha, antes do trabalho e, quando voltava, à tarde, tratava da horta. Replantou pés de feijão e de pepino que estavam secos.

Na quarta-feira, Barbara Eustis telefonou e disse que a clínica havia combinado com alguns voluntários para acompanhá-la de casa à clínica.

– Não. Nada de voluntários.

– Por quê?

– Não vai acontecer nada. Eu sinto. Além disso, os voluntários não ajudaram aquele médico na Flórida.

– ... Tudo bem. Mas entre direto no estacionamento. Alguém vai estar lá guardando a vaga perto da porta. E temos mais carros de polícia aqui do que nunca, portanto estamos seguros.

– Ótimo – disse R. J.

Na quinta-feira, o pânico voltou.

Ficou grata quando o carro-patrolha apareceu quando ela entrou em Springfield e a acompanhou discretamente, dois carros atrás, até ela chegar à clínica.

Não havia nenhuma manifestação. Uma das secretárias da clínica estava guardando a vaga, como combinado.

Seu dia foi fácil e sem surpresas e quando terminaram a última intervenção, até Barbara estava visivelmente mais calma. A polícia e mais ninguém a acompanhou até a saída da cidade e de repente ela era outra vez um dos muitos motoristas que iam para o norte na I-91.

A tarde estava quente. Onde a trilha entrava no bosque, o ar fresco foi como um sorriso de boas-vindas. O sol através das copas fechadas pintalgava o solo.

Quando o homem saiu da sombra, foi como uma das fantasias de R. J. sobre o ataque do urso. Ela teve tempo para ver que ele era grande, forte e barbado, com cabelo comprido como o de Cristo, então seu braço se ergueu e caiu, a vara de pescar atingiu a parte superior do corpo dele e ela continuou a bater. A vara de pescar se partiu, mas ela continuou a bater porque de repente viu quem ele era.

Os braços fortes a abraçaram, o queixo dele se apertou dolorosamente contra sua cabeça.

– Cuidado, o anzol se soltou, pode enfiar na sua mão.

Ele falou com a boca no cabelo dela.

– Você terminou a trilha – ele disse.

IV

A MÉDICA RURAL

A HISTÓRIA NO CAFÉ DA MANHÃ

Minutos depois do susto na trilha do bosque, R. J. e David estavam sentados na cozinha olhando um para o outro ainda um pouco inseguros. Foi difícil começar a falar. Na última vez que tinham estado juntos, olharam um para o outro com o corpo da menina morta entre eles.

Nenhum dos dois estava como o outro lembrava. Era como se estivessem disfarçados, ela pensou, sentindo falta do rabo de cavalo e intimidada pela barba.

– Você quer falar sobre Sarah?

– Não – ele respondeu rapidamente. – Isto é, não agora. Quero falar sobre nós.

R. J. cruzou as mãos com força no colo, tentando não tremer, flutuando entre esperança e desespero, dominada por estranhas combinações de emoções – alegria, expectativa nervosa, um alívio enorme. Mas havia sempre a fúria.

– Por que se deu o trabalho de voltar?

– Eu não conseguia deixar de pensar em você.

Ele parecia tão saudável, tão *normal*, como se nada tivesse acontecido. Estava calmo demais, despreocupado demais. Ela queria dizer palavras ternas, mas as que estava dizendo eram diferentes.

– É gratificante... Assim, sem mais nem menos. Nem uma palavra durante um ano e então, “olá, boa e velha R. J., estou de volta”. Como vou saber se a primeira vez que tivermos uma discussão você não vai entrar no carro e desaparecer por mais um ano? Ou cinco? Ou oito?

– Porque eu estou dizendo. Quer pelo menos pensar no assunto?

– Oh, eu vou pensar. – R. J. ouviu a própria voz tão cheia de amargura que ele desviou os olhos.

– Posso ficar aqui esta noite?

Ela abriu a boca para negar, mas não conseguiu.

– Por que não? – R. J. riu.

– Preciso de uma carona até meu carro. Deixei-o na estrada e atravessei a pé o terreno dos Krantz para pegar a trilha do bosque na altura do rio.

– Muito bem, pois então ande de volta enquanto eu faço o jantar – ela disse secamente, e ele fez um gesto afirmativo e saiu sem uma palavra.

Quando ele voltou, R. J. tinha se controlado. Disse a ele para deixar a mala no quarto de hóspedes, cortesmente, como se ele fosse um hóspede qualquer, para esconder sua alegria, sua eterna disponibilidade. Serviu um jantar que não era um banquete para o filho pródigo – hambúrguer de vitela requentado, batata assada da véspera, suco de maçã de garrafa.

Sentaram à mesa, mas antes mesmo de começar a comer, ela levantou, foi para o quarto e fechou a porta. David ouviu quando ela ligou a televisão, depois as risadas de uma reprise de Seinfeld.

Ouviu também R. J. De certo modo ele sabia que aqueles soluços não eram por eles e foi até a porta e bateu de leve.

Ela estava deitada e David ajoelhou ao lado da cama.

– Eu também a amava – ela murmurou.

– Eu sei.

Choraram juntos como deviam ter feito um ano antes e ela se afastou um pouco, dando lugar para ele na cama. Os primeiros beijos foram suaves e com gosto de lágrimas.

– Eu pensava em você o tempo todo. Cada dia, cada momento.

– Detesto essa barba – ela disse.

De manhã R. J. acordou com a sensação de ter passado a noite com alguém que acabava de conhecer. Não era só a barba e a falta do rabo de cavalo, ela pensou, de pé, na cozinha, preparando o suco de frutas.

Quando as torradas e os ovos mexidos estavam prontos, ele desceu.

– Isto é muito bom. O que é?

– Suco de laranja com suco de arando.

– Você não tomava isso antes.

– Bem, pois agora eu tomo. As coisas mudam, David... Já lhe ocorreu que eu posso ter encontrado outra pessoa?

– Encontrou?

– Você não tem mais direito de saber. – A fúria venceu a batalha. – Por que procurou Joe Fallon e não a mim? Por que nunca telefonou? Por que esperou tanto tempo para me escrever? Por que não me disse que estava bem?

– Eu não estava bem – ele disse.

Os ovos intocados esfriavam nos pratos e ele começou a falar, a contar.

*

Depois da morte de Sarah o ar parecia ter uma cor estranha, como se tudo

tivesse desaparecido no vazio amarelo muito pálido. Uma parte de mim estava funcionando. Telefonei para a funerária em Roslyn, Long Island, marquei o funeral para o dia seguinte, segui com meu carro para Nova York, atrás do carro fúnebre, dirigindo cautelosamente. Com muita cautela.

Fiquei num motel. A cerimônia, de manhã, foi muito simples. O rabino no nosso antigo templo era novo, não conhecia Sarah e eu pedi para ser breve. Empregados da funerária carregaram o caixão. O gerente da funerária pôs um aviso de óbito no jornal da manhã, mas pouca gente o viu a tempo de comparecer ao enterro. No cemitério Beth Moses, em West Babylon, duas meninas que tinham estudado com Sarah no curso primário choraram o tempo todo, de mãos dadas, e cinco adultos que tinham conhecido nossa família quando éramos jovens, em Roslyn, assistiram penalizados quando dispensei os coveiros e enchi o túmulo, as pedras nas primeiras pás de terra batendo no caixão, o resto apenas terra sobre terra até chegar à altura do solo e depois fazer uma pequena elevação.

Uma mulher gorda que eu mal reconheci, a melhor amiga de Natalie numa versão mais esbelta e mais jovem, me abraçou com força, soluçando, e o marido dela me convidou para ficar na casa deles. Eu não tenho ideia do que respondi.

Saí imediatamente, atrás do carro fúnebre. Depois de uns dois ou três quilômetros, entrei no pátio de uma igreja, onde esperei mais de uma hora. Quando voltei para o cemitério, todos já tinham partido.

Os dois túmulos eram muito próximos. Sentei entre eles, com uma das mãos sobre o túmulo de Sarah, a outra no de Natalie. Não apareceu ninguém para me perturbar.

Tudo que eu sentia era a dor imensa e a incrível solidão. No fim da tarde, entrei no meu carro e fui embora.

Eu não tinha destino. Era como se o carro estivesse me levando, seguindo pela Wellwood Avenue, passando por vias expressas, atravessando pontes.

Até Nova Jersey.

Em Newark parei no Old Glory, um bar frequentado por operários, numa travessa da Jersey Pike. Tomei três drinques rapidamente e notei os olhares curiosos, os silêncios. Se eu estivesse com um macacão ou uma calça jeans, tudo bem, mas com um jaquetão azul-marinho Hart Schaffner & Marx, amarrotado e sujo de terra, um homem não muito jovem e com rabo de cavalo tinha de chamar a atenção. Paguei e saí do bar. Fui até uma loja de bebidas e comprei três garrafas de Beefeaters que levei para um motel.

Já ouvi centenas de bêbados falarem sobre o gosto da bebida. Alguns a descrevem como “estrelas líquidas”, “néctar em gotas”, “bebida dos deuses”. Eu sempre detestei o gosto de álcool de cereais e preferia vodka ou gim. No

quarto de motel procurei o esquecimento, bebendo até dormir. Cada vez que eu acordava, ficava atordoado por alguns momentos, procurando fazer a mente funcionar, e então a dor terrível, a lembrança calamitosa me dominava e eu bebia outra vez.

Era um padrão antigo e familiar, aperfeiçoado há muito, muito tempo, beber em quartos fechados onde estava seguro. As três garrafas me mantiveram embriagado por quatro dias. Passei um dia e uma noite enjoado e vomitando, e então tomei o café da manhã mais leve que encontrei, saí do motel e deixei o carro me levar para outro lugar qualquer.

Era uma rotina que eu já conhecia, familiar e de fácil readaptação. Eu nunca dirigi bêbado, sabendo que o que me salvava do desastre total era meu carro, meus cartões de crédito e meu talão de cheques.

Eu dirigia lentamente, por instinto, com a mente amortecida, tentando deixar a realidade para trás. Mas sempre chegava um momento, mais cedo ou mais tarde, quando a realidade entrava no carro e viajava comigo, e quando a dor se tornava insuportável, eu parava, comprava umas duas garrafas e ia para um motel.

Eu me embriaguei em Harrisburg, Pensilvânia, me embriaguei perto de Cincinnati, Ohio, e em lugares que não cheguei a identificar. As estações passavam e eu entrava e saía das minhas bebedeiras.

Numa quente manhã no começo do outono – muito cedo – com uma ressaca terrível, eu me surpreendi dirigindo numa estrada rural. A paisagem era bonita, mas as montanhas menores que as de Woodfield, e havia mais campos cultivados do que florestas. Passei por um pequeno carro puxado por um cavalo, conduzido por um homem de barba, chapéu de palha, camisa branca e calça preta com suspensórios.

Amish.

Passei por uma fazenda e vi uma mulher de vestido comprido e uma pequena touca de oração, ajudando dois garotos a descarregar abobrinhas de inverno de uma carroça. Num milharal, outro homem dirigia uma carroça puxada por cinco cavalos, colhendo aveia.

Eu estava nauseado e com dor de cabeça.

Dirigi devagar atravessando a região das fazendas, com casas brancas ou sem pintura, maravilhosos celeiros, torres de caixa-d'água com pás de moinhos, campos bem cuidados. Pensei que talvez estivesse outra vez na Pensilvânia, talvez perto de Lancaster, mas logo cheguei à entrada da cidade e fiquei sabendo que estava saindo de Apple Creek, Ohio, e entrando no município de Kidron. Eu estava com uma sede tremenda. Eu estava a menos de dois quilômetros das lojas, de um motel, de uma Coca-Cola gelada, comida. Mas não

sabia.

Eu teria passado pela casa sem parar mas vi uma pequena carroça vazia, com os varais sobre o asfalto da estrada, os restos das rédeas partidas contando a história de como o cavalo tinha fugido.

Passei por um homem que corria atrás de uma égua que parecia saber o que estava fazendo, mantendo a distância entre ela e o perseguidor.

Sem pensar, depois de passar pela casa, atravessei o carro bloqueando a estrada, desci e comecei a balançar os braços na frente do animal. Havia uma cerca no lado da estrada com milho alto no outro lado. Quando a égua diminuiu o passo eu caminhei para ela, falando em voz baixa e segurei o bridão.

O homem chegou bufando furioso.

– Danke. Sehr danke. O senhor sabe lidar com essas criaturas, não?

– Nós tínhamos um cavalo.

O rosto do homem começou a dançar na minha frente e encostei no carro.

– Está krank? Ajuda precisa?

– Não, estou bem. Estou muito bem.

A tontura estava passando. O que eu precisava era sair de baixo do martelo brilhante do sol. Eu tinha Tylenol no carro.

– Talvez saiba onde posso encontrar um pouco d'água?

O homem apontou para a casa mais próxima.

– Aquelas pessoas vão lhe dar água. Bata à porta.

A casa ficava no meio do milharal mas não pertencia a nenhum amish. Eu vi vários automóveis no pátio dos fundos. Já tinha batido à porta quando vi a pequena placa: Yeshiva Yisroel. Casa de estudos de Israel. As janelas estavam abertas e ouvi o canto em hebraico, as palavras inconfundíveis dos salmos, Bayt Yisroel barachuet-Adonai, bayt Aharon barachu et-Adonai. Ó casa de Israel, bendiga o Senhor, Ó casa de Aarão, bendiga o Senhor.

A porta foi aberta por um homem que parecia amish, com calça preta e camisa branca, mas tinha um solidéu na cabeça, a manga esquerda estava arregaçada e filactérios enrolados na sua testa e no braço. Atrás dele vi homens sentados a uma mesa.

Ele olhou atentamente para mim.

– Entre, entre. Bist ah Yid?

– Sim.

– Estávamos à sua espera – ele disse, em iídiche.

Não houve apresentações. Isso veio depois.

– Você é o décimo homem – explicou um homem com barba grisalha.

Compreendi que eu completava o número para o minyan e que agora podiam parar de cantar e começar suas preces matinais. Um dos homens sorriu, um terceiro resmungou rabugento que Gottenyu, já não era sem tempo. Eu gemi mentalmente. Em circunstâncias mais propícias eu jamais permitiria que me obrigassem a uma cerimônia ortodoxa.

Mas as circunstâncias não eram propícias. Havia água e copos sobre a mesa e primeiro eles me deixaram beber. Alguém me entregou os filactérios.

– Não, obrigado.

– O quê? Não seja nahr, deve pôr os tefillin, eles não mordem – resmungou o homem.

Já fazia muito tempo e tiveram de me ajudar a enrolar as finas tiras de couro no braço, passando corretamente pela palma, em volta do dedo médio. E fixar a caixa com as escrituras na testa, entre os meus olhos. Enquanto isso dois homens entraram, puseram os tefillin, disseram a brochah, mas ninguém me apressou. Mais tarde fiquei sabendo que estavam acostumados com a chegada inesperada de judeus não religiosos, era um mitzvah, a oportunidade de dar instrução religiosa contava como uma bênção. Quando as preces começaram, reencontrei meu hebraico há tanto tempo esquecido, um pouco enferrujado, mas passável. No seminário, há muito tempo, eu era elogiado por meu belo hebraico. Quase no fim da cerimônia, três homens ficaram de pé para o Kaddish, as preces pelos que morreram recentemente e eu fiquei de pé com eles.

Depois da oração, tomamos o café da manhã – laranjas, ovos cozidos, kichlach e chá forte. Eu estava imaginando como poderia escapar, quando eles substituíram a louça na mesa por enormes livros em hebraico, as páginas amareladas e gastas nas bordas, os cantos das capas de couro dobrados e gastos.

Num instante estavam todos estudando, sentados nas cadeiras desemparelhadas da cozinha, mas não apenas estudando – contradizendo uns aos outros, discutindo, ouvindo com extrema atenção. O tópico era qual a proporção de yetzer hatov, boas inclinações, e do oposto, yetzer harah, inclinações para fazer o mal, no ser humano. Fiquei atônito com as poucas vezes que eles consultavam os textos que tinham na frente. Sabiam de cor passagens inteiras da lei oral redigida pelo rabino Judah há mil e oitocentos anos. Suas mentes passavam velozes pelos Talmudes de Jerusalém e da Babilônia, facilmente e com estilo, como garotos fazendo malabarismos com patins. Debatiam pontos do Guia dos Perplexos, o Zohar, uma dezena de comentários. Compreendi que estava presenciando um estudo diário que vinha

sendo praticado há quase seis mil anos e em vários lugares, na grande academia talmúdica de Nahardea, no beth midresh de Rashi, no estudo de Maimônides, nas yeshivas da Europa oriental.

A discussão era conduzida às vezes em explosões rápidas, de iídiche, hebraico, aramaico e inglês coloquial. Eu não entendia a maior parte, só quando eles falavam mais devagar, estudando uma citação. Minha cabeça latejava ainda, mas eu estava fascinado com o que conseguia compreender.

Identifiquei o Rebbe, um judeu idoso com barba e cabelos fartos e longos, uma pequena barriga sob o xale de oração, manchas na gravata, óculos redondos com aro de aço, lentes grossas, olhos cor de ágata azul. O Rebbe ali sentado respondia às perguntas que lhe faziam uma vez ou outra.

A manhã passou voando. Eu me sentia como cativo de um sonho. Quando pararam para o almoço, ao meio-dia, os estudiosos foram apanhar seus lanches nos sacos de papel pardo e eu saí do devaneio e me preparei para partir. Mas o Rebbe me chamou.

– Venha comigo, por favor. Vamos comer alguma coisa.

Eu o acompanhei para fora da sala de estudo, passamos por duas pequenas salas de aula com fileiras de carteiras muito usadas e trabalhos infantis em hebraico pregados na parede, ao lado dos quadros-negros, e subimos um lance de escadas.

Chegamos a um apartamento pequeno, muito limpo e arrumado. O assoalho pintado brilhava, sobre os móveis havia pequenas toalhas ornamentais bordadas. Tudo estava em ordem. Evidentemente não havia crianças na casa.

– Aqui eu moro com minha mulher, Dvora. Ela está trabalhando na cidade vizinha, ela vende klayder para as mulheres. Eu sou o rabino Moscowitz.

– David Markus.

Trocamos um aperto de mãos.

A vendedora de vestidos tinha deixado salada de atum e vegetais na geladeira e o Rehbe tirou fatias de challah da parte do freezer e pôs na torradeira.

*– Nu – ele disse, depois que abençoou nosso almoço e começamos a comer.
– Então, o que você faz? Vendedor?*

Hesitei. Dizer que era corretor de imóveis ia despertar a curiosidade sobre o que eu podia vender no local.

– Sou escritor.

– Verdade? Sobre o que você escreve?

É o que acontece sempre que tecemos uma teia sem nenhuma ordem, pensei.

– Agricultura.

– Há muitos fazendeiros por aqui – o Rebbe disse, balançando a cabeça, aprovadoramente.

Comemos num silêncio descontraído. Quando terminamos, ajudei a tirar a mesa.

– Gosta de maçã?

– Gosto.

O Rebbe tirou uma macintosh da geladeira.

– Tem onde ficar esta noite?

– Ainda não.

– Pois fique conosco, nós alugamos o quarto extra, não é caro. E de manhã, pode nos ajudar a fazer o minyan. Por que não?

A maçã estava azeda e fresca. Na parede vi um calendário de uma fábrica de matzos, mostrando o Muro das Lamentações. Eu estava muito cansado depois de passar tanto tempo no carro e quando usei o banheiro vi que estava imaculadamente limpo. Por que não? pensei, atordoado de cansaço.

O rabino Moscovitz levantava várias vezes durante a noite para ir ao banheiro, arrastando os pés cheios de calos em suas pantufas. Calculei que devia ter dilatação da próstata.

Dvora, a mulher do Rebbe, era pequena e grisalha, rosto corado e olhos muito vivos. Parecia um esquilo e todas as manhãs ela cantava canções e baladas em iídiche com uma voz trêmula e suave, enquanto preparava o café.

Não guardei minha roupa nas gavetas da cômoda. Deixei na mala, sabendo que logo ia partir. Todas as manhãs arrumava minha cama e guardava tudo na mala. Dvora Moscovitz disse que todo mundo devia ter um hóspede como eu.

Na sexta-feira o jantar foi igual ao que minha mãe servia quando eu era pequeno, gefilte fish, sopa de galinha com mandlen, frango assado com kugel de batata, compota de fruta e chá. De tarde, Dvora fez um cholent para o dia seguinte, quando era proibido cozinhar. Pôs batatas, cebolas, alho, cevada e feijão-branco numa panela de barro e cobriu com água. Acrescentou sal, pimenta e páprica e levou ao fogo para ferver. Umas duas horas antes do começo do Sabbath, ela acrescentou um grande flanken e deixou a panela no forno, onde ficou assando em fogo lento durante todo o Shabbos, até a noite seguinte.

Quando a panela do cholent foi aberta, tudo estava coberto por uma bela crosta de massa assada e o cheiro das especiarias me deu água na boca.

O rabino Moscovitz apanhou uma garrafa de uísque Seven Crown da Seagram e serviu dois copos.

– Não para mim.

O Rebbe ergueu as mãos abertas.

– Não quer um shnappsels?

Eu sabia que, se tomasse um drinque, ia tirar a garrafa de vodca do meu carro e aquela casa não era lugar para ficar bêbado.

– Sou alcoólatra.

– Ah. Então... – O Rebbe balançou a cabeça e franziu os lábios.

Era como se eu tivesse entrado numa história que meus pais contavam sobre o mundo dos judeus ortodoxos em que tinham nascido. Mas às vezes, à noite, eu acordava e as lembranças recentes inundavam minha mente, trazendo uma dor intensa que me fazia ter vontade de apanhar a garrafa. Uma noite, levantei da cama e saí descalço para o jardim úmido de orvalho. Abri a mala do carro, encontrei a vodca e bebi dois grandes goles salvadores, mas não levei a garrafa comigo quando voltei para a casa. Se o Rebbe ou Dvora me ouviram sair, nenhum dos dois comentou de manhã.

Todos os dias eu me sentava com os estudiosos, sentindo-me como uma das crianças do cheder que chegavam à tarde para as aulas. Aqueles homens tinham afiado seu intelecto durante toda a vida, de modo que o mais atrasado deles estava a anos-luz na frente do meu conhecimento rudimentar da Bíblia e da halakhah, a lei judaica. Eu não disse que era um rabino formado pelo Seminário Teológico Judaico da América. Eu sabia que, para eles, um rabino conservador ou reformista não era um rabino. E certamente não um Rebbe.

Assim, eu ouvia em silêncio os debates sobre seres humanos e sua capacidade para o bem e para o mal, sobre casamento e divórcio, sobre treyf e kashruth, sobre crime e castigo, sobre nascimento e morte.

Um desses debates me interessou especialmente. Reb Levi Dressner, um homem velho e trêmulo com voz rouca, notou que três sábios diferentes diziam que uma boa velhice podia ser a recompensa de uma vida virtuosa, mas mesmo os virtuosos podiam morrer cedo, um grande infortúnio.

O Reb Reuven Mendel, forte, 40 e poucos anos, rosto vermelho, citou trecho após trecho, segundo os quais os que sobreviviam podiam encontrar conforto no pensamento de que os que morriam jovens geralmente se encontravam com a mãe ou com o pai.

Reb Yehuda Nahman, um jovem pálido com olhos sonolentos e barba sedosa castanha, citou várias autoridades que tinham certeza de que os mortos mantinham uma ligação com os vivos e tinham interesse nos fatos da sua vida.

KIDRON

- Então você passou o ano todo com os judeus ortodoxos? – perguntou R.J.
- Não, eu fugi deles também.
 - O que aconteceu? – R. J. deu uma mordida na torrada fria.

Dvora Moscowitz era sempre calada e respeitosa na presença do marido e dos outros estudiosos, mas como adivinhando que eu era diferente, quando estávamos sozinhos, ela falava bastante.

Ela estava trabalhando arduamente para que o apartamento e a casa de estudos estivessem limpos e em ordem para os Dias Santos e nos intervalos do seu trabalho de lavar e esfregar, ela me contou a história e as lendas da família Moscowitz.

– Há vinte e sete anos eu vendo vestidos na loja Bon Ton e mal posso esperar o próximo mês de julho.

– O que acontece em julho?

– Vou fazer 62 anos e me aposentar pela Previdência Social.

Ela gostava dos fins de semana porque não trabalhava nas sextas e nos sábados, seus Shabbos, e a loja fechava no domingo, o Shabbos do dono. Ela dera quatro filhos ao Rebbe, antes de não poder mais conceber, como fora a vontade de Deus. Tinham três filhos homens, dois em Israel. Leibel ben Shlomo era um estudioso na casa de estudos em Mea-Shearim, Pincus ben Shlomo era rabino de uma congregação em Petah-Tikva. O mais moço, Irving Moscowitz, vendia seguros de vida em Bloomington, Indiana.

– Minha ovelha negra.

– E o quarto?

– Era uma filha, Leah. Morreu aos 2 anos. Difteria. – Um silêncio e depois ela disse: – E você? Tem filhos?

E para surpresa minha eu comecei a falar, não apenas obrigando-me a enfrentar, a pensar, como também a pôr em palavras a minha história.

– Então é por sua filha que você diz o Kaddish.

Ela segurou a minha mão. Nossos olhos encheram-se de lágrimas. Eu

estava desesperado para escapar. Então ela fez chá e me ofereceu pão de mandlen e doce de cenoura.

De manhã, levantei-me bem cedo, enquanto todos dormiam. Arrumei a cama, deixei dinheiro, um bilhete agradecendo e saí silenciosamente quando a noite escondia ainda os campos cultivados.

Passei os Dias de Adoração bêbado – numa casa de cômodos na cidade de Windham e numa cabana para turistas em Revenna. Em Cuyahoga Falls, o gerente do motel entrou com sua chave no quarto onde eu estava bebendo há três dias e me mandou embora. Fiquei sóbrio o suficiente para dirigir naquela noite até Akron, onde encontrei o dilapidado Majestic Hotel, uma vítima da era dos motéis. O quarto de canto no terceiro andar precisava ser pintado e estava cheio de pó. De uma janela eu via a fumaça de uma fábrica de borracha e da outra a água escura do rio Muskingum. Passei oito dias no quarto do hotel. Um camareiro chamado Roman me levava bebida sempre que a minha acabava. O hotel não tinha serviço de quarto. Roman ia a algum lugar – devia ser distante porque ele sempre demorava – comprar café péssimo e hambúrgueres engordurados. Eu era muito generoso com as gorjetas, por isso Roman não me roubava quando eu estava bêbado.

Eu nunca descobri se Roman era seu primeiro nome ou sobrenome.

Uma noite acordei com alguém no quarto.

“Roman?”, perguntei.

Acendi a luz, mas não havia ninguém.

Procurei até no chuveiro e no closet. Quando apaguei a luz, senti a presença outra vez.

“Sarah?”, eu disse finalmente.

“Natalie? É você, Nat?”

Nenhuma resposta.

Eu podia muito bem chamar Napoleão ou Moisés, pensei amargamente. Mas não podia me livrar da sensação de não estar sozinho.

Não era uma presença ameaçadora. Não acendi mais a luz e fiquei deitado, lembrando a conversa na casa de estudos quando o Reb Yehuda Nahman citou sábios segundo os quais nossos mortos queridos nunca estão muito longe e se interessam pelo que acontece em nossa vida.

Estendi a mão para a garrafa e de repente imaginei minha mulher e minha filha ali no quarto, testemunhando a minha fraqueza, minha autodestruição naquele lugar sujo cheirando a vômito. Ainda havia álcool em mim suficiente e eu adormeci.

Acordei sentindo que estava sozinho outra vez, mas fiquei deitado, lembrando.

Mais tarde fui a uma casa de banho turco, deitei na sala cheia de vapor e transpirei todo o álcool do meu corpo. Depois levei minha roupa a uma laundromat. Enquanto a roupa secava, fui ao barbeiro que cortou pessimamente meu cabelo, me livrando do rabo de cavalo. Estava na hora de crescer, de tentar uma mudança.

Na manhã seguinte entrei no carro e saí de Akron. Não fiquei surpreso quando o carro me levou de volta para Kidron com tempo para o minyan. Ali eu me sentia seguro.

Os estudiosos me receberam calorosamente. O Rebbe sorriu e balançou a cabeça como se eu estivesse voltando de uma viagem de negócios. Disse que o quarto estava vago e depois do café levei minhas coisas para cima. Dessa vez esvaziei a mala, dependurando alguma coisa no closet e guardando o resto nas gavetas da cômoda.

O outono deu lugar ao inverno, que em Ohio é muito parecido com o inverno de Woodfield, mas com o cenário de neve mais aberto nos campos que se estendem a perder de vista. Eu me vestia como em Woodfield, com roupa de baixo comprida, jeans, camisa e meias de lã. Quando saía, usava um suéter pesado, um barrete de meia e um velho cachecol vermelho que Dvora me deu, mais uma jaqueta da marinha, de segunda mão, comprada em Pittsfield, no meu primeiro ano em Berkshire. Eu andava bastante e o frio enrijeceu minha pele.

De manhã eu participava do minyan, mais como uma obrigação social. Ainda não sentia o contato da prece com minha alma. Continuava interessado nas discussões que acompanhavam cada cerimônia e comecei a entender melhor o que ouvia. À tarde, as crianças do cheder entravam barulhentemente nas classes ao lado da sala de estudos e alguns estudiosos davam aulas para elas. Pensei em me oferecer para ajudar nas aulas mas fiquei sabendo que os professores eram pagos e não quis tirar a comida da boca de ninguém. Eu lia muito os livros em hebraico, e uma vez ou outra fazia perguntas ao Rebbe durante nossas conversas.

Todos os estudiosos sabiam que era Deus quem tornava possível a eles estudar e por isso trabalhavam com seriedade e afinho. Eu os observava, não exatamente como Margaret Mead estudando o povo de Samoa – afinal meus avós tinham pertencido a essa cultura –, mas eu era apenas um visitante, um

estranho. Ouvia com atenção e, como todos eles, mergulhava nos tratados que estavam sobre a mesa, tentando reforçar um argumento. Uma vez ou outra eu esquecia a minha reticência e fazia uma pergunta. Isso aconteceu quando falavam sobre o mundo que está para vir.

– Como sabemos que existe vida após a morte? Como sabemos que mantemos uma conexão com os que morreram?

Todos olharam para mim, preocupados.

– Porque está escrito – murmurou o Reb Gershom Miller.

– Há muitas coisas escritas que não são verdadeiras.

Reb Gershom Miller ficou irritado, mas o Rebbe olhou para mim e sorriu.

– Ora, David – ele disse. – Você pediria ao Deus Todo-Poderoso, abençoado seja Ele, para assinar um contrato? – E eu, relutante, ri com eles.

Uma noite, durante o jantar, falamos sobre os Santos Segredos, os Lamed Vav.

– Nossa tradição diz que em cada geração há trinta e seis homens virtuosos, seres humanos comuns, que fazem seu trabalho diário, como todos os outros, e de cuja bondade depende a continuidade da existência do mundo – disse o Rebbe.

– Trinta e seis homens. Uma mulher não poderia ser uma Lamed Vovnikit? – perguntei.

O Rebbe levou a mão à barba, como sempre fazia quando estava pensando. Pela porta aberta eu vi Dvora, que trabalhava na copa, ficar imóvel. Ela estava de costas para mim, mas parecia uma estátua, ouvindo.

– Acho que pode.

Dvora voltou ao trabalho com grande energia. Parecia satisfeita quando entrou com a salada de salmão.

– Uma mulher cristã pode ser uma Lamed Vovnikit?

Fiz a pergunta em voz baixa, mas aparentemente eles sentiram o peso da pergunta na minha voz e compreenderam que se tratava de algo muito pessoal. Vi Dvora olhar atentamente para mim quando pôs a travessa na mesa.

Os olhos azuis do Rebbe estavam inescrutáveis.

– Qual você acha que é a resposta? – ele perguntou.

– É claro que pode.

O Rebbe concordou sem nenhuma surpresa e sorriu para mim.

– Talvez você seja um Lamed Vovnik – ele disse.

Comecei a acordar no meio da noite sentindo um perfume no ar. Lembrei de ter sentido aquele perfume quando encostava o rosto no seu pescoço.

R. J. olhou para David, depois para longe. Ele esperou alguns momentos antes de continuar.

Eu tinha sonhos eróticos com você e meu esperma saltava do meu corpo. Quase sempre eu via seu rosto, ouvia seu riso. Às vezes os sonhos não tinham sentido. Sonhei com você sentada à mesa da cozinha com os Moscovitz e alguns amish. Sonhei com você guiando oito cavalos. Sonhei com você com um vestido amish longo e informe, com o Halsduch no peito, o avental em volta da cintura, uma touca discreta, branca, nos cabelos escuros...

Na yeshiva eles me ofereciam boa vontade, até certo ponto, mas pouco respeito. Os conhecimentos dos homens da casa de estudos eram muito mais profundos que os meus e sua fé era diferente.

E todos na yeshiva sabiam que eu era alcoólatra.

Numa tarde de domingo, o Rebbe oficiou o casamento da filha do Reb Yossel Stein. Basha Stein casou com o Reb Yehuda Nahman, o estudioso mais jovem, um garoto de 17 anos que durante toda a vida tinha sido um ilui, um prodígio. O casamento foi no celeiro e toda a comunidade da yeshiva estava presente. Quando o casal estava sob o pátio, eles cantaram com entusiasmo:

*Ele que é forte acima de tudo
Ele que é abençoado acima de tudo.
Ele que é grande acima de tudo,
Possas Ele abençoar o noivo e a noiva.*

Depois, ninguém me ofereceu um copo quando foi servido o schnapps, como ninguém me oferecia um copo de vinho no Oneg Shabbat que marcava o fim do ritual do sábado. Eles me tratavam com condescendência cortês, realizando seus mitzvot, suas boas ações, como escoteiros barbados ajudando um aleijado para ganhar seus distintivos de mérito como recompensa final.

Senti a chegada da primavera como uma nova dor. Estava certo de que minha vida ia mudar, mas não sabia como. Parei de fazer a barba, resolvido a ter uma barba como todos aqueles homens. Por um tempo muito breve pensei em viver na yeshiva, mas compreendi que eu era tão diferente daqueles judeus quanto dos amish.

Eu via os fazendeiros começando o trabalho nos campos cada vez mais quentes. O cheiro pesado e doce do adubo enchia o ar.

Um dia, procurei Simon Yoder na sua fazenda. Yoder era o fazendeiro que alugava e cultivava a terra da yeshiva. Foi o cavalo dele que eu fiz parar no dia em que cheguei a Kidron.

– Eu gostaria de trabalhar para você – eu disse.

– Fazendo o quê?

– O que for preciso.

– Sabe dirigir?

– Cavalos? Não.

Yoder olhou ressabiado para mim, estudando o inglês estranho.

– Não pagamos o salário mínimo aqui, você sabe. Muito menos.

Dei de ombros.

Então Yoder resolveu experimentar. Me encarregou da pilha de esterco e eu passei o dia inteiro jogando esterco no espalhador. Para mim aquilo era o céu. Quando voltei para o apartamento dos Moscowitz naquela noite, todos os meus músculos reclamavam e minha roupa fedia a esterco. Dvora e o Rebbe pensaram que eu tinha voltado a beber ou tinha ficado louco.

Foi uma primavera anormalmente quente, um pouco seca, mas com umidade suficiente para uma boa colheita. Depois do adubo espalhado, Simon arou e revolveu a terra com cinco cavalos enquanto seu irmão Hans fazia o mesmo conduzindo oito cavalos enormes.

– Um cavalo produz esterco e outros cavalos – Simon me disse. – Um trator só produz contas para pagar.

Ele me ensinou a conduzir os cavalos.

– Você já fez um bom trabalho com um cavalo. Essa é na verdade a parte mais importante. Nas trelas, um de cada vez você os põe. Um de cada vez, você os desarreia. Estão acostumados ao trabalho em grupo.

Comecei a arar os cantos de todos os campos, conduzindo dois cavalos. Sozinho, plantei o milharal em volta da yeshiva. Andando atrás dos cavalos, segurando as rédeas, eu via todos os estudiosos nas janelas, os rostos barbados observando cada movimento como se eu fosse um homem de Marte.

Terminado o plantio, era hora de cortar o feno. Todos os dias eu trabalhava no campo, respirando o perfume do trabalho, uma mistura de suor de cavalo, meu suor e a fragrância embriagadora das grandes áreas de relva cortada. Fiquei queimado de sol e meu corpo aos poucos se fortaleceu e enrijeceu. Deixei crescer o cabelo e a barba. Começava a me sentir como Sansão.

– Rebbe – perguntei uma noite, durante o jantar –, acredita que Deus é

mesmo todo-poderoso?

Os dedos longos e brancos subiram para a barba longa e branca.

– Em tudo, exceto uma coisa – o Rebbe disse, por fim. – Deus está em cada um de nós. Mas devemos dar a Ele permissão para se manifestar.

Durante todo o verão trabalhei com verdadeira alegria. Eu me permitia agora pensar em você enquanto trabalhava, porque sabia que estava me tornando dono de mim mesmo. Ousei ter esperança, mas sempre fui realista e sabia que eu bebia porque me faltava uma certa espécie de coragem. Eu fugi durante toda a minha vida. Procurei a bebida para fugir do horror que vi no Vietnã. Fugi do rabinato para o negócio de imóveis. Fugi das perdas pessoais para a degradação. Tinha poucas ilusões a meu respeito.

Uma pressão crescia dentro de mim. À medida que o verão passava, tentei, às vezes freneticamente, fugir dela, mas por fim não podia mais ignorá-la. No dia mais quente de agosto, ajudei Simon Yoder a armazenar no celeiro o último feno cortado e fui para Akron.

A loja de bebidas estava ainda onde eu lembrava. Comprei um litro de Seven Crown, comprei kichlach numa padaria kosher e meia dúzia de potes de arenque em pickles no mercado judeu. A tampa de um dos potes devia estar solta. Logo o cheiro oleoso de peixe encheu meu carro.

Fui a uma joalheria e fiz mais uma compra, uma única pérola num cordão de ouro. Dei o pequeno pingente para Dvora Moscovitz naquela noite e um cheque para pagar o aluguel em lugar do aviso prévio. Ela me deu dois beijos, um de cada lado do rosto.

Na manhã seguinte, depois da prece, dividi a comida e o uísque para o minyan. Apertei as mãos de todos. O Rebbe me acompanhou até o carro e entregou o saco de papel deixado por Dvora, sanduíches de atum e fatias de streusel. Eu esperava algo mais loquaz do rabino Moscovitz e o velho homem não me desapontou.

– Que o Senhor o abençoe e o guarde. Que Seu rosto brilhe sobre você e lhe traga paz.

Agradei e liguei o motor.

– Shalom, Rebbe.

Pela primeira vez eu estava partindo como devia. E nesse dia eu disse ao carro para onde devia ir, direto para Massachusetts.

Quando David terminou a narrativa, R. J. olhou para ele.

– Então... devo ficar? – ele perguntou.
– Acho que deve, pelo menos por um tempo.
– Por um tempo?
– Neste momento não estou muito certa de você. Mas fique um pouco. Se resolvermos que não devemos ficar juntos, pelo menos...
– Pelo menos podemos chegar a um fim decente? Ponto final?
– Mais ou menos isso.
– Eu não preciso pensar. Mas você, não se apresse, R. J. Eu espero...
Ela tocou o rosto macio, familiar e contudo estranho.
– Eu também espero. Preciso de você, David. Ou de alguém como você –
ela disse, surpresa com as próprias palavras.

CRIANDO RAÍZES

Naquela noite, quando R. J. voltou do consultório sentiu o cheiro delicioso de pernil de carneiro assado. Não precisava anunciar a volta de David, ela pensou. Se ele tinha comprado a carne no armazém, a essa altura todos na cidade sabiam.

David tinha preparado um jantar maravilhoso. Cenoura e batatas novas refogadas no molho, milho na espiga, torta de vacínio. Enquanto ele lavava os pratos, R. J. foi ao seu quarto e tirou a caixa da última gaveta da cômoda.

David enxaguou as mãos cheias de sabão, apanhou a caixa e a levou para a mesa da cozinha. R. J. viu que ele estava com medo de abrir, mas finalmente ele levantou a tampa e tirou o manuscrito.

– Está todo aí – ela disse.

David sentou e olhou para o manuscrito. Folheou e depois sopesou.

– É tão *bom*, David.

– Você leu?

– Li. Como pode abandonar uma coisa dessas? – A pergunta era tão absurda que até ela riu e ele pôs a coisa na perspectiva certa.

– Eu fugi de você, não fugi?

As reações foram variadas quando as pessoas souberam na cidade que David tinha voltado e estava morando com R. J. No consultório, Peggy disse que estava feliz por ela. Toby disse uma porção de coisas positivas mas sem esconder a apreensão. Ela havia crescido com um pai que bebia e R. J. sabia que a amiga temia pelo futuro de qualquer pessoa que amava um viciado.

Toby logo mudou de assunto.

– Estamos quase alcançando o ponto de saturação na sala de espera todos os dias e você nunca consegue ir para casa numa hora razoável.

– Quantos pacientes temos agora, Toby?

– Mil quatrocentos e quarenta e dois.

– Acho que é melhor não aceitar mais quando chegarmos a mil e quinhentos.

Toby concordou.

– Mil e quinhentos é exatamente o que eu achei que era bom. O problema é que em certos dias você ganha mais de um paciente novo. E vai mesmo mandar as pessoas embora sem atender, quando chegarmos aos mil e quinhentos?

R. J. suspirou. As duas sabiam a resposta.

– De onde vem a maioria dos pacientes novos? – ela perguntou.

Sentaram à frente do computador e estudaram o mapa da região. Era fácil ver que os pacientes vinham da periferia do território, especialmente das cidades a oeste de Woodfield, de onde tinham de fazer uma longa viagem para consultar um médico em Greenfield ou Pittsfield.

– Precisamos de um médico bem aqui – Toby disse, pondo o dedo na cidade de Bridgeton. – Ela... ou ele – disse com um sorriso – teria muitos pacientes. E seria muito mais fácil para você se não precisasse ir até lá para atender os chamados.

R. J. concordou. Naquela noite telefonou para Gwen, que estava muito ocupada com a tarefa de transferir sua casa e sua família através de uma distância de três quartos do continente. Falaram longamente sobre o número de pacientes e nos dois dias seguintes. R. J. escreveu cartas para diretores de vários hospitais, incluindo detalhes da necessidade e das possibilidades das cidades das montanhas.

David foi a Greenfield e voltou com um computador, uma impressora e uma mesa de trabalho desmontável, que ele armou no quarto de hóspedes. Ele estava escrevendo outra vez. Deu um telefonema difícil para sua editora, temendo que Elaine Cataldo não trabalhasse mais na empresa, ou que não estivesse mais interessada no seu livro. Mas Elaine atendeu o telefone e conversou com ele, a princípio muito cautelosa. Ela disse claramente que não tinha certeza de poder confiar nele, mas depois de uma longa conversa, disse que também havia sofrido grandes perdas pessoais e que a única coisa a fazer era continuar com a vida. Elaine o encorajou a terminar o livro e prometeu que ia fazer um novo plano para a publicação.

Doze dias depois da volta de David, ouviram alguma coisa arranhando a porta. Ele abriu e Agunah entrou. Ela andou várias vezes em volta dele, esfregando o corpo peludo nas pernas de David, tomando posse, garantindo com o faro. Quando David a levantou do chão, Agunah lambeu o rosto dele.

Dessa vez ela não fugiu.

De repente R. J. estava dividindo sua casa. Por sugestão de David, ele comprava e preparava a comida, providenciava a lenha, cuidava da casa e pagava a conta de luz.

Tudo que R. J. precisava estava sendo feito e ela não voltava mais do trabalho para uma casa vazia. Era um arranjo perfeito.

O FÓSSIL

Gwen e a família chegaram em setembro, no sábado seguinte ao Dia do Trabalho, exaustos e irritados depois de três dias de viagem de carro. A casa que ela e Phil tinham comprado de frente para o rio Deerfield, em Charlemont, estava limpa e pronta, mas o caminhão de mudanças com todos os seus móveis quebrou em Illinois e ia chegar com dois dias de atraso. R. J. insistiu para que eles passassem duas noites no seu quarto de hóspedes e alugou na Route 2 duas camas de armar para as crianças, Annie, 8 anos, e Julian, 6, que eles chamavam de Julie.

David trabalhou com afinco para que as refeições fossem um prazer para todos e ele e Phil entenderam-se muito bem, especialmente porque ambos gostavam de esportes de equipe em todas as estações. Annie e Julie eram atraentes e interessantes, mas eram crianças, cheias de energia acumulada e barulhenta e faziam a casa parecer pequena demais. Na primeira manhã que passaram na casa de R. J. os dois tiveram uma briga violenta, Julie gritando porque a irmã insistia em dizer que ele tinha nome de mulher.

Finalmente, Phil e David levaram os dois para pescar no rio e as duas mulheres ficaram sozinhas pela primeira vez.

– Annie tem razão, sabia? – disse R. J. – Ele tem nome de mulher.

– Ora – Gwen disse, irritada. – Nós sempre o chamamos assim.

– E daí? Podem mudar. Chamem de Julian. É um nome muito bom e ele vai se sentir como um adulto.

R. J. tinha certeza que Gwen ia dizer para ela tratar da própria vida, mas depois de um momento Gwen disse com um largo sorriso:

– A boa velha R. J. Você ainda tem todas as respostas. A propósito, eu gosto de David. O que vai acontecer entre vocês dois?

R. J. balançou a cabeça.

– Eu não tenho *todas* as respostas, Gwen.

David começava a escrever todas as manhãs bem cedo, antes de R. J. sair para o consultório, às vezes antes de ela levantar. Ele disse que, ao lembrar-se

dos amish, podia descrever com maior realismo as pessoas que tinham vivido nas montanhas de Massachusetts cem anos atrás, suas noites à luz de lampião, seus dias repletos de trabalho.

Escrever era para ele uma fonte de tensão que só podia ser aliviada com atividade física. Todas as tardes, no fim do dia, ele fazia algum trabalho fora de casa, apanhando frutas no pequeno pomar, vegetais na horta, arrancando plantas cansadas e levando-as para a pilha de adubo.

Ficou grato a R. J. por ter salvo suas colmeias e começou a trabalhar nelas outra vez. As abelhas davam a ele todo o trabalho de que precisava.

– Estão uma bagunça – ele disse alegremente para R. J.

Só duas tinham ainda enxames em bom estado. David estava atento e sempre que via abelhas voando para o bosque ele as seguia, esperando encontrar um dos enxames que haviam fugido. Em algumas colmeias as abelhas estavam enfraquecidas por doenças e parasitas. Ele fez uma mesa de madeira nua, sem pintura, no celeiro, e instalou uma fábrica de mel. Começou a trabalhar sem demora, esterilizando as colmeias, aplicando antibióticos nas abelhas e retirando os ninhos de ratos de duas das colmeias.

Ele disse que gostaria de saber o que tinha acontecido com seu separador de mel e com todos os vidros vazios e rótulos impressos.

– Isso tudo está num canto do celeiro na sua antiga casa. Eu mesma levei para lá – R. J. disse.

Naquele fim de semana ele telefonou para Kenneth Dettinger. Dettinger foi verificar, disse que tudo estava lá e no mesmo dia David foi apanhar tudo com seu carro.

Quando voltou, disse para R. J. que tinha oferecido para comprar o separador e os vidros, mas Dettinger insistiu para que ele levasse tudo e mais sua tabuleta e as quase quatro dúzias de vidros com mel.

– Dettinger disse que não quer entrar no negócio de abelhas e que se contenta com um vidro de mel uma vez ou outra. É um homem simpático.

– Sim, é – disse R. J.

– Querida, você se importaria se eu recomeçasse a vender mel aqui?

Ela sorriu.

– Não, isso seria ótimo.

– Preciso pregar a tabuleta.

– Eu gosto dela.

David fez dois orifícios abaixo da tabuleta de R. J. e pregou a dele.

Agora quem passava pela casa recebia uma porção de mensagens.

da Beira
R. J. Cole clínica geral
MEL
Estou apaixonado por você

R. J. começou a ter esperanças no futuro. David voltou a frequentar os AA. Uma noite R. J. foi com ele e sentaram na sala de teto baixo da graciosa igreja episcopal de pedra, com umas quarenta pessoas. Quando chegou a vez de David, ele levantou na frente do grupo.

– Meu nome é David Markus, e sou alcoólatra. Moro em Woodfield e sou escritor – ele disse.

Eles nunca brigavam. Davam-se às mil maravilhas, exceto por um fato que ela não podia afastar para algum canto da mente, onde não precisasse ser examinado.

David nunca falava sobre Sarah com ela.

Certa tarde, quando estava cavando, separando e replantando as raízes de ruibarbo que já eram velhas quando R. J. comprou a casa, ele entrou e lavou alguma coisa na pia da cozinha.

– Olhe isto – ele disse, enxugando o objeto.

– Oh, David. É maravilhosa.

Era uma pedra de coração. O pedaço de xisto formava um coração irregular, mas o que o tornava belo era a marca de um fóssil muito antigo na superfície, um pouco fora de centro.

– O que é?

– Não sei. Parece uma espécie de caranguejo, não acha?

– Nunca vi um caranguejo assim – disse R. J.

A marca do fóssil tinha menos de sete centímetros de comprimento. Mostrava uma cabeça larga, órbitas saltadas, vazias como as da órfã Annie. O corpo era feito de vários segmentos lineares enfileirados, em três lobos longitudinais distintos.

Procuraram em “fóssil” na enciclopédia.

– Acho que é este – ela disse, apontando para o que o livro dizia ser um trilobita, um animal de concha que viveu há mais de 225 milhões de anos, quando um mar quente e raso cobria grande parte dos Estados Unidos. O pequeno animal tinha morrido na lama. Muito antes da lama solidificar e se transformar em rocha, a carne apodreceu e carbonizou, deixando uma camada química muito resistente sobre a marca, para ser descoberta debaixo de um pé de

ruibarbo.

– Que achado, David! Não podia haver uma pedra de coração melhor! Onde vamos deixá-la?

– Não quero usar como enfeite de casa. Vou mostrá-la a umas duas pessoas.

– Boa ideia – ela disse.

Então ela lembrou que naquela manhã, quando apanhou a correspondência, tinha visto uma carta para ele do cemitério Beth Moses em West Babylon, Long Island. R. J. tinha lido que antes dos Dias Santos judaicos era a época para a visita aos cemitérios.

– Por que não vamos visitar o túmulo de Sarah?

– Não – ele disse secamente. – Não posso ainda. Tenho certeza de que você compreende. – Guardou a pedra no bolso e foi para o celeiro.

CONVITES

— Alô.

— R. J.? É Samantha.

— Sam? Como vai?

— Especialmente bem, por isso estou telefonando. Quero ver você e Gwen para partilhar uma pequena surpresa, uma boa notícia.

— Sam. Você vai casar.

— Ora, R. J., não comece com essas adivinhações absurdas, desse jeito vai fazer com que minha pequena surpresa pareça insignificante. Quero que vocês duas venham a Worcester. Já falei com Gwen para dar as boas-vindas por sua volta a Massachusetts. Ela disse que você vai estar livre no próximo domingo e que ela virá se você vier também. Diga que vem.

R. J. verificou sua agenda e viu que o domingo continuava livre, a não ser por uma dezena de coisas que precisava fazer em casa.

— Tudo bem.

— Maravilha! Nós três juntas outra vez. Mal posso esperar.

— Então é uma promoção, certo? Catedrática? Assistente da cadeira de patologia?

— R. J., você continua uma chata. Até logo. Eu te amo.

— Eu também te amo. — R. J. desligou, rindo.

Dois dias depois, quando voltava do consultório, ela encontrou David andando na estrada. Ele tinha saído para encontrar com ela, seguindo pela Laurel Hill Road e pela Franklin Road, o caminho que R. J. sempre fazia.

Ele estava a três quilômetros de casa e R. J. riu quando ele levantou o polegar pedindo carona. Ela parou e abriu a porta do carro.

David entrou no carro com um enorme sorriso.

— Eu não podia esperar para contar. Falei a tarde toda com Joe Fallon no telefone. A Peaceful Godhead recebeu um subsídio da Fundação Thomas Blankenship. Muito dinheiro, o suficiente para instalar e manter o centro no Colorado.

– David, que ótimo para Joe. Blankenship. É a editora inglesa?
– Da Nova Zelândia. Todos aqueles jornais e revistas. É maravilhoso para todos nós que queremos a paz. Joe nos convidou para nos juntarmos a ele daqui a alguns meses.

– O que quer dizer?

– O que eu disse. Um pequeno grupo de pessoas vai morar e trabalhar no centro e participar das conferências de paz de todas as religiões como uma equipe permanente. Joe está nos convidando para fazer parte do grupo.

– Por que ele me convidou? Não sou teóloga.

– Joe acha que você é valiosa. Pode contribuir sob o ponto de vista de análise médica, científica e legal. Ele está interessado em ter um médico para tratar do pessoal do centro. Você pode continuar o seu trabalho.

R. J. entrou na Laurel Hill Road e balançou a cabeça. Não precisava dizer nada para ele.

– Eu sei. Você já tem o seu trabalho e é aqui que quer estar. – Tocou o rosto dela. – É uma oferta interessante. Eu pensaria em aceitar se não fosse por você. Se é aqui que você quer ficar, é aqui que eu quero ficar.

Mas de manhã, quando ela acordou, ele tinha partido. Havia um bilhete escrito às pressas na mesa da cozinha.

Querida R. J.

Tenho de me ausentar. Preciso fazer algumas coisas.

Volto dentro de alguns dias.

Amor

David

Pelo menos desta vez ele deixou um bilhete, ela pensou.

AS TRÊS

Samantha desceu para o hall do centro médico assim que a recepcionista avisou que R. J. e Gwen tinham chegado. O sucesso dera a ela uma segurança discreta. O cabelo negro, curto, na cabeça bem-feita, tinha uma faixa branca acima da orelha direita. Gwen e R. J. a tinham acusado de ajudar a natureza com produtos químicos para um efeito mais dramático, mas sabiam que não era verdade. Samantha aceitava o que a natureza lhe dava e procurava fazer o melhor possível com isso.

Ela abraçou as duas exuberantemente.

O programa anunciado constava de almoço no hospital, seguido por uma visita ao centro médico, jantar num restaurante maravilhoso e à noite conversa no seu apartamento. Gwen e R. J. iam passar a noite e voltar para as montanhas do Oeste de manhã bem cedo.

Mal tinham começado a comer e R. J. examinou Samantha com seu olhar de advogada.

– Muito bem, mulher, conte a novidade que viajamos duas horas para ouvir.

– Novidades – Samantha disse calmamente. – Bem, esta é a novidade. Fui convidada para ser patologista-chefe deste centro.

Gwen suspirou.

– Minha nossa.

As duas deram os parabéns a Samantha, sorrindo felizes.

– Eu sabia – disse R. J.

– Só vai acontecer daqui a oito meses, quando Carroll Hemingway, a chefe atual, for para a Universidade da Califórnia. Entretanto eles me ofereceram o cargo antes e eu aceitei, porque é o que eu sempre quis.

Ela sorriu.

– Mas... não é essa a novidade.

Girou o aro de ouro no terceiro dedo da mão esquerda, para mostrar a pedra. O diamante azul não era grande mas maravilhosamente lapidado e R. J. e Gwen levantaram e a abraçaram outra vez.

Samantha teve vários homens em sua vida, mas nunca casou. Embora ela tivesse construído uma carreira incrível sozinha, ficavam felizes por ter

encontrado alguém com quem compartilhar.

– Deixe-me adivinhar – disse Gwen. – Aposto que ele tem algo a ver com medicina. Professor catedrático ou coisa assim.

R. J. balançou a cabeça.

– Não vou tentar adivinhar. Não tenho ideia. Conte para nós, Sam.

Foi a vez de Samantha balançar a cabeça.

– Ele mesmo vai contar. Vai encontrar conosco para a sobremesa.

Dana Carter era alto, cabelo branco, corredor compulsivo que fazia sessenta quilômetros por semana, um pouco magro demais, pele cor de café e olhos juvenis.

– Estou nervoso como um gato – ele disse. – Sam me disse que ia ser fácil conhecer a família dela, em Arkansas, mas que o verdadeiro teste seria agradar a vocês duas.

Ele era diretor de recursos humanos de uma empresa de seguros de vida, viúvo, com uma filha crescida na primeira série do segundo grau da Brandeis University, tinha muito senso de humor e muito calor humano. Conquistou as duas imediatamente. Era evidente que ele a amava bastante para satisfazer suas duas melhores amigas.

Quando ele as deixou, a tarde ia em meio e Gwen e R. J. passaram o resto do dia ouvindo os detalhes da história – Dana nasceu nas Bahamas mas foi criado em Cleveland – e dizendo para Samantha que ela tinha muita sorte e que Dana tinha “uma sorte danada”.

Sam parecia muito feliz mostrando todo o centro para elas, o seu departamento, o centro de trauma, o heliporto, a biblioteca atualizada, os laboratórios, as salas de aula da escola de medicina.

R.J. se perguntava se invejava o sucesso e a autoridade de Samantha. Não havia dúvida de que a promessa que todos viam nela quando estudavam fora cumprida. R. J. viu a deferência com que todos a tratavam no centro médico, como ouviam quando ela falava e se apressavam a seguir suas sugestões.

– Eu acho que vocês duas deviam vir trabalhar aqui. Este é o único grande centro médico dos Estados Unidos com um departamento de medicina familiar – Sam disse para R. J. – Não seria ótimo, se nós três pudéssemos trabalhar no mesmo prédio, estarmos juntas o tempo todo? – perguntou pensativa. – Eu sei que vocês duas podem arranjar um lugar aqui.

– Eu já tenho um lugar – R. J. disse, com uma leve irritação, com a impressão de estar sendo tratada com paternalismo, aborrecida com a ideia de que pessoas bem-intencionadas estavam sempre tentando mudar sua vida.

– Escutem – Samantha disse. – O que vocês têm lá nas montanhas que não podem ter aqui? E não venham com aquela história de ar puro e senso de

comunidade. Nós respiramos muito bem aqui e sou tão ativa na minha comunidade quanto vocês na sua. Vocês duas são ótimas profissionais e deviam estar participando da medicina do futuro. Neste hospital trabalhamos na fronteira mais avançada da ciência médica. O que vocês podem fazer numa comunidade rural atrasada, como médicas, que não podem fazer aqui?

As duas sorriram, esperando que ela parasse de falar. R. J. não queria discutir.

– Eu gosto de trabalhar onde estou – ela disse, calmamente.

– Eu já posso dizer que vou sentir o mesmo pelas cidades das montanhas – Gwen garantiu.

– Vamos fazer uma coisa, vocês não precisam apressar a resposta – Samantha disse, quase com arrogância. – Se pensarem em qualquer resposta, me escrevam, está bem, dra. Cole?

R. J. sorriu.

– Será um prazer, professora Potter – ela disse.

A primeira coisa que R. J. viu quando entrou na estrada particular que levava à sua casa, na manhã seguinte, foi o carro-patrolha da polícia estadual de Massachusetts parado na frente da sua garagem.

– É a dra. Cole?

– Sim?

– Bom-dia, senhora. Sou o patrulheiro Burrows. Nada para se alarmar. Houve um pequeno problema aqui a noite passada. O chefe McCourtney nos pediu para ficar aqui e avisá-lo pelo rádio quando a senhora chegasse.

Ele apanhou o rádio do carro e fez exatamente isso, avisou a Mack McCourtney que a dra. Cole estava em casa.

– Que tipo de problema?

Um pouco depois das 6 horas, Mack McCourtney passou pela casa e viu um furgão azul desconhecido, um velho Dodge, no jardim, entre a casa e o celeiro. Ele desceu para investigar e encontrou três homens atrás da casa, disse o patrulheiro.

– Eles entraram?

– Não, senhora. Não tiveram tempo de fazer nada. Parece que o chefe McCourtney chegou na hora certa. Mas no furgão havia uma dúzia de latas com querosene e material para fazer um detonador de ação retardada.

– Meu Deus.

R. J. tinha muitas perguntas e o patrulheiro, poucas respostas.

– McCourtney sabe mais sobre isso do que eu. Ele logo estará aqui e então

eu vou embora.

E de fato Mack chegou antes mesmo de R. J. tirar a mala do carro. Sentaram na cozinha e ele contou que os homens foram detidos e passaram a noite na velha cadeia que mais parecia uma masmorra antiga, no porão do prédio da prefeitura.

– Ainda estão lá?

– Não, não estão, doutora. Não pudemos acusá-los de incêndio culposo. O material incendiário não chegou a ser tirado do carro e eles alegaram que saíram para queimar mato e pararam na sua casa para perguntar o caminho de Shelburne Falls.

– Pode ser verdade?

McCourtney suspirou.

– Infelizmente, não. Por que iam parar o furgão no jardim, fora da estrada particular, só para pedir informação? E eles tinham uma licença para queimar mato, naturalmente para o caso de precisarem de um álibi, mas era uma permissão para queimar mato em Dalton, que fica depois de Berkshire, e estavam muito longe de Dalton. Além disso, os nomes deles constam da lista do procurador-geral, de conhecidos ativistas antiaborto.

– Oh.

– Isso mesmo. As placas do carro eram roubadas e o dono foi detido por isso em Greenfield, mas alguém apareceu imediatamente para pagar a fiança.

Mack mostrou as identidades e endereços dos homens além das fotos tiradas com polaróide na central de polícia.

– Já viu estes homens?

O homem gordo e com barba podia ser um dos que a seguiram desde Springfield.

Mas podia não ser.

– Não tenho certeza.

McCourtney, geralmente um policial cortês que sempre protegia os direitos civis dos cidadãos, admitiu que havia ultrapassado um pouco suas funções, “de um modo que pode custar meu emprego se outras pessoas souberem”. Quando os homens estavam na sua cadeia o chefe de polícia os advertiu, calma e claramente, de que, se eles ou seus amigos incomodassem outra vez a dra. Roberta Cole, ele pessoalmente se encarregaria de quebrar alguns ossos e aleijar o culpado para o resto da vida.

– Pelo menos nós os seguramos por uma noite. Nossa cadeia é uma coisa realmente horrível – ele disse, satisfeito. Levantou, bateu desajeitadamente no ombro dela e saiu.

David voltou no dia seguinte. Cumprimentaram-se com certo constrangimento mas assim que R. J. contou o que tinha acontecido, David a abraçou carinhosamente.

Ele disse que queria falar com McCourtney e foram juntos ao pequeno escritório do chefe de polícia no subsolo do prédio da prefeitura.

– O que devemos fazer para nos proteger? – David perguntou.

– Tem uma arma?

– Não.

– Poderia comprar uma. Eu providencio a licença. Você esteve no Vietnã, certo?

– Eu era capelão.

– Certo. – McCourtney suspirou. – Vou tentar manter sua casa sob vigilância, R. J.

– Muito obrigada, Mack.

– Mas sou responsável pelo patrulhamento de um vasto território – ele disse.

No dia seguinte um eletricista instalou spotlights em todos os lados da casa, com sensores de calor que acendiam as luzes assim que uma pessoa ou um carro chegasse a uma distância de quinze metros. R. J. mandou instalar sistemas de segurança e uma equipe trabalhou o dia inteiro instalando alarmes que eram acionados quando qualquer porta externa era aberta por um intruso e sensores de calor e movimento que disparavam o alarme se alguém conseguisse entrar. O sistema transmitia o alarme para a polícia ou para os bombeiros numa questão de segundos.

Pouco mais de uma semana depois da instalação de todos os sistemas, Barbara Eustis contratou dois médicos de tempo integral para trabalhar na clínica em Springfield e a ajuda de R. J. não era mais necessária.

R. J. recuperou sua folga de quinta-feira.

No fim de poucos dias, ela e David passaram a praticamente ignorar o sistema de segurança. Os ativistas não se interessavam mais por ela. Logo iam se concentrar nos novos médicos. Mas em certos momentos era difícil acreditar que estivesse livre outra vez. Num pesadelo repetido por muitas noites, David ainda não tinha voltado, ou talvez tivesse partido de novo, e os três homens chegavam para apanhá-la. Sempre que era acordada pelo sonho ou pelos estalos ou gemidos da casa açoitada pelo vento, como gemem as casas velhas e artríticas, ela estendia o braço para o painel na mesa de cabeceira e apertava o botão que enchia o fosso eletrônico e ativava os dragões que protegiam a casa. Depois ela movia a mão de leve sob as cobertas para ter certeza de que não era um sonho.

Para ver se David estava ao seu lado.

A RESPOSTA A UMA PERGUNTA

Quando R. J. escreveu para os diretores dos hospitais, informando sobre a oportunidade de abrir um consultório nas montanhas de Berkshire, enfatizou a beleza da paisagem e a possibilidade de caçar e pescar. Não esperava um dilúvio de respostas, mas também não esperava não receber nenhuma.

Assim, ficou satisfeita quando finalmente recebeu o telefonema de Peter Gerome dizendo que, depois de completar sua residência no Centro Médico de New England, tinha ganhado uma bolsa para a pós-residência em medicina da família no Centro Médico da Universidade de Massachusetts.

– No momento estou trabalhando na emergência, enquanto procuro um lugar no campo para abrir um consultório. Gostaria de saber se minha mulher e eu podemos visitá-la.

– Venha logo que puder – R. J. disse.

Combinaram a data da visita e naquela tarde ela enviou ao dr. Gerome as indicações detalhadas sobre a localização do seu consultório por meio da sua mais recente concessão à tecnologia, um fax, através do qual ela podia receber mensagens e relatórios dos hospitais e de outros médicos.

R. J. estava entusiasmada com a perspectiva da visita.

– Sei que é demais esperar que o único médico que respondeu seja bom – ela disse para Gwen, ansiosa para tornar a visita o mais atraente possível. – Pelo menos a paisagem está na melhor época. As folhas já começaram a ficar vermelhas.

Mas como acontece às vezes no outono, começou a chover copiosamente em New England na véspera da visita de Peter Gerome. A chuva martelou no telhado a noite toda e de manhã R. J. viu, sem surpresa, que todas as folhas tinham sido arrancadas das árvores.

Os Gerome eram um casal agradável. Ele era jovem e parecia um ursinho de pelúcia, com rosto redondo, olhos castanhos atrás de lentes grossas e cabelo quase cinzento, que estava sempre afastando de cima do olho direito. A mulher, Estelle, que ele apresentou como Estie, era uma morena atraente, um pouco gorda, enfermeira anestesista formada. Como o marido, era calma e afável e R. J. gostou dela imediatamente.

Os Gerome chegaram numa terça-feira. Ela os levou para conhecer Gwen e depois aos hospitais de Greenfield e Northampton, passando pela região oeste das montanhas.

- Como foi? – Gwen perguntou naquela noite, pelo telefone.
- Não sei dizer. Eles não estavam exatamente borbulhando de entusiasmo.
- Acho que não são do tipo que borbulha. São racionais – disse Gwen.

Os Gerome gostaram do que viram o bastante para voltar, dessa vez para uma visita de quatro dias. R. J. gostaria que eles ficassem em sua casa, mas o quarto de hóspedes era agora o escritório de David. Folhas do manuscrito dele estavam por toda a parte e ele trabalhava febrilmente para terminar o livro. Gwen não estava ainda estabelecida para receber hóspedes, mas os Gerome encontraram um quarto com café da manhã na Main Street, a duas quadras do consultório de R. J., e ela e Gwen revezaram-se para o jantar das quatro noites.

R. J. gostaria que eles resolvessem ficar. Os dois tinham treinamento e experiência exemplares e fizeram perguntas sensatas e práticas quando ela falou sobre sua intenção e a de Gwen de instalar nas montanhas um serviço mais ou menos do tipo dos planos de saúde.

Os Gerome passaram os quatro dias percorrendo de automóvel toda a região, parando para conversar com as pessoas nas prefeituras, nos armazéns e no corpo de bombeiros. A tarde do quarto dia estava fria e nublada mas R. J. os levou para um passeio na trilha do bosque e Peter gostou muito do Catamount.

- Parece um bom rio para trutas.
- R. J. sorriu.
- É muito bom.
- Bem, vamos poder pescar quando nos mudarmos para cá?
- R. J. ficou satisfeita.
- É claro que sim.
- Então, acho que isso resolve tudo – disse Estie Gerome.

A mudança – mais do que a mudança da estação – estava no ar gelado e pesado. Toby não havia chegado ao sexto mês de gravidez mas ia deixar o consultório de R. J. Queria passar um mês preparando tudo para a chegada do bebê e ajudando Peter Gerome a encontrar e instalar um consultório. Depois disso, ia trabalhar como diretora comercial da Cooperativa Médica de Hilltowns, dividindo o tempo entre o consultório de R. J. e os de Peter e Gwen, fazendo toda a contabilidade.

Toby recomendou sua sucessora para o cargo de recepcionista e R. J. a contratou, confiando no instinto de Toby para conhecer as pessoas. Mary Wilson

fazia parte do conselho de planejamento do município quando R. J. compareceu perante o conselho para renovar a licença do seu consultório. Provavelmente Mary seria uma ótima recepcionista, mas R. J. sabia que ia sentir falta de Toby. Para comemorar o novo emprego de Toby, R. J. e Gwen a levaram para jantar no hotel em Deerfield.

Encontraram-se no restaurante depois do trabalho. Toby não podia beber por causa da gravidez, mas o bom humor das três não dependia de vinho e elas brindaram à próxima chegada do bebê e ao novo emprego com suco de arando. R. J. tinha profunda afeição pelas duas amigas, e teve grande prazer na reunião.

Começou a chover quando ela e Toby estavam na metade da subida para Woodfield. Quando R. J. deixou Toby em casa, a chuva estava forte e ela dirigiu devagar e com cautela.

Atenta à estrada, ela quase passou pela fazenda de Gregory Hinton antes de ver uma luz acesa no estábulo, a porta aberta e alguém sentado lá dentro.

A estrada estava escorregadia e R. J. não usou o freio, mas diminuiu a marcha e só fez a volta quando chegou à estrada de terra que levava ao pasto dos Hinton. Gregory estava no meio do tratamento combinado de quimioterapia e radiação, tinha perdido o cabelo e estava sofrendo os efeitos. Não custa nada dizer alô a ele, R. J. pensou.

Parou o carro na frente do estábulo e Gregory levantou a cabeça quando ela desceu, bateu a porta do carro e correu na chuva. Ele estava sentado numa cadeira de armar ao lado de uma das baias, de macacão e guarda-pó, a cabeça calva coberta por um boné com o nome de uma empresa fabricante de fertilizantes.

– Que noite! Oi, Greg, como vai?

– R. J., bem... você sabe. – Balançou a cabeça. – Náusea, diarreia. Fraco como um bebê.

– Esta é a pior parte do tratamento. Vai se sentir muito melhor quando terminar. O caso é que não temos escolha. Precisamos evitar o crescimento do tumor no cérebro. Diminuir o tamanho dele, se for possível.

– Maldita doença. – Apontou para outra cadeira dobrável de metal num canto do estábulo. – Quer sentar um pouco?

– Sim, quero.

Ela foi apanhar a cadeira. Nunca tinha estado ali. O estábulo era longo como um hangar, aquecido pelo calor dos animais, com vacas nos dois lados. No alto, abaixo do telhado enorme, alguma coisa voou, mergulhou e voou para cima outra vez. Greg Hinton seguiu o olhar dela e disse: – É só um morcego. Eles ficam sempre lá no alto.

– Um estábulo e tanto – ela disse.

– Na verdade, feito de dois velhos celeiros. Esta é a parte original. A parte de trás era outro celeiro trazido por carro de bois há cem anos. Sempre pensei em instalar uma dessas elegantes salas de ordenha, mas nunca cheguei a fazer. Stacia e eu tiramos o leite das vacas à moda antiga, prendendo o pescoço do animal entre duas barras de madeira para não nos incomodar.

Greg fechou os olhos e R. J. pôs a mão sobre a dele.

– Acha que vão descobrir a cura para esta coisa miserável, R. J.?

– Acho que sim, Greg. Estão trabalhando na pesquisa da cura genética de várias doenças, incluindo diferentes tipos de câncer. Os próximos anos vão fazer muita diferença. Vai ser um novo mundo.

Ele abriu os olhos e olhou para ela.

– Quantos anos ainda?

O mugido alto, longo e lamentoso da vaca na baia, perto deles, sobressaltou R. J. Sim, quantos anos ainda? Tentou se controlar.

– Oh, Greg, eu não sei. Cinco, talvez? É só um palpite.

Com um sorriso leve e amargo ele disse:

– Bem, não importa, de qualquer modo não estarei aqui para ver o novo mundo, estarei?

– Eu não sei. Muitas pessoas com essa doença vivem alguns anos. O importante é você acreditar, acreditar *de verdade*, que vai ser uma delas. Sei que é religioso e não faria nenhum mal rezar bastante agora.

– Você me faria um favor?

– O que é?

– Rezaria por mim também, R. J.?

Oh, Deus do céu, ligou para o número errado. Mas ela sorriu.

– Bem, isso também não pode fazer mal, certo? – E prometeu que ia rezar.

A vaca na frente deles soltou outro mugido que foi respondido, primeiro pela vaca mais próxima e depois pelas outras.

– Afinal, o que está fazendo aí sentado sozinho?

– Bem, esta aqui está tentando dar cria e está com problemas – ele disse, apontando para a vaca na baia. – É uma novilha, você sabe, nunca deu cria antes.

R. J. fez um gesto afirmativo. Uma primípara.

– Bem, ela é muito estreita e o bezerro está preso na barriga dela. Eu telefonei para os dois únicos veterinários da cidade que tratam de animais grandes. Hal Dominic está de cama com gripe e Lincoln Foster está no Sul, com dois ou três trabalhos ainda por fazer. Ele disse que tentaria estar aqui antes das onze.

A vaca mugiu outra vez e ficou de pé.

– Calma, calma Zsa Zsa.

– Quantas vacas você tem?
– Setenta e sete, no momento. Quarenta e uma dando leite.
– E sabe o nome de todas elas?
– Só as que são registradas. Temos de pôr o nome no registro. As que não são registradas têm números pintados no flanco, em vez de nomes, mas esta aqui se chama Zsa Zsa.

A novilha Holstein deitou outra vez sobre o lado direito, com as pernas esticadas para a frente.

– Merda, *merda*! Perdão, R. J. – disse Hinton. – Elas só deitam assim de lado quando estão quase no fim. Ela não vai aguentar até as onze horas. Está tentando há cinco horas. Tenho dinheiro investido nela – ele acrescentou tristemente. – Uma vaca registrada como esta pode dar de quarenta a cinquenta litros de leite por dia. E o bezerro também ia valer muito. Paguei cem dólares só pelo sêmen de um touro especial.

A vaca gemeu e estremeceu.

– Não podemos fazer alguma coisa por ela? – R. J. perguntou.

– Não, estou doente demais para isso e Stacia está exausta porque está fazendo quase tudo sozinha. Ela também já não é tão jovem. Tentou resolver este caso durante algumas horas mas não aguentou, teve de ir para casa e deitar um pouco.

A vaca gemeu de dor, levantou e deitou dessa vez sobre a barriga.

– Deixe-me dar uma olhada – R. J. disse. Tirou a jaqueta de couro italiano e a deixou sobre um fardo de feno. – Ela pode me dar um coice?

– É pouco provável, deitada desse jeito – disse Hinton, secamente, atrás dela e R. J. se aproximou e agachou na palha atrás da vaca. Era um quadro estranho, o ânus como um olho grande e redondo acima da vulva bovina enorme na qual ela podia ver uma pata patética e um objeto flácido e vermelho pendurado ao lado.

– O que é aquilo?

– A língua do bezerro. A cabeça está logo abaixo, não dá para ver. Por algum motivo, os bezerros muitas vezes nascem mostrando a língua para nós.

– O que o está impedindo de sair?

– Num parto normal, saem primeiro as duas patas dianteiras, depois a cabeça, como um mergulhador com as mãos unidas na frente. Este está com a perna esquerda na posição certa, mas a direita está dobrada ainda lá dentro. O que o veterinário tem de fazer é empurrar a cabeça para dentro da vagina e enfiar a mão para ver qual é o problema.

– Por que eu não posso tentar?

Ele balançou a cabeça.

– Precisa de um pouco de força.

A vaca estremeceu.

– Bem, não pode fazer mal tentar. Eu nunca perdi uma vaca até agora – ela disse, mas Greg nem sorriu. – Vocês usam algum lubrificante?

Gregory olhou para ela com ar de dúvida, depois balançou a cabeça.

– Não, você lava o braço todo e deixa bastante sabão nele – explicou, levando-a para o pequeno tanque.

R. J. arregaçou as mangas da camisa até os ombros e depois lavou os braços e as mãos na água fria, usando o sabão de lavar roupa que encontrou.

Então voltou para a vaca.

– Agora, Zsa Zsa – ela disse e então achou que parecia uma idiota falando com o traseiro do animal. Quando seus dedos, e depois a mão toda entraram no espaço úmido e quente, a cauda da vaca se esticou, rígida como um atizador de fogo.

A cabeça do bezerro estava muito perto da superfície, mas parecia impossível movê-la. R. J. olhou para Greg. Apesar da preocupação, o olhar dele dizia claramente, bem que eu avisei. R. J. respirou fundo e usou toda sua força, como se estivesse tentando empurrar a cabeça de alguém para debaixo de água quase sólida. Lentamente a cabeça começou a se afastar. Assim que teve mais espaço, ela enfiou mais a mão na vagina do animal, até o pulso, depois até o cotovelo e seus dedos encontraram outra coisa.

– Estou sentindo... acho que é o joelho do bezerro.

– Sim, pode ser. Veja se pode segurar na parte de baixo e puxar a pata para cima – Hinton disse, e R. J. tentou.

Ela estava com a mão e quase todo o braço dentro da vaca e de repente sentiu uma espécie de tremor cósmico, tão definido quanto um pequeno tremor de terra, depois uma força rolante que empurrou uma enorme onda de músculo e de tecido contra sua mão e seu braço levando-os para cima e para fora como uma semente cuspidada longe, com tanta força que R. J. caiu para trás.

– Que diabo – ela murmurou, mas não foi preciso Greg explicar que era uma variedade de contração vaginal que ela não conhecia.

R. J. tornou a passar sabão no braço, sem pressa. Voltou para a vaca e passou vários minutos explorando, até compreender contra o que estava lutando. As contrações vinham de minuto a minuto e duravam cerca de quarenta e cinco segundos, o que deixava uma janela de quinze segundos para R. J. trabalhar. Ela enfiou o braço outra vez assim que a contração começou a enfraquecer – passou pelo joelho, foi até a pata dianteira.

– Estou sentindo um osso, o osso pélvico – ela disse para Greg.

E logo depois:

– Estou segurando a pata, mas ela está presa debaixo do osso pélvico.

A cauda rígida balançou, talvez de dor, e atingiu a boca de R. J. Cuspindo, ela segurou a cauda com a mão esquerda. Avisada por novos tremores, só teve tempo para agarrar a pata e segurar com força enquanto uma verdadeira prensa vaginal segurou seu braço da ponta dos dedos até o ombro. Depois de um momento, ela sabia que seu braço não ia ser expelido porque a pressão em volta dele era forte demais. A pressão empurrou a parte da frente do seu punho contra o osso pélvico da vaca. R. J. soltou uma exclamação abafada de dor, mas logo seu braço ficou insensível e ela fechou os olhos e encostou a testa em Zsa Zsa. O braço estava preso até o ombro. R. J. era agora prisioneira, unida àquela vaca. Sentiu um leve desfalecimento e teve uma estranha fantasia, a certeza terrível de que Zsa Zsa ia morrer e teriam de cortar a carcaça do animal para tirar seu braço.

R. J. não ouviu quando Stacia entrou no estábulo, mas ouviu a pergunta irritada e rabugenta.

– O que essa menina pensa que está fazendo aí?

E depois a resposta inaudível de Greg Hinton. R. J. sentiu cheiro de esterco, das entranhas da vaca e o cheiro desagradável do próprio suor e do terror que sentia. Então, a contração passou.

R. J. já havia feito muitos partos para saber o que fazer agora. Ela puxou a mão adormecida até tocar o joelho do bezerro e empurrou para trás. Então conseguiu adiantar a mão para dentro e para baixo. Quando encontrou o casco outra vez, procurou dominar o pânico que a incitava a apressar as coisas, porque não queria estar dentro da vagina quando chegasse a outra contração.

Mas trabalhou cautelosamente, segurando o casco, levando-o para cima dentro da vagina e finalmente para fora, ao lado do outro, onde devia estar.

– Eeei! – exclamou Greg, feliz.

– Boa menina! – Stacia disse.

Na próxima contração, apareceu a cabeça do bezerro.

Oi, você, R. J. saudou em silêncio, encantada. Mas não conseguiram tirar mais do que as pernas dianteiras e a cabeça. O bezerro estava preso como uma rolha na garrafa.

– Se ao menos tivéssemos um puxador de bezerro, Stacia – Hinton disse.

– O que é isso?

– Uma espécie de guincho – disse Greg.

– Amarre as duas patas juntas – disse R. J.

Foi até o Explorer, soltou o gancho do venha-comigo e levou o cabo até o estábulo.

O bezerro foi retirado com extrema facilidade – um bom argumento a favor da tecnologia, pensou R. J.

– É um macho – disse Greg.

R. J. sentou no chão enquanto Stacia limpava o muco, e o resto da bolsa de água do nariz do bezerro. Depois o levaram para a frente da vaca, mas Zsa Zsa estava exausta e mal se moveu. Greg começou a esfregar o peito do recém-nascido com feno seco.

– Isto é para fazer funcionar os pulmões, por isso as vacas sempre lambem os bezerros. Mas a mãe deste garoto está tão cansada que não pode lamber nem um selo.

– Ela vai ficar bem? – R. J. perguntou.

– É claro que vai – disse Stacia. – Daqui a pouco vou dar a ela um bom balde com leite morno. Vai ajudar a passar a placenta.

R. J. levantou-se do chão e foi para o tanque. Lavou as mãos e o braço, mas logo compreendeu que era impossível limpar tudo ali.

– Você tem... bem, um pouco de esterco no cabelo – Greg disse, delicadamente.

– Não toque nele, querida, se não espalha – avisou Stacia.

R. J. guardou o cabo do venha-comigo e, segurando a jaqueta de couro bem longe do corpo, a pôs no banco traseiro, longe dela.

– Boa-noite.

Ela mal ouviu os agradecimentos. Voltou para casa procurando fazer o menor contato possível com o estofamento do carro.

Assim que entrou na cozinha, tirou a camisa. As mangas tinham desenrolado e a frente estava toda suja de sangue, muco, sabão, esterco e uma variedade de fluidos de parto. R. J. estremeceu, enrolou a camisa e a pôs na lata de lixo.

Tomou um demorado banho de chuveiro quente, massageando o braço, usando muito sabonete e xampu.

Depois escovou os dentes e vestiu o pijama no escuro.

– O quê? – perguntou David.

– Nada – ela disse, e ele voltou a dormir.

R. J. pretendia dormir também, mas em vez de deitar, desceu para a cozinha para fazer café. O braço estava muito dolorido, mas ela flexionou os dedos, o pulso e o cotovelo e viu que não havia nada quebrado. Apanhou papel e caneta da mesa e sentou para ver se podia escrever.

Resolveu escrever uma carta para Samantha Potter.

Querida Sam.

Você me pediu para escrever se descobrisse alguma coisa que um médico

pode fazer no campo mas não pode fazer num centro médico.

Esta noite, eu descobri.

Pode enfiar o braço numa vaca.

Sinceramente,

R. J.

O CARTÃO DE VISITA

Naquela manhã, R. J. lembrou aborrecida que estava próxima a data para a renovação da sua licença para praticar medicina na comunidade de Massachusetts e que não estava preparada para fazer a inscrição. A licença estadual devia ser renovada de dois em dois anos e, para proteger o público, a lei exigia que cada médico requerente pudesse apresentar provas de que tinha aplicado um total de cem horas na continuidade dos seus estudos médicos.

O sistema tinha por objetivo atualizar o conhecimento da medicina e ativar continuamente a habilidade do médico no exercício da profissão. R. J. aprovava incondicionalmente o conceito da continuidade dos estudos, mas chegou à conclusão de que, num período de quase dois anos, havia conseguido apenas oitenta e um pontos em continuidade de estudos médicos. Muito ocupada com sua clínica particular e trabalhando na clínica de Springfield, tinha negligenciado o programa educacional exigido.

Os hospitais locais frequentemente ofereciam palestras ou seminários que valiam alguns pontos, mas R. J. não tinha tempo suficiente para isso.

– Você deve comparecer a uma grande reunião de profissionais – Gwen disse. – Eu estou no mesmo caso que você.

Então, R. J. começou a estudar os anúncios de reuniões nas revistas de medicina e encontrou o aviso de um simpósio de três dias sobre o câncer, para médicos clínicos, que seria realizado na cidade de Nova York, no Plaza Hotel. Patrocinado pela Sociedade Americana do Câncer e pelo Conselho Americano de Medicina Interna, oferecia vinte e oito pontos para a classificação.

Peter Gerome e Estie concordaram em ficar na casa dela os três dias para que Peter pudesse atender seus chamados. Ele já havia requisitado a concessão de privilégios hospitalares mas não tinha chegado ainda e R. J. combinou com o interno de Greenfield a admissão de pacientes enviados por Gerome.

David estava escrevendo o último capítulo do livro e os dois concordaram que não devia interromper seu trabalho. Assim, R. J. foi sozinha de carro para Nova York sob o sol pálido cor de limão do começo de novembro.

R. J. descobriu que, embora tivesse abandonado com prazer a pressão da cidade, quando saiu de Boston, agora estava pronta para aceitá-la alegremente. Depois da solidão e da quietude do campo, Nova York era como um formigueiro colossal e a interação com toda aquela gente era um poderoso estimulante. Dirigir em Manhattan não era agradável, e foi com satisfação que ela entregou o carro para o porteiro do hotel, mas isso não diminuiu seu prazer.

Seu quarto no nono andar era pequeno mas confortável. Depois de dormir um pouco, teve de tomar um banho de chuveiro e se vestir rapidamente. O registro para o simpósio foi combinado com um coquetel e ela tomou cerveja e se deliciou com o bufê sofisticado.

Não viu nenhum conhecido. Havia muitos casais. No bufê, um médico cujo crachá informava que ele era Robert Starbuck, de Detroit, Michigan, foi conversar com ela.

– E em que lugar de Massachusetts fica Woodfield? – ele perguntou, olhando para o crachá dela.

– Numa das saídas da Mohawk Trail.

– Ah. Velhas montanhas, tanto mais belas quanto mais antigas. Você passeia de carro o tempo todo, admirando a paisagem?

Ela sorriu.

– Não, só vejo a paisagem quando atendo um chamado.

Ele olhou atentamente para ela.

– Você atende chamados em casa?

O prato dele estava vazio e ele a deixou, foi até a mesa e voltou. Embora atraente, era tão óbvia sua avidez por algo mais do que uma simples conversa que R. J. não teve nenhuma dificuldade em deixá-lo com os pratos sujos quando terminou de comer.

Ela tomou o elevador para o saguão e saiu para a cidade de Nova York. O Central Park não era um bom lugar para visitar à noite e na verdade não a tentava. Tinha árvores e grama à vontade em casa. Caminhou devagar pela Quinta Avenida parando em quase todas as vitrines, demorando um longo tempo na frente de algumas, observando a sofisticação das roupas, dos artigos de viagem, sapatos, joias, livros.

Andou seis quadras, atravessou a rua e voltou para o hotel. Subiu e foi cedo para a cama, como sempre fazia nos longos anos da faculdade. Podia ouvir Charlie Harris dizendo: “Tenho de tomar conta dos negócios, R. J.”

Foi uma boa conferência, planejada para ser intensiva e substancial, com um café da manhã servido durante o primeiro encontro da manhã e com palestras

durante o almoço e o jantar. R. J. a tratou com a maior seriedade. Não faltou a nenhuma sessão, tomou notas, comprou as fitas com a gravação das palestras que mais a interessavam. As noites eram reservadas para entretenimento, com várias opções, todas boas. Na primeira noite ela viu a reapresentação de *Show Boat* e gostou, e na segunda noite viu o Teatro de Dança do Harlem com grande prazer.

Na terceira manhã já tinha os pontos suficientes para garantir a renovação da sua licença. Só as primeiras apresentações daquele dia a interessavam e ela resolveu aproveitar a tarde para fazer algumas compras antes de deixar Nova York.

De volta ao quarto, para fazer as malas, de repente teve uma ideia melhor.

A encarregada do andar, uma mulher bem-humorada e decidida, disse: “É claro que sim”, quando R. J. perguntou se tinha um mapa da grande Nova York.

– Pode me dizer como chegar a West Babylon, em Long Island?

– Se a senhora me der um momento.

Ela consultou o mapa e depois desenhou o caminho com uma caneta hidrográfica.

R. J. parou no primeiro posto de gasolina que encontrou assim que saiu da via expressa e perguntou onde ficava o cemitério Beth Moses.

Acompanhou todo o perímetro do cemitério até chegar à entrada. Parou o carro no prédio da administração, logo depois do portão. Um homem mais ou menos da sua idade, com terno azul e solidéu branco sobre os cabelos ralos, estava sentado a uma mesa, assinando alguns papéis.

– Bom-dia – ele disse, sem erguer os olhos.

– Bom-dia. Poderia me ajudar a encontrar um túmulo?

– Nome do falecido? – ele perguntou.

– Markus. Sarah Markus.

Ele girou a cadeira ficando de frente para o computador e digitou o nome.

– Sim, temos seis com esse nome. Segundo nome?

– Nenhum, Markus com K, não com C.

– Ah. Há dois. Ela tinha 67 anos ou 17?

– Dezesete – disse R. J. e o homem fez um gesto afirmativo.

– São tantos – desculpou-se ele.

– O cemitério é tão grande.

– Trinta hectares. – Apanhou um papel com um diagrama do cemitério e marcou o caminho com a caneta. – Na décima primeira quadra nesta direção, partindo deste prédio, vire à direita. Oito quadras nesta direção e vire à esquerda. O túmulo que procura fica no meio da segunda fila. Se se perder, volte que eu a levo até lá... Sim – ele disse, olhando para o monitor para confirmar o local. –

Temos tudo no computador. – Observou com orgulho. – Tudo. Vejo que no último mês foi feita uma inscrição nesse túmulo.

– Uma inscrição?

– Sim. Na lápide.

– Oh. – Ela agradeceu e saiu, segurando o papel.

R. J. caminhou devagar pela passagem estreita de pó de pedra. Os carros passavam velozmente no outro lado do muro do cemitério, uma moto passou roncando, freios cantaram, uma buzina soou.

Contando as quadras.

A mãe de R. J. estava enterrada num cemitério em Cambridge, com largos gramados entre os túmulos. Estes túmulos ficam muito perto uns dos outros, ela pensou. Eram tantos, na verdade como se as pessoas tivessem mudado de uma cidade para outra.

... Onze... doze.

Entrou à direita e marchou até chegar à oitava quadra.

Deve ser aqui.

Na quadra ao lado, viu pessoas sentadas ao lado de um túmulo aberto. Um homem com solidéu terminou de falar e todos fizeram fila para atirar seu punhado de terra no túmulo.

R. J. foi para a segunda fila da quadra, movendo-se discretamente. Agora estava procurando os túmulos, não mais as quadras. Emanuel Rubin. Lester Rogovin.

Muitas sepulturas tinham pequenas pedras sobre elas, cartões de visita dos vivos que as visitavam. Outras tinham flores ou arbustos plantados. Uma estava semicoberta por um teixo crescido. R. J. afastou os galhos e leu o nome Leah Schwartz. Não havia pedras no túmulo de Leah Schwartz.

R. J. passou pela seção da família Gutkind, vários Gutkind, e então viu uma laje mortuária dupla com dois belos retratos protegidos das intempéries, um homem e uma mulher, ambos jovens. Dmitri Levnikov, 1970-1992, e Basya Levnikov, 1973-1992. Marido e mulher? Irmão e irmã? Teriam morrido juntos? Acidente de carro ou incêndio. As fotografias deviam ser um costume russo, ela pensou. E os identificavam como refugiados. Tão triste, pensou R. J., vir de tão longe, atravessando a barreira do som das culturas para acabar assim.

Kirschner. Rosten. Eidelberg.

Markus.

Markus, Natalie J., 1952-1985. *Esposa amada. Mãe adorada.*

Era uma laje vertical dupla, uma das lápides gravada pela metade, a outra com a metade em branco.

Ao lado estava Markus, Sarah, 1977-1994. *Nossa filha querida*, escrito

numa lápide quadrada de granito, como a de Natalie, mas não castigada pelo tempo, evidentemente nova.

Em cada memorial um pequeno cartão de visita de pedra. Foi o pequeno cartão de pedra no túmulo de Sarah que deixou R. J. atônita. Era um pedaço de xisto avermelhado, como um coração irregular, com a marca bem clara da cabeça e do corpo do trilobita que vivera há muitos milhões de anos.

Ela não falou com Natalie nem com Sarah, não acreditava que elas pudessem ouvir. Lembrou de ter lido em algum lugar, provavelmente no colégio, que um dos filósofos cristãos – Tomás de Aquino? – expressava suas dúvidas sobre o fato de os mortos tomarem conhecimento do que acontecia com os vivos. Porém, como Tomás de Aquino podia saber? O que alguém podia saber, Aquino, David Markus ou outra criatura humana? Ocorreu a R. J. que Sarah a amava. Talvez, de certo modo, há uma mágica nesta pedra de coração, o magnetismo que a levou até ali a fez compreender o que devia fazer.

R. J. apanhou duas pedras do chão e pôs uma no túmulo de Natalie, outra no de Sarah.

O funeral na outra fila tinha acabado. O grupo começava a dispersar e muitos caminhavam na direção dela e passavam muito perto. Desviavam os olhos da cena perturbadora, mas comum, de uma mulher chorando ao lado de um túmulo. Não sabiam que ela chorava tanto pelos vivos quanto pelos mortos.

Como médica, R. J. sempre achou terrível falar da morte com as pessoas interessadas, e na manhã seguinte, à mesa do café, foi com grande esforço que ela começou a falar com David da morte do relacionamento dos dois. Mas conseguiu dizer a ele que estava na hora de terminar.

Pedi a ele para reconhecer que não podia dar certo.

– Você me disse que tinha viajado para fazer pesquisas para seu livro. Mas foi fazer a inscrição do memorial do túmulo de sua filha. No entanto, quando pedi que me levasse lá, você recusou.

– ... Preciso de tempo, R. J.

– Não acho que o tempo vai fazer diferença, David – ela disse, gentilmente.

– Mesmo as pessoas casadas há muito tempo se divorciam depois da morte de um filho. Eu talvez pudesse lidar com seu alcoolismo e com o medo de você ir embora algum dia. Mas no seu íntimo, você me culpa pela morte de Sarah. Acredito que sempre vai me culpar e eu não posso viver com isso.

David estava muito pálido. Não tentou negar.

– Nós éramos tão bons um para o outro. Se não tivesse acontecido...

Os olhos dela se encheram de lágrimas. Ele estava certo. De muitos modos,

eram muito bons um para o outro.

– Aconteceu – ela disse.

Ele aceitou a verdade do que ela dizia, mas achou difícil aceitar a consequência inevitável.

– Pensei que você me amava.

– Eu o amava. Eu o amo, sempre vou amar e desejo que seja feliz.

Mas acabava de descobrir uma coisa. Ela se amava também.

Naquela noite ela ficou até tarde no consultório e quando chegou em casa, ele disse que tinha decidido ir para o Colorado para se juntar ao grupo de Fallon.

– Vou levar o separador de mel e umas duas colmeias comigo e levar as abelhas para o alto da montanha. Pensei em esvaziar as outras colmeias e guardar no seu celeiro.

– Não. Seria melhor vender.

Ele compreendeu o que ela estava dizendo, a irrevogabilidade sugerida. Seus olhos se encontraram e ele balançou a cabeça afirmativamente.

– Não posso ir antes de dez dias mais ou menos. Quero terminar o livro e levar ao meu editor.

– Isso é razoável.

Agunah passou por eles e olhou friamente para R. J.

– David, gostaria que me fizesse um favor.

– O que é?

– Desta vez, quando for, leve a gata.

Agora as horas passavam lentamente e eles evitavam se encontrar. Só dois dias tinham passado quando o pai de R. J. telefonou, mas para ela parecia muito mais tempo.

Quando o pai perguntou por David, ela disse que ela e David estavam se separando.

– Ah. Você está bem, R. J.?

– Sim, estou – ela disse, lutando contra as lágrimas.

– ... Eu te amo.

– Eu também te amo.

– Estou telefonando para perguntar se não quer vir passar o Dia de Ação de Graças comigo.

De repente, ela queria ver o pai, absorver o conforto da presença dele.

– E se eu fosse antes? Vamos dizer, agora mesmo?

– Pode fazer isso?

– Não sei. Deixe-me tentar.

Quando ela perguntou a Peter Gerome se ele podia voltar e ficar no lugar dela, ele estranhou mas aceitou alegremente.

– Eu gosto muito de trabalhar nas montanhas – ele disse.

R. J. telefonou para o pai e disse que ia para a Flórida no dia seguinte.

SOL E SOMBRAS

O coração de R. J. se iluminou quando ela viu o pai, mas a aparência dele a deixou preocupada. Ele parecia menor e muito mais velho desde seu último encontro. Mas estava com ótima disposição e feliz por vê-la. Começaram a discutir quase imediatamente, mas sem o calor de antes. R. J. insistiu em procurar um carregador, sabendo que ele ia querer levar suas duas malas.

– Ora, R. J., que bobagem. Eu levo uma e você leva a outra.

Rindo, ela concordou. Assim que saíram do aeroporto para a intensa claridade do sol, ela entrecerrou os olhos e sentiu o impacto da umidade do ar tropical.

– Qual é a temperatura, papai?

– Quase trinta – ele disse, com orgulho, como se o calor fosse uma recompensa pessoal por seu bom trabalho como professor. Ele saiu com o carro do aeroporto com a segurança de quem sabia para onde estava indo. R. J. viu veleiros no oceano pintado sentindo falta do ar frio dos seus bosques.

O professor Cole morava numa torre branca, propriedade da universidade, num apartamento impessoal de dois quartos. Ele havia feito pouca coisa para marcar sua presença. Os quadros a óleo de Boston estavam na sala de estar. Um mostrava Harvard Square no inverno. O outro, um momento da regata no rio Charles, nos rostos dos remadores da Universidade de Boston a expressão congelada do esforço explosivo na tentativa de impelir o barco para fora da tela, e os prédios do MIT como uma vaga sugestão da praia distante. Além dos quadros e alguns livros, tudo estava numa ordem quase militar, mas sem nenhuma concessão ao bem-estar descontraído, como a cela de um monge. Na mesa do quarto de hóspedes, que ele usava como escritório, estava a caixa de vidro com o bisturi de Rob J.

A fotografia de R. J. estava no quarto dele, ao lado da foto em sépia de sua mãe, uma jovem mulher sorridente com um maiô inteiro antigo, os olhos entrecerrados contra o sol de uma praia em Cape Cod. Na outra cômoda estava a foto de uma mulher que R. J. não conhecia.

– Quem é, papai?

– Uma amiga. Eu a convidarei para jantar conosco, se você concordar.

- Oh, claro que concordo, mas antes quero um bom banho de chuveiro.
 - Acho que vai gostar dela – ele disse.
- Evidentemente, pensou R. J., seu pai não tinha nada de monge.

O professor Cole havia feito reserva num restaurante de frutos do mar de onde avistavam o movimento dos barcos no canal. O rosto na foto pertencia a uma mulher muito bem-vestida chamada Susan Dolby. Ela era forte mas não gorda, mais do tipo atlético. O cabelo grisalho cortado como um capacete, as unhas curtas com esmalte incolor. O rosto era bronzeado de sol, com linhas de riso nos cantos dos olhos quase amendoados. Seriam verdes? Castanhos? R. J. era capaz de apostar que ela jogava golfe ou tênis.

Ela era também clínica geral com um consultório particular em Fort Lauderdale.

Conversaram sobre política da medicina. Os alto-falantes do restaurante tocavam o “Adeste Fideles”, um pouco cedo demais, os três concordaram, e o sol parecia ricochetear na água onde os veleiros se moviam como cisnes dispendiosos.

- Fale sobre seu trabalho – disse Susan.

R. J. falou sobre a cidade e o povo.

Falaram sobre a gripe em Massachusetts e na Flórida, comparando os casos mais problemáticos – conversa especializada, conversa de médicos. Susan disse que estava em Lauderdale desde que terminou seu período como interna no Centro Médico Michael Riis, em Chicago. Era formada pela escola de medicina da Universidade de Michigan. R. J. gostou da sua naturalidade e da afabilidade descontraída.

Quando estava sendo servido o prato de camarões, o *pager* de Susan tocou.

- Oh – ela disse e foi procurar um telefone.

– E então? – o professor Cole perguntou um pouco depois e R. J. compreendeu que Susan era importante para ele.

- Você estava certo. Eu gostei dela.

- Fico contente com isso.

Conheceram-se três anos atrás, ele disse, quando Susan foi a Boston para uma conferência na escola de medicina.

– Depois disso, nos encontrávamos casualmente, às vezes em Miami, às vezes em Boston. Mas nunca tanto quanto desejávamos, porque nossas agendas estavam sempre superlotadas. Então, antes de me aposentar, entrei em contato com professores da universidade daqui e recebi uma boa oferta.

- Então é um relacionamento sério.

Ele sorriu.

– Sim, nós nos levamos muito a sério.

– Papai, fico feliz por você – disse R. J. segurando as mãos dele entre as suas.

Por um momento, tudo que ela notou foram os dedos mais deformados pela artrite. Depois sentiu a perda gradual de energia quando estava ainda inclinada para ele, sorrindo.

Susan voltou.

– Resolvi o caso por telefone – ela disse.

– Papai, está se sentindo bem?

Ele empalideceu, mas os olhos muito alertas fixaram-se nos dela.

– Sim. Não devia estar?

– Alguma coisa está acontecendo – disse R. J.

Susan Dolby olhou para ela.

– O que quer dizer?

– Acho que ele está tendo um enfarte.

– Robert – Susan disse, com voz firme. – Está com dor no peito?

Dificuldade para respirar?

– Não.

– Não parece que está transpirando. Sente alguma dor muscular?

– Não.

– Escute. É algum tipo de piada familiar?

R. J. sentiu a descida, a queda de um barômetro interno.

– Onde fica o hospital mais próximo?

O pai olhou para ela com interesse.

– Acho melhor ouvirmos o que R. J. está dizendo, Susan – ele disse.

Intrigada, Susan concordou.

– Centro Médico Cedars. A poucos minutos daqui. O restaurante tem uma cadeira de rodas. Podemos avisar a emergência do telefone do meu carro. Será mais rápido levá-lo do que esperar pela ambulância.

O professor Cole começou a sentir as primeiras dores quando estavam chegando ao hospital. Enfermeiros e um residente os esperavam na porta com uma maca e oxigênio. Aplicaram uma injeção de estreptocinase, o conduziram para a sala de exames e aproximaram o aparelho portátil de eletrocardiograma.

R. J. ficou num lado da sala. Ouvia com atenção, observando tudo atentamente. Sim, eles eram bons e o melhor era deixar que fizessem seu trabalho. Susan Dolby estava ao lado do seu pai segurando a mão dele. R. J. era

apenas uma observadora.

*

Era tarde da noite. Seu pai descansava confortavelmente sob a tenda de oxigênio, na UTI, ligado aos monitores. A lanchonete do hospital estava fechada. R. J. e Susan foram a um pequeno restaurante próximo e tomaram sopa de feijão-preto com pão cubano.

Depois voltaram para o hospital e sentaram na pequena sala de espera, vazia àquela hora.

– Acho que ele está indo muito bem – Susan disse. – Eles aplicaram rapidamente os anticoagulantes, 1,5 milhão de unidades de estreptocinase, aspirina, cinco mil unidades de heparina. Tivemos sorte.

– Graças a Deus.

– Agora, me diga. Como você sabia?

Com um mínimo de palavras e a maior naturalidade possível, R. J. contou.

Susan Dolby balançou a cabeça.

– Eu diria que é sua imaginação, um conto de fadas. Só que eu vi acontecer.

– Meu pai chama de Dom... Houve um tempo em que eu achava que era uma carga pesada. Mas estou aprendendo a conviver com ele, a usá-lo. Esta noite, por exemplo, sou extremamente grata a ele – disse R. J. E depois de uma pequena hesitação. – Pode compreender que não falo sobre isso com outros médicos. Eu agradeceria se você não...

– Não. Quem iria acreditar? Mas por que me contou a verdade? Não pensou em inventar alguma coisa?

R. J. se inclinou e beijou o rosto queimado de sol.

– Eu sabia que íamos manter em família – ela disse.

Seu pai sentia dores e a nitroglicerina sublingual não estava adiantando muito. Deram morfina, o que o fazia dormir muito. Depois do segundo dia ela podia se afastar do hospital por uma ou duas horas de cada vez. Estava com o carro dele. Susan precisava atender seus pacientes e indicou a melhor praia e R. J. foi nadar. Como boa médica usou quilos de protetor solar, mas era bom sentir a água salgada secando na pele outra vez e por alguns minutos ficou deitada de costas com o brilho alaranjado do sol nos olhos fechados, pensando em David com saudade. Rezou pela vida do pai e depois por Greg Hinton, como tinha prometido.

Naquela noite ela pediu para falar com o cardiologista, o dr. Sumner

Kellicker, e ficou satisfeita quando Susan concordou em tomar parte na conferência. Kellicker era um homem corado, meticuloso, que usava ternos elegantes e evidentemente não gostava de pacientes com médicos na família.

– Estou preocupada com a morfina, dr. Kellicker.

– Por que, dra. Cole?

– Tem um efeito vagotônico. Pode causar bradicardia ou altos graus de bloqueio cardíaco, certo?

– Bem, isso acontece. Mas tudo que fazemos tem um risco, um lado adverso. Sabe disso.

– O que acha de dar um bloqueador beta, em vez de morfina?

– Bloqueadores beta nem sempre funcionam. E depois ele vai sentir dor outra vez.

– Mas vale a pena tentar, não acha?

O dr. Kellicker olhou para Susan Dolby, que ouvia atentamente, olhando para R.J.

– Eu concordo – ela disse.

– Se é o que as duas querem, não faço objeção – o dr. Kellicker disse secamente. Inclinou a cabeça para elas e saiu da sala.

Susan se aproximou de R. J. Olhou nos olhos dela e a abraçou. Ficaram abraçadas por um longo tempo.

R. J. deu vários telefonemas.

– No seu primeiro dia ele teve um enfarte? – disse Peter Gerome. – Que belo começo de férias!

Ele garantiu que estava tudo sob controle. As pessoas diziam que sentiam falta dela. Todos mandavam lembranças. Ele não falou em David.

Toby ficou extremamente preocupada, primeiro por causa do pai de R. J. e depois por ela. R. J. perguntou como ela estava e Toby disse lamentosamente que tinha dores constantes nas costas e a impressão de estar grávida a vida inteira.

Gwen a fez descrever todos os detalhes do enfarte do pai e disse que R. J. tinha feito muito bem em pedir o bloqueador beta em vez da morfina.

Ela estava certa. O bloqueador beta eliminou a dor e depois de dois dias o professor Cole teve permissão para sentar numa cadeira por meia hora. Como a maioria dos médicos, ele era um paciente terrível. Fazia uma porção de perguntas sobre seu estado, quis ver os resultados da angiografia e exigiu um relatório completo do dr. Kellicker.

Seu estado de espírito variava loucamente, da euforia ao pessimismo e à

euforia outra vez.

– Quando você for embora, quero que leve o bisturi de Rob J. – ele disse num dos momentos de depressão.

– Por quê?

Ele deu de ombros.

– Algum dia será seu. Por que não ficar com ele agora?

Seus olhos se encontraram.

– Porque vai continuar a ser seu por muitos anos – ela disse, encerrando o assunto.

Ele fez progressos. No terceiro dia começou a ficar de pé ao lado da cama por curtos espaços de tempo e no dia seguinte começou a andar no corredor. R. J. sabia que os seis primeiros dias eram os mais perigosos e quando a semana passou sem nenhum problema, ela começou a respirar com mais facilidade.

Na sua oitava manhã em Miami, ela e Susan se encontraram num hotel para o café da manhã. Sentaram no terraço que dava para a praia e R. J. respirou com prazer a brisa do mar.

– Eu poderia me acostumar a isto – ela disse.

– Acha mesmo, R. J.? Gosta da Flórida?

A observação foi uma brincadeira, a apreciação de um luxo raro.

– A Flórida é muito agradável... mas, na verdade, não gosto de muito calor.

– Acabamos nos aclimatando, embora nós todos, na Flórida, gostemos muito de ar-condicionado. R. J., estou pensando em me aposentar no ano que vem. Minha clientela está estabelecida e com boa renda. Estava pensando se você se interessaria por ela.

Oh.

– ... Fico muito lisonjeada, Susan. E agradeço. Mas criei raízes em Woodfield. Para mim é importante praticar a medicina lá.

– Tem certeza de que não quer pensar no assunto? Posso indicar vários pontos para sua consideração. Posso trabalhar ao seu lado por um ano...

R. J. sorriu e balançou a cabeça.

Com um leve desapontamento, Susan sorriu também.

– Seu pai se tornou muito importante para mim. Gostei de você assim que nos conhecemos. Você é inteligente e sensível e obviamente uma boa médica, o tipo de médico que eu admiro, o tipo que meus pacientes merecem. Por isso pensei que seria o modo mais perfeito de servir bem a todos, meus pacientes, R. J., Robert... e a mim, todos ao mesmo tempo. Eu não tenho família. Tem de perdoar alguém que devia não ter ilusões, mas eu me permiti sonhar com uma família. Devia ter compreendido que não existem soluções perfeitas que satisfaçam as necessidades de todos.

R. J. admirou a franqueza dela. Não sabia se devia rir ou chorar. Pouco menos de um ano atrás tivera o mesmo sonho.

– Eu gosto de você também, Susan, e espero que você e meu pai resolvam ficar juntos. Se isso acontecer, nos veremos com muita frequência – R. J. disse.

*

Naquela noite, quando ela entrou no quarto do pai, ele deixou de lado as palavras cruzadas.

– Oi.

– Oi.

– Quais as novidades?

– Novidades? Nada de mais.

– Teve uma conversa com Susan esta manhã?

Ah. Eles tinham discutido o assunto antes de Susan falar com ela.

– Sim, eu tive. Eu disse que ela é um amor, mas que eu tenho os meus clientes.

– R. J., pelo amor de Deus. É uma oportunidade fantástica – ele disse, aborrecido.

Ocorreu a R. J. que devia haver alguma coisa na sua química que levava as pessoas a sugerir como e onde ela devia viver.

– Você tem de aprender a me deixar dizer não, papai – ela disse, com calma.

– Tenho 42 anos e sou capaz de tomar decisões por minha conta.

Ele virou o rosto. Mas logo olhou outra vez para ela.

– Quer saber de uma coisa?

– O quê, papai?

– Você está absolutamente certa.

Jogaram gin rummy, ele ganhou dois dólares e quarenta e cinco centavos e depois dormiu um pouco.

Quando ele acordou, R. J. falou do seu trabalho. Ele ficou satisfeito por saber que a clientela havia crescido tão depressa e aprovou a decisão de limitar o número de pacientes a mil e quinhentos. Mas ficou preocupado quando ela disse que estava quase pronta para pagar ao banco o resto da dívida avalizada por ele.

– Você não precisa liquidar o débito em dois anos, sabe disso. Não deve se privar das coisas de que precisa.

– Não estou me privando de nada – ela disse e segurou a mão dele.

Calma e deliberadamente, ele estendeu a outra mão.

Foi um momento assustador para ela, mas a mensagem que recebeu das mãos do pai desenhou um sorriso nos seus lábios e ela se inclinou para beijá-lo.

Ele sorriu aliviado.

No Dia de Ação de Graças, ela e Susan conseguiram um serviço de quarto no hospital para o jantar.

– Esta manhã, quando fazia a minha ronda, encontrei Sumner Kellicker – disse Susan. – Ele está muito satisfeito com sua recuperação e disse que espera dar alta em dois ou três dias.

R. J. sabia que precisava voltar para seus pacientes.

– Temos de arranjar alguém para ficar com você no apartamento por algum tempo.

– Bobagem. Ele vai ficar na minha casa. Não vai, Robert?

– Não sei, Susan. Não é exatamente como eu quero que pense em mim, um paciente.

– Acho que está na hora de pensarmos um no outro de todos os modos possíveis – ela disse.

No fim, ele concordou em ir para a casa dela.

– Tenho uma boa cozinheira que vai à minha casa preparar o jantar todos os dias. Vamos cuidar da dieta de Robert e providenciar para que faça o exercício necessário. Não precisa se preocupar com este homem – ela disse e R. J. prometeu que não ia se preocupar.

No dia seguinte ela tomou o avião das 18:20 para Hartford. Quando sobrevoavam o aeroporto de Bradley, o piloto anunciou: “A temperatura no solo é de 6 abaixo de zero. Bem-vindos ao mundo real.”

O ar da noite estava cortante e áspero, o ar de New England no final do outono. Ela dirigiu devagar, entrou em Massachusetts e subiu para as montanhas.

Quando entrou na estrada particular da sua casa, sentiu que havia alguma coisa diferente. Parou o carro e olhou para a casa escura que abraçava o encontro de três ecossistemas, mas nada parecia mudado. Só na manhã seguinte, quando olhou pela janela para sua placa ao lado da estrada, viu que os orifícios debaixo dela estavam vazios.

O PLANTIO

Estava frio e escuro antes do nascer do sol e o vento soprava das encostas e atravessava os campos para açoitar a casa. Quase dormindo, R. J. gostava de ouvir o vento desde que estivesse bem agasalhada. Acordou com a primeira luz do dia e, enrodilhada sob o acolchoado duplo, entregou-se a longos pensamentos, até se obrigar a sair da cama, ligar o termostato e entrar no chuveiro.

Enquanto se enxugava, lembrou que sua menstruação estava com atraso de várias semanas e franziu a testa para a possibilidade que tentava penetrar no seu consciente: amenorreia da pré-menopausa. Isso a obrigou a enfrentar o fato de que mais cedo ou mais tarde seu corpo começaria a funcionar mais lentamente e a mudar, à medida que órgãos agora inúteis deixavam de funcionar, anunciando o desaparecimento permanente da menstruação, mas afastou a ideia da mente.

Era quinta-feira, seu dia de folga. Assim que o sol ficou acima do horizonte, aqueceu a casa. Ela abaixou o termostato e acendeu o fogo na lareira. Era bom acender a lareira outra vez, mas o fogo secava o ar, cobria todas as superfícies com uma camada fina de cinza e tirar o pó das pedras de coração espalhadas por toda parte era uma tarefa hercúlea.

R. J. ficou parada um longo tempo olhando para uma pedra de rio cinzenta e redonda. Então, largou o pano de pó e foi até o closet onde guardava sua mochila. Pôs a pedra cinzenta na mochila e começou a andar pela casa, recolhendo todas as pedras de coração.

Quando a mochila estava quase cheia, ela a levou para a porta dos fundos e despejou tudo no carrinho de mão. Voltou para dentro e apanhou mais pedras. Deixou apenas as três pedras de coração dadas por Sarah e as duas que tinha dado para Sarah, o cristal e o pequeno basalto negro.

Fez cinco viagens com a mochila cheia para retirar todas as pedras da casa. Com suas roupas de inverno – jaqueta forrada de penas, gorro de malha, luvas de trabalho – saiu e começou a empurrar o carrinho. As pedras ocupavam mais de um terço do carrinho e o peso era grande para ela. Com esforço, ela atravessou os oito metros de relva, mas, na trilha do bosque, o solo se inclinava na direção do rio e o carrinho parecia se mover sozinho.

A pouca luz do sol que atravessava as copas fechadas desenhava pontos luminosos na sombra. Estava frio no bosque, mas as árvores eram uma barreira para as ocasionais rajadas de vento e o pneu-balão do carrinho assobiava deslizando sobre as pilhas úmidas de agulhas de pinheiro e depois passando com um ruído surdo sobre as tábuas espaçadas da Ponte Gwendolyn Gabler.

Ela parou de empurrar assim que chegou ao rio, rápido e cheio com as chuvas de outono. Não tinha ainda esvaziado a última carga da mochila no carrinho, por isso apanhou a mochila e voltou pela trilha. Uma fileira de árvores e arbustos acompanhava a margem do rio, mas dava para passar entre os troncos e uma vez ou outra ela parava, tirava uma pedra de coração da mochila e atirava na água.

R. J. era metódica e logo idealizou um padrão de dispersão. As pedras pequenas eram atiradas cuidadosamente nas partes mais rasas, perto da margem, e as maiores na parte mais funda, especialmente nos remansos ocasionais. Quando esvaziou a mochila, voltou para o carrinho e o levou pela trilha, rio acima. Depois encheu a mochila e continuou a atirar as pedras de coração no rio.

A pedra mais pesada era a que ela havia tirado da vala de construção em Northampton. Com as costas muito retas, os ombros curvados para a frente, ela a carregou para o remanso mais profundo, logo abaixo de uma represa alta e larga dos castores. Era pesada demais para ser atirada. Tinha de arrastá-la pela represa coberta de mato até o meio do pequeno lago. Logo no começo, seu pé escorregou e sua bota ficou cheia de água gelada, mas lenta e gradualmente conseguiu chegar ao lugar certo e deixou cair a pedra como uma bomba, vendo quando ela chegou ao fundo e se acomodou na areia.

R. J. gostou de ver a pedra ali, onde logo ficaria coberta de gelo e de neve na fase mais fria do inverno. Na primavera as efeméridas iam depositar seus ovos em cima dela e as trutas podiam sugar as larvas e se proteger da corrente atrás do coração. Ela imaginou que no silêncio secreto das noites de verão, os castores podiam ficar suspensos acima da pedra e acasalar-se à luz clara da lua como pássaros se acasalando em pleno ar.

Ela voltou para a margem e do mesmo modo esvaziou o carrinho no rio que atravessava suas terras, como o ritual funerário de espalhar as cinzas. Acabava de transformar oitocentos metros do belo rio da montanha num memorial a Sarah Markus.

Era um rio onde se podia pescar uma pedra de coração sempre que fosse preciso.

Empurrou o carrinho vazio até a casa e o guardou no celeiro.

Tirou os agasalhos, as botas e as meias molhadas e descalça foi até o quarto apanhar meias secas. Então, só de meias, ela começou a tirar o pó da casa toda.

Quando terminou, foi para a sala de estar. A casa estava vazia e limpa, silenciosa, a não ser pelo som da sua respiração. Sem nenhum homem, nenhum gato, nenhum fantasma. Era apenas sua casa outra vez e ela sentou na sala de estar no silêncio do começo da noite, esperando o que ia acontecer em seguida.

A CHEGADA DA NEVE

Novembro se foi e dezembro chegou sob um céu de nuvens pesadas. Nos bosques as árvores decíduas estavam sem folhas, os galhos levantados como braços nus com dedos de gravetos. R. J. tinha caminhado sem medo pela trilha durante todo o verão, mas agora que a maior parte dos ursos estava hibernando, ela temia, absurdamente, encontrar o grande urso no meio da trilha. Na sua primeira ida a Greenfield, entrou na loja de artigos esportivos e comprou um apito de barco, uma pequena lata com um botão que, quando apertado, emitia um som forte e estridente. Levava a sirene numa pequena bolsa na cintura quando entrava no bosque, mas o único animal que encontrou foi um cervo grande andando entre os arbustos muito perto de onde ela estava, sem farejar sua presença. Se R. J. fosse um caçador, o gamo estaria morto.

Pela primeira vez tinha plena consciência da sua solidão.

Todos os galhos baixos das árvores ao longo da trilha estavam mortos e um dia ela levou a serra de podar para o bosque e com as mãos enluvadas serrou todos, libertando as árvores dos galhos secos e sem a casca protetora. Achou belos os troncos podados erguendo-se como pilares naturais e resolveu podar todas as árvores ao lado da trilha, um projeto de longo prazo.

A neve chegou no terceiro dia de dezembro, uma tempestade pesada e impetuosa, sem o aviso prévio de uma leve chuva de flocos finos. Nevou um dia inteiro e quase toda a noite e ela queria esquiar na trilha, mas o medo indefinido e irracional que a atormentava há vários dias a detinha. Telefonou para Freda Krantz.

– Freda, R. J. Freda, eu vou esquiar na trilha no meu bosque. Se eu não telefonar dentro de uma hora e meia, quer pedir para Hank vir me procurar? Não espero nenhuma dificuldade, mas...

– Menina esperta – Freda disse, com voz firme. – Claro. Divirta-se por lá, R.J.

O sol estava alto no céu azul. A neve nova a ofuscava, mas dentro do bosque não era tão brilhante. Os esquis deslizavam com um leve assobio. Era cedo demais para ver marcas na neve, mas ela viu as pegadas de um coelho, de uma raposa e algumas de ratos.

Em toda a descida da trilha havia só um trecho mais íngreme e difícil. R. J. perdeu o equilíbrio e caiu na neve nova e profunda. Ficou deitada no frio macio com os olhos fechados, vulnerável a qualquer coisa que saltasse sobre ela – um urso, um David Markus com barba.

Mas não aconteceu nada e ela se levantou, esquiou de volta para casa e telefonou para Freda.

Aparentemente a queda não teve nenhum efeito mais duradouro, nenhuma fratura, nenhuma luxação, nem mesmo equimoses, apenas seus seios estavam doloridos e muito sensíveis.

Naquela noite, pela primeira vez em muito tempo, ela ligou o sistema de alarme.

R. J. resolveu arranjar um cachorro. Começou a retirar livros da biblioteca para ler sobre as diferentes raças. Cada pessoa com quem ela falava tinha uma preferência, mas ela passou várias semanas visitando as casas que vendiam animais domésticos e canis e aos poucos a lista foi diminuindo até ela se decidir por um schnauzer gigante, uma raça de cães enormes e fortes, criada há muitos séculos para conduzir gado e defender as vacas dos predadores. Os criadores acasalaram os belos e inteligentes schnauzers originais com cães pastores e grandes dinamarqueses. Um dos livros dizia que o resultado era “um maravilhoso cão de guarda: grande, fiel e forte”.

Ela descobriu um canil em Springfield especializado em schnauzers gigantes.

– É melhor levar um filhote que vai se adaptar à senhora desde pequeno – aconselhou o dono do canil. – Tenho exatamente o que precisa.

Foi paixão à primeira vista. O cãozinho era pequeno e desajeitado, com patas enormes, pelo crespo negro e cinzento, mandíbula quadrada e um bigode espetado.

– Ele vai ficar com mais de sessenta centímetros de altura e pesar quarenta quilos – disse o homem. – É bom saber que ele come um bocado.

O cãozinho tinha um latido rouco e nervoso que lembrava Andy Devine, o ator de voz esganiçada dos filmes antigos que ela via às vezes na televisão tarde da noite. Ela o chamou de Andy pela primeira vez, de volta para casa, quando o repreendeu por molhar o banco do carro.

Toby estava com fortes dores nas costas. Na manhã de Natal ela conseguiu ir à igreja, mas foi R. J. quem assou o peru e fez o jantar na casa dos Smith. Ela

comprou de propósito um peru enorme, para que os Smith tivessem o que comer durante alguns dias, sem que Toby precisasse cozinhar. Várias amigas de Toby estavam cozinhando e mandando comida para ela. Era um costume de Woodfield quando havia necessidade, um costume de cidade pequena que R. J. admirava especialmente.

Depois do jantar, R. J. tocou canções de Natal no velho piano dos Smith e os três cantaram. Depois ela sentou sonolenta na frente do fogo, surpresa com o cansaço que estava sentindo. Durante um dos silêncios longos e descontraídos Toby comentou:

– Nós não precisamos falar. Podemos ficar aqui sentados esperando o meu bebê.

– Eu posso esperar em casa – R. J. disse, beijando os dois, desejando um feliz Natal e uma boa noite.

Quando chegou em casa, recebeu o melhor presente, um telefonema da Flórida. Seu pai parecia bem-disposto, feliz e sua voz estava firme.

– Susan está me mandando de volta ao trabalho na próxima semana – ele disse. – Espere um momento. Queremos contar uma coisa.

Susan apanhou a extensão e os dois disseram que tinham resolvido casar na primavera.

– Estamos pensando na última semana de maio.

– Oh. Papai... Susan, estou tão feliz por vocês.

O pai pigarreou.

– R. J., estávamos pensando. Será que podemos nos casar aí, na sua casa?

– Papai, isso seria perfeito.

– Se o tempo estiver bom, gostaríamos de casar ao ar livre, no campo, com todas aquelas suas montanhas assistindo. Gostaríamos de convidar umas poucas pessoas de Miami. Alguns dos meus amigos de Boston e um ou dois parentes mais próximos de Susan. Uns trinta ao todo, eu acho. Vamos pagar a recepção, é claro, mas, R. J., será que podia providenciar tudo? Você sabe, encontrar um bom bufê, um pastor, esse tipo de coisa?

Ela prometeu que faria isso. Quando se despediram e desligaram, R. J. sentou na frente do fogo e tentou tocar a viola, mas sua mente não estava na música. Apanhou caneta e papel e começou a fazer a lista do que ia precisar. Música, talvez quatro peças. Felizmente havia músicos maravilhosos na cidade. A comida precisava de um estudo cuidadoso, e algumas consultas. Flores... haveria lilases por toda a parte no fim de maio e talvez algumas rosas antes mesmo da estação. A primeira colheita de feno teria de ser feita mais cedo. Ela alugaria uma tenda pequena, com os lados abertos...

Planejando o casamento do meu pai!

*

Foram necessárias várias semanas de trabalho árduo para ensinar Andy a viver dentro de casa e, mesmo depois disso, o cãozinho não controlava os rins quando ficava excitado. R. J. resolveu que ele seria um cão de porão e arrumou uma cama macia para ele perto da fornalha. R. J. só abaixou suas defesas na véspera do Ano-Novo. Sem ninguém com quem sair, sozinha em casa, ela passou a noite tentando não se entregar à autopiedade. Finalmente, desceu ao porão e apanhou Andy, que gostou da ideia de ficar encostado nela na frente do fogo. R. J. fez um brinde com chocolate quente. “A nós, Andy. À velha senhora e seu cão”, disse para ele, mas Andy estava dormindo.

A epidemia anual de resfriados e de gripe estava no auge e durante toda a semana a sala de espera do consultório esteve cheia de gente espirrando e tossindo. R. J. tinha evitado apanhar um resfriado, mas sentia-se cansada e irritada. Seus seios doíam ainda e os músculos também.

Na segunda-feira, na sua hora de almoço, ela passou na biblioteca para devolver um livro e parou por um momento, olhando atentamente para Shirley Benson, a funcionária da biblioteca.

– Há quanto tempo tem esse sinal preto no lado do nariz?

Shirley fez uma careta.

– Uns dois meses. Não é mesmo feio? Eu molhei e tentei espremer, mas nada parece dar certo.

– Deixe-me pedir a Mary Wilson para marcar uma hora para você num dermatologista.

– Não, eu não quero, dra. Cole. – Ela corou e hesitou. – Não posso gastar dinheiro com coisas como essa. Trabalho aqui só meio expediente, por isso não tenho seguro-saúde. Meu filho passa para o último ano do segundo grau este ano e estamos preocupados em pagar o segundo grau.

– Suspeito que essa marca seja um melanoma, Shirley. Talvez esteja enganada e você vai apenas gastar seu dinheiro. Mas se eu estiver certa, ele pode metastatizar rapidamente. Tenho certeza de que você quer estar por aqui quando seu filho for para a universidade.

– Tudo bem. – Os olhos de Shirley encheram-se de lágrimas. R. J. não sabia se de medo ou de raiva por sua atitude autoritária.

*

Na quarta-feira de manhã foi grande o movimento no consultório. R. J. fez vários exames físicos anuais e mudou o regime da medicação de Betty Patterson, para resolver a tendência dela para infecção por insulina. Conversou com Sally Howland explicando o que cada ecocardiograma tinha indicado sobre sua taquicardia. Polly Sickland apareceu porque ficou assustada com a grande perda de sangue na sua última menstruação. Polly tinha 45 anos.

- Pode ser o começo da menopausa – R. J. disse.
- Pensei que isso era quando a menstruação para.
- Às vezes, no começo ficam mais fortes, depois irregulares. Há vários padrões. Numa pequena porcentagem de mulheres, a menstruação simplesmente desliga, como se uma torneira fosse fechada.

- Sorte delas.

- É mesmo...

Antes de sair para comprar o almoço, R. J. leu vários relatórios da patologia. Um deles informava que a neoplasia retirada do nariz de Shirley Benson era um melanoma.

Quando fechou o escritório naquela noite, R. J. achou que precisava comer e foi ao restaurante, em Shelburne Falls, onde pediu uma salada de espinafre, mudando de ideia imediatamente e dizendo para a garçonete que queria um bife ao ponto.

Ela comeu o bife com purê de batatas, abobrinha, uma salada grega com pãezinhos, depois torta de maçã e café.

Voltando para Woodfield, ela se perguntou o que faria se uma paciente aparecesse com os sintomas que ela estava sentindo há várias semanas, irritabilidade e alteração no temperamento, dores musculares, um apetite feroz, seios doloridos e sensíveis e o atraso de menstruação.

Era uma ideia absurda. R. J. passara anos tentando em vão ter um filho.

Mesmo assim...

Ela sabia o que teria feito se a paciente fosse outra e, em vez de ir para casa, foi para o consultório e estacionou o carro perto da porta.

O consultório estava fechado e escuro, mas ela usou sua chave e acendeu as luzes. Tirou o casaco e abaixou todas as persianas, nervosa como uma viciada preparando-se para uma picada.

Encontrou uma agulha borboleta esterilizada que era fácil de usar, ligou-a a um tubo e amarrou o torniquete em volta do braço esquerdo. Limpou a parte interna do cotovelo com álcool e fechou a mão. Era meio desajeitado retirar o próprio sangue, mas ela achou a veia cubital média imediatamente e retirou o

líquido vermelho-escuro.

Teve de tirar o torniquete com os dentes. Soltou a agulha do tubo de vidro, tampou e o pôs num envelope pardo. Vestiu o casaco, apagou as luzes, trancou a porta e levou a amostra de sangue para o carro.

Voltou pela Mohawk Trail e dessa vez foi até Greenfield.

O laboratório de exame hematológico no subsolo do hospital ficava aberto vinte e quatro horas por dia. Só uma técnica estava de plantão.

– Sou a dra. Cole. Gostaria de deixar uma amostra para análise.

– Certo, doutora. É urgente? A esta hora da noite, só fazemos exames para emergências.

– Não é uma emergência. É um teste para gravidez.

– Bem, eu posso aceitar e eles fazem o exame amanhã. Já preencheu o formulário?

– Não.

A laboratorista tirou o formulário da gaveta e deu a ela. Por um longo momento, R. J. pensou em dar um nome falso para a paciente e assinar seu nome como a médica responsável, mas então, furiosa com a própria fraqueza, escreveu seu nome duas vezes, como paciente e como médica.

Entregou o relatório e percebeu o olhar inexpressivo e velado da mulher quando leu as duas assinaturas.

– Gostaria que telefonasse para minha casa para me informar o resultado, não para o meu consultório.

– Será um prazer, dra. Cole.

– Muito obrigada.

Entrou no carro e voltou para casa devagar, como se acabasse de dar uma longa corrida.

– Gwen? – ela disse, ao telefone.

– Sim. R. J.?

– Sim. Sei que é um pouco tarde para telefonar....

– Não, ainda estamos acordados.

– Está livre para jantar amanhã? Preciso falar com você.

– Bem, não, estou fazendo as malas. Preciso de quatorze pontos para a renovação da minha licença e estou adotando a sua solução. Viajo amanhã cedo para uma conferência sobre cesariana, em Albany.

– Oh... Boa ideia.

– Isso mesmo. Não tenho nenhum paciente marcado para as duas próximas semanas e Stanley Zinck vai me substituir no que for preciso. Escute, você está

com algum problema? Quer falar agora? Ou eu posso cancelar a viagem. Não preciso ir a essa conferência.

– Não, é claro que não. Na verdade, não é nada.

– Devo estar de volta no domingo à noite. Que tal um jantar mais cedo, na segunda-feira, depois do trabalho?

– Combinado, está ótimo. Dirija com cuidado.

– Tudo bem, querida. Boa-noite, R. J.

– Boa-noite.

DESCOBERTAS

Uma noite inquieta. Na quinta-feira ela levantou cedo, morrendo de sono e irritada. O cereal estava com gosto de papelão. Só telefonariam do laboratório mais tarde. Teria sido mais fácil se não fosse seu dia de folga, talvez o trabalho pudesse servir de distração. Resolveu trabalhar em casa e começou lavando o chão do quarto de despejo. Precisou esfregar energicamente para tirar a sujeira acumulada e as manchas, mas finalmente o velho linóleo ficou brilhando.

Quando ela olhou para o relógio, só haviam passado três quartos de hora.

As duas caixas de lenha estavam quase vazias e ela carregou lenha do depósito, três ou quatro peças de cada vez para a caixa de pinho perto da lareira e para a caixa de cerejeira perto do fogão. Depois varreu as farpas de madeira e a serragem.

Um pouco depois das 10:30 ela apanhou o polidor de prata, levou o serviço de chá para a mesa da cozinha, e ligou o som com um CD de Mozart, *Adágio para Violino e Orquestra*. Geralmente, o violino de Itzhak Perlman a ajudava a superar qualquer coisa, mas nessa manhã o concerto parecia inconveniente e barulhento e depois de algum tempo ela levantou, lavou o polidor das mãos e desligou o som.

Assim que a música parou, o telefone tocou e R. J. respirou fundo antes de atender.

Mas era Jan.

– R. J., Toby está com muitas dores. A dor nas costas está pior do que nunca e agora está com cólicas também.

– Deixe-me falar com ela, Jan.

– Ela está tão nervosa que está chorando.

O parto de Toby deveria ser dentro de três semanas e meia.

– Acho que é melhor eu ir até aí.

– Obrigado, R. J.

Encontrou Toby agitada, com uma camisola de flanela com pequenas rosas pintadas e andando de um lado para outro, sem sapatos, com as meias de tricô

com desenhos de losangos que foram presente de Natal de Peggy Weiler.

– R. J., estou com tanto medo.

– Escute, sente um pouco. Vamos ver o que está acontecendo.

– Sentar me dá mais dor nas costas.

– Muito bem, então deite. Quero medir seus sinais vitais – R. J. disse, calma, mas autoritária, como quem não admitia recusa.

A respiração de Toby estava um pouco acelerada. A pressão era de 140 por 86 e a pulsação 92, nada mau, considerando que ela estava nervosa. R. J. não se deu ao trabalho de tirar a temperatura. Pôs a palma da mão no abdome crescido e sentiu a contração, e ela fez Toby sentir também.

R. J. disse para Jan:

– Quer chamar a ambulância e dizer que sua mulher está em trabalho de parto, por favor? Depois, telefone para o hospital. Diga que estamos indo para lá e peça para notificarem o dr. Stanley Zinck.

Toby começou a chorar.

– Ele é bom?

– É claro que ele é bom. Gwen não deixaria qualquer um encarregado dos seus pacientes. – R. J. calçou as luvas esterilizadas. Toby estava com olhos arregalados e R. J. teve de pedir várias vezes para que ela levantasse os joelhos; na última vez, falou zangada. O exame de toque não acusou nada de especial. A dilatação era pequena ainda, uns três centímetros mais ou menos.

– Estou com tanto medo, R. J.

R. J. a abraçou.

– Tudo vai dar certo, eu prometo.

R. J. mandou Toby ir ao banheiro para esvaziar a bexiga antes de a ambulância chegar.

Jan voltou para o quarto.

– Ela precisa levar algumas coisas – R. J. disse para ele.

– Toby está com a valise arrumada há cinco semanas.

Steve Ripley e Dennis Stanley chegaram com a ambulância, especialmente ansiosos porque Toby era colega deles. R. J. acabava de medir pela segunda vez os sinais vitais e entregou para Steve o papel com suas anotações.

Jan e Dennis saíram para apanhar a maca.

– Eu vou com ela – R. J. disse. – Ela está assustada. Seria bom se o marido também fosse conosco na ambulância.

Steve concordou.

A ambulância estava lotada. Steve ficou atrás da cabeça de Toby, perto do

motorista e do radiotelefone. Jan ficou nos pés da maca e R. J. no meio, os três balançando juntos e procurando manter o equilíbrio, especialmente depois que a ambulância saiu das estradas secundárias e entrou na rodovia cheia de curvas. Estava quente ali dentro porque os aquecedores eram potentes. No começo da viagem tinham tirado os cobertores de Toby e R. J. levantou a camisola dela bem acima da barriga. No começo, R. J. a cobriu com um lençol leve por uma questão de decoro, mas as pernas inquietas de Toby o jogaram no chão.

Toby começou a viagem pálida e em silêncio, mas logo ficou vermelha por causa da dor e, entre os gemidos surdos, ela deixava escapar um ou outro grito agudo.

– Devo dar oxigênio? – Steve perguntou.

– Não pode fazer mal – disse R. J.

Mas depois de respirar uma ou duas vezes, Toby arrancou a máscara do rosto.

– R. J. – ela chamou apavorada e recuou quando o jorro de líquido saiu de dentro dela atingindo as mãos e a calça jeans de R. J.

– Está tudo bem, Tobe, é só a bolsa d’água – R.J. disse, apanhando uma toalha.

Toby escancarou a boca com a língua de fora como se fosse gritar, mas não saiu nenhum som. R. J. estava observando atentamente e já tinha visto uma dilatação um pouco maior, de uns quatro centímetros, mas agora, quando olhou outra vez, viu a vulva de Toby como um círculo enorme em volta da cabecinha cabeluda.

– Dennis – ela chamou. – Vá para o acostamento e pare a ambulância.

Ele obedeceu. R. J. pensou que podiam ter de ficar ali por um longo tempo, mas algo no som do gemido de Toby a fez pensar o contrário. Ela pôs as duas mãos entre as pernas levantadas de Toby e um bebê pequenino e rosado deslizou para dentro delas.

A primeira coisa que R. J. notou foi que, prematuro ou não, o bebê tinha uma farta cabeleira, fina e clara como a da mãe.

– Você ganhou um menino, Toby. Jan, você tem um filho.

– Olhe só para ele – disse Jan sem parar de massagear os pés de Toby.

O bebê gritava estridentemente, indignado. Eles o embrulharam numa toalha e o deitaram ao lado da mãe.

– Vamos embora, Dennis – Steve disse.

A ambulância acabava de passar a divisa da cidade de Greenfield quando Toby começou a ofegar outra vez.

– Oh, Deus. JAN, ESTOU TENDO OUTRO.

Ela começou a se debater. R. J. tirou o bebê do lado dela e o deu para Steve.

– Acho melhor parar outra vez – ela disse.

Dennis parou a ambulância no estacionamento de um supermercado, com gente entrando e saindo e cheio de carros.

Os olhos de Toby estavam outra vez arregalados. Ela prendeu a respiração, gemeu e fez força para baixo. E prendeu a respiração, gemeu e fez força para baixo outra e outra vez, um pouco virada para o lado esquerdo e olhando para a parede da ambulância.

– Ela precisa de ajuda. Jan, levante a perna esquerda dela – disse R. J. e Jan segurou o joelho de Toby com a mão direita e apoiou a mão esquerda na coxa esquerda para manter a perna dobrada.

Então Toby gritou.

– Não, segure! – R. J. disse e retirou a placenta.

No processo Toby evacuou um pouco. R. J. viu e cobriu com o lençol, pensando que era assim que o mundo é feito, todos esses milhões de pessoas há milhões de anos, cada um produzindo seu tipo de limo, sangue e agonia.

Quando a ambulância continuou o caminho para o centro da cidade ela guardou a placenta numa bolsa de plástico.

Puseram o bebê outra vez ao lado de Toby e a placenta ao lado do bebê.

– Vamos cortar o cordão? – perguntou Steve.

– Com o quê?

Ele abriu o pequeno kit de obstetrícia, até então não usado, e tirou uma tesoura com só uma lâmina afiada. R. J. pensou em usá-la no veículo em movimento e estremeceu.

– Vamos esperar e deixar que alguém faça isso com uma tesoura esterilizada – ela disse, mas apanhou os dois cordões da caixa e amarrou o primeiro dois centímetros acima da barriga do bebê e o segundo perto da abertura do saco de plástico. Toby estava imóvel, com os olhos fechados. R. J. massageou a barriga dela e quando a ambulância entrou no hospital, através da pele fina e macia do abdome relaxado, ela sentiu a resposta do útero, contraindo-se e começando a ficar firme outra vez para o caso de outro parto algum dia.

No banheiro do hospital R. J. lavou as mãos e os braços, tirando todo o fluido amniótico e o sangue diluído. Sua roupa estava saturada de líquido, com um cheiro acre e penetrante. Ela tirou a calça jeans e o suéter e enrolou numa bola apertada. Apanhou da pilha na prateleira uma calça e avental longo de esterilização e vestiu. Saiu do banheiro levando a roupa suja numa sacola de papel.

Toby estava deitada na cama do hospital.

– Onde ele está? Quero meu filho – murmurou, com voz rouca.
– Eles estão fazendo a limpeza. O pai está com ele. Ele pesa dois quilos e meio.
– Não é muita coisa, é?
– É um bebê saudável. Pequeno, porque nasceu um pouco cedo. Por isso foi fácil para você.
– Foi fácil para mim?
– Bem... rápido. – Uma enfermeira entrou no quarto e R. J. lembrou. – Ela tem pequenas lacerações no períneo. Se me der algumas suturas, posso tratar disso.
– Oh... O dr. Zinck está vindo para cá. Ele é o obstetra oficial. Não prefere esperar e deixar que ele faça a sutura? – a enfermeira sugeriu delicadamente.
R. J. compreendeu a mensagem e concordou.
– Você pretende dar a ele o nome do bom e velho médico, o que atendeu seu chamado? – perguntou R. J.
– Nada disso. – Toby balançou a cabeça. – Jan Paul Smith, como o pai. Mas você vai ter uma parte dele. Pode falar com ele sobre higiene e como tratar as meninas. Coisas desse tipo.
Toby fechou os olhos e R. J. afastou o cabelo dela da testa molhada de suor.

Eram 2:10 quando a ambulância deixou R. J. onde estava seu carro. Ela voltou para casa dirigindo vagarosamente pelas ruas tão conhecidas da cidade. O céu estava cinzento sobre os campos cobertos de neve. Entre as campinas, extensões de florestas ofereciam abrigo, mas no campo aberto o vento saltava através dos longos espaços como um lobo, perseguindo flocos de neve que batiam contra o metal do carro.

Quando chegou em casa, foi diretamente para a secretária eletrônica. Nenhum recado.

Levou comida e água para Andy, no porão, coçou atrás das orelhas dele por algum tempo, subiu a escada, tomou um banho de chuveiro bem demorado, uma verdadeira bênção. Vestiu a roupa mais confortável que tinha, calça de jogging e camiseta muito velha.

Acabava de calçar um pé de sapato quando o telefone tocou. Ela largou o outro pé e foi atender.

- Alô?
- Sim, aqui é...
- Qual foi o resultado?
- Compreendo. Quais são os números?

- Bem, pode por favor mandar uma cópia do resultado para a minha casa?
- Muito obrigada.

*

R. J. calçou o outro pé de sapato sem sentir. Começou a andar pela casa e finalmente fez um sanduíche de creme de amendoim e tomou um copo de leite.

Um sonho muito antigo tornava-se realidade, acabava de ganhar a melhor loteria do mundo.

Mas... a responsabilidade!

O mundo parecia ficar cada vez mais árido e cruel à medida que a tecnologia o diminuía de tamanho. Por toda a parte gente estava matando gente.

Talvez este ano uma criança vai nascer que...

Tão injusto, até mesmo a ideia de pôr sobre os ombros de uma criança ainda não nascida o peso de ser um santo secreto, ou de se tornar um Rob J., o seguinte na linha dos médicos Cole. Basta produzir um ser humano, ela pensou, incrédula, um bom ser humano.

Era uma escolha tão fácil.

Essa criança ia chegar a uma casa aquecida e estaria acostumada ao cheiro da comida no fogão e no forno. R. J. pensou no que tentaria ensinar a ela/ele – bondade, como amar, como ser forte e enfrentar o medo, como existir com as coisas vivas do bosque, como ler um rio para ver se tem trutas. Como fazer uma trilha, escolher um caminho. Falar sobre o legado das pedras de coração.

Era como se sua mente fosse explodir. Ela queria caminhar durante horas, mas o vento continuava lá fora e tinha começado a nevar intensamente.

Ela ligou o CD e sentou na cadeira da cozinha. Agora o concerto de Mozart tinha sentido e falava suavemente de alegria e antecipação. Ali sentada, ouvindo, com as duas mãos abertas sobre o estômago, R. J. recuperou a calma. A música cresceu. Ela a sentia sendo levada dos seus ouvidos através dos caminhos dos nervos, atravessando o tecido e os ossos. Era suficientemente poderosa para chegar até sua alma e ao verdadeiro centro do seu ser, até o pequeno lago onde pequenos peixes nadavam.

Título original
CHOICES

Primeira publicação na Grã-Bretanha em 1995 pela Little, Brown and Company
O termo “Heartrocks” foi usado com a autorização de Jamie Beth Gordon
Copyright © 1995 by Noah Gordon Os direitos morais do autor foram assegurados.

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar

20030-021 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br / www.rocco.com.br Preparação de originais

MAIRA PARULA

Coordenação Digital
LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital
JOANA DE CONTI

Revisão de arquivo ePub
VANESSA GOLDMACHER

CIP-Brasil. Catalogação na Fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

G671e

Gordon, Noah

A escolha de Dra. Cole [recurso eletrônico] / Noah Gordon ; tradução Aulyde Soares Rodrigues. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2013.

recurso digital Tradução de: Choices ISBN 978-85-8122-311-7 (recurso eletrônico) 1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Rodrigues, Aulyde Soares. II. Título.

13-06373 CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3



NOAH GORDON nasceu em Worcester, Massachusetts. Estudou jornalismo na Universidade de Boston e é mestre em literatura e escrita criativa. Pela Rocco Digital, publicou *O físico*, *A escolha da Dra. Cole*, *O comitê da morte*, *O diamante de Jerusalém*, *O rabino*, *O último judeu*, *La bodega* e *Sam e outros contos de animais* (infantil).

Table of Contents

[Folha de Rosto](#)

[Dedicatória](#)

[Notas e agradecimentos](#)

[Epígrafe](#)

[Sumário](#)

[PARTE I - O Retrocesso](#)

[A proposta](#)

[A casa de Brattle Street](#)

[Betts](#)

[O momento da decisão](#)

[A provocação](#)

[A competição](#)

[Vozes](#)

[Um júri de iguais](#)

[Woodfield](#)

[Vizinhos](#)

[O chamado](#)

[Escaramuças com a lei](#)

[O caminho diferente](#)

[A última cowgirl](#)

[PARTE II - A casa da Beira](#)

[Metamorfose](#)

[Horário de trabalho](#)

[David Markus](#)

[Uma intimidade felina](#)

[A casa da beira](#)

[Instantâneos](#)

[Encontrando o caminho](#)

[Os cantores](#)

[Um dom para ser usado](#)

[Novos amigos](#)

[Instalando-se](#)

[Acima da linha da neve](#)

[A estação do frio](#)

[Nova seiva](#)

PARTE III - As pedras de coração

O pedido de Sarah

Uma pequena viagem

A descida da montanha

O escudo de gelo

Heranças

Noites de inverno

Significados ocultos

Na trilha

Mais uma ponte para atravessar

O reencontro

O batismo

O que Agunah temia

Almas irmãs

O ex-major

A picape vermelha

Concerto matinal

PARTE IV - A médica rural

A história no café da manhã

Kidron

Criando raízes

O fóssil

Convites

As três

A resposta a uma pergunta

O cartão de visita

Sol e sombras

O plantio

A chegada da neve

Descobertas

Créditos

O Autor